



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

COM A PERMISSÃO DE DEUS: O PAPEL DO DIABO EM
NARRATIVAS DE MILAGRES
(PENÍNSULA IBÉRICA, SÉCULOS XIII - XIV)

CLARICE MACHADO AGUIAR

BRASÍLIA

2017

CLARICE MACHADO AGUIAR

COM A PERMISSÃO DE DEUS: O PAPEL DO DIABO EM
NARRATIVAS DE MILAGRES
(PENÍNSULA IBÉRICA SÉCULOS XIII E XIV)

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília para a defesa da dissertação de Mestrado.

Linha de Pesquisa: Política, Instituições e Relações de Poder.

Orientador: Prof. Dra. Maria Filomena Coelho

BRASÍLIA

2017

Agradecimentos

Agradeço a todos que me ofereceram apoio emocional e me auxiliaram na realização da dissertação. Principalmente, a minha mãe, Liliane Machado, um exemplo de seriedade e competência, motivo pelo qual resolvi me empenhar na vida acadêmica e a meu pai, Guilherme Aguiar, um verdadeiro educador que me inspirou a seguir a carreira docente. Sem os dois não teria conseguido chegar até aqui, pois sempre me proporcionaram educação e apoio acadêmico. Agradeço também a meu namorado, William Ochetski, sempre presente nos momentos de aflição e fiel ouvinte da minha pesquisa, e a minha amiga e irmã, Ana Maria Silveira. Agradeço aos meus queridos amigos Daniela Aires, Carlos Augusto de Carli, Matheus Furtado, Victória Junqueira, e Marcus Azevedo. Agradeço aos meus amigos distantes, mas sempre presentes, Erick Venâncio, Augusto Machado e Luana Maria.

Agradeço à Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE), pelo acesso à documentação utilizada na realização da dissertação, principalmente ao bibliotecário Raphael Greenhalgh, da Seção de Obras Raras, que intermediou a catalogação do documento para auxiliar meu trabalho.

Agradeço aos professores André Araújo e Igor Teixeira pelas importantes contribuições na época do Exame de Qualificação, e por aceitarem participar da banca de defesa. Ao professor André Araújo, também agradeço o apoio e a ajuda acadêmica prestadas ao longo da graduação e do mestrado.

Por fim, agradeço a minha querida orientadora, Maria Filomena Coelho. Um exemplo de professora e de orientadora sempre dedicada e empenhada com os alunos. Seu auxílio foi muito importante para a realização deste trabalho.

Agora que estamos novamente no limite de nosso bom senso, exatamente onde os seres humanos perdem a razão. Por que fazes acordo conosco se não podes cumpri-lo? Desejas voar e não te sentes seguro ante a vertigem? Nós que te procuramos ou tu que nos invocaste?

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. São Paulo: Ed. Abril, 1983, p. 230.

Resumo

Esta dissertação propõe o estudo do papel do diabo em três importantes narrativas de milagres, produzidas na Península Ibérica, nos séculos XIII e XIV, numa perspectiva política. Pretende-se, sobretudo, analisar de que forma essas narrativas, com características aparentemente sobrenaturais, se integram – ou não – às lógicas da sociedade terrena que lhes deram forma. A extensa historiografia sobre o diabo na Idade Média acentua, sobretudo, dois perfis diabólicos: um bonachão/grotesco e o outro instrumento da dominação e do terror. Entretanto, com base nas *Cantigas de Santa María*, compiladas a mando de Alfonso X de Castela, em *Los Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo, e em um importante manuscrito que narra vidas e milagres de santos, custodiado na Biblioteca da Universidade de Brasília, de autoria desconhecida, é possível problematizar esses perfis, de forma a historicizá-los e a deixá-los menos caricatos e/ou exóticos. A análise dos diversos papéis assumidos pelo diabo nessas narrativas permite enquadrar sua existência dentro das lógicas da pluralidade jurídica e política da sociedade feudovassálica e compreender as dinâmicas derivadas do profundo entrelaçamento entre a religião e a política.

Palavras-chave: Diabo medieval. Idade Média. Península Ibérica. Política. Justiça. Direito.

Abstract

This thesis proposes the study of the role of the devil in three important narratives of miracles, produced in the Iberian Peninsula in the thirteenth and fourteenth centuries, from a political perspective. Above all, it is intended to analyze how these narratives, with supernatural characteristics, integrates - or not - the logics of the worldly society that made it real. The extensive historiography on the devil in the Middle Ages emphasizes above all two diabolical profiles: one as farcical/grotesque and another as an instrument of domination and terror. However, based on the *Cantigas de Santa María*, compiled by Alfonso X of Castile's orders, on the *Los Milagros de Nuestra Señora*, by Gonzalo de Berceo, and on an important manuscript that chronicles lives and miracles of saints, guarded in the Library of the Universidade de Brasilia, of unknown authorship, it is possible to problematize these profiles, in order to historicize them and to make them less caricatural and/or exotic. The analysis of the various roles assumed by the devil in these narratives allows to frame their existence within the logics of the juridical and political plurality of feudal society and to understand the dynamics derived from the deep interweaving between religion and politics.

Keywords: medieval Devil. Middle Ages. Iberian Peninsula. Politics. Justice. Law.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1.....	28
UM DIABO COM MUITAS PERSONALIDADES.....	28
1.1 O DIABO BONACHÃO E ATERRORIZADOR.....	28
1.2 O DIABO SÁBIO E PROMOTOR DA JUSTIÇA DIVINA.....	37
1.3 O DIABO COMO OBJETO DE ESTUDO DE HISTÓRIA POLÍTICA	48
CAPÍTULO 2.....	50
O DIABO ENTRE DIREITOS, LEIS E JURISDIÇÕES.....	50
2.1 QUEM TEM DIREITO ÀS ALMAS?	52
2.2 O DIABO TRANSITA ENTRE DIFERENTES ESFERAS JURÍDICAS	67
2.3 AS SAGRADAS ESCRITURAS COMO LÓGICA ARGUMENTATIVA NA VOZ DE DEUS E DO DIABO	71
2.4 SERES SOBRENATURAIS, LÓGICAS POLÍTICAS TERRENAS	79
CAPÍTULO 3.....	81
O DIABO POLÍTICO: SENHOR E VASSALO	81
3.1 PREITO E VASSALAGEM: OS PACTOS DIABÓLICOS	82
3.2 O SENHOR DE TODOS OS SENHORES: DEUS MANDA, O DIABO OBEDECE.....	106
CONCLUSÃO.....	118
REFERÊNCIAS	123
1 FONTES PRIMÁRIAS	123

2 BIBLIOGRAFIA.....	123
ANEXOS.....	131
ANEXO I.....	131
ANEXO II.....	164
DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE	197

LISTA DE ABREVIATURAS

- Ms01 OBR/BCE/UnB Manuscrito 01 Seção de Obras
Raras/ Biblioteca Central do Estudante/ Universidade de Brasília
- CSM..... *Cantigas de Santa Maria*
- MNS..... *Los Milagros de Nuestra Señora*

INTRODUÇÃO

O diabo é um personagem recorrente na literatura de milagres que circulava no medievo europeu. No cotidiano, compreendia-se que o diabo era uma figura importante do universo cristão, presente em muitos aspectos da vida, assim como os santos e os anjos. A crença de que ele atuava em diversos cenários e situações reflete-se na grande variedade que a personagem assume, tanto na sua aparência como nos discursos que profere, chegando a rivalizar com outros entes do cosmos cristão. Portanto, um ponto de partida importante para o estudo que se propõe com esta dissertação é explorar a multiplicidade de situações que as narrativas registram e que evidenciam que o papel do diabo na Idade Média, para além de encarnar o mal, tem uma importância fundamental na promoção do bem e da justiça divina.

O diabo, como tema de estudo que permite compreender as relações entre o bem e o mal, e as maneiras como a sociedade lidava com o problema, ocupou diversos pensadores medievais que escreveram tratados sobre o assunto, numa perspectiva de longa duração que remonta ao pensamento da Antiguidade, tal como se pode ver na obra de Santo Tomás (séc. XIII):

Era opinião de Orígenes, que toda vontade da criatura pode inclinar-se para o bem e para o mal, por causa da liberdade do arbítrio; exceto a alma de Cristo, por efeito da união do Verbo. — Mas esta opinião destrói a verdade da beatitude em relação aos santos anjos e aos homens; porque a estabilidade sempiterna é da essência da verdadeira beatitude, sendo, por isso, que esta se chama vida eterna. Também repugna à autoridade da Sagrada Escritura, declarando que os demônios e os homens maus serão enviados para o suplício eterno; mas os bons serão transferidos para a vida eterna. Por onde, essa opinião deve ser reputada por errônea e se deve ter firmemente, segundo a fé católica, que a vontade dos bons anjos está confirmada no bem e a dos demônios obstinada no mal. Porém, a causa desta obstinação deve ser buscada, não na gravidade da culpa, mas na condição da natureza ou do estado. Pois, como diz Damasceno, a morte é para os homens o que é a queda para os anjos. Ora, é manifesto, todos os pecados mortais, grandes ou pequenos, dos homens são remissíveis, antes da morte; porém, depois dela, são irremissíveis e perpetuamente permanecem... E, por isso, se costuma dizer que o livre arbítrio do homem é flexível e capaz de termos opostos, tanto antes como depois da eleição; porém, o dos anjos é flexível quanto aos opostos, antes da eleição, não, porém, depois. Assim, pois, os bons anjos, uma vez tendo aderido à justiça, nela foram confirmados; mas os maus, pecando, obstinaram-se no pecado.¹

¹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica Q.64 Art.2.* Disponível em: <http://permanencia.org.br/drupal/node/1817>. Acesso em: 21 dez ,2016.

Santo Tomás defende, portanto, que após a queda os diabos ficam inclinados à maldade. Tal como a morte é definitiva para os homens, a queda é determinante para os anjos. Aqueles que foram expulsos do céu para o inferno não têm a chance de se redimir e seus atos são guiados pela maldade. Mesmo quando fazem o bem, suas ações têm uma inclinação maléfica. Esse é um aspecto teológico importante, pois introduz uma associação entre bem e mal que requer uma análise atenta sobre a forma intrincada como um pode cooperar na realização do outro. De fato, é essa faceta que emerge com força das narrativas de milagres, nas quais o mal diabólico tem papel protagonista.

O diabo é comumente associado ao mal e ao pecado, configurando um ente do qual se deve ter medo. Embora essa associação não seja incorreta, a complexidade que esse ente assume nas narrativas ultrapassa a simples dicotomia bem *versus* mal, ou amigo *versus* inimigo. Ele é caracterizado como inimigo do gênero humano, porém, suas ações são guiadas pelo cumprimento da sentença a que Deus o condenou. Ele cumpre um papel pré-determinado e, em decorrência do peso que a vontade divina assume em suas ações, seu comportamento é complexo e multifacetado.

O objetivo desta dissertação nasceu de uma pergunta: como o diabo é representado pelos medievais nos milagres, que são fruto da ação divina? Desta pergunta surgiram outras: esse diabo corresponde à ideia que normalmente se difunde sobre “o diabo medieval”, inclusive pela historiografia? Qual é a relação que essas narrativas de milagres (e de poder) estabelecem entre o diabo e o modelo ordenador da sociedade?

As narrativas de milagres medievais, por suas características, propiciam elementos valiosos para o estudo da Idade Média:

Um campo enorme de trabalho para os medievalistas modernos foi aberto. Vimos primeiramente surgirem pesquisas sobre a história da santidade, como um dos elementos mais vigorosos do cristianismo, como testemunho da história geral ou clássica, que busca informações sobre os acontecimentos, personagens, instituições. Mas, nos últimos trinta anos, mais precisamente, os novos estudos se direcionam para abordagens sociológicas e antropológicas. O santo é um modelo de comportamento para os fiéis, o laicado, e, por outro lado, seu culto e sua eficácia aparecem como um meio de expressar as « estruturas mentais de base » Nessa nova perspectiva as vidas de santos aparecem como a “crystalização literária das percepções coletivas”. A vida de santo se inscreve na vida de um grupo e representa a consciência que ele tem de si e da relação entre os grupos. Os historiadores analisam os textos hagiográficos, vistos em quantidade, e se interrogam sobre as sobrevivências pagãs, sobre a relação entre cultura popular e cultura clerical, sobre o fenômeno de laicização da

espiritualidade, sobre a urbanização, etc. Ao lado dos estudos que utilizam uma vasta documentação, aparecem estudos temáticos, com *corpus* mais restritos, com uma maior coerência interna e que mostram especificidades e quadros de exceção. Questões importantes sobre os meios culturais e sociais, as classes, a família, a educação, as comunidades, os hábitos sociais que acompanham estas instituições, sobre as formas específicas da santidade feminina, sobre as práticas devocionais, sobre os níveis de crença, foram colocadas².

Depois de superadas as críticas documentais do século XIX, que viam essa tipologia como produto da irracionalidade medieval, cujos conteúdos fantasiosos não tinham qualquer utilidade para a escrita científica da história, as narrativas de milagres foram retomadas pelos historiadores com objetivos muito mais amplos, como se pode depreender da citação anterior. Nesse sentido, o famoso livro de Marc Bloch, “Os rei taumaturgos”, é um marco dessa perspectiva, ao gosto dos *Annales*. Tal como ensina Bloch, nesse estudo, o que menos interessa ao historiador é saber se, de fato, os milagres aconteceram, mas “explicar o lugar que ela [a fé] havia ocupado nos espíritos e as implicações que poderia ter tido no campo religioso e político”³.

Analisar o diabo sob uma perspectiva política, considerando as especificidades apontadas, possibilita compreender as complexas relações de poder que formavam a sociedade medieval mas, além disso, entender que tipo de modelos e argumentos davam sentido à comunidade política dos cristãos. Portanto, seguindo a Pierre Rosanvallon, as narrativas de milagres que registram a atuação do diabo permitem ao historiador estudá-las na perspectiva de um campo de conhecimento, o político, e de uma maneira de agir específica:

Como campo, [o político] designa o lugar em que se entrelaçam os múltiplos fios da vida dos homens e mulheres; aquilo que confere um quadro geral a seus discursos e ações; ele remete à existência de uma “sociedade” que, aos olhos de seus partícipes, aparece como um todo dotado de sentido. Ao passo que, como trabalho, o político qualifica o processo pelo qual um agrupamento humano, que em si mesmo não passa de mera “população”, adquire progressivamente as características de uma verdadeira comunidade. Ela se constitui graças ao processo

² PEREIRA, Ana Paula Lopes. O relato hagiográfico como fonte histórica. *Revista de Mestrado de História (Universidade Severino Sombra)*, vol.9/10, 2007, p. 166. Disponível em: <http://www.uss.br/arquivos/posgraduacao/strictosensu/historiasocial/producaoDocente/revista_mestrado_vol_9-10.pdf>. Acesso em: 15 ago 2014.

³ VAÛCHÉZ, André. Milagre. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J-C. (coord.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2006, p. 197.

sempre conflituoso de elaboração de regras explícitas ou implícitas acerca do participável e do compartilhável, que dão forma à vida da *polis*⁴.

A enorme variedade de situações apresentadas nas narrativas de milagres coloca o historiador diante das modalidades da vida cotidiana, bem como das ações coletivas que, por meio das estratégias argumentativas que vão construindo a trama dos discursos revelam os sentidos compartilhados, que permitem falar de uma comunidade.

As tentações, as disputas sobre as almas, os castigos, os tormentos, as virtudes, as recompensas são apresentadas repetidamente, por meio de ideias-chave quase imutáveis, mas tensionadas pelas especificidades de cada caso, com resultados variáveis. Mas, há um fio condutor que parece unir o plano terrestre ao celeste, conferindo unidade ao universo dos cristãos: os princípios do senhorio e da vassalagem.

Assim, por exemplo, como um senhor pode ser vassalo de outro senhor, as narrativas de milagres refletem a complexidade que essa trama jurisdicional cria. No caso do diabo, ele pode ser senhor dos homens que se associam a ele e lhe entregam sua alma ao pecar e, até mesmo, pelo estabelecimento de pactos formais. Lúcifer é o rei do inferno, e de seu trono rege todos os diabos, comandando seus atos e verificando a eficácia de suas maldades. Essa característica não impede que a cabeça política do inferno obedeça a um poder superior, personificado na imagem do Deus que criou o universo do qual o diabo faz parte.

No que se refere à atuação do diabo, a dimensão jurisdicional é um dos aspectos que se pretende explorar neste estudo. É recorrente a disputa do diabo com anjos e santos pela alma dos pecadores, cujos argumentos são fundados na lógica jurisdicional. Em princípio, aquele que peca pertence à jurisdição do diabo, pois ao seguir o caminho do mal abandonou a proteção divina e a possibilidade de se salvar. Os milagres constituem uma segunda chance concedida ao pecador, que, no momento da morte, poderá se redimir de seus erros. Entretanto, a intervenção milagrosa não significa a admissão imediata no céu, sendo necessária uma provação, que obrigará o pecador a retornar ao corpo e à vida terrena para demonstrar arrependimento, por meio de uma vida correta, casta e humilde. Esses casos são apresentados de forma a ressaltar a concorrência que se estabelece entre poderes legitimamente constituídos pela divindade; um discurso político que recorre a argumentos

⁴ ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 71-72.

jurídicos para defender as posições dos personagens. Mais concretamente, o diabo aparece nessas milagres como promotor do gênero humano e os santos como advogados de defesa.

Tal característica do diabo não se evidencia apenas nos casos submetidos a um tribunal, mas em praticamente todas as situações em que se vê obrigado a disputar uma alma que, *a priori*, deveria lhe pertencer. De fato, em vários momentos, os espíritos malignos aparecem cumprindo as ordens do Criador, o que significa tentar e desencaminhar a humanidade, e, em casos surpreendentes, os diabos vingam santos difamados e castigam aqueles que ofenderam a Deus.

Para realizar o estudo sobre o diabo na literatura de milagres, selecionaram-se três fontes ibéricas, dos séculos XIII e XIV: *Los Milagros de Nuestra Señora*,⁵ de Gonzalo de Berceo, as *Cantigas de Santa María*⁶, de Alfonso X, e o Manuscrito 01⁷, do Setor de Obras Raras (OBR), da Biblioteca Central do Estudante (BCE), da Universidade de Brasília (UnB).

O autor de *Los Milagros de Nuestra Señora*, Gonzalo de Berceo, nasceu em La Rioja, no reino de Castela, e realizou seus estudos no mosteiro de San Millán de la Cogolla, onde escreveu a obra, provavelmente, entre 1246 e 1253.⁸ *Los Milagros de Nuestra Señora* foram escritos em versos alexandrinos, inserindo-se, segundo os especialistas, na tradição lírica trovadoresca. A obra conta com uma introdução, de autoria desconhecida, seguida da narrativa de vinte e cinco milagres. Para sua composição, Gonzalo de Berceo compilou milagres marianos que circulavam em latim, no século XIII, em Castela. Os estudiosos acreditam que ele utilizou duas fontes latinas, que talvez correspondam ao Manuscrito

⁵ BERCEO, Gonzalo de. *Los Milagros de Nuestra Señora*, Disponível em: <<http://www.bibliotecagonzalodeberceo.com/tesis/milagros.pdf>>. Acesso em: 16 ago 2014. De agora em diante, MNS.

⁶ ALFONSO X. *Cantigas de Santa María*. Castela, 1221-1284. Disponível em: <<http://csm.mml.ox.ac.uk/>>. Acesso em: 7 ago 2013. De agora em diante: CSM.

⁷ O manuscrito está em fase de catalogação definitiva. Seu número de acervo: 1030943. De agora em diante, Ms01 OBR/BCE/UnB.

⁸ SILVA, Andréia C. L. Frazão da. *Reflexões sobre a hagiografia ibérica medieval*. Um estudo comparado do Liber Sancti Jacobi e das vidas de santos de Gonzalo de Berceo. Niterói: EdUFF, 2008, p. 47-65. ROMERA CASTILLO, José. Presuposiciones en Los Milagros de Nuestra Señora (Hipótesis sobre el género literario). In: GARCÍA TURZA, Claudio (coord.). *Jornadas de Estudios Berceanos*, 3, Logroño y Monasterio de Cañas, 3-5 dezembro de 1979. Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/berceo/romeracastillo/generodelosmilagros.htm>. Acesso em: 10 jun 2015.

Thott, da Biblioteca Real de Copenhagen, e ao Manuscrito 110, da Biblioteca Nacional de Madrid.⁹

Hoje conhecem-se três cópias de *Los Milagros de Nuestra Señora*: o códice F (ms. 4, ff. 50r-101r,) do século XIV, da Biblioteca de la Real Academia Española; o códice I (ms.110) do século XVIII, do Arquivo do Mosteiro de Silos; o códice M (ms.13.149), do século XVIII, da Biblioteca Nacional de Madrid, composto apenas por fragmentos.¹⁰

Para esta dissertação utilizou-se a transliteração da Biblioteca Gonzalo de Berceo, uma instituição oficial que se dedica à organização e difusão da obra desse religioso. A versão disponibilizada no site é fruto de estudos comparativos entre o manuscrito da Real Academia Española (códice F) e o da Biblioteca Nacional de Madrid (códice M)¹¹.

A outra fonte primária escolhida, *Las Cantigas de Santa Maria*, é uma obra composta de versos metrificados e ritmados, que fazem parte da tradição de cantigas medievais, com 427 milagres e as respectivas partituras e iluminuras. O *corpus* foi elaborado em galego-português por mandado do rei Alfonso X, de Castela, no século XIII. A obra encontra-se repartida em quatro manuscritos, um deles na Biblioteca Nacional de Madrid (Codex To, por Toledo), dois no Mosteiro do Escorial (Codex E e T) e o quarto em Florença (Codex F)¹².

O códice de Toledo pertenceu à catedral do mesmo nome, até 1869. O manuscrito contém 128 composições com notação musical, distribuídas ao longo de 160 fólios de pergaminho em duas colunas de letras francesas do século XIII¹³. Os códices da Biblioteca do Escorial são: o J.B. 2, composto por 413 cantigas ilustradas com notações musicais e 40 iluminuras, em 361 fólios de pergaminho escritos em duas colunas de letras francesas do século XIII; o códice J.B.1 que contém 198 cantigas com notações musicais e 1275

⁹ É importante ressaltar que Berceo não se limitou a copiar esses manuscritos. Os milagres “Teophilo” e “La Iglesia despojada”, bem como a introdução carecem de correspondências latinas anteriores.

¹⁰ GERLI, Michael. *La fecha y las fuentes de los Milagros de Nuestra Señora*. Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/notabene/gerli.htm>. Acesso em: 10 jun 2015.

¹¹ *Idem*.

¹² COSTA, Daniel Soares da. *A Interface Musical e Lingüística Como Instrumental Metodológico Para o Estudo da Prosódia do Português Arcaico*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010, p. 47. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/2123.pdf> Acesso em: 16 ago 2015.

¹³ *Ibidem*, p. 51.

iluminuras, em 256 fólhos de pergaminho, com duas colunas de letras francesas do século XIII¹⁴. O códice Florença contém 140 cantigas com duas passagens inéditas e variações em relação aos outros manuscritos, com 131 fólhos escritos em letras góticas do século XIII, mas está incompleto¹⁵. Para esta dissertação selecionou-se a transliteração elaborada pelo Marquês de Valmar, em 1889, do códice E (J.B.2) da Biblioteca do Escorial. A obra foi publicada pela Real Academia Española e encontra-se disponível *online*, no site da Universidade de Oxford¹⁶.

Embora as *Cantigas de Santa Maria* sejam uma obra de dedicação e louvor à Virgem Maria, a narrativa apresenta uma série de personagens do imaginário medieval. Há casos em que nos deparamos com dragões, o mago Merlin, santos e anjos. Nesse enorme panteão, um dos personagens que recebe maior destaque é o diabo. Ele é o grande inimigo, mas não um inimigo de Deus. Na tradição de milagres, ele é descrito como o inimigo do homem, que desafiou a divindade. Portanto, seus poderes jamais se igualam aos do Criador.

Na obra existem dois tipos de cantigas: as de louvor e as de milagre. As cantigas de milagre são aquelas em que Maria socorre os fiéis, resolvendo seus problemas e atendendo as suas preces. As de louvor têm por objetivo exaltar a Virgem, realçando sua beleza e bondade, e descrevem acontecimentos do Éden. O diabo aparece nos dois tipos de cantigas, como personagem ativo e passivo. Consideramos o diabo como personagem ativo quando sua ação provoca os humanos, ou quando reivindica almas sobre as quais julga ter direitos; como personagem passivo, quando aparece apenas referenciado, lembrado, ou quando é usado como exemplo para condenar certas condutas.

O terceiro documento que orientará as reflexões desta dissertação é um manuscrito que pertence à Seção de Obras Raras (OBR) da Biblioteca Central do Estudante (BCE) da Universidade de Brasília (UnB). Trata-se de uma compilação de narrativas de milagres, que para alguns estudiosos configuraria um *Flos Sanctorum*.¹⁷ Entretanto, a análise do

¹⁴ *Ibidem*, p. 54.

¹⁵ *Ibidem*, p. 50.

¹⁶ SILVIA, Alex Rogério. *Apontamentos sobre as Cantigas de Santa Maria de D. Afonso X*. Revista Humanidade em Diálogo. 2016/7, p. 125. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/humanidades/article/viewFile/113337/111293>> Acesso em: 28 ago 2016.

¹⁷ O professor Américo Venâncio Lopes Machado Filho, que fez a transcrição e edição do manuscrito, é dessa opinião. Ver: MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Um flos sanctorum trecentista em português*. Brasília: EdUnB, 2009.

manuscrito revela que ele não possui título, e tampouco seu texto afirma tratar-se de um *Flos Sanctorum*, pelo que será referenciado como Ms01 OBR/BCE/UnB.

O manuscrito chegou a Brasília, em 1964, como parte de um códice que conta ainda com *Os Diálogos de São Gregório* e o *Livro das Aves*, e que integrava os fundos da Biblioteca Serafim da Silva Neto, adquirida pela Universidade de Brasília¹⁸. Sobre a produção desse manuscrito sabe-se pouco. Os paleógrafos acreditam que foi escrito no final do século XIV, ou início do XV, em algum mosteiro no norte de Portugal. Não existe consenso em relação às fontes que originaram esse *corpus*, mas alguns dos milagres narrados encontram-se também na *Legenda Aurea*, de Jacopo de Varazze¹⁹. O Ms01 OBR/BCE/UnB constitui-se em 81 fólios, escritos em duas colunas, de 300x220mm com letra minúscula do século XIV, ornados de azul e vermelho.²⁰ Registra-se a falta de alguns fólios nos cadernos 1, 5 e 8, mas o estado de conservação do documento é bom.

A tradição *flos sanctorum* refere-se a manuscritos medievais e modernos que narram vidas de santos e que descendem do estilo iniciado pela *Legenda Aurea*, de Jacopo de Varazze²¹. Geralmente, a classificação é posterior à criação da obra, fruto da análise de estudiosos, como no caso do Ms01 OBR/BCE/UnB. Atualmente, divide-se a tradição desses documentos em dois troncos: compilações A e B. A compilação A é formada por cinco manuscritos, dos séculos XIV e XV: o 780, o 12688 e o 12689 da Biblioteca Nacional de Madrid; o h-III22 e o h-II-18, da Biblioteca do Escorial²². Esses manuscritos não compreendem a totalidade hagiográfica da *Legenda Aurea* e muitos referem-se a santos locais. Os paralelismos léxicos com a fonte italiana são mais livres na tradição A, do que na B. Muitos relatos da tradição A são mais longos e detalhados que os de Varazze, e apresentam grandes semelhanças entre si, frente à maior variedade das narrativas da tradição B²³.

¹⁸ *Ibidem*, p. 19.

¹⁹ *Ibidem*, p. 24.

²⁰ Ver Anexo I.

²¹ Sobre os vários problemas relativos aos manuscritos da *Legenda Aurea*, ver: TEIXEIRA, Igor Salomão. *A Legenda Aurea de Jacopo de Varazze*. Temas, problemas, perspectivas. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 26-36.

²² CORTÉS GUADARRAMA, Marcos Ángel. *El Flos Sanctorum con sus etimologias*. Edición y estudio. Tese (Doutorado em Filologia). Universidad de Oviedo, Oviedo, 2010, p. 10. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/el-flos-sanctorum-con-sus-etimologias-edicion-y-estudio/>> Acesso em: 28 ago 2016.

²³ *Ibidem*, p. 11.

Muitos acreditam que a tradição A originou-se de um manuscrito perdido, que acabou por se ramificar nas cinco versões referidas. Acreditam que dessa versão mais antiga surgiram dois troncos: o primeiro deu origem ao manuscrito 780 que, posteriormente, originou as versões 12688 e 12689; o segundo deu origem aos manuscritos h-III-22 e h-II-18. Os estudiosos entendem que o manuscrito 780, provavelmente, é o mais próximo da versão desaparecida²⁴.

A tradição B, também chamada *La leyenda de los santos*, é composta por seis manuscritos produzidos nos séculos XIV e XV : h-I-14 e k-II-12, da Biblioteca do Escorial, 8 e 9 da Biblioteca de Menéndez Pelayo, 15001 da Biblioteca Lázaro Galdin, o m-II-6, e uma obra sobre a vida de santa Maria Egipcíaca, incluído posteriormente²⁵. De acordo com a análise dos especialistas esses manuscritos são mais similares ao conteúdo da *Legenda Aurea* e muitos configuram resumos dos casos latinos.

Antes de prosseguir com a apresentação das fontes é necessário esclarecer que embora pareçam apenas versões de um documento original, as tradições A e B são compostas por obras independentes. É anacrônico supor que os autores desses manuscritos realizavam “cópias” malfeitas de um original, resultando em textos menores ou imperfeitos. Para compreender a complexidade desses documentos é imprescindível entender as especificidades da produção desse tipo de manuscritos, principalmente no que se refere à compilação. A noção de cópia, tal como a entendemos hoje, não pode ser estendida ao medievo. De forma diversa, os autores desses trabalhos recorriam a tradições manuscritas e orais, adaptando-as e recriando as narrativas de acordo com o contexto e os objetivos do momento da produção.

Nesse contexto, tradição refere-se a formas variadas de pensamento e cultura, utilizadas para compor novas manifestações culturais enunciadas como textos, pintura, escultura, música.... Essas novas composições baseavam-se na tradição, buscando legitimidade, ao mesmo tempo em que aumentavam a sua relevância, pois criavam novas formas de disseminá-la. O caso das obras filiadas à *Legenda Aurea* insere-se nessa dinâmica. Como visto anteriormente, os novos textos que surgiram no contexto ibérico eram diferentes da versão italiana na forma, na língua e no conteúdo. Os *Flos Sanctorum* e

²⁴ *Ibidem*, p. 12.

²⁵ *Ibidem*, p. 15.

as *Leyendas de Los Santos* eram novas formas de disseminar a tradição literária de milagres, que se assemelhavam à obra de Jacopo de Varazze, principalmente no seu objetivo de narrar os acontecimentos da vida dos santos. No caso das *legendas* ibéricas percebe-se que além da herança italiana registram-se diversas tradições locais manifestadas por narrativas sobre santos locais ausentes da *Legenda Aurea*.

A escolha das fontes baseou-se na possibilidade de conseguir nessas narrativas a resposta para as perguntas formuladas, a título de problemas que norteiam a pesquisa. Em termos da sua tipologia, as *Cantigas de Santa María* e *Los Milagros de Nuestra Señora* inserem-se na tradição de milagres marianos, enquanto o Ms01 OBR/BCE/UnB pertence à tradição hagiográfica. Embora sejam oriundos de diferentes linhagens acadêmicas é importante ressaltar que, para este trabalho, essa separação não impediu que as três narrativas, em conjunto, ajudassem a responder às perguntas colocadas inicialmente. Por outro lado, o fato de os três manuscritos terem sido produzidos na Península Ibérica, em épocas próximas, confere unidade e coerência ao material.

O modelo político e social que dava forma à sociedade ibérica cristã da baixa Idade Média assentava-se nos princípios da justiça cristã. Portanto, as narrativas de milagres são uma importante manifestação da moral e da ética que permitem ao historiador compreender as lógicas que aproximam e vinculam o plano terrestre e o celeste. Como já referido, o papel do diabo nessas narrativas assume um caráter protagônico, mas que precisa ser contextualizado.

Em termos metodológicos, o primeiro passo foi estudar os documentos, de forma a compreender as especificidades das narrativas e de entendê-las como um conjunto. Em seguida, procedeu-se à seleção dos milagres em que o diabo tinha participação ativa, ou era de alguma forma citado. Essa seleção foi acompanhada da elaboração de tabelas, com o intuito de sistematizar as informações, identificar os casos e listar alguns aspectos que, *a priori*, poderiam ser úteis para a interpretação do conjunto das narrativas.²⁶ Entretanto, priorizou-se, sobretudo, a análise de cada milagre como uma unidade narrativa coerente.

²⁶ Os dados levantados sobre as *Cantigas de Santa Maria* são baseados na nossa monografia de Bacharelado. Ver: AGUIAR, Clarice Machado. *O Diabo: vítima, ou algoz?* A representação do Diabo nas Cantigas de Santa Maria (séc. XIII). Monografia de bacharelado apresentada ao Departamento de História. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

O diabo está presente em 13 dos 25 milagres que compõem a obra de Gonzalo de Berceo, em 126 dos 427 casos narrados nas *Cantigas de Santa Maria*, e em 62 dos 143²⁷ do Ms01 OBR/BCE/UnB. Portanto, contamos com um universo documental de 201 milagres.

A leitura atenta das narrativas selecionadas permitiu identificar alguns padrões e situações recorrentes. Talvez a mais significativa seja a importância política que o diabo assume, como um ator de peso na história da salvação da humanidade. Com relação a esse aspecto, procurou-se comparar os casos em que a atuação do diabo se mostrava fundamental de forma a traçar um panorama que permitisse chegar a algumas conclusões. As disputas jurisdicionais e as relações feudovassálicas mostraram-se também como estratégias discursivas recorrentes, pelo que se procurou entendê-las em estreita relação umas com as outras, e em diálogo com a bibliografia especializada. Em termos conceituais, tentou-se compreender os conteúdos que eles evocavam e circunscreviam dentro do universo documental.

As situações catalogadas são bastante variadas, desde casos de possessão, tentação, engano, pacto, julgamento. Mas, o objetivo principal da classificação realizada foi compreender como, por meio de cada situação específica, o diabo exerce a função para a qual foi criado por Deus.

A obra de Alfonso X contém 55 cantigas que narram situações de tentação, nas quais é possível identificar 14 tipos: luxúria²⁸, perda da fé²⁹, fúria³⁰, desespero³¹, furto³², obter riquezas por meio do diabo³³, morrer sem confissão³⁴, vingança³⁵, mentira,³⁶ deboche,³⁷ permitir a entrada do demônio no próprio corpo,³⁸ injustiça,³⁹ maldade.⁴⁰ Dos

²⁷ Os milagres do Ms01 OBR/BCE/UnB não estão numerados. Procede-se à contagem por meio do enunciado que preside cada milagre, escrito com tinta vermelha (em alguns casos, o passar do tempo deu à tinta uma aparência marrom).

²⁸ CSM, p. 44, 47, 114, 130, 138, 151, 259, 266, 322, 350, 441, 450, 506, 517, 710, 833.

²⁹ *Ibidem*, p. 177, 256, 355, 418, 510, 584, 654, 827.

³⁰ *Ibidem*, p. 436, 539, 543, 553, 849.

³¹ *Ibidem*, p.199, 603, 631.

³² *Ibidem*, p. 247, 400.

³³ *Ibidem*, p. 468, 597.

³⁴ *Ibidem*, p. 38, 231.

³⁵ *Ibidem*, p. 168, 460.

³⁶ *Ibidem*, p. 512.

³⁷ *Ibidem*, p. 622.

³⁸ *Ibidem*, p. 29.

³⁹ *Ibidem*, p. 280.

principais tipos de tentação provocados pelos demônios, a luxúria aparece com 16 ocorrências, a perda de fé com 8, a fúria com 5, e o desespero com 3. O diabo escolhe todos os tipos de vítimas, desde membros do clero, da nobreza, cavaleiros e pessoas do povo. O tipo de tentação escolhido pelo diabo está relacionado com o perfil da própria vítima, pois ele identifica e explora as suas fraquezas, com o objetivo de desencaminhá-la e de se apossar de sua alma.

Em *Los Milagros de Nuestra Señora* são apresentados diferentes tipos de pecado. A luxúria⁴¹ está presente em 3 casos, seguida pelos desvios de conduta de eclesiásticos⁴², e casos de avareza⁴³, fúria⁴⁴, alcoolismo⁴⁵, busca por poder⁴⁶ e furto de igreja⁴⁷.

No Ms01 OBR/BCE/UnB registram-se 11 tipos diferentes de pecados, sendo que o mais comum é deixar-se guiar pelo conselho do diabo⁴⁸. Nos seis casos em que esse desvio é registrado, clérigos são levados a abandonar sua vida de santidade após ouvirem recomendações diabólicas⁴⁹. O segundo tipo mais comum de tentação, com 3 casos, é a luxúria⁵⁰, o terceiro é o alcoolismo⁵¹, com 2 casos⁵². Os outros pecados com apenas um caso são: ser discípulo do diabo⁵³, matar um santo⁵⁴, soberba⁵⁵, perseguir os servos de Deus⁵⁶, discórdia⁵⁷, desobedecer a um santo e aos anjos⁵⁸. O décimo primeiro erro é

⁴⁰ *Ibidem*, p. 101.

⁴¹ MNS, p., 15, 35, 90.

⁴² *Ibidem*, p. 31, 54.

⁴³ *Ibidem*, p. 50.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 65.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 84.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 122.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 148.

⁴⁸ Ms 01 OBR/BCE/UnB, f. 5v, f. 6, f. 9, f. 45, f. 67, f. 72 .; MACHADO FILHO , *op. cit.*, p. 77, 80, 88, 177, 219, 232.

⁴⁹ Em quatro dos seis casos há relatos de monges que abandonaram o monastério.

⁵⁰ Ms 01 OBR/BCE/UnB, f. 5v, f. 41, f. 80.; MACHADO FILHO , *op. cit.*, p. 78, 149, 249.

⁵¹ *Ibidem*, f. 28v, 45.; p. 120, 177.

⁵² No milagre o pecador é descrito como bêbado e ladrão. *Ibidem*, f. 28v.; p 120.

⁵³ *Ibidem*, f. 14v.; p.64.

⁵⁴ *Ibidem*, f. 30.; p. 124.

⁵⁵ *Ibidem*, f. 44.; p. 158.

⁵⁶ *Ibidem*, f. 54.; p. 186.

⁵⁷ *Ibidem*, f. 54.; p. 187.

⁵⁸ *Ibidem*, f. 61.; p. 205.

cometido por um sacerdote que, embora não tenha sido influenciado pelo demônio diretamente, será castigado por ele⁵⁹.

Como referido, a catalogação das tentações/pecados, acompanhada de uma análise contextualizada das narrativas permitiu compreender a complexidade que a ação do diabo assume na narrativa, e a identificação de determinados padrões que configuram as fraquezas das vítimas, como porta da corrupção. Embora os *corpora* apresentem diferentes tipos de tentação, a luxúria é o principal pecado nas *Cantigas de Santa María* e em *Los Milagros de Nuestra Señora*, no Ms01 OBR/BCE/UnB aparece em segundo lugar. Tal característica revela que a luxúria era compreendida como um pecado comum que acometia muitos homens, levando-os ao mal. O tipo de vítima escolhido tem um perfil de santidade eclesiástica, quase sempre monges e recém-ordenados. A escolha tem um significado político importante, que reforça o modelo da sociedade medieval, alicerçado na hierarquia e na virtude das ordens superiores, sobretudo eclesiásticas. Assim, na lógica daquela sociedade, haveria pouco mérito e utilidade em desencaminhar aqueles pertencentes às ordens inferiores, devido à sua simplicidade/rusticidade e natural propensão ao pecado.

Um aspecto importante para o trabalho é a maneira como o diabo é descrito nas fontes e os adjetivos utilizados. Nas *Cantigas de Santa María*, a adjetivação do diabo está relacionada à complexidade do personagem e a suas características multifacetadas. Ele assume diversas funções designadas por Deus e, para cumpri-las, precisa de criatividade que se manifesta nos disfarces que assume e nos tipos de tentação que elabora. Nesse sentido, a principal característica do diabo é a cor negra, à qual aparece associado por 11 vezes⁶⁰; em 6 ocasiões é mesmo descrito como “negro ca pez⁶¹”, ou seja, negro como piche; aparecem também as comparações, “negro mui mas ca mora⁶²” e “negro mui mas que carvões⁶³”; outras vezes, apenas como “negro⁶⁴”. A cor negra é tão característica do

⁵⁹ *Ibidem*, f. 82.; p. 254.

⁶⁰ MNS, p. 11, 115, 169, 188, 200, 207, 281, 475, 633, 844.

⁶¹ *Ibidem*, p. 11, 115, 169, 182, 633, 844.

⁶² *Ibidem*, p. 188.

⁶³ *Ibidem*, p. 207.

⁶⁴ CSM, p. 200, 281, 475.

diabo, que a *Cantiga* 185⁶⁵ se refere a “tres mouros que entraram, chus negros que Satanás”⁶⁶.

Registram-se, ainda, adjetivos como, mau - com 9 incidências -, arteiro, “nosso inimigo”, feio, cornudo e desleal. O único adjetivo associado ao diabo que não supõe caráter pejorativo é “antigo”: “da gran sabedoria que eno demo jaz”⁶⁷. Essa característica é importante, pois reconhece e legitima as ações do diabo inserindo-as na tradição cristã e na própria história do cristianismo, com sua condenação ao mal após ser expulso do paraíso pelo arcanjo Miguel.

A obra de Gonzalo de Berceo, *Los Milagros de Nuestra Señora*, é menor que as *Cantigas de Santa María*, mas apresenta muitos adjetivos referentes ao diabo, 16 no total, sendo que 5 não são pejorativos. O diabo aparece caracterizado como traidor em 6 milagres: traidor de toda maldade⁶⁸, falso traidor⁶⁹, traidor provado⁷⁰ e traidor⁷¹. Em 5 casos é chamado de inimigo, uma vez a palavra inimigo⁷² aparece sozinha, e 4 vezes acompanhada de outro adjetivo: inimigo mau de Belzebu vicário⁷³, inimigo mortal⁷⁴. Em duas ocasiões é chamado de enganador⁷⁵. Também é chamado de besta cativa⁷⁶, fino de mal aproveitador⁷⁷, dom falso traíçoeiro⁷⁸, mau senhor⁷⁹, feio⁸⁰, não iluminado⁸¹, arteiro⁸² e mau guia⁸³.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 405.

⁶⁶ *Ibidem*, p.408.

⁶⁷ CSM, p. 47.

⁶⁸ MNS, p. 36.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 37, 87, 125.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 85.

⁷¹ *Ibidem*, p. 47.

⁷² *Ibidem*, p. 50.

⁷³ *Ibidem*, p. 15.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 45, 54, 82.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 39, 47.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 17.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 36.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 86.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 87.

⁸⁰ *Ibidem*, p.126.

⁸¹ *Idem*.

⁸² *Ibidem*, p. 142.

⁸³ *Ibidem*, p. 148.

Quando não é caracterizado de forma pejorativa, o diabo é chamado de sutil⁸⁴, muito certo⁸⁵, antigo⁸⁶, sábio⁸⁷ e maestro sabedor de toda maldade⁸⁸. É perceptível que esses adjetivos não fazem uma descrição positiva do diabo, mas são utilizados para realçar suas características malignas. O fato do diabo ser sutil e certo possibilita que pratique as tentações de forma mais apurada, e sua sabedoria e antiguidade conferem legitimidade a seus atos.

Os adjetivos empregados nas fontes para descrever o diabo possibilitam compreendê-lo como a representação da maldade. O diabo é mau e carrega todos os maus tributos. Sua cor é negra, seu cheiro é ruim, tem chifres, seus atos são maus, é traiçoeiro e engana os homens. Ele é conhecedor das coisas e sabe agir de forma sutil, utilizando sua sabedoria acumulada através dos seus séculos de existência.

No Ms01 OBR/BCE/UnB não se encontra a mesma variedade de adjetivos encontrada nas outras fontes para caracterizar o diabo. Geralmente, é chamado de “inimigo” e “anjo mau”. No papel de inimigo, especifica-se como “inimigo do homem”, ou “inimigo da linhagem de Adão”. Na realidade, a palavra “diabo”, ou “demônio”, raramente aparece.

O levantamento realizado inicialmente sobre os adjetivos utilizados nas narrativas foi importante, não como quantidades que permitissem chegar a conclusões, mas como qualidades que alertaram para a necessidade de compreender o que esses adjetivos tentavam esclarecer, dentro das situações em que eram empregados e em comparação a outros casos nos quais se recorria às mesmas palavras. Ao mesmo tempo, esses quadros/tabelas permitiram comprovar que havia uma série de adjetivos, à primeira vista de caráter positivo, que não eram frequentemente referidos pela historiografia. Tal constatação mostrou a necessidade de explorar com mais atenção esses casos que apontavam para a configuração de um diabo bastante mais facetado do que a historiografia costuma apontar.

Entretanto, como já referido, interessa sobretudo explorar as narrativas como conjunto. A linguagem é um aspecto importante a ser explorado, principalmente para perceber as relações de poder e de justiça, e como se fala dessas relações, por meio de quais

⁸⁴ *Ibidem*, p. 17.

⁸⁵ *Idem*.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 36.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 142.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 36^a.

argumentos. Nesse sentido, os estudos de John Pocock podem ser uma importante fonte de inspiração, para analisar essas narrativas como “linguagens do ideário político”⁸⁹. Embora não se pretenda fazer um vasto estudo sobre a linguagem política dos documentos, tentar-se-á explorar os sentidos dos discursos para descobrir os principais eixos das lógicas jurídicas/políticas. Num primeiro contato com as fontes é perceptível a forte influência do discurso teológico, com alusões à Bíblia. Mas, após um estudo mais atento, percebe-se a teologia se mescla ao discurso jurídico. No caso do diabo é importante observar como a teologia é utilizada para justificar seu papel como promotor da humanidade. A linguagem religiosa vinculada à tradição dá legitimidade ao diabo criando uma lógica política/judicial. A análise detalhada de alguns milagres permite identificar diversas camadas discursivas que constituem a narrativa. Tal como lembra Pocock, essa diversidade de discursos deve ser encarada pelo historiador como chaves interpretativas que desvelam a arqueologia do próprio texto⁹⁰.

Os capítulos a seguir têm o objetivo de aprofundar alguns dos problemas que emergiram dessa característica plural do personagem e apresentá-lo como um agente de Deus que cumpre diferentes funções no universo da Criação.

Em primeiro lugar, esta é uma dissertação de História, pelo que é essencial tentar inserir a problemática aqui apresentada no campo da historiografia. Os estudos sobre o diabo abrangem várias cronologias, são muito vastos e chamam a atenção do público em geral, pelo que não é raro comprovar certa tendência a sublinhar alguns aspectos exóticos e dramáticos, com vistas ao mercado editorial. Assim, com relação à Idade Média, há um forte senso comum de que o diabo era quase uma onipresença, que aterrorizava a sociedade de forma permanente, devido às atrocidades a que submetia os seres humanos e as almas pecadoras. Mas, por outro lado, há também outra historiografia que acentua as características risíveis do diabo, fruto de um período em que a cultura pagã-rústica ainda conseguia se manifestar, apesar dos crescentes esforços das autoridades eclesiásticas. Em certa medida, constata-se que a historiografia alimenta tal compreensão que, embora não esteja completamente em desacordo com o que a documentação histórica permite levantar, precisa ser matizada e, sobretudo, problematizada para superar a visão reducionista e

⁸⁹ POCOCK, John. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: EDUSP, 2003.

⁹⁰ *Ibidem*, p.67.

simplista com relação ao papel que o mundo sobrenatural ocupava na vida terrena. As narrativas de milagres analisadas em seu conjunto permitem ir além de explicações que optam por selecionar apenas casos em que se comprovam exemplos de dominação pelo terror, ou aqueles que optam pelo grotesco. As situações narradas, para além dos elementos mágicos e taumatúrgicos, permitem compreender como os planos sobrenatural e terrestre estavam entrelaçados, sendo impossível compreender o modelo da sociedade política dos cristãos sem o papel multifacetado que o mal adquire na sua realização.

Como desdobramento dessa complexidade, a análise das narrativas de milagres mostra que a estrutura dos textos está fortemente ancorada na experiência política, ou seja, na forma como a justiça/injustiça se realiza na história da salvação. Uma história que, logicamente, abarca também as duas dimensões: terrestre e sobrenatural. Os atos do diabo, da tentação à acusação, são vistos como manifestação de uma lógica de poderes plurais, intimamente conectada com os elementos jurisdicionais que formavam a sociedade medieval. Dessa forma, a compreensão do mundo terreno, como um espelho do universo celeste, explica a naturalidade com que as lógicas jurídicas se desenvolvem também nas esferas sobrenaturais. As disputas de tipo jurisdicional entre santos, anjos e diabos permitem ao historiador identificar os papéis assumidos pelos agentes de Deus e as implicações de seus discursos e ações. A compreensão do direito medieval como uma formulação dinâmica e plural ajuda a explicar os processos judiciais e jurídicos que configuram cada milagre. Ao mesmo tempo, as narrativas permitem entender que os processos de julgamento dos casos são orientados de acordo com as circunstâncias e a pluralidade de direitos atinentes aos envolvidos, com resultados variáveis que se constroem na história. O papel das leis é importante, inclusive para o diabo, e será igualmente explorado, principalmente no que se refere à sua interação com os demais direitos.

Finalmente, se ressaltará o papel primordial que as relações feudovassálicas assumem nessas narrativas. Ao contrário do que se poderia imaginar, é somente por meio do respeito a essa lógica que o diabo, como personagem dos milagres, justifica suas ações. Tal como qualquer membro de qualidade da sociedade de seu tempo, ele assume papéis de senhor e de vassalo, ao mesmo tempo, com todas as implicações que isso representa no cenário do poder. Ele é o rei dos infernos, com uma ampla rede de príncipes-vassalos, mas também é senhor dos vivos que caem nas suas redes. Dessa relação de senhorio será preciso

explorar os aspectos que permitam testar os limites de uma jurisdição que, embora legítima, apresenta-se frequentemente como inversão. No outro extremo, o diabo é apresentado como vassalo de Deus, cujo senhorio ele jamais desafia ou contesta, apresentando ao historiador situações – inusitadas? – em que o serviço devido pode pressupor a defesa de anjos e santos contra pecadores.

CAPÍTULO 1

Um diabo com muitas personalidades

1.1 O diabo bonachão e aterrorizador

O diabo, como ensinam as narrativas de milagres, “é muito antigo”⁹¹. Segundo os estudiosos, embora suas origens remontem à tradição judaica e veterotestamentária, trata-se de um personagem de grande importância para o cristianismo, permanentemente atualizado ao longo do tempo. Nesse sentido, é visível, por exemplo, a transformação que se opera no Novo Testamento e na literatura apócrifa produzida na Antiguidade. Do papel de anjo que se rebelou contra Deus deriva outro fundamental para a história da humanidade: a serpente tentadora do Éden que leva à Queda. O historiador Henry Ansgar Kelly analisa a transformação da imagem de Satã, no Velho Testamento, até sua caracterização posterior:

A reelaboração mais significativa que ocorreu na história de Satã é a permanente reinterpretação de Satã no Novo Testamento, identificado com as várias figuras satânicas do Velho Testamento, como um rebelde contra Deus. Mais do que qualquer outra, essa interpretação atormentou a história de Satã, transformando-o de mero funcionário odioso do Governo Divino em personificação do Mal – uma personificação que realmente existe como pessoa⁹².

O diabo foi objeto de diversos estudos que buscavam compreender o mal e a relação do homem com a maldade. No livro “História do medo no Ocidente”, Jean Delumeau discorre sobre a presença do diabo no imaginário ocidental a fim de descobrir em que momento ele se torna o grande temor da humanidade, concluindo que somente na Idade Moderna assumirá essa característica. Com relação à Idade Média, o autor aponta dois aspectos:

Ao mesmo tempo sedutor e perseguidor, o Satã dos séculos XI e XII certamente assusta. No entanto, ele e seus acólitos são por vezes tão ridículos ou divertidos quanto terríveis: por isso, tornam-se progressivamente familiares. A hora do grande medo do diabo ainda não chegou. No século XIII, os nobres "Juízos Finais" das catedrais góticas colocam em seu justo lugar o inferno, seus suplícios e seus demônios. O essencial dos grandes tímpanos esculpidos é então reservado ao Cristo em majestade, à corte paradisíaca e à alegria serena dos eleitos. "Na arte toda teológica do século XIII", escrevia E. Mâle, "[não se encontra] nenhuma representação detalhada do inferno", embora santo Tomás de Aquino

⁹¹ Por exemplo: “*Mas o diabr'antigo que de virgindade é sempre emigo*”. CSM, p. 441.

⁹² KELLY, Henry Ansgard. *Satan, a Biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 3. Tradução nossa.

declare que não se deve entender de modo apenas simbólico o que se conta dos suplícios de além-túmulo.⁹³

Esse livro de Jean Delumeau fez grande sucesso nos meios acadêmicos e leigos, transformando as suas conclusões sobre o diabo como imagens definitivas tanto para a Idade Moderna como para a Idade Média. Embora discorra sobre o diabo na Idade Moderna, Delumeau ajudou a definir uma imagem do diabo na historiografia. A autor afirma que é sobretudo a partir do século XIV que o medo diabólico se propaga, graças à infinidade de representações de diabos e do inferno nas catedrais. Outro autor importante do medievalismo, Jacques Le Goff, recorre a termos muito semelhantes aos de Delumeau para definir o diabo em um capítulo de “A Civilização do Ocidente Medieval”⁹⁴. O diabo que Le Goff apresenta é assustador e causa temor. O medo a Lúcifer é uma característica forte, e o autor reforça essa ideia com diversos argumentos, entre os quais se destaca a capacidade reservada aos santos de identificação do mal, pelo que o restante da população estaria à mercê do demônio. Nas palavras do autor: “É ele o conteúdo dessa terrível angústia que a todo momento os aflige: vê-lo surgir! Todos se sentem constantemente espreitados pelo “antigo inimigo do gênero humano”⁹⁵. Ademais, para Le Goff, o período medieval sofreu forte influência do maniqueísmo, o que explica o protagonismo do diabo como antagonico a Deus.

A caracterização do diabo como um ser sedutor e perseguidor, entretanto, é problematizada por autores que destacam outros aspectos e questionam o medo irracional que ele provocaria na sociedade medieval:

Embora não seja sedutor, tal personagem também não inspira um terror indizível, por mais que o queiram certos autores, sem dúvida aborrecidos por não encontrarem nele as características realmente apavorantes do demônio do final da Idade Média. O narrador apresenta, na realidade, uma espécie de diabo humano, deformado ou disforme, mau, agressivo que certamente poderia ser encontrável na época (ou mesmo hoje, nas ruas de nossas cidades). A insistência nos traços físicos, como o talhe diminuto, o queixo, o crânio em ponta e a corcunda, exprime claramente uma ideia de anormalidade, mas ainda no registro humano, sem evocar diretamente o sobrenatural. A agitação do personagem apenas o torna mais vivo e serve igualmente para realçar a superioridade da vida monástica, baseada em um ideal de serenidade. Alguns toques sugerem a animalidade, de forma puramente metafórica: a barba de bode, as orelhas peludas, os dentes pontudos.⁹⁶

⁹³ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 240.

⁹⁴ LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Ed. Estampa, 1983.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 201.

⁹⁶ MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do diabo: séculos XII-XX*: Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001, p.23.

Alguns autores diferenciam o diabo dos teólogos, do diabo monástico, do popular, e o dos artistas, por meio de longas e detalhadas descrições de seus aspectos físicos e comportamentais. O diabo popular⁹⁷ provoca o riso, é jocoso e grotesco. Portanto, não causa medo, e funcionaria como contraposição ao diabo maligno, típico dos eclesiásticos. Esse diabo é encontrado nos teatros de rua.

Por oposição ao terrorismo cultural das elites, emerge, hesitante, uma contracultura popular, fortemente tentada pelo cepticismo, que mimoseia o Diabo, com apelações grotescas: Le Cornu (O Cornudo), Robin, Greppin, Pierrasset, La Lorena, Polig, na Bretanha; Lou Pecat, na Gasconha; O Caldeireiro, o Maneta e, sobretudo, o Coxo em Espanha. Esta última denominação é, possivelmente, uma reminiscência de Hermes. O “Diabo Coxo” comporta-se de maneira ridícula e grotesca, reduzido a um papel de palhaço e de bode expiatório. Umas vezes, vestido de amarelo, outras, de azul, surge quase sempre arvorando símbolos de antigas divindades locais que a encenação associa à iconografia diabólica promovida pela evangelização⁹⁸.

Sobre o papel e o perfil dos diabos nas peças de humor, discorre Jeffrey Burton Russel:

Como o príncipe terrificador deste mundo, o inimigo poderoso de Deus, se tornou uma figura para a paródia, a sátira ou até mesmo para o humor? Uma tendência do Diabo cômico começou no teatro já no século X sob a influência do folclore e apresentações do povo de mímicos, ilusionistas e mascarados. A função do demônio engraçado era produzir alívio cômico, que entretivesse a audiência e a relaxasse para preparar para a próxima ação trágica. A função cômica estava repleta do rústico no drama antigo e pelo bobo no drama do Renascimento. Na realidade, os rústicos e bobos fizeram-se aparecer na fase medieval, junto com macacos, anões, monstros e gigantes que também sofreram uma transformação do amedrontar ao cômico. Contudo, demônios eram figuras mais cômicas efetivamente pela razão paradoxal de que eles provocavam medo. Eles estavam muito mais imediatamente terrificando do que outras figuras cômicas (...) ⁹⁹.

O trecho é representativo de uma corrente historiográfica com forte preocupação em definir os tipos de diabos que aparecem no teatro, com especial ênfase na representação do mal e na afirmação de determinados perfis, destacando-se o grotesco e o tom caricatural. O diabo do teatro de rua configura-se pela comicidade, acentuada por incapacidades físicas – coxeia - e na pintura e na escultura pela aparência animalesca. Esse caráter permite que, no teatro, se explore principalmente a forma como os homens usam o diabo para atingir objetivos pecaminosos. Portanto, o diabo aparece muito mais como instrumento de condutas condenáveis.

⁹⁷ Termo utilizado pelos teóricos.

⁹⁸ MINOIS, Georges. *O Diabo: origem e evolução histórica*. Lisboa: Terramar, 2003, p. 45.

⁹⁹ RUSSEL, Jeffrey Burton. *Lúcifer: o diabo na Idade Média*. São Paulo: Madras, 2003, p. 250.

Ainda com preocupações tipológicas descritivas, alguns autores elaboram exaustivas pesquisas com o intuito de inventariar as variadas formas diabólicas e sua incidência temporal:

O Diabo como soberano do inferno não tem relação pictórica com os primeiros diabos do século IX. O Diabo em seu reino é tipicamente um gorila preto gordo, nu e feio, a essência do "esgore de imundíces" de que falava o papa Leão I. O soberano do Inferno frequentemente aparece sem asas, chifres, cascos ou rabo. Durante os séculos XII e XIII, o Diabo tem chifres e cascos (ou patas com garras), rabo e arpéu. É mais frequente que apareça sem asas do que alado; quando as tem, são asas de anjo, que durante o século XIX mudaram para asas de morcego. Na separação de abençoados e condenados em muitos Juízos Finais, ele é um primitivo peludo em obras românicas e uma criatura desnuda com corpo humano e traços faciais grosseiros em obras góticas. Como rei do Inferno ele muda pouco, mas sua forma e funções são por vezes influenciadas pela descrição de Dante: muitas vezes ele tem asas de morcego e chifres, e avidamente ingere e defeca seus prisioneiros pecadores. Continua um monstro grotesco nos Juízos Finais durante a época gótica e Renascença¹⁰⁰.

No entanto, a partir do século XI, por influência dos contos populares e das narrativas de origem monástica, assim como por alguma iconografia oriental de monstros, o Diabo é transformado numa caricatura imunda. É essa criatura que se pode ver nos pórticos de quase todas as igrejas românicas, e posteriormente, góticas. Apesar da enorme diversidade das representações esculpidas nesses pórticos, há traços de base comuns a todas elas- um ser híbrido, metade homem, metade animal, negro, cornudo, um corpo peludo que esconde uma pele engelhada. No entanto, esses monstros de Vézelay, de Moissac, de Conques, de Saint-Benoît-sur-Loire não são apenas repelentes, revelam igualmente uma personalidade cômica na sua ingenuidade de lobisomens¹⁰¹.

Essas descrições oferecem um panorama das imagens assumidas pelo diabo e das diversas formas como é representado. Os trabalhos se preocupam com a caracterização do personagem, correlacionando-a ao cenário em que se desenvolve a ação, e até mesmo aos extratos sociais envolvidos.¹⁰² De qualquer maneira, privilegia-se a recolha e identificação de características, sem refletir e problematizar sobre o que esses aspectos significam, não apenas como catálogo simbólico e erudito, mas como expressão do modelo social e político que elas certamente representam. Embora esses autores refutem a velha ideia de que o diabo fosse exclusivamente “perseguidor e sedutor”, preocupam-se em explorar os aspectos da imagem feia e animalesca. Há um consenso quanto às características físicas e mentais e a impressão que essas obras transmitem é a de uma homogeneidade diabólica. Para os diversos autores que traçam uma biografia do diabo, as artes representavam os seus

¹⁰⁰ LINK, Luther. *O Diabo: a máscara sem rosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 86.

¹⁰¹ MINOIS, *op. cit.*, p.54.

¹⁰² Essas divisões são criadas pelos historiadores.

aspectos físicos, enquanto os teólogos se preocupavam com as questões intelectuais, criando dois campos separados sobre a concepção da maldade, da queda, da tentação de Adão, da natureza corpórea dos diabos.

Podemos, com efeito, perguntar: quem é exactamente o Demónio?, tem um corpo? qual é seu modo de actuação?, como é que ele se desloca?, que aspecto tem?, por que razão desobedeceu ele? É a estas e outras questões que procuram responder os grandes teólogos, com base nas *Escrituras* e nos tratados disponíveis. Os últimos Doutores da Igreja não são unânimes na matéria. Se todos estão de acordo em distinguir o pecado de Adão do de Satanás, já assim não acontece quanto às causas do pecado deste último. Para Lactânico, o Diabo é o irmão mais novo de Cristo. Um irmão que acometido de ciúmes, acabou por encarnar o mal. Desse modo, os dois filhos de Deus encarnam a dualidade do bem e do mal. Este último é necessário, pois como afirma Lactânico, “se não existisse, não haveria perigo e, por conseguinte, a sabedoria não teria onde se apoiar”. Não estamos de facto, muito longe do dualismo. Gregório de Nissa, seguido neste ponto por Ambrósio, Leão e Gregório Magno, supõem que Satanás foi enganado por Deus. Este, em troca dos homens, ofereceu-lhe Jesus. O Diabo caiu na armadilha, porque, na realidade, Jesus triunfou na morte¹⁰³.

Transitando entre o cômico e o temível esses diabos são facilmente enquadrados dentro das diversas divisões sociais criadas pelos autores. O diabo medieval é encarado como um protótipo do assustador Satã da Idade Moderna, período entendido como o laboratório que transformará Lúcifer em um perigo real a ser combatido, abrindo espaço para os tratados demonológicos, a caça às bruxas e a perseguição às heresias.

O pobre diabo tinha concorrentes demais para reinar absoluto, ainda mais porque o teatro do século XII fazia dele uma imagem de paródia ou francamente cômica, retomando o veio popular referente ao Mau ludibriado. Uma tradição originária da literatura irlandesa, sobretudo da *Viagem de São Brendan*, falava até de anjos neutros, que não ficavam nem do lado de Deus nem no do demônio... A figura do diabo adquiriu, de fato, importância crescente a partir do século XIII. Mas as ideias não têm maior força se não seguem a evolução da sociedade. Lúcifer cresce no momento mesmo em que a Europa procura maior coerência religiosa e inventa novos sistemas políticos, preluindo o movimento que vai projetá-la para fora de si, na conquista do mundo, no século XV¹⁰⁴.

Assim, destaca-se, também, uma historiografia que se preocupa em ir além da perspectiva descritiva, para explorar o que se entende como instrumentalização política do personagem. O diabo é encarado pelos autores como um instrumento nas relações de poder. Na Idade Moderna será transformado em motor da Inquisição, como arma necessária para justificar as ações da instituição, dando legitimidade às perseguições, configurando a bruxaria e culpabilizando os hereges.

¹⁰³ MINOIS, *op. cit.*, p. 44.

¹⁰⁴ MUCHEMBLED, *op. cit.*, p. 31.

No seio do próprio cristianismo, os heréticos são considerados como agentes do Diabo. Nos finais do século XIV, a diabolização torna-se uma arma de propagação política contra os inimigos do rei que, muitas vezes, serão apresentados como sustentáculos e cúmplices de Satanás. Veja-se, por exemplo, a questão dos Templários. Transformado como explicação universal de tudo quanto sai fora do comum, ou cria dificuldades ao poder político e espiritual, o Diabo, a partir de então, torna-se uma obsessão permanente da sociedade ocidental. Essa mentalidade, levada ao paroxismo por uma série de catástrofes naturais e políticas sem precedentes, gera uma imensa reação contra todos os supostos agentes de Satanás. Na transição do século XV para o século XVI, a grande caça ao diabo pode, pois, começar¹⁰⁵.

Várias obras aprofundam-se na relação do diabo com a construção das heresias. Esses autores preocupam-se em entender como o diabo medieval, considerado menos temível e mais controlável pelos humanos, foi modificado. A caricatura de um diabo menos poderoso e animalesco se transforma no Satã dos sabás, senhor das feiticeiras que garante poderes sobrenaturais a seus associados. Para muitos historiadores, fica claro que a partir dos séculos XIV e XV o diabo ganha novos poderes.

Seja como for, é evidente que, durante toda a Idade Média, existiu como, aliás, continuou a existir nos séculos subsequentes, uma mentalidade mágica, uma crença difusa na capacidade de certos seres provocarem doenças, impedirem relações sexuais, estragarem as colheitas, agindo sobre a alma das coisas, o *Mana*, graças a conhecimentos ocultos. O que aconteceu perto do final da Idade Média foi a diabolização desses poderes mágicos, que começaram a ser atributos de Satanás, aos olhos de uma opinião pública invadida pelo medo. Os séculos XIV e XV foram, de facto, épocas de grandes catástrofes, nomeadamente, fomes, epidemias de peste de uma amplitude nunca vista, guerras intermináveis, com o seu cortejo de destruição e de atrocidades praticadas por mercenários, insegurança permanente, inflação, vagabundagem, retorno ao pousio de campos e avanço das florestas, disputas religiosas que espalham à sua volta desorientação, ansiedade e pessimismo. Todos estes cataclismos ocorreram em sociedades em que o clero é menos numeroso precedentemente, humanamente medíocre, acreditando nas mesmas superstições em que crêem as classes populares¹⁰⁶.

A obra, “Pensando com demônios”, de Stuart Clark é uma importante referência nos estudos sobre o diabo.¹⁰⁷ Embora o autor analise principalmente o período moderno, sua visão é importante para compreender a transformação do diabo a que se referem muitos autores. Este trabalho tem a intenção de analisar a atuação do diabo numa perspectiva política. A relação do diabo com o poder, como já referimos, aparece na historiografia, mas de forma diferente, pois os agentes infernais são instrumentalizados pelos homens, para alcançar fins específicos. Na proposta de Stuart Clark, os diabos são ferramentas para legitimar a Inquisição, moldar os comportamentos, arma contra inimigos políticos, contra

¹⁰⁵ MINOIS, *op. cit.*, p.64.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 92.

¹⁰⁷ CLARK, Stuart. *Pensando com demônios: a idéia de bruxaria no princípio da Europa Moderna*. São Paulo: Edusp, 2006.

os hereges, para culpar os povos inimigos como os mulçumanos e os judeus, e condenar práticas pagãs.

Nada foi mais familiar que este conceito de bruxaria como anti-religião. Mas havia um outro aspecto da ironia demoníaca não menos significativo para os valores culturais da jovem Idade Moderna. Aqui, as aparências eram da ordem social e institucional, e a realidade era uma desordem forjada pela desobediência e a tirania. Novamente, isto pode ser chamado de "político", contanto que se preserve as conotações mais amplas do termo. Pois a inversão demoníaca era inseparável, em primeira instância, de noções de rebelião arquetípica e pseudo-monarquia. A presunção original do diabo prefigurava todo ato de resistência subsequente; ele era Belial "que significa", escreveram os autores de *Malleus maleficarum*, "Sem Jugo nem Amo". Era sua política, disse outra autoridade em bruxaria, "sempre contestar e se opor à obediência, provocar ódios e revoltas contra superiores e governantes". O estilo de seu governo no inferno era, como explicava Erasmo, um modelo para todos aqueles cujas intenções políticas e morais eram mais diferentes das de Deus. Naturalmente, algum tipo de sistema poderia ser descrito ali, e não havia a menor dificuldade em defender tanto a existência de distinções entre demônios como sua necessidade de mantê-las. O próprio inferno, dizia James I, não poderia subsistir sem ordem¹⁰⁸.

Portanto, o autor propõe-se a analisar o diabo sob uma visão política, na qual, embora o personagem não perca protagonismo, é redimensionado pelo protagonismo dos poderosos que se lhe associam. Na obra de Stuart Clark, percebe-se que o diabo aparece como um senhor, uma inversão de Deus, característica importante para sublinhar o perfil de seus seguidores; o estilo de governo infernal é uma inversão do sistema divino. Se Deus tinha seus seguidores fiéis, o diabo também contava com servos, aspecto que seria fundamental para institucionalizar a bruxaria. O diabo de Clark tem seu protagonismo reelaborado pela Inquisição, na medida em que se transforma em agente instrumentalizado pelos homens e utilizado como mecanismo de manobras políticas. Também para o historiador Alain Boureau, o diabo adquire protagonismo no final do século XIII, e é uma figura importante na criação de novas heresias. Se Clark enxerga a consolidação do diabo moderno como instrumento inquisitorial, Boureau entende que o personagem se estende além da esfera eclesiástica, passando a ocupar também o campo político-jurídico laico.

O período da "virada demoníaca" (1289-1330) coincide com um momento de viva tensão entre os poderes espiritual e secular, entre o papado e as monarquias. Os elementos de uma perseguição pública dos adoradores de demônios podem ser facilmente identificados nesse contexto de violência institucional e ideológica, que culmina com a captura do papa Bonifácio VIII pelas tropas de Felipe, o Belo em Anagni em 1303. A presença de Satã ao lado de uma ou de outra parte dá lugar a procedimentos jurídicos especializados e a grandes *affaires*¹⁰⁹.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 128.

¹⁰⁹ BOUREAU, Alain. *Satã Herético*. O nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330). Tradução de Igor Salomão Teixeira. Campinas: Editora UNICAMP, 2016.

A imagem do diabo e sua caracterização são entendidas nessas obras, principalmente, em torno da concepção teológica que fundamentou a invenção do diabo moderno. A proposta desses autores não é analisar a atuação do diabo propriamente dita, e são raros os casos em que ele aparece como protagonista, salvo para exemplificar as modificações que possibilitaram a institucionalização das novas heresias. Assim o faz Alain Boureau, por meio da análise da *Suma Teológica*¹¹⁰, com o intuito de compreender o protagonismo dado ao personagem a partir do século XIII, tornando-o mais cruel e detentor de novos poderes¹¹¹.

Por exemplo, Stuart Clark explora a atuação demoníaca, mostrando que seus poderes eram de cunho natural, e que não eram classificados como magia sobrenatural¹¹². Suas interferências mundanas produziam alterações climáticas, faziam animais falar, moviam objetos, perturbavam sonhos e mudavam a aparência das coisas. Esses poderes do diabo, assim apresentados, fundamentam a construção dos novos padrões da demonologia.

Na esteira dessas abordagens, que destacam as formas pelas quais as instituições cristãs lançaram mão do mal e do demônio para fortalecer seu próprio poder, cita-se o trabalho de Muchembled:

A acentuação do medo do inferno e do diabo tem, provavelmente, por resultado um aumento do poder simbólico da Igreja sobre os cristãos mais atingidos por estas mensagens. Jérôme Baschet evoca, com razão, um mecanismo de inculpação individual mais intenso, que não é exatamente um cristianismo do medo, mas um movimento que impele o crente a superá-lo e a reassegurar-se seguindo, mais do que antes, as vias que lhe são traçadas. Arma para reafirmar em profundidade a sociedade cristã, a ameaça do inferno e o diabo aterrador serve como instrumento de controle social e de vigilância das consciências, incitando à transformação das condutas individuais¹¹³.

A imagem de Lúcifer como instrumento de controle da igreja católica sobre os fiéis é um dos tópicos mais recorrentes da historiografia, inclusive no Brasil. Para Thalles Rezende, o diabo era utilizado como mecanismo de consolidação do poder.

Com as suas representações diabólicas, cada um dos autores [Gonzalo de Berceo e Juan Gil de Zamora] tentava atender interesses institucionais em um sentido pastoral, isto é, almejavam a correção do comportamento de leigos e eclesiásticos, estes últimos em especial. Berceo usava o didatismo das suas narrativas para a correção moral dos monges, mostrando-lhes o que o Diabo poderia fazer com os que fossem indisciplinados. Gil realçava como as vidas clerical ou monástica estavam comprometidas devido aos maus comportamentos

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 115.

¹¹¹ Esta constatação é feita pelos autores e sustenta a tese de suas obras.

¹¹² CLARK, *op. cit.*, p. 222.

¹¹³ MUCHEMBLED, *op. cit.*, p. 36.

daqueles que as praticavam, que inclusive os deixavam expostos às tentações e investidas diabólicas¹¹⁴.

A historiadora Tereza Rocha também ressalta esse papel, detalhando as características que o diabo assume na literatura de milagres:

Portanto, os demônios podem tomar outras formas de duas maneiras: solidificando seus corpos feitos de vapor, dando-lhes a forma que quiserem ou tomando os corpos de cadáveres, que são imperfeitos, já que são frios e se desfazem facilmente - além de exalarem fedor... Mas, na verdade, qual seria a verdadeira forma dos demônios? Jacopo de Varazze dá algumas pistas a este respeito. Os demônios são negros: por diversas vezes eles são descritos como sendo "negros como etíopes"... Identificado com o vazio, com a noite e as trevas, assim como com o mundo subterrâneo, e em última instância com a morte, e que, não obstante, se contrapõem a brancura e a luz, um dos signos mais relevantes das divindades positivas e, claramente, do próprio Deus, a cor negra de forma muito incisiva aparece como uma das características dos demônios.¹¹⁵

Os diabos têm suas características físicas destacadas, mas também suas habilidades para disfarçá-las; eles possuem uma aparência verdadeira, negra, como inversão de Deus. Tereza Rocha analisa o papel da figura diabólica na pregação dominicana e, como os autores anteriores, sublinha como ela será importante na consolidação do poder e da eficácia desse discurso.

A pedagogia dominicana sobre as criaturas do mal se baseia no fato de que estas não interferem no livre-arbítrio do homem, atuam com o objetivo de corromper a alma humana, mas o único responsável pelo seu pecado é o ser humano. Assim, tem-se a insistência em um discurso voltado para o pecador, que constitui os três elementos principais: o arrependimento, a confissão e o perdão¹¹⁶.

A historiografia até aqui apresentada analisa a imagem e o papel do diabo medieval, principalmente, com dois objetivos. O primeiro tem o intuito de mostrar que antes do século XIII o diabo não se constituía como personagem temido e que havia uma diferença entre a forma como o povo o entendia, jocosa e caricatural, e a maneira como os pensadores eclesiásticos falavam dele. O segundo objetivo é aprofundar as estratégias e as mudanças que permitiram que o diabo fosse instrumentalizado, a partir do século XIII, nas lutas pelo poder. Portanto, ambas as abordagens, de alguma forma, inserem-se nos estudos do campo do político. Nesta dissertação, cujo principal interesse é também aprofundar aspectos

¹¹⁴SILVA, Thalles Braga Rezende Lins. *Versipellis Diabolus: um estudo comparado das representações diabólicas nos Milagros de Nuestra Señora de Gonzalo de Berceo e no Liber Mariae de Juan Gil de Zamora*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013, p. 107.

¹¹⁵ ROCHA, Tereza. *As criaturas do mal na hagiografia dominicana - Uma pedagogia do século XIII*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011, p. 151.

¹¹⁶*Ibidem*, p. 194.

políticos, pretende-se, entretanto, mostrar a importância de compreender a atuação do diabo como parte do modelo político que o engendrou e que é bastante claro nas narrativas de milagres. Nesse sentido, a imagem do diabo surge muito mais complexa e matizada do que comumente se apresenta. De fato, das narrativas emerge um diabo que é um ser político, um ator que se envolve em disputas de poder, sujeito às dinâmicas típicas da época.

1.2 O diabo sábio e promotor da justiça divina

O diabo das narrativas de milagres ibéricos é uma criatura complexa que assume diversas formas e possui várias características, como evidenciam os adjetivos utilizados para descrevê-lo e as situações em que se envolve com suas vítimas. Os diabos possuem um amplo campo de atuação que é reforçado por sua constante metamorfose.

A complexidade diabólica sobrepõe-se à simplicidade caricatural, bem como a diversidade das relações com as demais personagens que povoam as narrativas impede a generalização. A própria definição sobre o diabo, com base nas fontes, requer que o historiador considere muitas facetas e variáveis. Inicialmente, compreende-se que ele é mau e vil, tendo a maldade como marca primordial. Mas suas ações atendem a uma ampla pluralidade de funções, o que impede reduzi-lo a uma visão dualista. Entre suas atribuições destaca-se a de tentador, de promotor, de vassalagem a Deus e, até mesmo, aos homens. Outro aspecto que define suas atuações é o imenso esforço que emprega para realizar as tarefas para as quais está votado.

O medo, como se viu na historiografia, é outra característica associada ao diabo. O mal que ele representa é uma advertência para a humanidade, embora esse aspecto não seja suficiente para explicar a amplitude de seu papel nos *corpora* analisados. O temor ao diabo é uma questão recorrente, por exemplo, nas *Cantigas de Santa Maria*. Frequentemente, a narrativa lembra que o medo enfraquece os homens e deixa-os suscetíveis às artimanhas dos demônios. Existem passagens em que se alerta sobre o perigo do desespero; somente a fé em Deus e em Santa Maria salva dos demônios. O medo extremo é visto como sinal da perda da fé, pois o desespero frente às ações do diabo significa esquecer que Deus e seus santos são mais fortes e podem vencê-lo. Assim, cair em desespero é o quarto tipo de tentação mais citado. São comuns os casos em que diante da aparição do diabo, basta rezar

e pedir auxílio à Virgem, a qual socorre os suplicantes, como um recordatório de que o bem deverá vencer o mal. Outro exemplo dos frequentes avisos sobre o perigo do desespero é observado na Cantiga 272: " *Que quand' en desasperança nos quer o demo mayor meter, ben ali nos mostra ela merce' e amor por que non desasperemos, e porend'atal sennor devemos mais d' outra cousa senpre servir e loar...*"¹¹⁷. Nesta passagem fica claro que a estratégia do diabo para enfraquecer os cristãos é aterrorizá-los para enfraquecê-los. E, pela forma como se sublinha o correto serviço e louvor à Virgem Maria, subentende-se a vassalagem pecaminosa que se estabelece com o diabo, por meio do desespero. O louvor aos santos configura-se como antagonista ao desespero, o escudo necessário para não ceder às artimanhas demoníacas.

Em *Los Milagros de Nuestra Señora* e no Ms 01 OBR/BCE/UnB não se registra esse tipo de aviso claro sobre o perigo do medo, mas por outras vias muitos homens caem em tentação por seguirem o conselho do diabo e se afastarem de Deus. Monges são enganados e abandonam a vida santa e alguns jamais recobram seu estado anterior, morrendo no pecado. O diabo é compreendido como astuto e sábio, e, para impedir suas artimanhas, não basta temê-lo, é necessário conhecer seu poder e ter fé em Deus e nos seus santos. O medo impede que a fé se manifeste e impeça a percepção necessária para o reconhecimento das forças diabólicas. O diabo aparece com disfarces elaborados, o que demanda do cristão lucidez para desmascará-lo, uma tarefa que costuma ser executada por santos e religiosos.

De qualquer forma, importa sublinhar que, embora o medo seja um elemento presente na narrativa, a importância recai sobre a fé e a necessidade se manter alerta para escapar das artimanhas do diabo. Claramente, o medo não é a resposta às tentações. A fé é apresentada como o instrumento fundamental para escapar do fogo infernal, e a atenção do homem deve recair sobre Deus, respeitando-o e louvando-o, e, não, sobre o diabo. Despender muito tempo pensando nos espíritos malignos, com medo deles, seria uma forma de atraí-los e de se tornar suscetível a suas artimanhas. Ao contrário, o cristão é orientado a se fortalecer no amor a Deus. O temor não deve ser do inferno, mas de perder as graças do Criador e de ser abandonado por ele. Portanto, deve-se temer a Deus, mas não de modo desesperador, apenas como a autoridade a ser respeitada, como figura central de todo

¹¹⁷ CSM, p. 580.

universo. Em uma passagem do Ms 01 OBR/BCE/UnB, um bispo dá vários conselhos a um discípulo, e entre eles ensina como não se entregar ao inimigo.

Quinto mandado/ E o Bispo er fez sa oraçõ. E de pos er/ disselhi sey de largo coraçõ e de/ sesudo e assi te assenhorarás e uençeras/ toda maldade. Ca se fores largo coraçõ,/ ho espiritu que he em ti será limpho e nõ po/ derá seer triste nem lixoso. E seeras sempre ale/gre e sofre todo com lediça. E se alguem quiser/ seer coraçuuado em todalas cousas e sanhu/do, logo o desampará o espiritu sancto porque pe/cou e se moueu rafecemente. E o que se nõ/ quer quitar de mãos feytos e de maaos spiritus/ nõ hauerá limpho logar a sa uoontade e par/ tirsá de serviço de Jhesu Christo e de sa morada/ e o uaso ficara uazio, pero he cheo de mão/ spiritu. E se o maaos espiritu entrar no ho/ mem, ja tã pouco nõ pode seer que nom/ confonda todo.../ A grandeza do coraçõ logo da p/ rimeyra he sandia e leve e desto nace san/ dice e da sandice amargura e da amar/ gura grandeza e soberuha de coraçõ. E destas/ nace sanha e da sanha se faz renembrança/ de maldade. E por estas cousas todas se/ estrengue a alma e sal dela pecado que se nõ/ pode saar. E hu taaes spiritus son, em huũ/ vaso nõ cabe hi Deus com eles, mas partesse/ daly e entra hu acha mansidõe e fol/ gança e daly onde se ele parte entram/ os maaos spiritus que os fazem errar em todos/ seus feytos. Ora conheces bem quanto mal uem/ ao que nõ ha largo coraçõ. Ergo partete/ desto e havy largueza de coraçõ e seeras/ amigo de Deus. E cata como te nõ escaesca/ este mandado. Confortate e havy largue/ za de coraçõ e viveras com Deus por sempre.¹¹⁸.

Ser largo de coração, portanto, possibilita que a presença de Deus se instale, e que se enfrentem as dificuldades com alegria, com calma, pelo amparo da divindade. Mas se o homem for irado ficará desamparado, pois Deus abandonará sua morada, a qual rapidamente será tomada por diabos. Essa passagem também chama a atenção para um certo tipo de “grandeza de coração”, compreendida como soberba e vaidade. A orientação é enfrentar as situações de forma contida, fortalecendo a fé em Deus, sem medo exagerado. Embora o Ms01 OBR/BCE/UnB seja datado do século XIV, momento que alguns estudiosos apontam como o do nascimento do diabo cruel, que causava aflições, nesta narrativa prevalece a visão que se preocupa com o medo excessivo e orienta os homens a revigorar a fé. Os diabos somente se apossam dos corações que não estão preenchidos por Deus; eles não podem se apossar de uma morada que já tem dono. Essa particularidade também alude à culpa pelo pecado, os diabos só conseguem tentar e preencher o coração dos que permitem a sua entrada¹¹⁹. Sobre o temor a Deus e aos diabos há ainda outro mandado:

¹¹⁸ Ms 01 OBR/BCE/UnB, f. 9v.; MACHADO FILHO, *op. cit.*, p. 91.

¹¹⁹ A importância da virtude de coração aparece também na *Legenda Aurea*, de Jacopo de Varazze. Na narrativa da vida de Santa Margarida o autor destaca: “Do mesmo modo, a beata Margarida teve a virtude da constância contra a efusão de sangue em seu martírio; teve virtude contra as paixões do coração, isto é, contra a tentação do demônio, que foi vencido por ela; teve virtude para confrontar o

Do temor de Deus em boas obras. VIIº mandado

De pois desto er fez o bispo sa oraçõ e di/ sselhi ascuyta oseptimo mandado./ Primeyramente ti digo que antre todas/ cousas temas Deus e guarda seus manda/dos. Essey esforçado entodos teus boos fey/ tos assi que outri nõ possa posfaçar de/ ti. Ca se tu temeres nostro senhor asse nhorartas do enmiigo ca nõ ha en el/ uertude nem temor. E aquel em que gloriosa/ uertude está temi em tas obras./ Ca todo homem que ha uertude temor ha/ en ele eo enque nõ ha uertude todolos/ despreçam e o desamam. Conselhamte chaa/ mente que temas as obras do enmiigo e/ fuge delas en tal que nõ faças, ca muy/ to som maaos, ca otemor de Deus dobre he./ E quando nõ quiseses fazer prazer ao enmiigo/ teme Deus e nono fayras, ca o poder de Deus he /grande e glorioso. Pois temyo e guarda seus/ mandados. Ca oque semelha que teme Deus/ e nõ guarda seus mandados, aqueles se enga/ na esse decebe. Pois temyo tu e fazy/ seu mandado e uiuerás por sempre.¹²⁰ :

Nesta passagem o aviso é mais claro: reserva-se o temor a Deus. O bispo orienta o pupilo a temer as obras do diabo, ser receoso com as artimanhas dele para desencaminhá-lo e aconselha-o a temer Deus em dobro, como forma de se proteger do inimigo. O poder de proteção oferecido por Deus aos seus fiéis se estende a todos aqueles que o temem e respeitam, ou seja, os cristãos devem seguir os mandamentos e a palavra do Criador. A orientação contida nesse fragmento esclarece sobre a relação que se estabelecia entre o medo do cristão ao diabo, tão explorada pela historiografia. Na boca do bispo, ou seja, um representante da igreja, a mensagem é clara quanto à primazia e fonte de inspiração adequada do temor. Antes de pensar no diabo e de se preocupar com seus truques e suas tentações é necessário pensar em Deus e respeitá-lo como autoridade capaz de proteger os homens. A mente do fiel deve se concentrar nos ensinamentos divinos. O bispo afirma que o temor a Deus não causa prazer ao inimigo, e que temer demasiadamente o diabo é uma forma de satisfazê-lo, por lhe demonstrar até que ponto ele tem poder e influência. Temer alguém é uma forma de reconhecer o seu poder, e quando o homem teme a Deus reconhece o poder divino e sua influência, mas, quando faz o mesmo em relação ao diabo, dá-lhe poder, reconhecendo-o como autoridade.

Os diferentes tipos de tentações usadas pelo diabo revelam o empenho dedicado à execução de suas tarefas, bem como o conhecimento que ele tem de seu ofício. Além de tentar as vítimas e desencaminhá-las os diabos conhecem o coração dos homens e percebem os tipos de pecados que melhor se adéquam a cada caso, portanto, aqueles que

espírito por meio da doutrina com a qual fortaleceu o coração de muitas pessoas convertendo-as à fé em Cristo”. VARAZZE, *op. cit.*, p. 535. São muitos os fatores em comum dessa passagem com o Ms 01 OBR/BCE/UnB. Em ambos se evidencia a necessidade de ter um coração virtuoso, ou largo. A fé e a doutrina de Deus são descritas como formas de fortalecer o coração e de escapar do diabo.

¹²⁰ Ms 01 OBR/BCE/UnB *f. 10v.*; MACHADO FILHO, *op. cit.*, p. 92.

têm mais chance de sucesso. Os adjetivos atribuídos ao personagem vinculam-se à tipologia das ações, sendo o mais abrangente, maléfico, frequentemente complementado por astuto e sábio. Conhecer os homens e esforçar-se para desempenhar corretamente a função para a qual foi criado são ações que demonstram o compromisso do diabo: tentar os cristãos para que se opere a separação entre os que merecem e os que não merecem subir aos céus. É importante ressaltar que foi Deus quem, após a queda, vinculou o diabo à maldade, como punição e missão. Lúcifer e sua horda devem estimular a maldade no mundo, para que ela se manifeste e possa ser identificada no comportamento daqueles que não são merecedores da salvação divina. Aos anjos de luz e aos santos compete o trabalho contrário: uma vez identificada a maldade, intervir para que ela seja revertida e o bem vença. Portanto, uma atuação que os coloca em rota de colisão com os diabos, como rivais. Esta dinâmica essencial, entre dois polos sobrenaturais antagônicos, é certamente a causa que leva certa historiografia a elaborar uma interpretação dualista e dicotômica sobre o tema. De qualquer forma, é importante lembrar que nas narrativas de milagres que relatam as disputas entre esses polos Deus jamais se enfrenta ao diabo. Ele é o juiz supremo que diz a justiça da causa.

Se esforçar para desencaminhar os homens é obedecer a Deus e reconhecer sua autoridade. O empenho do diabo evidencia a dedicação com que ele serve ao Criador, por meio de ações levadas a cabo com ardor, como nos casos em que não poupa argumentos para provar que determinada alma lhe pertence por direito divino. Tal situação é visível, por exemplo, em um milagre das *Cantigas de Santa Maria*.

A Reynna groriosa / tant' é de gran santidade,/ que con esto nos defende / do dem' e da sa maldade./ E de tal razon com' esta / un miragre contar quero/ que fezo Santa Maria, / aposto e grand' e fero,/ que non foi feito tan grande / ben des lo tempo de Nero,/ que emperador de Roma / foi, daquela gran çidade./ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ Ond' avo que un ome / mui poderos' e loução,/ sisud' e fazedor d' algo, / mais tant' era bon crischão,/ que tod' ele por Deus dava / quanto collia en mão,/ ca de todas outras cousas / mays amava caridade./ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ E por mellor fazer esto / que muit' ele cobiiçava,/ un espital fezo fora / da vila u el morava,/ en que pan e vinn' e carne / e pescad' a todos dava,/ e leitos en que jouvessen / en yvern' e en estade./ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ E como quen á gran coita / de compri-lo que deseja,/ ele mançebos collia / ben mandados, sen peleja,/ que aos pobres servissen; / **mais o demo con enveja/ meteu-s' en un corpo morto / d'ome de mui gran beldade.**/ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ **E vo pera el logo / manss' e en bon contenente,/ e disse: «Sennor, querede / que seja vosso sergente,/ e o serviço dos pobres / vos farei de bõa mente,/ pois vejo que vos queredes / e fazedes y bondade;»**/ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade... / E ssequer o meu serviço / averedes en dõado.»/ Quando ll' om' oyu

aquesto / dizer, foy en muy pagado;/ e demais viu-o fremoso, / apost' e ben razõado,/ e cuidou que non andava / senon con gran lealdade./ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ **En esta guisa o demo / cho de mal e arteiro/ fez tanto que o bon ome / o fillou por escudeiro;** e en todos seus serviços / a el achava primeiro,/ dizendo-lle: «Que queredes, / sennor? A min o mandade.»/ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ Tanto lle soub' o diablo / fazer con que lle prouguesse,/ que nunca ll' ele dizia / cousa que el non crevesse;/ demais **non avia ome / que o atan ben soubesse/ servir** sempr' en todas cousas / segundo sa voontade./ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ E porende lle fazia / amude que caçasse/ enas montannas mui fortes, / e eno mar que pescasse;/ e muitas artes buscava / per que o algur matasse,/ per que ouuess' el a alma, / e outr' ouuess' a erdade./ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ En tod' est' o ome bõo / per ren mentes non metia,/ e poren de bõa mente / u ll' el consellava ya;/ mais quando se levantava, / ha oraçon dizia/ da Virgen mui groriosa, / Reynna de piedade./ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ E por aquest' aquel demo / que ll' andava por vassalo/ neun poder non avia / per nulla ren de mata-lo;/ e pero dia nen noite / non quedava de tenta-lo,/ macar lle prol non avia, / por mostrar sa crueldade./ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ Desta guisa o bon ome, / que de santidade cho/ era, viveu mui gran tempo, / trões que un bisp' y vo/ que foi sacar ao demo / logo as linnas do so,/ como vos contarei ora; / e por Deus, ben m' ascuitade:/ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ Aquel bispo era ome / sant' e de mui bõa vida,/ e mui mais religioso / que sse morass' en ermida;/ e por aquesto o demo / tanto teme u sa vida,/ que disse que non podia / servir por enfermidade./ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ Ond' avo que un dia / ambos jantando siian/ e que todo-los sergentes, / foras aquele, servian;/ preguntou-lles o bon ome / u era; eles dizian/ que y servir non vera / con mingua de sãydade./ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ Quand' aquest' oyu o bispo, / preguntou-lle que om' era./ E ele lle contou todo, / de com' a ele vera/ e como lle lealmente / sempre serviço fereza./ Diss' o bispo: «Venna logo, / ca de veer-l' ei soydade.»/ A Reynna gloriosa, / tant' é de gran santidade.../ Enton aquel ome bõo / enviou por el correndo./ **Quand' esto soub' o diabo, / andou muito revolvendo,/ mais pero na çima vo / ant' eles todo tremendo;/ e poi-lo catou o bispo, / connoçeu sa falsidade.** A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ E diss' ao ome bõo: / «Deus vos ama, ben sabiades,/ que vos quis guardar do demo / falss' e de sas falsidades;/ e eu vos mostrarei ora / com' est' om' en que fiades/ é demo sen nulla dulta, / mais un pouco vos calade./ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ E enton diss' ao demo: / «Di-me toda ta fazenda, / por que aquesta companna / todo teu feito aprenda;/ e eu te conjur' e mando / que a digas sen contenda,/ per poder de Jesu-Cristo, / que é Deus en Tridade.»/ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ Enton começon o demo / a contar de com' entrara/ en corpo dun ome morto, / con que enganar cuidara/ a aquel con que andava, / a que sen dulta matara,/ se a oraçon non fosse / da Madre de caridade:/ A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade.../ «Quand' el aquesta dizia, / sol non era eu ousado/ de lle fazer mal niu.» / **E pois est' ouve contado,/ leixou caer aquel corpo / en que era enserrado,/ e esvãeçeu ant' eles, / como x' era vãydade.** A Reynna gloriosa / tant' é de gran santidade...¹²¹.

Nesta cantiga, é evidente o esforço do diabo para se aproximar e se apossar do “bom homem”. A virtude da vítima – homem caridoso e bom cristão - dá a dimensão do desafio: desencaminhá-la será um trabalho árduo. Como estratégia de aproximação, o diabo escolhe o corpo morto de um jovem com bela aparência e, depois de encarnado, oferece-se como

¹²¹ CSM, p. 165.

vassalo ao senhor virtuoso. Portanto, a vaidade e a soberba, típicas do comportamento demoníaco, não impedem que ele assuma características humildes e se prontifique a servir um homem. De forma ainda mais radical, absolutamente contrário à sua índole, o diabo faz obras de caridade em nome de seu novo senhor. A narrativa apresenta-o como sábio e profundo conhecedor dos sentimentos humanos, a ponto de conseguir que o senhor o tornasse seu escudeiro. Embora a vítima fosse suscetível aos conselhos do vassalo demoníaco, o trabalho deste foi longo e árduo, pois o senhor também se encomendava à proteção da Virgem Maria, o que anulava os esforços do diabo. A interferência do bispo no enredo desmascara o engano e livra o cristão do pecado.

A narrativa destaca diversas características importantes referentes ao diabo. A primeira, e de grandes implicações políticas, é o fato de que ele somente pode ser desmascarado por outro ser igualmente sábio e astuto: um homem religioso. Por mais que a vítima fosse boa e caridosa, são necessários outros atributos para identificar o mal, e o bispo tem essa capacidade, recorrendo ao conhecimento inerente à sua função para identificar a emboscada. Ele desconfia das ações do vassalo, e pela história percebe algo estranho. Pede, então, para vê-lo, mas o diabo havia se escondido, pois conhecia a fama do bispo e sabia de antemão que seria desmascarado. A segunda característica é a sua impotência frente a vítimas que sejam virtuosas e com forte devoção mariana, o que funciona como escudo contra as suas investidas, exigindo-lhe maior esforço. O agente infernal viveu durante anos ao lado do senhor, tentando desencaminhá-lo, mas não o consegue. Assim, nesta narrativa, o diabo não é bobo e grotesco e tampouco aterrador e cruel, como nos exemplos mais comuns da historiografia. Ele é uma criatura má, que se submete a um vínculo vassálico, e age com afinco para cumprir sua missão eterna de desencaminhar as almas, mas tem a sabedoria necessária para perceber quando seus planos fracassam.

A função de tentador é outro aspecto destacado. O diabo acompanha o “homem bom”, sem perder oportunidades para tentá-lo, esperando que ele fraqueje. Porém, há outras funções que se registram no milagre. Quando o bispo se encontra com o diabo, exige-lhe que conte seus feitos: “Diz-me tudo que fizeste para que esta audiência conheça todos os teus feitos e eu te conjuro e mando que o digas sem discussão pelo poder de Jesus Cristo que é Deus em trindade”. O diabo obedece, revela seu plano e como trabalhou arduamente

para enganar o senhor. Quando o bispo evoca o nome de Deus, o diabo não tem alternativa, senão confessar seus feitos, assumindo a função de vassalo de seu senhor celeste. Destaca-se, assim, a multiplicidade de papéis e personas jurídicas que ele assume, cuja variedade se tornará mais evidente no conjunto desta dissertação: senhor, vassalo, tentador, promotor, defensor. Algumas vezes, esses papéis e funções podem ser concomitantes, a depender da situação e das estratégias.

O esforço do diabo para desencaminhar as almas aparece de muitas formas. Ora na dedicação contínua, ora no poder de persuadir e corromper a alma dos fiéis. Uma ação eficaz e certa como se depreende do segundo milagre, registrado no Ms01 OBR/BCE/UñB.

Era hũn monge que mo/ rava en este heremo acabo de nos enhũa Coua./ Homen de grande esteença e de gran coraçõ assy/ de diia come de noyte e comprido de muytas/ uertudes. E quando comia todo o gaanhaua ca/ da dia per t/ reaballo dessas mãos. Eel faz/ endo tal vida que era a serviço de Deus e a gran prazer/ daqueles qye o conhociam sobreuhecendo come/ çou aconfiar dessi meesmo e nõ gracua a Deus so/ lamente a boa uida que fazia mais assi mees/ mo ca cuydaua que per seu trabalho e per seu bõõ en/ tendimento ueera ele afazer atã bõõa uida e/ pois oenmiigo entendeu esta sobervha que ele en/ seu coraçõ auia trabalhouse delhi armar la/ çõ perqueo derribasse do estado enque uiuia. Ca/ huũ dia encontra anoyte uyo hũa molher muy/ frenosa andar per esse ermo come errada e fazen/ dosse ela muy cansada por gran trabalho que ouera/ no caminho ueo aapor/ ta da Coua enque moraua aquel monge e pediulhi por Deus qyekgu abrisse aoirta e qyea recebesse dentro. E poislhi ele abriu/ a porta deytousse a seus pees e disselhi eu molher mal aentrata andando meu caminho per este hermo colheune aqui anoyte. E porque temo/ que lobo ou ussos ou leões ou outras/ bestas feras que pelohermo andam me con/ nam se me acharem fora do pobrado peçoti polo amor de Deus queme leixes esta noyte fol/ gar encanto daquela te Celezia. E ele mo/ uendosse primeiramente por misericordia fazer/ recebeoa dentro na Cela ecomeçoulhy/ a demandar que razõ fora aquela que a mouera pra an/ dar assi soo peraquel hemo. Eela deulhi muy/ bõa razõ conqueo apagou een tanto contandolhi como era mesquiha cousa e fraca e quesse nõ/ podia deffender selhi alguem algũ escarnho/ qyusesse fazer. Tanra era abõa palaua e faaguey/ ra perque lhi fezia esto eoutras muytas cousas/ quelhi amolgou todo osseu coraçõ. E todo o fir/ me propoymento que tiinha pera servir a Deus perdeo e começou affalar com ela muyto affetada/ mente e nõ ja come monge e começarom atrebe/ lhar e a rir ea escarnecer. E ela poynhalhi as m~aos pelas brauas e pelo rosto edaua aentender quelho fazia por reuerença grande/ do estado que tiinha. Que yos direy mais aa pos cima aquela molher mesquinha atiuou o / caualeiro mesquinho a Jesus Christo e nõsse nembrando/ dos trabalhos grandes que ante leuara en seruiço de/ Deus nensse nembrando da prosiddon que dezera nen do boo/ propoymento que sempre ouera pera fazer bem esten/ deu seus braços equis mal fazer sa fazenda con ela/ eela pois esto uio de hũũ auho muyto/ espantoso e fugio dantre sas mãos bem come uento e assio leixou congrande escarnho. Entõ/ gran companhia deimigos que estauam no aar foron/ juntados pera ueer aqieste escarnho que hũũ deles/ fezera aaqieste monge começarom a braadar contra ele/ e aescarnecer muyto dele e dizer e nõ hes tu aquel que tanto coniauas deti que perta soberuha te alç/ uas ata o çeo e comote amergisti ora tã/ muyro que jazes chantado no inferno. Aprend/ di hora ca disse nostro senhor no avangelho quem se quer eyxalçar

abayxaloã e quense quer/ hunildar eyzalçaloã. E de pois todo esto/ o mesquinho do monge tornou tal come san/ deu e nõ podendo soffrer auergonha do enga/ no quelhi oamiigo fazera ele enganou si me/ esmo muy peor que oemiigo anganara./ Ca hu el deuera a fazer peendencia do consentimen/ to que ouuera pera fazer maldade de seu cor/ po e quebrantar a ssoberuha oir queo Deus leixa/ ra viir aa tã grande escarnho per muytos/ gimidos e per muytas lagrimas e per obras de/ grande hunildade nono fez assi mais des/ aperando e desconfiando de Deus e dos seus sanctos/ mereu oseu coração en muyta luxuria/ e en muyta maldade e tornou pera osse/ gre e fezesse prea e aliaua dos emiigos. E hu que uiia homens sanctos e de bõa ui/ da fugia ante eles, pera nono rogarem nem/ lhi preegarem que se tornasse ao estado boo que/ leyzara. Ca certamente sesse ele quisera tor/ nar pera seu estado e fazer peendencia de seus/ pecados cobrar ologar e agraca de Deus/ que perdera.¹²².

Tal como no milagre analisado anteriormente, o diabo se empenha para conquistar a alma de um homem virtuoso. O monge vivia sozinho em um lugar ermo, praticando suas virtudes com imensa dedicação. Depois de estudar o coração do homem, o diabo decide a estratégia da emboscada. A astúcia é um elemento importante para compreender este milagre, pois foi por meio da sabedoria que o inimigo conseguiu desencaminhar o cristão, levando-o a sucumbir à tentação. A mulher que viaja sozinha à noite é a isca ideal para fisgar o monge e obrigá-lo a abandonar a vida santa. Mas a elaboração do plano permite identificar outra função do diabo: além de tentador ele é também promotor.

No momento da queda, quando Deus sentencia o diabo ao inferno, ele é incumbido de apontar as falhas dos cristãos, acusando aqueles que não merecem ser salvos. O promotor do gênero humano deve conhecer as fraquezas de suas vítimas para apontá-las no tribunal celeste. A sabedoria e o conhecimento são qualidades essenciais para uma acusação eficiente. Dessa forma, o diabo usa sua experiência para perceber que o monge, apesar das virtudes aparentes, é soberbo. Com efeito, a chegada da visitante aflora a soberba do monge que toma o lugar da santidade e o leva a pecar. O trabalho da promotoria é executado pela “companhia de inimigos” que aparecem no ar, gritando contra o monge e acusando-o pelo erro: “Aprende agora, pois disse Nosso Senhor no Evangelho “quem se quer exaltar abaixá-lo-ei e quem se quer humilhar exaltá-lo-ei”. Os diabos conhecem o Evangelho e utilizam seu conteúdo como autoridade legitimadora da acusação. A soberba, que define a tentativa do cristão de se tornar superior a Deus, na perspectiva da narrativa rebaixa o soberbo ao nível dos diabos, e no fim da história o abade Agatom conclui que o monge tornou-se presa e aliado dos inimigos. O homem que peca pode ser absolvido se

¹²² Ms01 OBR/BCE/UnB, f. 44.; MACHADO FILHO, *op. cit.*, p. 158.

cumprir penitência e se arrepender de maneira sincera. O abade Agatom afirma que o monge poderia voltar a seu antigo estado, mas não quis, pois se afundou no pecado. Quando os diabos aparecem, acusando o pecador, eles desencadeiam o pecado mais grave, o da soberba. Orgulhoso, o monge não consegue encarar sua falha, e se esconde de outros religiosos e de Deus.

A narrativa apresenta mais um exemplo em que as funções exercidas pelo diabo extrapolam aquelas mais exploradas pela historiografia. Nesse caso, o diabo é tentador, quando recorre à beleza feminina para desentranhar a soberba do monge; é sábio, quando demonstra e utiliza corretamente seu conhecimento das Sagradas Escrituras; é promotor, quando acusa o pecador; é vassalo de Deus, quando cumpre a sentença à qual foi condenado, de desencaminhar os homens.

O diabo consegue enganar os homens de diversas formas. Nas histórias anteriores percebe-se a utilização de disfarces para alcançar os objetivos, embora não seja esse o único método utilizado pelos diabos. Em *Los Milagres de Nuestra Señora*, o diabo incita cristãos a roubarem uma igreja, por meio de um intenso trabalho de persuasão¹²³. A participação do diabo na narrativa é breve e logo o enredo se dedica à atuação de Santa Maria que se volta contra os ladrões que roubaram sua imagem da igreja. Nesse caso é importante perceber a atuação do diabo como conselheiro que incita ao pecado, pois demonstra que a complexidade do personagem também se faz notar nas diversas formas como desencaminha os homens.

Ainda nas *Cantigas de Santa María*, registra-se um caso que demonstra a complexidade dos papéis do diabo, intitulado “*Como Santa Maria fez connoçer ao ome bõo que tragia o demo consigo por servente; e quisera-o matar, senon pola oraçon que dizia*”.

Quen Santa Maria quiser deffender,/ non lle pod' o demo niun mal
fazer./ E dest' un miragre vos quero contar/ de como Santa Maria quis guardar/ un
seu pintor que punnava de pintar/ ela muy fremos' a todo seu poder./ Quen Santa
Maria quiser defender.../ **E ao demo mais feo d' outra ren/ pintava el sempr'; e
o demo poren/ lle disse: «Por que me tes en desden,/ ou por que me fazes tan
mal parecer/** Quen Santa Maria quiser defender.../ **A quantos me veen?»** E el
diss' enton:/ «**Esto que ch' eu faço é con gran razon,/ ca tu sempre mal fazes,** e
do ben non/ te queres per nulla ren entrameter.»/ Quen Santa Maria quiser
defender... / Pois est' ouve dit', **o demo ss' assannou/ e o pintor ferament'
amaçou/ de o matar,** e carreira lle buscou/ per que o fezesse mui çedo morrer./
Quen Santa Maria quiser defender.../ Porend' un dia o espreytou aly/ u estava
pintando, com' aprendi,/ a omagen da Virgen, segund' oý,/ e punnava de a mui

¹²³ MNS, p. 146.

ben compõer,/ Quen Santa Maria quiser defender.../ Por que pareçesse mui fremos' assaz./ Mais enton o dem', en que todo mal jaz,/ trouxe tan gran vento como quando faz/ mui grandes torvões e que quer chover./ Quen Santa Maria quiser defender.../ **Pois aquel vento na ygreja entrou,/ en quanto o pintor estava deitou/ en terra; mais el log' a Virgen chamou,** Madre de Deus, que o vess' acorreu./ Quen Santa Maria quiser defender.../ E ela logo tan toste ll' acorreu/ e fez-lle que eno pinzel se soffreu/ con que pintava; **e poren non caeu,/ nen lle pod' o dem' en ren enpeeçer.**/ Quen Santa Maria quiser defender.../ E ao gran son que a madeira fez/ **veron as gentes logo dessa vez,/ e viron o demo mais negro ca pez/ fogir da ygreja** u ss' ya perder./ Quen Santa Maria quiser defender.../ E ar viron com' estava o pintor / colgado do pinzel; e poren loor/ deron aa Madre de Nostro Sennor,/ que aos seus quer na gran coita valer./ Quen Santa Maria quiser defender...¹²⁴.

Neste milagre, o diabo reclama com o pintor que o retratava feio. É interessante perceber que a ação do diabo é movida pela vingança e pela raiva que sente do homem que prejudica sua imagem. Ao ser interpelado pelo diabo sobre os motivos para retratá-lo daquela maneira negativa, o pintor se justifica com o fato de ele ser fonte de todo o mal. Ofendido com a resposta, o diabo jura vingança e um dia aparece para cumprir sua ameaça. Nesse caso, nos deparamos com um diabo contrariado que, com senso de justiça, reivindica seu direito. Essa ação permite perceber que esses agentes infernais sentem-se injustiçados e zelosos da própria imagem, embora sejam descritos como feios e animais. Eles têm consciência de sua maldade, mas se ofendem quando são identificados negativamente.

Ainda no plano da vingança e da injustiça, destaca-se outra cantiga, do mesmo *corpus*, na qual o diabo se vinga daqueles que prejudicam a imagem da Virgem Maria. Em seu papel de advogada dos homens, a Mãe de Cristo se apresenta em clara oposição ao diabo, pois enquanto a função deste é apontar as falhas dos homens, a dela é de defendê-los. Frequentemente, nas narrativas de milagres os dois se encontram em lados opostos das batalhas celestes. Mas, na narrativa em questão, os diabos vingam-se de dois jograis que debochavam da Virgem e de Jesus Cristo. No milagre, intitulado “*Como Deus se vingou dun jograr tafur que jogava os dados e porque perdera descreeu en Deus e en Santa Maria.*”¹²⁵, apresenta-se o diabo, operando a serviço de Deus. O homem falara mal de Jesus e de Maria, renegando o cristianismo, mas foi ouvido por um pároco, que ordenou que diabos o possuíssem. Imediatamente, os carrascos cumpriram a missão, fazendo o jogador tremer e se contorcer no chão.

¹²⁴ CSM, p. 181.

¹²⁵ CSM, p. 510.

1.3 O diabo como objeto de estudo de história política

Como visto até aqui, o diabo é muito estudado pela historiografia que se dedica à Idade Média, mas com certa tendência a acentuar características que exploram o impacto dramático que ele viria a provocar, sobretudo, na Idade Moderna. Seus atributos físicos e comportamentais chamam a atenção dos historiadores que os apresentam muitas vezes de forma caricatural e exótica, descontextualizados das narrativas, contribuindo para acentuar um determinado “espírito de época”, no qual a sociedade era basicamente composta por homens e mulheres simples, supersticiosos, suscetíveis a todo tipo de manifestação sobrenatural. Por outro lado, há estudiosos que destacam as formas como o diabo foi utilizado pela elite, sobretudo eclesiástica, como instrumento de dominação social e política, na medida em que se criava um ser aterrorizador, cuja simples menção seria suficiente para controlar e submeter a população. Embora as abordagens possam parecer diferentes, ambas partem de uma concepção bastante simples e caricatural da sociedade medieval, da qual os dois diabos – jocoso/grotesco e aterrorizador - seriam produtos previsíveis. No segundo caso, note-se que a facilidade com que, na historiografia, a igreja consegue inventar e difundir discursos diabólicos e infernais, também sublinha o caráter de uma sociedade débil do ponto de vista político, à mercê de forças irracionais de dominação. Entretanto, é importante dizer que as características diabólicas apresentadas pela historiografia estão fartamente registradas nas fontes, como já referimos na introdução, tal como são também amplamente conhecidos os inúmeros discursos que eclesiásticos proferiram sobre os perigos demoníacos, sempre à espreita. O problema reside na maneira como se seleciona um ou outro aspecto e, ainda, como eles são descontextualizados do modelo político que lhes deu origem, ou como são julgados à luz de um modelo político muito posterior.

Na segunda parte deste capítulo, pretendeu-se mostrar que, além desses diabos – jocoso/grotesco e aterrorizador – existem outros, cujas personalidades, aparências e comportamentos desafiam o historiador a repensar o papel do diabo na Idade Média. Na perspectiva do modelo político que ordenava a sociedade medieval nos séculos XIII e XIV, o diabo era representado, pelo menos nas narrativas de milagres ibéricas, como um ser

perfeitamente integrado e necessário à realização do bem comum. Nesse sentido, nos próximos capítulos se procederá ao aprofundamento de alguns desses aspectos para compreender melhor a importância de se estudar o diabo não apenas como uma caricatura exótica e tampouco como um mero instrumento de dominação. As narrativas o mostram como um ser político, com diversas funções, cuja finalidade última é cumprir as ordens de Deus. Se, por um lado, o diabo é “negro como o piche”¹²⁶, e o inferno é “um poço larguíssimo do qual saía uma fumaça horrível de fedor insuportável”¹²⁷, também é verdade que satã é um rei, legitimamente entronizado, no fundo dos infernos¹²⁸. Para o historiador, o desafio é tentar elaborar uma interpretação global que considere todos esses aspectos, sem chegar à conclusão de que tais “contradições” são mais uma evidência que corrobora o caráter “medieval” da sociedade.

¹²⁶ CSM, p. 114, 168, 181, 631, 847.

¹²⁷ VARAZZE, *op. cit.*, p. 309.

¹²⁸ Ms01 OBR/BCE/UnB., f. 7. MACHADO FILHO, *op. cit.*, p. 82.

CAPÍTULO 2

O diabo entre direitos, leis e jurisdições

As funções que o diabo desempenha nas narrativas de milagres medievais têm acentuado cunho político. Suas ações, ainda que à primeira vista possam ser interpretadas relativamente ao exercício de seu poder pessoal, têm implicações de grande alcance que se conectam ao modelo social e político da sociedade cristã. Na Idade Média, os planos religioso e político estão profundamente misturados e, nesse sentido, as narrativas que discorrem sobre que a natureza e as ações do diabo têm objetivos político-religiosos. De fato, nessa época, o poder e a organização da comunidade política eram impensáveis fora da história da Salvação. Como explica António Manuel Hespanha,

o pensamento social e político medieval é dominado pela ideia da existência de uma ordem universal (*cosmos*), abrangendo os homens e as coisas, que orientava todas as criaturas para um objetivo último que o pensamento cristão identificava com o próprio criador. No entanto, a unidade dos objetivos da criação não exigia que as funções de cada uma das partes do todo na consecução desses objetivos fossem idênticas. Pelo contrário, o pensamento medieval sempre se manteve firmemente agarrado à ideia de que cada parte do todo cooperava de forma diferente na realização do destino cósmico¹²⁹.

A estrutura da sociedade era compreendida como reflexo do *cosmos* criado por Deus, e os agentes que compunham a ordem terrestre tinham seus correspondentes na ordem celeste: “assim na terra como no céu”. Como criador dessa ordem cósmica, Deus também se atribui uma função, a de juiz supremo, que diz e distribui justiça. O governo divino, em seus aspectos comutativo e distributivo, julga todos os seres e delega-lhes funções que, no seu conjunto, garantem a ordem universal. Essa delegação, entretanto, gera jurisdições específicas de poder que requerem o comando de senhores, cuja maneira de governar em seus domínios deve replicar a estrutura divina. Ser senhor é governar por meio da justiça. A ideia do senhorio é essencial à vida política na Idade Média, que perpassa todas as realidades do poder terrestre: imperadores, reis, duques, senhores (titulados, ou não), papas, arcebispos, bispos, abades, corporações, concelhos... Todos são, antes de suas especificidades, senhores. Com relação ao tema desta dissertação, cumpre lembrar que

¹²⁹ HESPANHA, António Manuel. *As Vésperas do Leviathan*. Instituições e poder político. Portugal, séc. XVIII. Coimbra: Almedina, 1994, p. 299.

também as realidades do poder infernal são traduzidas por meio da ideia do senhorio. O diabo é senhor do inferno, com jurisdição própria e vassalos.

A política, na Idade Média, está profundamente vinculada à capacidade jurisdicional de cada corpo ou ator político, derivada da função que lhe compete. A função de um rei, de um bispo, ou de qualquer agente político circunscrevia o respectivo poder sobre homens e territórios. As funções e as esferas jurídicas eram legitimadas pela tradição, como destaca Hespanha:

o ponto que, de momento, mais nos interessa realçar é este ideal de ordenação política da sociedade de acordo com aquilo que se entendia ser a sua estratificação natural, pois tal facto levava ao estabelecimento de estatutos diferentes, cada um dos quais equivalente a uma função social e protagonizado pelo grupo social a que a tradição-natureza incubia essa função.¹³⁰

O autor mostra a importância da naturalização das funções e o peso da tradição nesse processo. Como referido, o diabo era frequentemente chamado de antigo¹³¹, e suas ações justificadas pela sentença proferida por Deus, que o expulsou do céu para o inferno. A queda é essencial para compreender a relação do diabo com o campo político. A condenação ao inferno é resultado da tentativa de Lúcifer se igualar a Deus, em decorrência da inveja que sente do Criador, mas a sentença não representa apenas uma nova morada. Ela é a punição eterna. O diabo perde o bem e é condenado ao mal eterno, perdendo também a condição essencial das criaturas de Deus: o livre arbítrio.

Ao ser expulso para o inferno, juntamente com seus seguidores, o diabo muda de jurisdição, porque muda de função. Se antes atuava na esfera celeste, onde só existia o bem e a justiça, passará a atuar no inferno, onde só existe o mal.¹³² O inferno não é apenas a morada dos diabos, mas também sua prisão, como castigo divino. Para cumprir a sentença de Deus, os demônios transfiguram-se no mal, com a função de perpetuá-lo. Lúcifer é o novo senhor ao qual toda a horda infernal será submetida. Mas, para além destes vassalos, o diabo, por sentença divina, deve tentar, permanentemente, aumentar sua rede de dependentes. Por meio da tentação, ele tem que colocar os cristãos diante do mal, para que

¹³⁰ HESPANHA, António Manuel. *Às Vésperas do Leviathan*. Instituições e poder político. Portugal, séc. XVIII. Coimbra: Almedina, 1994, p. 308.

¹³¹ Importante destacar que na *Legenda Aurea*, o único adjetivo positivo utilizado para definir o diabo era sua antiguidade, sua sabedoria. Esse termo também aparece para defini-lo no Ms01 OBR/BCE/UnB e em *Los Milagros de Nuestra Senora*.

¹³² Entretanto, note-se que o inferno é o espaço do mal, mas não da injustiça, uma vez que é a justiça divina que condena os homens ao inferno.

eles sejam testados sobre a fidelidade que devem a Deus. Aqueles que sucumbem passam a integrar a rede de vassalos do diabo.

2.1 Quem tem direito às almas?

No exercício de suas funções, o diabo relaciona-se com os vivos, no processo de desencaminhá-los. Porém, é, sobretudo, no momento da morte que a sua jurisdição se manifesta de maneira plena, quando se decide o direito sobre as almas. As narrativas de milagres são fartas em exemplos que registram momentos dramáticos em que as almas dos cristãos são disputadas entre o céu e o inferno. Anjos, santos e demônios travam verdadeiras batalhas, nas quais esgrimem argumentos jurídicos sobre o desfecho justo para o morto, cuja alma está em disputa.

A maneira como as narrativas apresentam tais litígios obedece à lógica da justiça terrena. Sobre esse aspecto, é importante notar que, apesar de Deus ser onipresente, onisciente e onipotente, com infinitas e ilimitadas capacidades para decidir monocraticamente sobre qualquer desfecho atinente à sua Criação, ele a submete às dinâmicas do modelo corporativo. Acentuam-se, assim, os procedimentos que dizem respeito à concorrência entre as jurisdições, ou seja, aos direitos que competem a cada corpo social no cenário do poder. O direito, que se realiza na história desses embates e concorrências, tem, conseqüentemente, características dinâmicas, fruto do casuísmo que lhe dá vida.¹³³ O foro celeste, portanto, obedece às mesmas lógicas do foro terrestre.

Nos tribunais humanos, julgava-se segundo as especificidades do caso, com base num amplo depósito textual (oral e escrito), legitimado pela tradição. As leis eram

¹³³ “*Jurisdictio* è simbolo insieme del potere ordinato e dell’ordinarsi della società al potente. È simbolo del potere perché è garanzia del potente. Proprio per questo riesce ad assorbire per vario tempo il dato anti-feudale della legislazione comunale: perché, ormai, aveva razionalizzato il rapporto feudale risolvendolo in un puro rapporto di potere, valido ed ordinato, a servizio del potente, qualunque fossero i suoi mezzi di dominio. Proprio per questa purificazione ‘ideologica’ del dato reale, *iurisdictio* riesce a collegare mondi diversi, spesso in lotta fra loro. Era una lotta fra potenti per il potere e *iurisdictio* mediava questi contrasti trasponendoli in un modo ancora unitario di simboli. Il pensiero politico medievale è unitario non soltanto perché la ‘repubblica’ è ‘cristiana’, ma perché è unitario, al di sotto dei contrasti di superficie, il processo sociale coevo. È in esso che *iurisdictio* si affonda, è da esso che il processo semiológico è plasmato e sospinto, è intorno alla infrastruttura della società che il sistema planetario dei simboli gravita, senza riuscire ad esaurirla fino al fondo eppure rispechiandola in molteplici piani trasposti”. COSTA, Pietro. *Jurisdictio*. Semantica del potere politico nella repubblica Medievale (1100-1433). Ristampa. Milano: Giuffrè Ed., 2002, p. 183-184.

emanadas de várias fontes de poder e garantiam a efetividade do modelo corporativo, assentado na hierarquização da sociedade e nos privilégios das ordens superiores. Os membros do corpo não são iguais, porque têm funções diferentes.¹³⁴ Decorre disso, a compreensão de que devam também ser julgados de acordo às suas particularidades e com base nas leis que melhor as traduzirem. Compete ao juiz/senhor que tiver o poder de “dizer o direito” (jurisdição) sobre o caso, escolher os argumentos para interpretá-lo (*interpretatio*).¹³⁵ Cada julgamento era único e deve ser compreendido como tal. Ao contrário da lógica penal e processualística da atualidade, não havia a pretensão de que as sentenças fossem pré-estabelecidas de acordo a uma tipologia delitiva, possibilitando a sua aplicação objetiva pelo juiz. Embora na Idade Média existam, inclusive, tabelas de penas, elas não podem ser interpretadas pelo historiador como prenúncios de concepções contemporâneas, mas como instrumentos de trabalho da justiça que não dispensavam o mais importante: a capacidade subjetiva do juiz de interpretar a realidade dos fatos e de lhes dar a transcendência necessária que os conectasse ao bem comum e à salvação.¹³⁶

A função política atribuída ao diabo está intimamente ligada a seu papel de tentar os cristãos, da qual deriva, em termos jurídicos, a de promotor das ações humanas, julgando e apontando as falhas, com o objetivo de provar que eles não merecem o céu. O zelo que ele demonstra no exercício da função seria fruto da inveja que sente com relação ao livre-arbítrio dos seres humanos, como criaturas de Deus, e que ele perdeu. Enquanto os homens, embora pecadores, têm a possibilidade de se reconciliar com a divindade, o diabo está

¹³⁴ HESPANHA, op. cit., p. 308.

¹³⁵ A *interpretatio* tem um papel criativo. Mas o que é interpretado é a *causa legis*, ou *ratio legis*, e não os *verba*. Portanto, não se trata de interpretar a letra da lei. “Identifica-se a *causa/ratio* numa *aequitas* e sobre ela se elabora o procedimento analógico”. GROSSI, Paolo. *A ordem jurídica medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 207-208.

¹³⁶ Neste sentido, a *interpretatio* tem um papel fundamental, porque, ao contrário da ideia que se vincula à interpretação da lei concedida ao juiz moderno, na Idade Média pretendia-se que a *interpretatio* tivesse a capacidade de corrigir o que a lei antiga não previa de forma correta aos novos tempos e de fazer adaptações para normatizar os “negócios novos”. A *interpretatio* era dada ao imperador (se estivesse presente) com caráter necessário e geral, ao costume, com caráter necessário e geral (equiparado ao príncipe), ao juiz com caráter necessário e apenas vinculado ao caso em julgamento, e aos jurisconsultos com caráter de probabilidade (escolástico e dialético). GROSSI, op. cit., p. 204-205

eternamente condenado à privação da Luz. A inveja do diabo cresce na mesma proporção da santidade da vítima que ele escolhe para tentar.¹³⁷

Quando acusa os humanos, o diabo cumpre a função de promotor da humanidade frente aos anjos e aos santos, que assumem o papel de defensores. Neste sentido, os advogados de defesa tentam suplantar as condutas pecaminosas do morto pelas virtuosas. Nos documentos analisados, registram-se diversos casos de disputas por almas, constituídos em verdadeiros tribunais onde se decide o destino dos acusados. O embate entre acusação e defesa desenrola-se com base em argumentos claros quanto à jurisdição sobre a alma em disputa, e pode surpreender o leitor que o diabo tenha que afirmar várias vezes que as almas dos pecadores lhe pertencem. Uma certeza jurídica, garantida pelo próprio Deus, mas que as narrativas mostram ser posta à prova das circunstâncias e da capacidade argumentativa que as partes apresentam em tribunal. A passagem a seguir é significativa do que se acaba de dizer:

Foy huñ caualeyro noble e muý rico./ mais pero era homen de uaa gloria e/ muuy soberuhoso. Nõ orava Deus nem os seus/ sanctos. Se nõ soo aa uirgem gloriosa sancta Maria e sã/ Miguel. E este perseguya aqueles que a Deus serviam/ e destroya as Eigrejas eos moesteiros enque/ jaziam os amigos de Deus (...) E hũa vegada cuydan/ do nos maýores feitos que fazia e que Deus quo/ o nõ auia muyto de soffrer. Estandosse ma/ ravelhando polas obras que fezera que tã maas/ eran e tã muýtas. Começou assospirar/ pola gloria do paraýso. E seendo huñ dia/ comendo assa mesa. Começou acuydar/ que fizesse hũ moesteiro en hũa sa possisson/ gran que auia (...) De pos esto tornouse pera sa casa e/ caeu logo enhũa enfermidade tã grande/ de que morreu. Eos seus parentes e os seus/ amigos e os outros queo conhociam des/ asperavam de sa salvaçõ porquelhi urom sem/ pre fazer maas obras e nuncalhi uiron/ fazer enmenda. E pois aalma se partio/ do corpo ueerom os enmiigos do liagem da/ Dam peralhi leuarem aalma perao Inferno./ E ueo de pois o ango san Miguel que el mu/ ýto seruira de ment uiuera e disse nõ see/ ra esta alma em uosso poderio. E eles di/ sserom se Deus he juýz dereito aquesta alma no/ ssa seera porque comprio nossas obras e/ morreu en elas. E o ango boo trava/ lhouse de catar se auia en el agũũ bem/ e nõ achou e se nõ boo propoymento e firme/ e boo desejo que ouuera pera fazer hũ moesteiro/

¹³⁷ A inveja do diabo está explicada nesses termos na *Legenda Aurea*: “A segunda vitória foi quando expulsou o dragão, isso é Lúcifer e sua legião do céu quando este quis igualar-se ao criador. Diz que foram mandados para o meio entre o céu e a terra para sentir dor ao olhar para cima e ver a glória que perderam e sentir inveja ao olhar para os homens e vê-los subindo aos céus. Às vezes, com autorização do criador, podem vir à terra e de fato dá vários exemplos como o ar é inundado de demônios, que voam como insetos. Seus exércitos diminuem quando os vencemos e aquele que foi vencido por um homem santo não pode mais tentá-lo para o vício no qual foi vencido”; “Ela obrigou-lhe a dizer porque viera e porque constantemente tentava os cristãos. Ele respondeu que por natureza tinha raiva dos homens virtuosos, embora fosse muitas vezes repellido por eles, insistia em seduzi-los. Como tinha inveja dos homens por causa da felicidade que perdera e não podia recuperar, não tinha outro objetivo além de roubar a felicidade alheia”. VARAZZE, *op. cit.*, p. 818; 537.

enuhũ seu logar e entrar hi por monge/ e assi acabar seu tempo. E tomou hũũ Cu/ gula e poslhi o capelo na cabeça e disse. Vós spiritus maos ey uolo monge de Jhesu Christo/ que uós nõ sabiades. E tomoulhi aalma/ con gran gouhuo e foyse con ela pera oparay/ so.¹³⁸.

Neste caso, o arcanjo Miguel – encarregado por Deus da expulsão de Adão e Eva do paraíso - aparece para interceder pela alma de um pecador. Certos da justiça de seu julgamento, os diabos chegam antes para fazer valer sua jurisdição e capturar a alma. A disputa que se instala tem forte conotação jurídica, condensada numa frase de grande efeito que insta o próprio Deus a se manifestar como defensor dos direitos dos diabos. Para estes está claro que o cristão morreu em pecado, e a personalidade que assumem na narrativa não é de tentadores, de desencaminhadores ou de enganadores. A reclamação sobre a alma é reta e eles tampouco buscam ludibriar o santo. Nesse tipo de milagre os diabos reforçam a sentença primordial do Criador: as almas dos homens maus vão para o inferno.

Porém, a situação apresentada possibilita que se instale a dúvida sobre o pertencimento da alma em questão. A encarnação do Cristo não garante a salvação incondicional, pois o cristão ainda precisa demonstrar merecimento. Deve-se notar que o comportamento do cavaleiro reúne o que é bom e mau, ao mesmo tempo. Pela narrativa, não se depreende que ele tivesse se transformado pela via do arrependimento, mudando de comportamento. Se, por um lado, ele não reza a Deus e aos santos, por outro é devoto de Maria e do Arcanjo; se persegue religiosos e prejudica os bens da igreja, não deixa de sonhar com o paraíso; decide construir um mosteiro para se redimir, mas não se confessa. Portanto, um caso em que o bem e o mal se misturam, sem apelar para a concepção do dualismo e do antagonismo, mas com o objetivo de mostrar a potência que o livre-arbítrio tem na salvação. E são justamente as escolhas que o cavaleiro vai fazendo com relação aos senhores a quem serve com suas ações o que dá substância à disputa jurisdicional que se instala no momento de sua morte. São Miguel e os diabos discutem quem tem poder sobre a alma do cavaleiro, pois o céu e o inferno são domínios comandados por senhores distintos.

Quando São Miguel “trabalha” para encontrar alguma bondade nas obras do cavaleiro, ele procura uma justificativa para salvar uma alma que *a priori* lhe pertencia. Note-se que a primeira aparição do Arcanjo é marcada pelo anúncio que ele faz aos diabos de que a alma não está sob o poder deles. O fato de que o cavaleiro rezasse frequentemente

¹³⁸ Ms 01 OBR/BCE/UnB, f. 54.; MACHADO FILHO, *op. cit.*, p. 186..

a São Miguel, tornava-o vassalo deste. Mas, também é fato jurídico que, pelas ações pecaminosas, o cavaleiro mostrava em vida que servia ao diabo. Portanto, servia a dois senhores, coisa que na Idade Média podia ser frequente no plano terrestre, originando confusão de homenagens e laços vassálicos que, muitas vezes, só era percebido quando o vassalo se via apanhado numa situação em que os interesses dos senhores envolvidos entravam em rota de colisão.¹³⁹ Ora, é exatamente esse o caso narrado no milagre em que, à hora da morte se descobre que a alma tem dois senhores. Como se trata de um milagre, é preciso mostrar a capacidade extraordinária dos santos, que aqui se revela na forma sábia como São Miguel argumenta sobre as virtudes, traduzidas pelas boas obras que o pecador também pretendia realizar. Claro que não se pode deixar de notar que o cavaleiro foi salvo não por obras realizadas efetivamente, mas pela mera intenção, interpretada pelo santo como genuína. Enfim, aplicou-se, de certa forma, a lógica da precedência do vínculo vassálico que o cavaleiro tinha com São Miguel, em detrimento daquele que o atava ao diabo.

A narrativa a seguir, das *Cantigas de Santa María*, guarda bastantes semelhanças com o caso anterior, embora seja mais detalhada e forneça mais elementos que permitem aprofundar questões relativas às disputas jurisdicionais sobre as almas.

Esta é como Santa Maria gãou de seu fillo que fosse salvo o cavaleiro malfeitor que cuidou de fazer un mōesteiro e morreu ante que o fizesse. /A Virgen Santa Maria tant' é de gran piedade, que ao peccador colle por feito a voontade. /E desta guisa avo / pouc' á a un cavaleiro fidalg' e rico sobejo, / mas era brav' e terreiro, / sobervios' e malcreente, / que sol por Deus un deiro non dava, nen polos Santos, / esto sabed' en verdade. /A Virgen Santa Maria / tant' é de gran piadade... /Aqueste de fazer dano / sempre ss' ende /traballava, e a todos seus vezos / feria e dostava; /sen esto os mōesteiros / e as igrejas britava, /que vergonna non avia / do prior nen do abade. /A Virgen Santa Maria / tant' é de gran piadade... / E todo seu cuidad' era / de destruir los mesqos e de roubar / os que yan / seguros pelos camos, / e per ren non perdōav' a / molleres nen a menos, / que ss' en todo non metesse / por de mui gran crueldade. A Virgen Santa Maria / tant' é de gran piadade... / E esta vida fazendo, / tan brava e tan esquiva, un dia meteu ben / mentes / como sa alma cativa era cha de pecados / e mui mais morta ca viva, / se mercee non ll' ouvesse / a comprida de bondade. A Virgen Santa Maria / tant' é de gran piadade... / E, porque sempre os bōos / lle davan mui gran fazfeiro do muito mal que fazia, / penssou que un mōesteiro faria con bōa claustra, / igreja e cymiteiro, / estar e enfermaria, / e todo en ssa herdade. / A Virgen Santa Maria / tant' é de gran piadade... / E des i ar cuidou logo / de meter y gran convento de monges, se el podesse, / / cinquenta ou cento; e per que mui ben vivessen / lles daria conprimento, e que por Santa Maria / servir seria y frade. / A Virgen Santa Maria / tant' é de gran piadade... / Tod' aquesto foi

¹³⁹ A frequência dessas situações levou à criação em algumas regiões da “homenagem lídia”, para definir a precedência dos laços vassálicos em caso de choque de interesses entre os senhores.

cuidando / mentre siia comendo; e poi-ll' alçaron a mesa, / foi catalogo / correndo
 logar en que o fezesse, / e achó-o, com' aprendo, / mui' apost' e mui viçoso, / u
 compris' ssa caridade. A Virgen Santa Maria / tant' é de gran piadade... / En este
 coidad' estando / mui' aficad' e mui forte, ante que o começasse, / door lo chegou
 a morte; / e os demões a alma / fillaron del en sa sorte, / mais los angeos
 chegaram / dizendo: «Estad', estade! A Virgen Santa Maria / tant' é de gran
 piadade... / Ca non quer Santa Maria / que a vos assi levedes.» / E disseron os
 diabos: / «Mais vos, que razon avedes / d' ave-la? Ca senpr' est' ome / fezo mal,
 como sabedes, por que est' alma é nossa, / e allur outra buscade.» / A Virgen
 Santa Maria / tant' é de gran piadade... / Os angeos responderon: / «Mais vos
 folia fezeistes en fillardes aquest' alma, / mao / conssell' y ouvestes e mui mal vos
 acharedes / de quanto a ja tevestes; mais tornad' a vosso fogo / e nossa alma
 leixade.» / A Virgen Santa Maria / tant' é de gran piadade... / Os diabos ar
 disseron: / «Esto per ren non faremos, ca Deus é mui justiceiro, / por esto ben
 sabemos que esta alma fez obras por que a aver devemos toda ben enteiramente,
 / sen terç' e sen meadade.» / A Virgen Santa Maria / tant' é de gran piadade... / E
 un dos angeos disse: / «O que vos dig' entendede: eu sobirei ao ceo, / e vos aqui
 mi atendede, / e o que Deus mandar desto, / vos enton esso fazed; / e oi mais
 non vos movades / nen faledes, mais calade.» A Virgen Santa Maria / tant' é de
 gran piadade... / Depois aquestas palavras / o angeo logo ss' ya e contou aqueste
 feito / mui tost' a / Santa Maria; ela log' a Jeso-Cristo / aquela alma pidia, /
 dizend': «Ai, meu Fillo santo, / aquesta alma me dade.» A Virgen Santa Maria /
 tant' e de gran piadade... / E ele lle respondia: / «Mia Madr', o que vos quizerdes
 ei eu de fazer sen falla, / pois vos en sabor ouverdes; mais torn' a alma no corpo, /
 se o vos por ben teverdes, e faça o mōesteyro, / u viva en omildade.» / A Virgen
 Santa Maria / tant' é de gran piadade... / E pois Deus est' ouve dito, / un pano
 branco tomava, feito ben come cogula, / que ao angeo dava, / e sobela alma logo
 / o pano deitar mandava, porque a leixass' o demo / comprido de falsidade. / A
 Virgen Santa Maria / tant' é de gran piadade... / Tornou-ss' o angeo logo; / e atan
 toste que viron os diabos a cogula, / todos ant' ela fugiron;
 e os angeos correndo / pos eles mal los feriron, dizendo: «Assi perdestes / o ceo
 per neycidade.» / A Virgen Santa Maria / tant' é de gran piadade... Pois que ss'
 assi os diabos / foron dali escarnidos / e maltreitos feramente, / dostados e
 feridos, foron pera seu inferno, / dando grandes apelidos, dizendo aos diabos: /
 «Varões, oviad', oviade.» / A Virgen Santa Maria / tant' é de gran piadade... Os
 angeos depos esto / aquela alma fillaron, / e cantando «Surgat Deus» / eno corpo
 a tornaron / daquel cavaleiro morto, / e vivo o levantaron; e fezo seu mōesteiro, /
 u viveu en castidade. / A Virgen Santa Maria / tant' é de gran piadade...¹⁴⁰.

Novamente, trata-se de um cavaleiro rico, cuja vida de pecado prejudicava a igreja e os eclesiásticos, mas que um dia resolve se redimir e anuncia a intenção de construir um mosteiro e professar nele. A semelhança com o milagre anterior é bastante grande, o que talvez possa sugerir que um derive do outro.

Nessa cantiga, o cavaleiro reflete sobre a natureza de sua alma e percebe que está “mais morta que viva”. Quando escolhe o caminho a seguir, elege também o senhor a servir, o que define seus vínculos e personalidade jurídica. Ao tomar a decisão de se redimir, necessita abandonar e negar a vida anterior, deixando a riqueza e o pecado pela

¹⁴⁰ CSM, p. 109.

pobreza e a castidade. Se antes saqueava e destruía mosteiros, o que o colocava diretamente sob a jurisdição do diabo, agora, para negar o senhor maléfico, e se tornar vassalo de Deus, decide construir um mosteiro grande, nas próprias terras, e professar nele como monge. Tal como no caso anterior, tratava-se apenas de uma intenção que não se chegou a realizar, pois o cavaleiro foi acometido por uma dor súbita e morreu. Mas, a Virgem Maria, que é “piedosa”, resolveu considerar a “vontade como fato”.

Os diabos chegam primeiro, certos de seu direito sobre a alma. A negociação entre eles e os anjos é mais longa, e Deus é outra vez descrito como justo e escolhido como juiz para resolver o impasse. O discurso dos diabos é claro: “Isto de modo algum faremos, pois Deus é muito justo e por isso bem sabemos que essa alma fez obras pelas quais a possuir devemos, toda e inteiramente sem terço e sem metade”. Inicialmente, os agentes demoníacos recusam-se a desistir da alma, pois estão cumprindo sua função de condenar os pecadores ao inferno. Os diabos afirmam que devem possuir a alma por inteiro, e a menção à repartição em terço ou metade evidencia que também às jurisdições do além poder-se-ia aplicar a lógica do senhorio compartilhado da terra. Mas, na perspectiva diabólica, o mal preenche o espírito humano plenamente, sem espaço para o bem. Aquele que peca está absolutamente imerso em seu erro. O cavaleiro pecou e fez obras que o vinculam ao mal, escolhendo Lúcifer como senhor, pelo que a reclamação dos demônios não é capricho e está bem embasada.

Os diabos não contestam a decisão do anjo, em submeter o caso ao juízo de Deus. Entretanto, a escolha da advogada da causa, a Virgem Maria, seria fundamental para o desfecho. A forma como Maria apresenta o caso a Cristo merece também análise, pois ela lhe solicita que livre o cavaleiro do inferno, e que o gesto seja entendido como um presente de filho para mãe, acentuando a importância dos laços de parentesco, e da economia do dom, nas relações pessoais celestes. Jesus atende ao desejo da mãe, embora, neste caso, a alma tenha que retornar ao corpo, para que o cavaleiro realize aquilo que estava apenas na intenção. E para que a contrapartida fique bem clara, Cristo envia uma cogula ao agraciado, com dupla intenção: afugentar os diabos e mostrar que apenas pelo hábito monacal o cavaleiro poderá se redimir. O horror que os diabos demonstram diante da cogula remete ao horror que eles têm à virtude e que, tal como acusam os anjos, foi motivo de eles perderem o céu. Foi a estupidez (*neycidade*) que os levou à perdição, justificando

que os anjos aproveitem a oportunidade para, ao final, lhes aplicarem uma surra, que os deixa seriamente feridos. Portanto, uma surra entendida pelos diabos como justiça, os quais chegam ao inferno proclamando a “boa nova”.

Embora os casos apresentados até agora configurem disputas jurídicas resolvidas por um juiz, entretanto, há uma cantiga cuja trama se desenrola propriamente num tribunal, presidido pela Virgem Maria, em que o diabo e São Tiago disputam a alma de um romeiro, que se matou a caminho de Compostela.

Esta é como Santa Maria juigou a alma do romeu que ya a Santiago, que sse matou na carreira por engano do diabo, que tornass' ao / corpo e fizesse pedença. / Non é gran cousa se sabe / bon joyzo dar / a Madre do que o mundo / tod' á de joigar. / Mui gran razon é que sábia dereito / que Deus troux' en seu corp' e de seu peito mamentou, e del despeito nunca foi fillar; / poren de sen me sospeito que a quis avondar. / Non é gran cousa se sabe / bon joyzo dar... / Sobr' esto, se m' oissedes, diria dun joyzo que deu Santa Maria por un que cad' ano ya, / com' oý contar, / a San Jam' en romaria, porque se foi matar. / Non é gran cousa se sabe / bon joizo dar... / Este romeu con bõa voontade ya a Santiago de verdade; pero desto fez maldade / que ant' albergar / foi con moller sen bondade, sen con ela casar. / Non é gran cousa se sabe / bon joizo dar... Pois esto fez, meteu-ss' ao camo, / e non sse mãefestou o mesqo; / e o demo mui festo se le foi mostrar / mais branco que un armo, polo tost' enganar. / Non é gran cousa se sabe / bon joizo dar... / Semellança fillou de Santiago / e disse: «Macar m' eu de ti despago, a salvaçon eu cha trago / do que fust' errar, / por que non cáias no lago / d' iferno, sen dultar. / Non é gran cousa se sabe / bon joizo dar... Mas ante farás esto que te digo, / se sabor ás de seer meu amigo: talla o que trages tigo / que te foi deytar / en poder do emigo, e vai-te degolar.» / Non é gran cousa se sabe / bon joizo dar... / O romeu, que ssenda cuidava que Santiag' aquelo lle mandava, quanto lle mandou tallava; / poi-lo foi tallar, / log' enton se degolava, cuidando ben obrar. / Non é gran cousa se sabe / bon joizo dar... / Seus companheiros, poi-lo mort' acharon, por non lles apõer que o mataron, / foron-ss'; e logo chegaron a alma tomar / demões, que a levaron mui toste sen tardar. / Non é gran cousa se sabe / bon joizo dar... / E u passavan ant' ha capela / de San Pedro, mui' aposta e bela, / San James de Conpostela dela foi travar, / dizend': «Ai, falss' alcavela, non podedes levar / Non é gran cousa se sabe / bon joizo dar... A alma do meu romeu que fillastes, / ca por razon de mi o enganastes; / gran traçon y penssastes, / e, se Deus m' anpar, / pois falssament' a gãastes, non vos pode durar.» / Non é gran cousa se sabe / bon joizo dar... Responderon os demões louçãos: / «Cuja est' alma foi fez feitos vãos, / por que somos ben certãos que non dev' entrar / ante Deus, pois con sas mãos se foi desperentar.» / Non é gran cousa se sabe / bon joizo dar... Santiago diss': «Atanto façamos: / pois nos e vos est' assi rezõamos, / ao joyzo vaamos da que non á par, / e o que julgar façamos logo sen alongar.» / Non é gran cousa se sabe / bon joizo dar... / Log' ante Santa Maria veron e rezõaron quanto mais poderon. Dela tal joiz' ouveron: / que fosse tornar / a alma onde a trouxeron, por se depois salvar. / Non é gran cousa se sabe / bon joizo dar... Este joyzo logo foi comprido, / e o romeu morto foi resorgido, de que foi pois Deus servido; mas nunca cobrar / pod' o de que foi falido, con que fora pecar. / Non é gran cousa se sabe / bon joizo dar.¹⁴¹

¹⁴¹CSM, p. 67.

Esse mesmo milagre foi também registrado por Gonzalo de Berceo, em *Los Milagros de Nuestra Señora*, intitulado “*El Romero de Santiago*”:

Sennores e amigos, por Dios e caridat, / oíd otro miraclo, feroso por verdat; / Sant Ugo lo escripso, de Grunniego abbat, / que cuntió a un monge de su sociëdat. / Un fraire de su casa, Guiralt era clamado, / ante que fuesse monge era non bien senado: facié a las debeces follía e peccado, / como omne soltero que non es apremiado. / Víno'l en corazón do se sedié un día / al apóstol de Espanna de ir en romería; / aguisó su hacienda, buscó su compaña, / destajaron el término cómo fuessen su vía. / Quando a essir ovieron fizo una nemiga: / en logar de vigilia yogó con su amiga. / Non tomó penitencia como la ley prediga, / metióse al camino con su mala hortiga. / Pocco avié andado aún de la carrera, / avés podrié seer la jornada tercera, / ovo un encontrado cabo una carrera, / mostrábase por bueno, en berdat no lo era. / El diablo antigo siempre fo traïdor, / es de toda nemiga maestro sabidor; / semeja a / las vezes ángel del Criador / e es diablo fino, de mal sosacador. / Transformóse el falso en ángel verdadero, / paróseli delante en medio un sendero: / «Bien seas tú venido -dissoli al romero- / seméjame cossiella simple como cordero. / Essisti de tu casa por venir a la mía; / quando essir quisisti fizist una follía: / cuidas sin penitencia complir tal romería; / non te lo gradirá esto Sancta María.» / «¿Quién sodes vos, sennor?» dissoli el romero; / Recudió'l: «Yo so Jácomo, fijo de Zebedeo; / sépaslo bien, amigo, andas en devaneo, / semeja que non aves de salvarte deseo.» / Disso Guirald: «Sennor, pues vos ¿qué me mandades? / Complirlo quiero todo, quequier que me digades, / ca veo lo que fizi, grandes iniquidades, / non prisi el castigo que diçen los abbades.» / Disso el falso Jácomo: «Esti es el juicio: / que te cortes los miembros que facen el fornicio; / dessent que te degüelles: farás a Dios servicio, / que de tu carne misma li farás sacrificio.» / Crediólo el astroso, locco e desessado, / sacó su cuchellijo que tenié amolado; / cortó sus genitales, el fol malventurado: / dessende degollóse, murió descomulgado. / Quando los companneros que con elli isieron / plegaron a Guirald e tal lo vidieron, / fueron en fiera cuita en qual nunca sovieron; / esto cómo avino asmar no lo pudieron. / Vidién que de ladrones non era degollado, / ca no'l tollieran nada ni'l avién ren robado; / non era de ninguno omne desafiado, / non sabién de cuál guisa fuera ocasionado. / Fussieron luego todos e fueron derramados, / teniénse d'esta muerte que serién sospechados; / porque ellos non eran enna cosa culpados, / que serién por ventura presos e achacados. / El que dio el consejo con sus atenedores, / los grandes e los chicos, menudos e mayores, / travaron de la alma los falsos traïdores, / levávanla al fuego, a los malos suores. / Ellos que la levavan non de buena manera, / víolo Sanctiágo cuyo romeo era; / issiólis a grand priessa luego a la carrera, / paróselis delante enna az delantera. / «Dessad -disso- maliellos la preda que levades, / non vos yaz tan en salvo como vos lo cuidades; / tenedla a derecho, fuerza no li fagades, / creo que non podredes, maguer que lo querades.» / Recudióli un diablo, paróseli refacio: / «Yago, ¿quiéreste fer de todos nos escarnio? / ¿A la razón derecha quieres venir contrario? / ¡Traes mala cubierta so el escapulario! / Guirald fizo nemiga, matóse con su mano, / deve seer juzgado por de Judas ermano; / es por todas las guisas nuestro parroquiано; / ¡Non quieras contra nos, Yago, seer villano!» / Dissoli Sanctiágo: «¡Don traïdor palavrero! / Non vos puet vuestra parla valer un mal dinero; / trayendo la mi voz como falso vozero, / disti consejo malo, matest al mi romero. / Si tú no li dissiesses que Sanctiágo eras, / tú no li demostrasses sennal de mis veneras, / non dannarié su cuerpo con sus mismas tiseras, / nin yazdrié como yaze fuera por las carreras. / Prisi muy grand superbia de la vuestra partida, / tengo que la mi forma es de vos escarnida, / matastes mi romeo, con mentira sabida, / demás veo agora la alma maltraída. / Seedme a juicio de la Virgo María, / yo a ella me clamo en esta pleitesía; / otra guisa de vos yo non me quitaría, / ca veo que traedes muy grand

alevosía.» / Propusieron sus voces ante la Gloriosa; / fo bien de cada parte afincada la cosa; / entendió las razones la reina preciosa, / terminó la varaja de manera sabrosa: / «El enganno que priso, pro li devié tener, / elli a Sanctiágo cuidó obedecer, / ca tenié que por esso podrié salvo seer; / más el engannador lo devié padeçer.» / Disso: «Yo esto mando e dólo por sentencia: / la alma sobre quien avedes la entencia, / que torne en el cuerpo, faga su penitencia, / desend qual mereciere, avrá tal audiencia.» / Valió esta sentencia, fue de Dios otorgada, / fue la alma mesquina en el cuerpo tornada, / que pesó al diablo, a toda su mesnada, / a tornar fo la alma a la vieja posada. / Levantóse el cuerpo que yazié trastornado, / alimpiava su cara Guirald el degollado; / estido un ratiello como qui descordado, / como omne que duerme e despierta irado. / La plaga que oviera de la degolladura / abés pareció d'ella la sobresanadura; / perdió él la dolor e toda la cochura, / todos dizién: «Est omne fue de buena ventura.» / Era de lo ál todo sano e mejorado, / fuera de un filiello que tenié travesado; / mas lo de la natura quanto que fo cortado, / non li creció un punto, fincó en su estado. / De todo era sano, todo bien encorado, / pora verter su agua fincóli el forado; / requirió su repuesto, lo que trayé trossado, / pensó de ir su vía alegre e pagado. / Rendió gracias a Dios e a Sancta María, / e al sancto apóstolo do va la romería; / cueitóse de andar, trobó la compaña, / avién esti miraclo por solaz cada día. / Sonó por Compostela esta grand maravilla, / viniénlo a veer todos los de la villa; / dición: «Esta tal cosa, deviemos escrivilla; / los que son por venir, plazrális de oílla.» / Quando fo en su tierra, la carrera complida, / e udieron la cosa que avié contecida, / tenié grandes clamores, era la gent movida / por veer esti Lázaro dado de muert a vida. / Metió en su hacienda esti romeo mientes, / cómo lo quitó Dios de maleítos dientes; / desemparó el mundo, amigos e parientes, / metióse en Grunniego, vistió pannos punientes. / Don Ugo, omne bueno, de Grunniego abbat / varón religioso, de muy grand sanctidat, / contava est miraclo que cuntió en verdat, / metiólo en escripto, fizo grand onestat. / Guirad finó en orden vida buena haciendo, / en dichos e en fechos al Criador sirviendo, / en bien perseverando, del mal se repindiendo, / el enemigo malo non se fo d'él ridiendo. / De quanto que peccara, dio a Dios buen emiendo.¹⁴²

Trata-se de um caso bastante interessante originado de um problema de falsificação de jurisdição. Os diabos reclamam a posse da alma do monge Geraldo, de Cluny, que lhes pertenceria, em virtude de um gravíssimo pecado: ele suicidou-se quando estava a caminho de Santiago de Compostela. Entretanto, o monge-romeiro foi induzido pelo diabo, transfigurado em São Tiago, a amputar o pênis e a se degolar. Pela narrativa, sabe-se que o monge realmente tinha pecado antes, ao render-se à luxúria e ao retomar a peregrinação sem se confessar. Pecara duas vezes. Para os diabos, uma situação sedutora, que os levou a tramar para abreviar o desfecho a favor deles.

Ao acreditar que o diabo era São Tiago, o monge-pecador entregou sua alma à jurisdição do enganador para que julgasse suas ações e deliberasse de acordo: “Este é o julgamento: que te cortes os membros que usaste para a fornicção, fazendo sacrificio a

¹⁴² MNS, p. 35.

Deus com tua carne”¹⁴³. Portanto, o romeiro é convencido a se suicidar, coisa que constitui um pecado gravíssimo na Idade Média, punido com a interdição de sepultamento do corpo em cemitério sagrado (campo santo).¹⁴⁴ Note-se que a condição de eclesiástico não foi suficiente para livrar o monge da armadilha demoníaca, pois em nenhum momento ele desconfiou que o Apóstolo não poderia lhe propor o suicídio como remissão de seus pecados. Mas São Tiago desvela a falsificação que os diabos tramaram, e pretende invalidar o direito que eles reclamam.

Ainda assim, os diabos não se rendem e demonstram grande capacidade argumentativa: “Essa alma fez coisas vãs, e temos certeza de que não pode se apresentar ante Deus, pois matou-se com as próprias mãos”.¹⁴⁵ Os diabos sublinham os pecados cometidos pelo romeiro antes da morte, seguidos do suicídio, sem entrar na questão do engano. De todas formas, subentende-se que eles não o obrigaram a tirar a vida, mas conseguiram convencê-lo, pelo que a decisão final era fruto do livre-arbítrio do monge. Cumpriram sua função de revelar a maldade daquele cristão que tinha potencial para se matar, e a tarefa demoníaca era apenas denunciar a natureza nefasta da alma humana.

Para São Tiago, entretanto, o fato de o monge ser romeiro a Compostela, o convertia em seu vassalo, e ele, na qualidade de senhor, tinha obrigação de protegê-lo. Ao mesmo tempo, vale lembrar que a jurisdição do Apóstolo precede a dos diabos, uma vez que o monge iniciou a peregrinação antes de pecar. Como defensor da alma, ele destacava a qualidade cristã dela, pela qual deveria ser julgada. Neste sentido, o papel do advogado é submeter o pecador a um juízo mais brando marcado pela misericórdia.

Em *Los Milagros de Nuestra Senora*, os diabos lançam mão de um argumento que não aparece nas *Cantigas de Santa María*: “Geraldo fez maldade, matou-se com a própria mão e deve ser julgado como irmão de Judas; a todo juízo é nosso paroquiano. Tiago, não queiras ser contra nós, vilão”.¹⁴⁶ Os agentes infernais conhecem bem os Evangelhos e a forma correta de avaliar o suicídio, associando-o ao ato final de Judas, traidor. Ao mesmo tempo, acusam a vilania de São Tiago, ao insistir no direito sobre a alma, prejudicando o direito deles. Claramente, configura-se um conflito jurisdicional, que as partes decidem

¹⁴³ Atualização/tradução nossa.

¹⁴⁴ SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 204.

¹⁴⁵ Atualização/tradução nossa.

¹⁴⁶ Atualização/tradução nossa.

submeter a juízo. Assim, a participação da Virgem Maria no caso como árbitro não tem por objetivo julgar a alma, mas decidir a quem ela pertence.

Santa Maria, finalmente, não se compromete. Determina que a alma torne ao corpo – sem o membro viril – e depois de cumprir penitência, se verá qual das partes a merecerá. Portanto, a juíza entende que não havia elementos suficientes para decidir sobre a jurisdição competente. Ainda, sobre esse caso, é interessante notar que a decisão da Virgem precisou ser “outorgada” por Deus.

O milagre “*El sacristán fornicado*”, da obra de Gonzalo de Berceo é outro exemplo das complexas disputas jurisdicionais que se desenrolavam no céu e na terra:

Amigos, si quisiéssedes un pocco esperar, / aun otro miraclo vos querría contar, / que por Sancta María dennó Dios demostrar, / de cuya lege quiso con su boca mamar. / Un monge beneito fue en una mongía, / el logar no lo leo, decir no lo sabría, / querié de corazón bien a Sancta María, / facié a la su statua el enclín cada día. / Facié a la su statua el enclín cada día, / fincava los enojos, dicié: «Ave María»; / el abbat de la casa dio'l la sacristanía, / ca teniélo por cuerdo e quito de follía. / El enemigo malo, de Belzebud vicario, / que siempre fue e éslo de los buenos contrario, / tanto pudió bullir el sutil aversario / que corrompió al monge, fizolo fornicario. / Priso un uso malo el loco peccador, / de noche, quando era echado el prior, / issié por la iglesia fuera del dormitorio, / corrié el entorpedo a la mala lavor. / Siquier a la exida, siquier a la entrada, / delante del altar li cadié la passada; / el enclín e la Ave teniéla bien usada, / non se li olvidava en ninguna vegada. / Corrié un río bono de la mongía, / aviélo de passar el monge todavía; / do se vinié el loco de complir su follía, / cadió e enfogóse fuera de la freiría. / Quando vino la ora de matines cantar, / non avié sacristano que podiesse sonar: / levantáronse todos, quisque de su logar; / fueron a la iglesia al fraire despertar. / Abrieron la iglesia como mejor sopieron, / buscaron al clavero, trobar no lo podieron; / buscando suso e yuso atanto andidieron, / do yazié enfogado, allá lo enfirieron. / Qué podrié seer esto no lo podién asmar, / si's murió o'l mataron no lo sabién judgar; / era muy grand la basca e mayor el pesar, / ca cadié en mal precio por esto el logar. / Mientre yazié en vanno el cuerpo en el río, / digamos de la alma en qual pleito se vío: / vinieron de diablos por ella grand gentío, / por llevarla al vátrato, de deleit bien vazío. / Mientre que los diablos la trayén com a pella, / vidiéronla los ángeles, descendieron a ella, / ficieron los diablos luego muy grand querella, / que suya era quita, que se partiessen d'ella. / Non ovieron los ángeles razón de vozealla, / ca ovo la fin mala e asín sin falla; / tirar no lis podieron valient una agalla, / ovieron a partirse tristes de la vatalla. / Acorrió'l la Gloriosa, reína general, / ca tenién los diablos mientes a todo mal; / mandólis atender, non osaron fer ál, / moviólis pletesía firme e muy cabdal. / Propuso la Gloriosa palabra colorada, / «Con esta alma, foles, -diz- non avedes nada; / mientre fue en el cuerpo fue mi acomendada, / agora prendrié tuerto por ir desamparada.» / De la otra partida recudió el vozero, / un savidor diablo, sutil e muy puntero: / «Madre eres de Fijo, alcalde derechero, / que no'l plaze la fuerza nin es end plazentero. / Escripto es que el omne allí do es fallado / o en bien o en mal, por ello es judgado: / si esti tal decreto por ti fuere falssado, / el pleit del Evangelio todo es descuiado.» / «Fablas -diz la Gloriosa- a guis de cosa nescia, / non te riepto, ca eres una cativa bestia; / quando ixió de casa, de mí priso licencia, / el peccado que fizo yo'l daré penitencia. / Serié en fervos fuerza non buena parencia; / mas apello a Christo, a la su audiéncia, / el que es poderoso, pleno de sapiencia, / de la su boca quiero oír esta sentencia.» / El Reí de los Cielos,

alcalde savidor, / partió esta contienda, non vidiestes mejor: / mandó tornar la alma al cuerpo el Sennor, / dessent qual mereciesse, recibrié tal onor. / Estava el convento triste e desarrado, / por esti mal exiemplo que lis era uviado; / resuscitó el fraire que era ya passado, / espantáronse todos ca era aguisado. / Fablólis el buen omne, díssolis: «Companneros, / muerto fui e so vivo, d'esto seet bien certeros, / ¡Grado a la Gloriosa que salva sos obreros, / que me libró de manos de los malos guerreros!» / Contólis por su lengua toda la ledanía, / qué dizien los diablos e qué Sancta María; / cómo lo quitó ella de su podestadía, / si por ella non fuesse, serié en negro día. / Rendieron a Dios gracias de buena boluntad, / a la sancta reína, madre de piadat, / que fizo tal miraclo por su benignidat, / por qui está más firme toda la christiandat. / Confessóse el monge e fizo penitencia, / mejoróse de toda su mala contendencia, / sirvió a la Gloriosa mentre ovo potencia, / finó quando Dios quiso sin mala repindencia, / requiescat in pace cum divina clemencia. / Muchos tales miraclos e muchos más granados / fizo Sancta María sobre sos aclamados; / non serién los millésimos por nul omne contados, / mas de lo que sopiéremos, seed nuestros pagados¹⁴⁷.

A disputa pela alma do monge-sacristão é, inicialmente, travada entre os diabos e os anjos. Embora em vida ele fosse devoto de Santa Maria, cometia o pecado da fornicção, o que atentava contra o voto da castidade, virtude essencial para a distinção dos eclesiásticos. Portanto, uma alma que de pleno direito pertencia aos diabos. Ainda assim, os anjos tentam descobrir motivos para salvá-la, porém, a clara conduta pecaminosa do monge impossibilita que eles persistam na batalha, o que afrontaria as leis estabelecidas por Deus. Mas, Santa Maria surge, então, como mais um personagem de direito, invocando uma jurisdição que concorre com a própria lei divina.

Os anjos devem proteger os homens e reivindicar sua alma, mas quando as reivindicações demoníacas parecem mais justas, outro poder chega em seu auxílio. A Virgem Maria é muitas vezes apresentada como a principal advogada da humanidade, devido a suas intervenções misericordiosas. Entretanto, neste caso, muito mais do que misericórdia, os argumentos recaem sobre a superioridade jurisdicional que ela tem sobre a dos diabos, pelo fato do monge ser seu “encomendado”. Como senhora da vida e da morte desse vassalo, é a ela que compete dizer a justiça e não aos diabos. Interessante notar que a narrativa reforça o ato de homenagem (genuflexão) que o monge renovava diante da imagem da Virgem Maria, cada vez que entrava ou saía da igreja; um sinal claro de reconhecimento da sua senhora, o que dará aos argumentos jurisdicionais dela precedência sobre os dos anjos, ainda que estes fossem representantes de Deus. De qualquer forma, Santa Maria não pretende que o monge seja perdoado, mas que seja reconhecida a ela a

¹⁴⁷MNS, p. 15.

primazia de lhe impor a penitência. O final revela que a volta do monge à vida terrena e a obrigação de contar o que lhe havia sucedido são entendidas como forma de expiação dos pecados.

A lógica dessas disputas jurisdicionais entrelaça várias fontes de direito e, principalmente, a pluralidade de interpretações que o ordenamento jurídico medieval permitia a seus agentes. No caso do “sacristão fornicador”, evidencia-se a lei divina que decretava como princípio inquestionável que “homem será julgado pelo bem ou pelo mal que fizer”, mas também se considera o direito de Santa Maria sobre um vassalo que em vida fora seu “encomendado” e que antes de “sair de casa lhe pedira licença”. Nas palavras dela, “seria crime deixar a alma desamparada”. Mas o diabo “sábio, sutil e certo” defende a lei divina e acusa a Virgem Maria de tentar “falsear o decreto”. Portanto, dois direitos legítimos, em concorrência.

No exemplo a seguir é possível reafirmar a importância das relações de suserania e vassalagem entre os homens e os seres sobrenaturais, para definir quem tinha competência para julgar e captar as almas dos cristãos.

En todo tempo faz ben / a Virgen que nos manten. / Non á temp' assinaado / por
acorre-lo coitado / nen perdõa-lo culpado, / mais assi como Il' aven. / En todo
tempo faz ben... / Dest' un miragre preçado / vos será per mi mostrado / que fez por
un ordado / a mui comprida de sen. / En todo tempo faz ben... / De missa o
malfadado / era, mas por seu pecado / a lussuria tan deitado, / que non dava por al
ren. / En todo tempo faz ben... / E pero de mui bon grado / rezava mui' aficado / as
oras da que Deus nado / foi por nos en Belleen. / En todo tempo faz ben... / Ha
noit' o desguisado / foi fazer, e pois entrado / ouv' en un barqu' e passad'o / Sena,
que por Paris ven. / En todo tempo faz ben... / Pero non foi arribado, / ca o barco
foi tornado / e el na agu' afogado / ante que chegass' aquen. / En todo tempo faz
ben... / El avia começado / madodos e rezado / un salm'; e logo fillado / foi do
demo feramen. / En todo tempo faz ben... / E pois foi apoderado / de ssa alma,
mui' irado / foi ao fogo privado pola y par des en. / En todo tempo faz ben... / Mais
a Madre do onrado / Jeso-Crist' a seu chamado / vo, e o denodado demo / logo
fugiu en, / En todo tempo faz ben... / U ela ressucitado ouv' / o morto e sacado do
/ rio, que ja buscado fora daquend' e dalen. / En todo tempo faz ben... / Quatro dias
mergullado / jouvera e afondado; mas / enton dalá tirado foi pola / que senpre ten
/ En todo tempo faz ben... / Seu acorr' aparelado / pora vale-lo menguado / d'
ajuda. Poren loado seja / seu nome. Amen. / En todo tempo faz ben...¹⁴⁸.

A narrativa, embora mais curta que as demais, apresenta uma estrutura familiar. Trata-se de um eclesiástico luxurioso que morre afogado no Sena, em Paris, a caminho de pecar. Os diabos aparecem prontamente para se apossar da alma que julgam merecer, e começam a torturá-lo com o fogo infernal. Santa Maria se apresenta e, sem discussão, os

¹⁴⁸ CSM, p. 259.

diabos fogem diante da visão. Nesse caso, é a santidade de Maria que os afugenta, mas a jurisdição que se configura é a de Cristo, a quem o eclesiástico costumava rezar com devoção as horas, e ao qual recorreu no momento do naufrágio, quando começou a rezar um salmo, que não pode terminar, porque os diabos o prenderam. Na narrativa explica-se que a Virgem é enviada de Cristo, e o caso é claro do ponto de vista jurídico, não sendo necessário o confronto. Jesus Cristo é o senhor que tem direito sobre a alma e os diabos impediram que o moribundo renovasse, no último suspiro, o ato de vassalagem.

A precedência que os vínculos de vassalagem assumem nos milagres manifesta-se igualmente no próximo caso:

Era en una tierra un omne labrador/ que usava la reja más que otra lavor;/ más amava la tierra que non al Criador,/ era de muchas guisas omne revolverdor./ Fazié una nemiga, suziela por verdat,/ cambiava los mojonos por ganar eredat./ facié a todas guisas tuerto e falsedat,/ avié mal testimonio entre su vecindat./ Querié, peroque malo, bien a Sancta María,/ udié los sus miráculos, dávalis acogía;/ saludávala siempre, diciéli cada día:/ «Ave grafía plena que parist a Messía.»/ Finó el rastrapaja de tierra bien cargado,/ en sogas de diablos fue luego cativado,/ rastrávanlo por tienllas, de cozes bien sovado,/ pechávanli a duplo el pan que dio mudado./ Doliéronse los ángeles d'esta alma mesquina,/ por quanto la levavan díablos en rapina;/ quisieron acorrelli, ganarla por vecina,/ mas pora fer tal pasta menguavalis farina./ Si lis dizién los ángeles de bien una razón,/ ciento dicién los otros, malas que buenas non;/ los malos a los bonos teniénlos en rencón,/ la alma por peccados non issié de presón./ Levantóse un ángel, diso: «Yo so testigo,/ verdat es, non mentira esto que yo vos digo:/ el cuerpo, el que trasco esta alma consigo,/ fue de Sancta María vassallo e amigo./ Siempre la ementava a yantar e a cena,/ diziéli tres palabras: 'Ave grafía plena'; la boca por qui essié tan sancta cantilena/ non merecié yazer en tan mala cadena.»/ Luego que esti nomne de la Sancta Reina/udieron los díablos cogieron's de ý aína;/derramáronse todos como una neblina,/ desampararon todos a la alma mesquina, / Vidiéronla los ángeles seer desamparada,/de piedes e de manos con sogas bien atada;/sedié como oveja que yaze ensarzada,/ fueron e adussiéronla pora la su majada./Nomne tan adonado e de vertut atanta,/que a los enemigos seguda e espanta,/non nos deve doler nin lengua nin garganta/ que non digamos todos: «Salve Regina Sancta.»¹⁴⁹.

Um homem lavrador incansável, mas desonesto, que enriquecia graças às posses alheias e que amava mais suas terras do que a Deus. Porém, como nos casos anteriores, devoto da Virgem, a quem prestava pública reverência e de quem, nas palavras da narrativa, “foi seu vassalo e amigo”. No momento da morte, os diabos chegaram prontamente para levar sua alma, à qual infligiram os mesmos tormentos que o seu corpo havia submetido aqueles a quem tinha prejudicado. Apesar da pena que os anjos sentiram daquela “alma mesquinha”, reconheciam que não tinham argumentos para enfrentar o

¹⁴⁹ MNS, p. 50.

direito dos diabos, mas recordaram a devoção que o morto dedicara em vida a Santa Maria, dizendo: “Ave Maria cheia de graça”. A simples evocação da Virgem Maria afugentou os diabos, que abandonaram a alma, e os anjos puderam recolhê-la. Entretanto, em termos da narrativa, é preciso destacar que antes da evocação mariana, um anjo testemunhou: “é verdade, e não mentira, isto que vos digo: o corpo que trazia consigo esta alma foi de Santa Maria vassalo e amigo...”.¹⁵⁰

A atuação dos diabos nesses milagres é pequena e o protagonismo recai sobre a misericórdia, a bondade e a santidade da Mãe de Deus, que espanta os agentes infernais. A fuga dos diabos ao perceberem a aproximação da “advogada dos homens” expressa a profunda compreensão que eles possuem sobre a ordem jurisdicional, pois nesses casos não tentam argumentar e negociar sobre a posse das almas. Embora se possa entender que a força da santidade de Maria afugenta os diabos, não se pode descurar o forte laço de suserania e vassalagem que essas narrativas também destacam, entre os homens e os seres sobrenaturais, o que justifica juridicamente as cenas.

Sempre que os diabos entendem ter direito sobre as almas, insistem nos embates e argumentam contra todos os santos. Mas quando percebem que a querela é injusta e laços mais fortes unem os homens aos santos, eles fogem em disparada para evitar embates desnecessários; as relações de senhorio e vassalagem ganham primazia. Embora os cristãos retratados nessas histórias fossem pecadores contumazes, com destino certo, as constantes orações e demonstrações de devoção aos santos são entendidas como vínculos vassálicos que modificam o desfecho do caso, fruto da sobreposição e interrelação de direitos.

Nos casos apresentados, os diabos sustentam seu argumento pela lógica das Sagradas Escrituras e com base na sentença de Deus referente ao destino da alma dos pecadores.

2.2 O diabo transita entre diferentes esferas jurídicas

O diabo das narrativas de milagres dos séculos XIII e XIV, tal como os homens e mulheres desse tempo, transita entre vários papéis e cumpre diversas funções. A capacidade

¹⁵⁰ Atualização/tradução nossa.

diabólica de transfiguração responde à necessidade de atender a cada circunstância e se configura como marca do personagem.

Realizar a justiça é o principal mote do diabo. Por meio das falas que lhe são atribuídas, fica evidente que ele justifica suas ações com o objetivo de cumprir a justiça, muito embora os santos muitas vezes denunciem que se trata de uma visão distorcida e maléfica. Entretanto, é importante sublinhar que o diabo, nas narrativas analisadas, jamais anuncia pretensões de instalar o reino da injustiça. Ao contrário, defende claramente a justiça. Assim, para cumprir esse papel de defensor, ele assume características que, à primeira vista, não seriam próprias de sua natureza.

O caso de Geraldo monge-romeiro-suicida, analisado no item anterior, apresenta várias facetas jurídicas assumidas pelo diabo numa mesma história. Inicialmente, no papel de falsificador (enganador) e, depois, como acusador. Em *Los Milagros de Nuestra Señora*, destaca-se a capacidade dos diabos para aparentar o que não são a fim de enganar os homens, podendo assumir formas angélicas, ou de santos como ocorre no milagre. A função do diabo é explorada ao longo diálogo que ele mantém com o monge, convencendo-o de que é São Tiago por meio do medo: “saíste de tua casa para vir à minha, depois de cometer o desatino achaste que poderias terminar a romaria sem penitência; Santa Maria não to permitirá”.¹⁵¹ O diabo mostra a Geraldo que conhece seu pecado e assume o papel de acusador, evocando a figura de Santa Maria para enfatizar a gravidade do erro e a justiça da acusação. Depois do suicídio, o diabo assume o papel de juiz das ações humanas. Portanto, trata-se da reunião de várias funções no mesmo personagem.

No papel de senhor dos infernos, o diabo é também juiz, mas de seus próprios domínios. No Ms 01 OBR/BCE/UnB registra-se um caso transcorrido em tribunal, no qual Satã julga seus vassallos. Neste milagre a lógica em que o diabo é apresentado como agente celeste se inverte; no inferno o diabo é senhor de seus dependentes.

Dezia huñ velho homen que moraua en/ Thebayda disse que era filho duñ Sa/ cerdote dos idolos. E quando eu era pequeno gua/ rdaua sempre otemplo. Eaeo huñ dia que meu pa/ dre fora fazer sacrificio aos Idolos. Eeu entrey apos/ el ascondudamente. Equando entrey uy Sathanas/ o rey dos Enmiigos con toda sa caualaria estar./ E eu catando esto ui que se leuantou logo hũ dos princepes e oroo. Eo enmiigo lhi disse onde/ uees? E el disselhi. En tal terra fuy e uoluy/ muytas batalhas e muytas peleias e fiz quesse/ matassem muytos homens e uim hora dizercho. E Sathanas lhi disse en quantos dias offezisti? Eel disse en trinta

¹⁵¹ “Essisti de tu casa por venir a la mía;/ quando essir quisisti fizist una follía: / cuidas sin penitencia complir tal romería; / non te lo gradirá esto Sancta María”.

dias. Eo enmiigo mandoo/ açoutar e disselhi. Como en tanto tempo fezesti tu tã pouco como esto? E de pos este leuan/ tousse outro princepe e oroo. E sathanas lhi di/ sse onde uees. Eo enmiigo respondeu edisse no mar fuý e leuantey grandes tormentas e a/ fondeý muytas naues e mateý muytos ho/ meens e ora uenhocho dizer. E Sathanas disse/ lhi enquantos dias offezist?i e ele disse en uiin/ te. E mandouo açoutar e disselhi. Como entan/ tos dias nõ fezesti tu chus? Eo terceyro ueo/ eoroo. E o enmiigo lhi disse onde uees? Eele/ disse enhũa Cidade fuý enque fazian uodas/ e eu leuantey gran peleia e gran uolta de mane/ yra que fiz que sse matassem hi muytos ede/ mais que mataron hi oesposo. E uenhocho hora/ dizer. E disselhi enquantos dias offezesti. Eele/ disse en dez entõ mandoo açoutar e disselhi/ como en tanto dias nõ fezesti tu chus. Desi/ er ueo oquarto e oroo . E o enmiigo lhi disse onde/ uees. Eel disselhi no ermo fuý e huũ mon/ ge hermitã que era seruo de Deus que auia ja dez anos/ quehi moraua fizlhi que jouuesse esta noýte/ con hũa molher. Quando esto ouuyo Sathanas/ leuantousse e foýo leuar e tomou a Coroa/ que tiinha na cabeça e poselha na sua e ass/ entoo cabo dessi e disselhi gran cousa e/ forte fezisti. Eu quando esto uý dixi amim/ meesmo muyto he boa cousa a oraçon dos/ monges. E prougue a Deus demi dar saude/ e viim e fiz me monge.¹⁵².

Em seus domínios, Satanás é descrito como “rei dos inimigos” e os diabos que lhe rendem contas, como “príncipes”, os quais formam a sua cavalaria. As relações de senhorio e vassalem estão bem caracterizadas, por meio dos atos e das falas. Satã reúne a sua corte, transformada em tribunal, momento em que os vassalos devem mostrar que prestaram serviços à altura dos benefícios recebidos do senhor e da missão que este lhes confiou. O sinal claro de reverência é dado pela repetição do gesto de homenagem que cada um dos príncipes diabólicos deve realizar diante de Satã.¹⁵³

Os vassalos são julgados à luz do tempo despendido e a qualidade da tarefa realizada. A grandes senhores, neste caso, príncipes-cavaleiros-diabólicos, exigem-se grandes feitos e, de acordo com o juiz supremo, eles não estiveram à altura do que lhes exige sua condição social. Por isso são castigados de forma vil, com açoites. A pena, repetida uma e outra vez, sublinha a perda da qualidade superior desses vassalos. Somente um dos príncipes foi fiel e honrou seu senhor, ao desencaminhar um monge. Nesse contexto, ressalta-se a virtude da ordem religiosa, cujas características a tornam um desafio de grandes dimensões para os demônios. Assim, se por um lado se promovem as dinâmicas da honra e da lealdade vassálicas, por outro, se enaltece a virtude religiosa, ainda que finalmente o monge tenha cedido à tentação. Mas, interessa compreender como essas

¹⁵²Ms 01 OBR/BCE/UnB, f. 7.; MACHADO FILHO, *op. cit.*, p. 82.

¹⁵³ O verbo usado na fonte é “orar” (*orou-o*), o que se adéqua ao cenário do templo, mas que remete também ao ato de se ajoelhar e saudar o senhor.

narrativas recorrem às lógicas e modelos sociais e políticos de seu tempo para, por meio do plano sobrenatural, reforçar a maneira como se vivia na terra.

A organização jurídica segue e formata, ao mesmo tempo, a composição social dividida nas três ordens: os que rezam, os que guerreiam e os que trabalham. Partes que compõem um todo, um só corpo social, mas que, em seu interior, subdividem-se numa miríade de corpos, cada qual com sua jurisdição e direitos próprios.

Estas exigências finalistas da organização social constituíam, portanto, uma ordenação que decorria da própria *natureza* da sociedade, ordenação que assignava cada qual um estatuto particular, integrado por um conjunto particular de direitos e deveres. Nestes termos, podia falar-se da origem natural dos direitos e deveres dos indivíduos, mas num sentido completamente diferente de hoje. Enquanto hoje se fala de direitos naturais do indivíduo, no sentido de direitos individuais *independentes da concreta estrutura de uma sociedade histórica* (direitos “universais”) e *das determinações da ordem jurídica positiva* (direitos “naturais” ou “supra-positivos”), então fala-se de “direitos naturais” dos membros da sociedade, no sentido de direitos que decorriam a cada um da estrutura e finalidades histórico-concretas de uma determinada sociedade e do modo de integração dos indivíduos nessa sociedade (v.g., como “governante”, como “pai”, como “nobre”, etc). Como um corpo estruturado de certo modo e voltado à consecução de determinados fins, cada sociedade tinha por natureza assignar aos diversos indivíduos e corpos que a compunham certas tarefas particulares, cuja realização era garantida pela concessão de certos direitos e deveres¹⁵⁴.

Dessa forma, é incorreto falar em um direito medieval, pois o período era formado por uma infinidade de direitos que concorriam entre si, criando um panorama discursivo complexo e bastante elástico. A complexidade não existia apenas nos diversos ordenamentos com seus costumes específicos, mas entre leis e costumes, cânones e direito comum e direito romano e as tradições locais. Em uma sociedade composta por diversos direitos é justificável a existência de diferentes jurisdições, pelo que, cada senhor com poder de justiça deveria julgar seus dependentes, no limite de sua jurisdição.

Em outro caso relatado no MS 01 OBR/BCE/UnB o diabo assume o papel de juiz, com o intuito de fazer cumprir a lei divina.

E uiuendo na Cidade da Lexandria escre/ ueu todas aquelas molheres que eran conho/ çudas por maas de seus corpos. E de diia/ fazia sas obras e uendiaas q quandoosse/ queria poer o sol comia hũa dieyrada dan/ temorços e todo oal que gaanhaua gua/ rdauao. E cada hũa acada hũa daquelas/ molheres de que falamos hũa noýte/ ahũa e outra noýte aoutra e dezia dámi/ tu esta noýte e nõ queyras fazer maldade/ e euti dareý tanto quanto toda anoyte ti/ darian por teu corpo. E ele metiasse na/ casa con ela pera nõ fazer ela maldade con/ outri. E de pois que começaua en noy/ tecer poynhase en canto da casa daquela/ molher e

¹⁵⁴ HESPANHA, Antônio Manuel. *História das Instituições: Épocas medievais e modernas*. Coimbra: livraria Almedina, 1982, p. 311.

estaua hi ateena manhaa/ con muytas lagrimas e con muytas ora/ ções que fazia. E ante que se ende partisse/ prometialhi aquela molher en cuja estiuera/ de noyte orando queo nõ descobrisse./ Eassi como hũa noyte estaua encasa/ dũa assi as outras noytes estaua enca/ sas das outras. Eassi comolhi hũa prome/ tia queo nõ descobrisse assilho prometiam/ as outras. E ele assi uiuendo huã daquelas/ molheres descobro ensa uida e disse que/ nõ entrau denoyte aelas assas casas/ pera fazer maldade mais tragelas aboo es/ tado. Eel pesoulhi porquo descobrio e fez/ sa oraçõ a Deus contra aquela molher que o desco/ brira. E logo oenmiigo antigo do linhagem/ de a Dã entrou en ela e faziaa torcer muy/ laydamente. E por esto se guardaron as ou/ tras desali adeante que nunca o descobriron/ daquelas orações que lhi viian fazer de noyte/ e daquelas lagrimas que lhi uiiam chorar.¹⁵⁵

Neste milagre um diabo tem a tarefa de vingar um homem santo, denunciado por uma prostituta. Embora a narrativa não explicita que Deus encarregou o diabo de realizar a vingança, mas a ligação entre o ato da oração do homem e a aparição do demônio, que inflige castigos à mulher, permite entender dessa forma. Portanto, mais uma situação que revela a diversidade das funções que o diabo pode assumir, além de colocá-lo em uma situação de defensor da virtude e da castidade, para proteger um homem santo, coisa que coloca em xeque as interpretações historiográficas dualistas. Apesar do comportamento do diabo ser normalmente guiado pela oposição aos santos, há momentos em que ele pode converter-se em defensor deles.

Garantir a lei e o poder divinos é uma função fortemente vinculada à imagem do diabo nessas narrativas. A função de promotor aparece em todas as instâncias e, como carrasco eficiente ele pune os infratores, independentemente da qualidade das vítimas. Os santos entendem essa função e sabem que, eventualmente, o diabo pode ser garantidor/executor/instrumento da justiça. Os pecadores estão sob a jurisdição dos diabos, e estes são responsáveis por punir os desvios. Assim, quando o abade Vital reza, pedindo a vingança divina, não aparece um anjo para fazer justiça, mas o agente adequado para lidar com a situação¹⁵⁶.

2.3 As Sagradas Escrituras como lógica argumentativa na voz de Deus e do Diabo

Estudar a questão jurisdicional presente nas fontes de milagres é uma forma de analisar o papel dos diabos e o modo como a lógica medieval concebia essa figura

¹⁵⁵Ms 01 OBR/BCE/UnB, f. 61.; MACHADO FILHO, *op. cit.*, p. 205.

¹⁵⁶Ms 01 OBR/BCE/UnB, f. 61v.; MACHADO FILHO, *op. cit.*, p. 205. Versão nossa.

complexa. A atuação diabólica está diretamente ligada ao Criador, refletindo uma consonância com a ordem estabelecida por ele. Acusador dos homens, carrasco de Deus, senhor em seus domínios, um ser híbrido e adaptável, o diabo se preocupa com a realização de uma ordem pré-estabelecida. Identificados como seres maléficos e astutos os espíritos malignos não são senhores do caos, mas colaboram com a justiça divina. Embora todos os seres celestes sejam vassallos de Deus e, conseqüentemente, almejem obedecer-lhe, o fato de que sejam concebidos como potências com jurisdições próprias gera embates, como nos casos analisados até aqui, nos quais sobressai o conflito frequente entre norma e misericórdia/piedade. É da essência da justiça dos santos agir com misericórdia, o que pode esbarrar com a lei escrita, expressa nas Sagradas Escrituras. Essas disputas traduzem o espírito das questões jurisdicionais que dinamizavam a política medieval, envolvendo a concorrência entre direitos.

Em algumas narrativas fica evidente a preocupação dos protagonistas celestes e infernais em cumprir os preceitos das Sagradas Escrituras. Mas, também é importante notar que os vários exemplos permitem compreender que esse direito não era entendido pelos protagonistas de forma estática, mas como referência de autoridade para, em conjunto com outros direitos e, de acordo com as circunstâncias, restabelecer a ordem e a justiça.

O caso do “sacristão fornicador”, analisado anteriormente, narra a disputa entre Santa Maria e o diabo pela alma de um monge, devoto mariano, mas que cometia o pecado da luxúria, descumprindo os preceitos de sua condição monástica. No momento da morte, instala-se a disputa jurisdicional sobre a alma, na qual os diabos para defender suas pretensões frente às da Virgem citam expressamente as Sagradas Escrituras: “está escrito que o homem será julgado pelo bem ou o mal que fizer: se tal decreto for por ti falseado, todo o pleito do Evangelho será descuidado”¹⁵⁷. O argumento utilizado pelos agentes do inferno obedece à norma expressa nas Sagradas Escrituras, que estabelece duas jurisdições sobre as almas de acordo com os feitos em vida: se o cristão praticou o bem pertence a uma jurisdição, a divina, e, caso contrário, à infernal. Frequentemente, as narrativas de milagres caracterizam o diabo por sua antiguidade, o que lhe garante uma vasta experiência e conhecimento. Para cumprir o ofício de acusador é necessário conhecer as normas e ele

¹⁵⁷“ / Escripito es que el omne allí do es fallado / o en bien o en mal, por ello es judgado: / si esti tal decreto por ti fuere falssado, / el pleit del Evangelio todo es descuiado”.

revela-se profundo conhecedor das Escrituras. É nesse sentido que os diabos contestam Santa Maria, lembrando que no papel de mãe do Criador, ela deveria seguir e reconhecer a autoridade de seu filho, respeitando o que ele estabelecera. Os diabos obedecem a Deus e exigem que todos o façam, sem distinção. Eles invocam o Evangelho como a única sede de argumentos válida para discutir a posse da alma do monge. Na perspectiva deles, qualquer outra lógica, “falseia” as Escrituras e “arranca” o caso do único cenário legítimo em que pode ser enquadrado.

Os diabos não aparecem apenas como acusadores dos humanos, mas como mantenedores da ordem estabelecida por Deus e, como no caso acima, atuando como fiscais dos agentes celestes. Quando contestam a ação de algum santo não se preocupam apenas em não perder a disputa, mas se atêm à manutenção da ordem e à obediência a Deus. Os diabos são fiéis servidores do Criador, pois todas as suas ações são determinadas no momento da queda, quando Deus os sentencia ao inferno e determina que a partir daquele momento somente poderão cometer maldades, com vistas a colocar os comportamentos dos humanos à prova. A ordem estabelece que os pecadores irão para o inferno e os justos para o céu. Assim, no que lhes compete, a preocupação dos diabos com a regra é uma forma de garantirem seus direitos sobre as almas. Ao impedir que uma sentença justa se cumpra, a Virgem Maria cria entraves à atuação legítima dos diabos e prejudica seus direitos.

As Sagradas Escrituras são, portanto, um referencial incontornável para julgar as almas. Entretanto, nem sempre convém que a lei seja aplicada de forma estrita, e cumpre ao juiz, por meio da *interpretatio*, decidir o que se adéqua a cada caso, podendo, até mesmo, não aplicar a lei.¹⁵⁸ Ainda que, aparentemente, determinadas decisões do juiz ignorem ou desrespeitem a lei, mesmo assim, pelo fato de serem atos emanados de quem tem o direito de dizer justiça, são entendidos como ações/discursos que protegem o bem comum. Pois somente um juiz legítimo teria a capacidade de ver além da mera letra da lei e pesar tudo o que está em jogo, a fim de chegar a uma decisão que preserve o bem comum. É dessa forma que se deve interpretar a resposta que a Virgem Maria dá aos diabos: “Falas – diz a Gloriosa – como de coisa néscia, não te desafio, porque és uma besta cativa; quando saiu de

¹⁵⁸ Em nome da equidade, o juiz pode preencher as lacunas da lei ou sequer a aplicar se considerar mais adequado. GROSSI, op. cit., p. 262.

casa [o monge] pediu-me licença, e sobre o pecado que cometeu eu darei penitência. [Do contrário], seria cometer injustiça contra servos e não bom parecer; mas apelo a Cristo, à sua audiência, ele que é poderoso e cheio de sabedoria, de sua boca quero ouvir esta sentença”.¹⁵⁹ Portanto, a Virgem Maria aporta à discussão outra fonte de direito, oriunda da relação vassálica, e que, na interpretação dela é muito mais adequada àquelas circunstâncias. Não se trata de desautorizar o Evangelho, mas de identificar a bondade do morto em outro momento da história; ele era um bom vassalo de Santa Maria, um aspecto essencial para a ordem do universo. A maldade que ele tinha cometido, somente à Virgem competia punir, em função dos vínculos de vassalagem que os atavam. Note-se que a Virgem Maria acusa inicialmente o diabo de ser néscio – por não ser livre – e de não conseguir hierarquizar e conjugar diferentes fontes de direito, limitando-se à letra da lei. Finalmente, ela retira do demônio qualquer pretensão de sabedoria, estabelecendo que a única fonte de sapiência é Cristo, a quem submete o caso para sentença.

Esses aspectos são também importantes na narrativa “*El monje y San Pedro*”, registrada com algumas diferenças em *Los Milagros de Nuestra Señora* e nas *Cantigas de Santa María*.

En Colonna la rica,/ cabeza de regnado,/ avié un monesterio/ de Sant Peidro clamado;/ avié en él un monge/ assaz mal ordenado,/ de lo que diz la regla/ avié pocco cuidado./ Era de pocco seso,/ facié mucha locura,/ porque lo castigavan/ non avié nulla cura;/ cuntió'l en est comedio/ muy grand desaventura:/ parió una bagassa/ d'él una creatura./ Por salud de su cuerpo/ e por vevir más sano,/ usava lectüarios/ apriesa e cutiano,/ en invierno calientes,/ e fríos en verano,/ devrié andar devoto / e andava lozano./ Vivié en esta vida en grand tribulación,/ murió por sus peccados por fiera ocasión,/ nin priso Corpus Dómini nin fizo confesión,/ levaron los diablos la alma en presón./ San Peidro el apóstol ovo d'él compassión,/ ca en su monesterio fiziera profesión:/ rogó a Jesu Christo con grand devoción/ de su misericordia que'l ficiesse ración./ Díssol' Jesu Christo: «Peidro, el mi amado,/ bien sabes tú qué disso David en su dictado,/ que essi folgarié en el monte sagrado que entró sin mançiella e quito de peccado./ Essi por qui tú ruegas, fincada tu rodiella,/ nin obrava justicia nin vivié sin mançiella:/ por la su compaña non valió más la ciella:/ ¿En cuál él mereció posara en tal siella?»/ Rogó a las Vertutes Sant Peidro celestiales,/ que rogassen al Padre de los penitenciales,/ que quitassen est omne de los lazos mortales,/ recudióli palabras como las otras tales./ Tornó en la Gloriosa, Madre del Nuestro Don,/ e en las otras vírgenes que de su casa son;/ fueron ellas a Christo con gran suplicación,/ por la alma del monge ficieron oración./ Quando vío don Christo la Madre gloriosa,/ e de las sus amigas processión tan preciosa,/ issió a recibir las de

¹⁵⁹ “Fablas -diz la Gloriosa- a guis de cosa nescia, / non te riepto, ca eres una cativa bestia; / quando ixió de casa, de mí priso licencia, / el peccado que fizo yo'l daré penitencia. / Serié en fervos fuerza non buena parencia; / mas apello a Christo, a la su audiencia, / el que es poderoso, pleno de sapiencia, / de la su boca quiero oír esta sentencia”.

manera fermosa:/ ¡Alma que lo videsse serié bien venturosa!/ «Madre -dixo don Christo- yo saberlo querría,/ ¿qué negocio vos trae con esta compaña?»/«Fijo -disso la Madre- a rogarvos venía/ por alma de un mongede fulana mongía.»/ «Madre -dixo el Fijo-non serié derechura,/ tal alma de tal omne entrar en tal folgura:/ serié menoscabada toda la escriptura;/ mas por el vuestro ruego faremos y mesura./ Quiero fazer atanto por el vuestro amor:/ torne aún al cuerpo en qui fo morador;/ faga su penitencia como faz peccador,/ e puede seer salvo por manera mejor.»/ Quando udió Sant Peidro esti tan dulz mandado,/ vío que su negocio era bien recabado;/ tornó a los diablos, concejo enconado:/ la alma que levavan, tolliógela sin grado./ Diógela a dos ninnos de muy grant claridat,/ creaturas angélicas de muy grant sanctidat;/ diógela en comida de toda voluntat/ por tornarla al cuerpo con grand seguridat./ Diérongela los ninnos a un fradre onrado/ que fuera en su orden de chiquinez criado;/ levóla él al cuerpo que yaçié mortajado,/ resuscitó el monge, ¡Dios sea end laudado!/ A la alma del monge díxoli la su guía,/ el fraire, omne bueno, que ante vos dizia:/ «Yo te ruego por Dios e por Sancta María,/ que tengas un clamor tú por mí cada día./ Otra cosa te ruego: ue la mi sepultura/ que yaz toda cubierta de suso de vasura,/ tú la hagas varrer por tu buena mesura;/ tú lo cumpli, ¡sí Dios te dé buena ventura!»/ Resuscitó el monge, el que era transido,/ pero por un grand día sovo fuert estordido;/ maguer tornó en cabo en todo so sentido,/ regunzó al convento por qué avié trocido./Rendieron a Dios gracias, a la Virgo real,/ e al sancto apóstolo, clavero celestial/ que por salvar su monge sufrió porfazo tal;/ non fue esti miraclo e precio sivuelqual./Non aya nadi dubda entre su corazón/ nin diga esta cosa podrié seer o non;/ ponga enna Gloriosa bien su entención,/ entenderá que non viene esto contra razón./ Como es la Gloriosa plena de bendición,/ es plena de gracia, e quita de dicción; no'l serié negada ninguna petición,/ no li diçrié tal Fijo a tal Madre de non ¹⁶⁰.

Nas *Cantigas de Santa María*, o milagre aparece descrito conforme a citação abaixo:

Par Deus, muit' é gran razon/ de poder Santa Maria / mais de quantos Santos son./
 E muit' é cousa guysada / de poder muito con Deus
 a que o troux' en seu corpo, / e depois nos braços seus o trouxe muitas vegadas, /
 e con pavor dos judeus fugiu con el a Egipto, / terra de rey Faraon./ Par Deus,
 muit' é gran razon.../ Esta Sennor groriosa / quis gran miragre mostrar en un
 mōesteir' antigo, / que soya pret' estar/ da cidade de Colonna, / u soyan a morar
 monges e que de San Pedro / avian a vocaçõ./ Par Deus, muit' é gran razón.../
 Entr' aqueles bõos frades / avia un frad' atal, que dos sabores do mundo / mais ca
 da celestial/ vida gran sabor avia; / mas por se guardar de mal beveu ha meeza, /
 e morreu sen confisson./ Par Deus, muit' é gran razon.../ E tan toste que foi morto,
 / o dem' a alma fillou dele e con gran lediça / logo a levar cuidou;/ mas defendeu-
 llo San Pedro, / e a Deus por el rogou que a alma do seu monge / por el ouvesse
 perdon./ Par Deus, muit' é gran razon.../ Pois que San Pedr' esto disse / a Deus,
 respos-ll' el assi:/ «Non sabes la profecia / que diss' o bon rei Davi, que o ome
 con mazela / de peccado ante mi/ non verrá, nen de mia casa / nunca será
 conpannon?» Par Deus, muit' é gran razon.../ Mui triste ficou San Pedro / quand'
 esta razon oyu, e chamou todo-los Santos / ali u os estar vvyu, / e rogaron polo
 frade / a Deus; mas el recodiu ben com' a el recodira, / e en outra guisa non./ Par
 Deus, muit' é gran razon.../ Quando viu San Pedr' os Santos / que assi foran falir,
 enton a Santa Maria / mercee lle foi pedir/ que rogass' ao seu Fillo / que non
 quisess' consentir que a alma do seu frade / tevess' o dem' en prijon./ Par Deus,

¹⁶⁰MNS, p. 31.

muit' é gran razon.../ Log' enton Santa Maria / a seu Fill' o Salvador foi rogar que aquel frade / ouvesse por seu amor/ perdon. E diss' el: «farey-o / pois end' avedes sabor; mas torn' a alma no corpo, / e compra ssa profisson.»/ Par Deus, muit' é gran razon.../ U Deus por Santa Maria / este rogo foi fazer,/ o frade que era morto / foi-ss' en pees log' erger, e contou ao convento / como ss' ouver' a perder,/ se non por Santa Maria, / a que Deus lo deu en don. Par Deus, muit' é gran razon...¹⁶¹

Como nos tribunais terrenos, a alma sofre um processo de julgamento antes da sentença final, com testemunhas, interrogatórios, defesa e acusação. O milagre relata um processo pelo qual se pretende convencer o Criador a abrandar a pena do monge-pecador. Em termos teológicos, Deus não precisaria de provas e de testemunhas, uma vez que sua onisciência garante que ele conhece o coração dos homens e todas as suas obras. Mas a função do santo é convencê-lo a diminuir a sanção e evitar que o pecador seja imediatamente enviado para o inferno. Embora pequena, a participação do diabo é significativa, pois ele aparece logo após o falecimento do monge, pronto para capturar a alma e condená-la.

Deus entende que a vítima não merece subir aos céus, pois pecou. Os pecados cometidos pelo monge são detalhados pela narrativa: o homem deitou-se com prostitutas, teve um filho e abusava de poções para ficar vigoroso e prosseguir no pecado. Não obedecia às Escrituras e não era devoto.

Deus, em seu papel de legislador supremo do universo, reage inicialmente pela salvaguarda da lei escrita. Em *Los Milagros de Nuestra Señora* : “Pedro, amado meu, bem sabes que Davi disse que somente folgaria no monte sagrado aquele que não tivesse mazelas e estivesse livre de pecado. Esse pelo qual rogas, de joelhos, não fazia justiça nem vivia sem mazela”¹⁶². Nas *Cantigas de Santa María*: “Não sabes da profecia que disse o bom rei Davi, que o homem com mazela não virá ante mim e que tampouco será companheiro de minha casa?”¹⁶³ Ao se referir às palavras do rei Davi, no Velho Testamento,¹⁶⁴ Deus justifica a atuação do diabo, pois reforça o discurso da condenação. A norma aparece como fundamento jurídico e referência para o juiz supremo. Sempre descrito

¹⁶¹ CSM. p. 38.

¹⁶² “Peidro, el mi amado,/bien sabes tú qué disso David en su dictado,/ que essi folgarié en el monte sagrado que entró sin mançiella e quito de peccado./ Essi por qui tú ruegas, fncada tu rodiella,/ nin obrava justicia nin vivié sin mançiella”.

¹⁶³ “Non sabes la profecia / que diss' o bon rei Davi, que o ome con mazela / de peccado ante mi/ non verrá, nen de mia casa / nunca será conpannon?”

¹⁶⁴ Não foi encontrada tal citação na “Bíblia de Jerusalém”.

como justo, o Criador não pode mudar as regras e abrir exceções, apenas para satisfazer o capricho de algum santo. Mas, ao mesmo tempo, os santos não podem desistir dos pecadores, principalmente, quando eles são seus devotos/vassalos, como no caso do monge: “São Pedro, o apóstolo, teve compaixão dele, pois em seu mosteiro professara”¹⁶⁵ ; “e rogou a Deus que perdoasse a alma de seu monge”¹⁶⁶. Para São Pedro, tratava-se de seu monge que pertencia a seu mosteiro. Portanto, tal como em casos anteriores já analisados, impunha-se o dever do senhor proteger o vassalo. Dessa forma, diabos, santos e o próprio Deus cumprem seus papéis, exercem suas respectivas jurisdições, concorrendo entre eles, por meio dos direitos.

Mas a interpretação e julgamento de cada caso exige que se considerem diferentes direitos e tradições, numa dinâmica de grande elasticidade. Como está escrito no Velho Testamento, a norma sentencia os pecadores ao inferno, mas a misericórdia dos santos, tendo Santa Maria como principal exemplo, funda também um direito sobre os cristãos pecadores. Assim como os juízes terrenos, Deus articula diversos direitos em um movimento dinâmico de interpretações e apropriações.

Santa Maria é a principal advogada dos homens, e nos milagres marianos seu filho está sempre inclinado a satisfazer suas vontades. Tal como no milagre anterior, Cristo manifesta os laços que o obrigam com relação à mãe: o amor que lhe professa exige que ele lhe faça “mesura”. Nas *Cantigas de Santa María* se explicitam as circunstâncias que estão na base dessa obrigação: “é coisa muito ajuizada, de ter muito poder sobre Deus, aquela que o trouxe em seu corpo, e depois muitas vezes nos braços e, com pavor dos judeus, fugiu com ele para o Egito, terra de rei Faraó”¹⁶⁷. Portanto, grandes serviços prestou Maria ao Filho, que certamente justificam que ele lhe diga, em *Los Milagros de Nuestra Señora*: “quero fazer isso por vosso amor”¹⁶⁸. O reconhecimento filial expressa-se pela lógica da economia do dom, um aspecto essencial que a narrativa das *Cantigas* destaca como final

¹⁶⁵ “San Peidro el apóstol ovo d'él compasión,/ ca en su monesterio fiziera profesión”.

¹⁶⁶ “e a Deus por el rogou que a alma do seu monge / por el ouvesse perdon”.

¹⁶⁷ “E muit' é cousa guysada / de poder muito con Deus a que o troux' en seu corpo, / e depois nos braços seus o trouxe muitas vegadas, / e con pavor dos judeus fugiu con el a Egipto, / terra de rey Faraon.”

¹⁶⁸ “Madre -dixo el Fijo-non serié derecha,/ tal alma de tal omne entrar en tal folgura:/ serié menoscabada toda la escriptura;/ mas por el vuestro ruego faremos y medida./ Quiero fazer atanto por el vuestro amor.”

feliz: “o frade que estava morto pôs-se logo de pé e contou ao convento como se teria perdido, se não fosse por Santa Maria, a quem ele foi dado como dom por Deus”.¹⁶⁹

Sem poder desatender o pedido da mãe, Deus resolve abrandar a pena, mas não concede imediatamente o perdão; o monge deve voltar a seu corpo, recebendo uma segunda chance para se mostrar merecedor do céu. Os diversos direitos que circulavam e formam a sociedade medieval estão expressos nesses casos jurídicos celestiais, como concorência entre a lei veterotestamentária e uma tradição mais recente, evangélica, de misericórdia.

A concepção de justiça compreendia a noção de que cada corpo seria julgado de forma distinta, mas, sobretudo, que cada caso, com as especificidades dos envolvidos – réus, promotores, defensores, juízes – configuravam um universo específico, cujas particularidades tinham que ser consideradas no todo. Não existia uma justiça imutável e aplicável a toda a sociedade e em qualquer circunstância. Embora a primeira reação da divindade, diante do pedido da Virgem Maria, seja, “Mãe, não seria direito, a alma de tal homem alcançar essa felicidade; seria desacreditada a Escritura”¹⁷⁰, Cristo introduz imediatamente a conjunção adversativa “mas”, que esclarece haver outros direitos a serem somados à interpretação do caso, como o amor que ele lhe deve.

Um bom juiz era capaz de perceber a pluralidade e a complexidade de cada situação, dizer e fazer diferentes formas de justiça. É necessário esclarecer que essa característica não configurava um direito caótico, mas era parte de uma justiça heterogênea. O juiz não podia inventar leis para resolver as disputas que lhe eram apresentadas, seu papel era conhecer todos os direitos aplicáveis e escolher o mais justo para cada situação distinta.

Por outro lado, a procura da justiça (tal como então era entendida) pelo poder não exige que este se obrigue a tratar de forma igual as situações iguais – i.é, não exige que este se autolimite através da lei geral-, mas antes pelo contrário que ele se comprometa a respeitar a desigualdade e especificidade “naturais-constitucionais” das situações e das pessoas – i.é, que ele se comprometa a substituir a *lei* (geral) pelo *privilégio* (particular) sempre que a generalidade da lei ofenda o carácter individualizado das situações concretas. Assim, a ordem jurídica (e a atividade jurídica do poder) deixa de ser dominada pelo princípio da *legalidade* e passa a ser orientada pelo princípio do *privilégio*¹⁷¹.

¹⁶⁹ “o frade que era morto / foi-ss' en pees log' erger, e contou ao convento / como ss' ouver' a perder,/ se non por Santa Maria, / a que Deus lo deu en don”.

¹⁷⁰ Ver nota 40.

¹⁷¹ HESPANHA, *História das Instituições... op. cit.*, p. 410.

Com base no caso do monge de São Pedro, pode-se dizer que Deus não é legalista, nem com relação às Sagradas Escrituras. O exemplo celeste certamente reverberava na terra, onde encontrava eco na multiplicidade de interpretações que os juízes terrenos davam às querelas, apoiados numa geometria variável de doutrinas e direitos. Era essa a razão do direito, como de resto afirma a arenga dessa narrativa nas *Cantigas*: “Para Deus, é muito razoável que o poder de Santa Maria supere o de todos os santos”¹⁷². No mesmo sentido se pode interpretar o pedido de São Pedro que “rogou a Jesus Cristo com grande devoção para que ele transformasse sua misericórdia em razão”¹⁷³.

A atuação do diabo nas narrativas apresentadas desenvolve-se no sentido de sublinhar os vínculos que ele tem com Deus, a ponto de defender as Sagradas Escrituras. Com relação à defesa da lei, é importante notar a diferença que se estabelece entre Deus e o diabo: enquanto o primeiro não deixa de citá-la, como princípio ordenador, mas sem deixar de considerar outros direitos, igualmente legítimos, que lhe permitam restabelecer a equidade com maior justiça, o segundo o faz de maneira legalista, o que é condenado pelos seus opositores. Reforça-se, assim, o papel importante, mas relativo, que a lei deve ter no ordenamento, quer seja celeste ou terrestre.

2.4 Seres sobrenaturais, lógicas políticas terrenas

As disputas jurisdicionais, potente motor político da vida medieval, configuram o momento em que os poderes/direitos em confronto medem forças, mas também constroem novos cenários de convivência. As fontes documentais usadas para esta dissertação, devido a sua tipologia, não contemplam a vitória do diabo sobre seus contrincantes. Os santos sempre vencem, porque os direitos em que se baseiam configuram-se como primordiais à ordem. Nesse sentido cumpre destacar o peso definitivo que os laços vassálicos adquirem nas contendas e que, frente a outros direitos, adquirem absoluta primazia. Em se tratando de narrativas produzidas/copiadas e difundidas nos séculos XIII e XIV, na Península Ibérica, as lógicas discursivas reproduzem e reforçam, ao mesmo tempo, valores essenciais à *respublica christiana*.

¹⁷² “Par Deus, muit' é gran rason/ de poder Santa Maria / mais de quantos Santos son...”.

¹⁷³ “... rogó a Jesu Christo con grand devoción/ de su misericordia que'l ficiesse ración...”.

Em termos jurídicos, o diabo adquire várias funções, fruto das relações que a sua existência requer. Algumas foram-lhe impostas pela divindade, enquanto outras originaram-se das redes que ele construiu e das quais é senhor. Assim, tal como um homem de relevo da plena Idade Média, ele ora é um vassalo que deve serviço a seu senhor, ora um suserano que comanda sua cavalaria. Ora presta com zelo o serviço de desencaminhar as almas, ora cobra de seus vassalos e servos o serviço que estes lhe devem e é juiz das causas que eles lhe apresentam.

Como vassalo de Deus, o diabo conhece as leis divinas e recorre a elas, inclusive, para poder desempenhar suas funções e defender sua jurisdição. O princípio que condena os maus ao inferno e os bons ao céu é a lei que garante ao diabo seus direitos e pela qual ele luta com afinco. Entretanto, o ordenamento jurídico medieval é composto por diversos direitos, que devem ser considerados pelo juiz no momento de julgar a causa, o que costuma deixar o diabo em desvantagem nas narrativas de milagres.

Os tribunais, como cenários primordiais onde se realiza a justiça, estão fartamente representados na literatura de milagres ibérica. Embora as narrativas se refiram a ações levadas a cabo por seres sobrenaturais com capacidades maravilhosas, é importante frisar que em nenhum dos milagres analisados os santos recorreram a esses poderes para vencer as disputas que travam com o demônio. As causas são sempre julgadas e argumentadas de acordo com as lógicas jurídicas terrenas, o que revela a estreita fusão que se operava entre os planos religioso e político.

CAPÍTULO 3

O diabo político: senhor e vassalo

As narrativas de milagres analisadas têm um caráter claramente religioso, mas estruturam-se em lógicas políticas próprias da época em que circularam. A sociedade cristã ibérica dos séculos XIII e XIV organiza-se com base em preceitos feudais, dos quais derivam alguns conceitos apresentados nos capítulos anteriores, como jurisdição e vassalagem. A feudalidade pressupõe o estabelecimento de laços de dependência entre pessoas, configurando pactos que ganham realidade por meio de atos de benefício e de serviço. Os tipos de dependência são variados, embora se possam identificar duas grandes tipologias: laços de dependência entre iguais (horizontais) e laços de dependência entre desiguais (verticais). Ainda que a nomenclatura da primeira tipologia aponte para a igualdade, o fato é que, por meio da dependência, se tornam desiguais os que à partida eram iguais. Essa é a lógica pela qual se hierarquiza a ordem superior da sociedade, aquela composta por membros oriundos da aristocracia.

(...) pode entender-se por feudalidade um tipo de sociedade baseado numa organização muito particular das relações entre os homens: laços de dependência de homem para homem estabelecendo uma hierarquia entre os indivíduos. Um homem, o vassalo, confia-se a outro homem, que escolhe para seu amo, e que aceita esta entrega voluntária. O vassalo deve ao amo fidelidade, conselho, ajuda militar e material. O amo, o senhor, deve ao seu vassalo fidelidade, proteção, sustento ¹⁷⁴.

As lógicas de benefício e de serviço a que se refere o trecho anterior aplicam-se igualmente aos laços de dependência que se estabelecem entre senhores e membros das ordens inferiores da sociedade, quase sempre camponeses. Entretanto, os conteúdos dos benefícios e dos serviços mudam substancialmente a depender da posição social daquele que deve prestar o serviço. De nobres e cavaleiros espera-se ajuda militar e conselho, além de outras contribuições materiais que devem ser registradas no momento do pacto, contingentes ao tipo de benefício recebido. De camponeses (livres e servos) espera-se o pagamento das rendas, eventual cumprimento de corveias (*sernas*) e a zelosa exploração das terras recebidas. É importante destacar que na época sobre a qual se desenvolve esta dissertação, a documentação de Castela e Portugal registra o vocábulo vassalo para as relações de dependência superiores e inferiores, tornando-se necessário contextualizar o

¹⁷⁴ FOURQUIN, Guy. *Senhorio e feudalidade na Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 1978, p. 11.

termo, para determinar seu conteúdo.¹⁷⁵ No que se refere a relações vassálicas com camponeses, muitos documentos registram a entrega de *prestimonia*, casais, solares, terras, justificando o gesto pelo amor que o senhor tem pelo beneficiado e pelo serviço que este já lhe prestou e que se espera continuará prestando.

A organização da sociedade ibérica medieval foi, desde cedo, assentada nos princípios senhoriais, que ganhavam forma, inclusive, nos discursos religiosos. A profunda vinculação que se estabelece entre os níveis, social, político, econômico e cultural requer que o historiador entenda as manifestações religiosas como veículos que criam e que são reflexo, ao mesmo tempo, das relações sociais. Sobre o reino visigodo, por exemplo, Mário Jorge Bastos entende que, de fato,

insere-se a divindade no curso da história e, a partir desta inserção, desvela-se uma ordem social e sagrada, calcada em vínculos pessoais, dependências, fidelidades, poder e submissão. (...) Assim como moldou a esfera do divino – inserindo a divindade no curso da história ou, visto sob outro ângulo, introduzindo a sociedade na esfera do sagrado, hierarquizando as potências do bem e a sociedade dos justos por vínculos que uniam a Deus, desde os anjos e santos até o mais ínfimo dos (seus) servos em relações de dependência e subordinação -, o cristianismo também modelou uma espécie de contraface sua, o Reino do Demônio, Senhor da morte e do inferno que também atuava mediante subordinados¹⁷⁶.

Como já referido nos capítulos anteriores, as narrativas de milagres recorrem frequentemente à lógica e à linguagem senhorial-vassálica para apresentar e argumentar sobre os casos em que os demônios têm algum tipo de participação. Mais concretamente, utilizam-se expressões claras, como, “vassalo de Deus” e “vassalo do diabo”, bem como se recorre amplamente à palavra “senhor”, para estabelecer o lugar de cada um e as respectivas obrigações dentro da estrutura do texto.

3.1 Preito e vassalagem: os pactos diabólicos

¹⁷⁵ Ver: COELHO, Maria Filomena. Serviço e benefício: relações e redes sociais na tradição ibérica. In: MACEDO, José Rivair. (Org.). *A Idade Média portuguesa e o Brasil: reminiscências, transformações e ressignificações*. Porto Alegre: Vidrágua, 2011, p. 145-156; COELHO, Maria Filomena. Territorialização de mosteiros nobres: o Cister feminino em Leão (séc. XII-XIII). *Territórios e Fronteiras* (UFMT. Impresso), v. 4, p. 34-56, 2011.

¹⁷⁶ BASTOS, Mário Jorge da Motta. *Assim na terra como no céu... Paganismo, cristianismo, senhores e camponeses na alta Idade Média Ibérica (séculos IV-VIII)*. São Paulo: EDUSP, 2013, p. 178; 181.

O cristão pode escolher entre dois caminhos: a bondade, que o leva ao céu e à vida eterna, e a maldade, que o sentencia ao inferno e ao sofrimento eterno. Esses caminhos são representados por dois senhores: Deus e Satã. A morte do corpo é o momento em que a alma recebe a sentença que sela seu destino no além, em que será julgado pelo conjunto das escolhas que fez em vida, colocando-o sob a jurisdição celeste ou a infernal. Entretanto, também durante a vida terrena, os cristãos, por meio dos caminhos escolhidos, vinculam-se a essas jurisdições, ainda que de forma temporária, devido à tendência pecadora, que os joga nos braços do senhor-diabo, e à possibilidade de se penitenciarem, que os reconcilia com o senhor-Deus. De qualquer forma, trata-se de escolher um senhor, de livre vontade, como preconiza o modelo feudal.

As relações entre senhores e vassalos são sedimentadas por meio de pactos, que, a depender da importância dos envolvidos requerem rituais e registros que dão substância ao laço que se cria entre as partes. Na documentação os atos contratuais são referidos pela palavra *preito/pleito*, derivada do latim *placitum*, portanto, vontade, mas que os deslocamentos operados pelo léxico feudal acabarão por fixar como compromisso e acordo.¹⁷⁷ Apesar dos deslocamentos, os estudiosos ressaltam que essencialmente mantém-se a ideia de decisão e de consentimento entre as partes para que o laço se constitua.

O pacto com o diabo, realizado em vida, é um modo de firmar a relação entre agentes infernais e cristãos, no qual estes abandonam o seu senhor natural, Deus, e submetem-se ao senhorio de Lúcifer.

O caso mais antigo e famoso de pacto com o diabo é a narrativa intitulada “Milagre de Teophilo”, que aparece tanto nas *Cantigas de Santa María*, como em *Los Milagros de Nuestra Señora*.¹⁷⁸ A narrativa das *Cantigas* é bem mais curta, como se pode apreciar a seguir:

Mais nos faz Santa Maria a seu Fillo perdõar,/ que nos per nossa folia ll' imos falir e errar./ Por ela nos perdõou Deus o pecado d'Adam da maçaã que gostou,/ per que soffreu muit' affan e no inferno entrou;/ mais a do mui bon talan tant' a seu Fillo rogou, que o foi end' el sacar./ Mais nos faz Santa Maria.../ Pois ar fez perdon aver a Theophilo, un seu servo, que fora fazer/ per consello dun judeu carta por gãar

¹⁷⁷ MATTOSO, José. O léxico feudal. In: *En torno al feudalismo hispánico*. Avila: Fundación Claudio Sánchez Albornoz, 1989, p. 297.

¹⁷⁸ O milagre de Teófilo também está compilado na *Legenda Aurea*. Embora nessa fonte também se recorra à simbologia da carta para selar o pacto, a extensão da narrativa é menor e, ao contrário das fontes castelhanas e portuguesas, não se detalham as negociações entre a Virgem Maria e Teófilo. VARAZZE, *op. cit.*, p. 754.

poder cono demo, e lla deu;/ e fez-ll' en Deus descreer, des i a ela negar./ Mais nos faz Santa Maria.../ Pois Theophilo assi fez aquesta trayçon,/ per quant' end' eu aprendi, foy do demo gran sazon; mais depouys, segund' oý, repentiu-ss' e foy perdon pedir logo, ben aly/ u peccador sol achar./ Mais nos faz Santa Maria.../ Chorando dos ollos seus muito, foy perdon pedir, u vvy da Madre de Deus a omagen; sen falir/ lle diss': «Os peccados meus son tan muitos, sen mentir, que, se non per rogos teus, non poss' eu perdon gãar.»/ Mais nos faz Santa Maria.../ Theophilo dessa vez chorou tant' e non fez al, trões u a que de prez todas outras donas val, ao demo mais ca pez negro do fog' infernal/ a carta trager-lle fez, e deulla ant' o altar./ Mais nos faz Santa Maria...¹⁷⁹

Esse mesmo milagre ganha uma narrativa extremamente desenvolvida e rica em detalhes, em *Los Milagres de Nuestra Señora*:

Del pleito de Teófilo vos querría fablar,/ tan precioso miraclo non es de olvidar./ ca en esso podremos entender e asmar/ que vale la Gloriosa qui la sabe rogar./ Non querré, si podiero, la razón alongar/ ca vos avriédes tedio, yo podría peccar;/ de la oración breve se suele Dios pagar,/ a nos éssa nos desse el Criador usar./ Era un omne bono de granada fazienda,/ avié nomne Teófilo como diz la leyenda,/ omne era pacífico, non amava contienda,/ bien sabié a sus carnes tenerlas so su rienda./ En el logar do era contenié grand bailía,/ de su sennor el bispo tenié la vicaría;/ de los de la iglesia avié la mejoría,/ fuera que el obispo avié la nomnadia./ Era en sí misme de buena contenenencia,/ sabié aver con todos paz e grand abenencia;/ omne era temprado, de buena conocencia,/ era muy bien condido de sen e de ciencia./ Vistié a los desnudos, apacié los famnientos,/ acogió los romeos que vinién fridolientos;/ dava a los errados buenos castigamientos,/ que se penitenciassen de todos fallimientos./ Non avié el obispo embargo nin lazerio,/ fuera cantar su misa e rezar so salterio;/ elli lo escusava de todo ministerio,/ contar las sus bondades serié grand reguncerio./ Amávalo el bispo mucho de grand manera,/ porque lo escusava de toda facendera;/ los pueblos e las gentes aviénlo por lumnera,/ que él era de todos cabdiello e carrera./ Quando vino el término que ovo de finar,/ non podió el obispo el punto traspasar;/ enfermó e murió, fo con Dios a folgar;/ déli Dios paraíso, si se quiere rogar./ Los pueblos de la tierra, toda la clerecía,/ todos diçién: «Teófilo aya la bispalía,/ entendemos que yaze en él la mejoría,/ él conviene que aya la adelantadia.»/ Embiaron sos cartas al metropolitano/ por Dios que de Teófilo non mudasse la mano;/ ca esso tenién todos por consejo más sano,/ lo ál serié ivierno, esto serié verano./ Embiaron por elli los del arzobispado,/ dissiéronli: «Teófilo, prendi esti bispado,/ ca todo el cabillo en ti es otorgado,/ e de todos los pueblos eres tú postulado.»/ Recudiólis Teófilo con grand simplicidad:/ «Sennores, mudat mano por Dios e caridat,/ ca non só yo tan digno pora tal dignidat,/ en fer tal electión serié gran ceguedat.»/ Disso el arzobispo: «Quiero que vos fabledes,/ esta electión quiero que la tomedes.»/ Dissoli don Teófilo: «Tanto non contendredes/ que a todo mi grado a ello me levedes.»/ Los de la canongía, si lis plogo o non,/ ovieron a facer otra electión;/ el bispo que pusieron enna ordinación/ metió otro vicario enna ministración/ Corrién los pleitos todos al vicario novel,/ serviénlo a Teófilo mas plus servién a él;/ cogió zelo Teófilo, cempelló el donzel,/ cambióse en Caín el que fuera Avel./ En casa del obispo non era tan privado,/ como solió seer con el otro pasado;/ fo en so voluntat fierament conturbado,/ aviélo la envidia de su siesto sacado./ Teniése por maltrecho e por ocasionado,/ de grandes e de chicos vediése desdennado;/ cegó con grand despecho e fo mal trastornado,/ asmó fiera locura, yerro grand desguisado./ Do morava Teófilo, en essa bispalía,/ avié y un

¹⁷⁹ CSM, p. 10.

judío en essa judería;/ sabié él cosa mala, toda alevosía,/ ca con la uestantigua avié su cofradría. Era el trufán falsso pleno de malos vicios,/ savié encantamientos e muchos maleficios;/ fazié el malo cercos e otros artificios,/ Belzebud lo guíava en todos sus oficios./ En dar consejos malos era muy sabidor,/ matava muchas almas el falsso traïdor;/ como era basallo de muy mal sennor/ si él mal lo mandava él faziélo peor./ Cuidávanse los omnes que con seso quebrava,/ non entendién que todo Satanás lo guíava;/ quando por aventura en algo acertava,/ por poco la gent loca que no lo adorava./ Aviélo el diablo puesto en grand logar,/ todos a él vinién consejo demandar;/ lo que lis él dizié, faziégelo provar,/ sabié de mala guisa los omnes engannar./ Teniélo por profeta todos, chicos e grandes,/ todos corrién a elli como puercos a landes;/ los que enfermos eran levávanlos en andes,/ todos dizién: «Faremos quequier que tú nos mandes.»/ Teófilo mesquino, de Dios desamparado,/ venciólo so lucura e mueda del Peccado;/ fo demandar consejo al trufán diablado,/ cómo podrié tornar al antigo estado./ Díssoli el judío: «Si creerme quisieres,/ rehez puedes tornar en esso que tú quieres;/ non ayas nulla dubda, si tú firme sovieres/ todo es recabdado, si non te repindieres.»/ Recudióli Teófilo como embellinnado:/ «Por esso vin a ti por seguir tu mandado.»/ Díssoli el judío: «Seí asegurado,/ cuenta que el tu pleito todo es recabdado./ Ve folgar a tu lecho, torna a tu posada,/ cras al suenno primero, la gente aquedada,/ fúrtate de tus omnes, de toda tu mesnada,/ ven tastar a la puerta e non fagas ál nada.»/ Fo con esto Teófilo alegre e pagado,/ tovo todo so pleito que era bien parado;/ tornó a su posada durament engannado,/ mucho más li valiera si se fuesse quedado./

Luego la otra nochi, la gente aquedada,/ furtóse de sus omnes, issió de su posada;/ fo tastar a la puerta, ca sabié la entrada,/ el trufán sovo presto, abrióli sin soldada./ Prísolo por la mano, la nochi bien mediada,/ sacólo de la villa a una cruzejada;/ disso'l: «Non te sanctigues nin te temas de nada,/ ca toda tu fazienda será cras mejorada.»/ **Vío a poca de ora venir muy grandes yentes/ con ciriales en manos e con cirios ardientes,/ con su reï en medio, feos, ca non luzientes;/ ¡Ya querrié don Teófilo seer con sus parientes!/ Prísolo por la mano el trufán traïdor,/ levólo a la tienda do sedí el sennor;/ recibiólo el rei asaz a grand onor,/ sí fizieron los príncipes que'l sedién derredor./ Díssol luego el rei «Don fulán, ¿qué buscades?/ ¿Qué present me traedes? Quiero que lo digades, o ¿qué omne es ésti que vos me presentades?/ Saberlo quiero luego - esto bien lo creades.»/ Díssoli el judío: «Sennor, rey coronado,/ ésti solié seer vicario del bispado,/ queriélo todos mucho, era omne onrrado,/ tolliéronlo agora, ond es menoscavado./ Por esso es venido a tos pies caer,/ que li fagas cobrar lo que solié aver;/ él fágate servicio a todo so poder,/ avrás en él bassallo bueno a mi creer.»/ Díssoli el diablo: «Non serié buen derecho/ a bassallo ageno yo buscar tal provecho;/ mas deniegue a Christo que nos faz muy despecho,/ facerli é que torne en todo so bienfecho./ Deniegue al so Christo e a Sancta María,/ fágame carta firme a mi placentaría;/ ponga ý su seyello a la postremería,/ tornará en su grado con muy grand mejoría.»/ Teófilo con gana de en precio sobir,/ al placer del diablo ovo a consintir;/ fizo con él su carta e fizola guarnir/ de su seyello misme que no'l podié mentir./ Partióse d'él con esto, tornó a su posada, cerca era de gallos quando fizo tornada;/ no la entendió nadi esta so cavalgada/ fuera Dios a qual sólo non se encubre nada./ Pero perdió la sombra, siempre fo desombrado,/ perdió la color buena, fincó descolorado;/ pero Dios se lo quiso, non por poder del Peccado,/ tornó el malastrugo en todo su estado./ Tornó el fementido en todo so estado,/ connocióse el bispo que avié mal errado,/ que de la vicaría lo avié demudado,/ «Sennor -disso Teófilo- séavos perdonado»./ Si ante fo Teófilo bien quisto e amado/ fo depués más servido e mucho máspreciado;/ Dios sennero lo sabe, que es bien decorado,/ si li vinié por Dios o si por el Peccado./ **Visco algunos días en esta bienandança,/ aviendo con el bispo amor e grand privança,/ recibiendo del pueblo mucha buena pitança,/ mas en cabo firiólo Christo con la su lança./ Estando est vicario en esta vicaría,/ cogió muy gran jactancia e grand****

vallitanía; /concibió vanagloria e grand eufanía/ entendiéngelo todos que trayé loçanía./ El Sennor que non quiere muerte de peccadores/ mas que salven las almas, emienden los errores,/ tornó en est enfermo de mortales dolores,/ que era decebido de malos traïdores./ Los vienes que fiziera ennos tiempos trocidos,/ el buen Sennor non quiso que li fuessen perdidos;/ reviscló los sus sesos que yazién amortidos,/ abrió luego los ojos que tenié adormidos./ Respiró un poquiello, tornó en so sentido,/ comidió su fazienda, víose mal tannido;/ comidió más adentro qué avié prometido,/ allí cadió Teófilo en tierra amortido./ Disso entre sí mismo: «Mesquino, malfadado, /del otero que sovi ¿quí me ha derribado?/ La alma é perdida, el cuerpo despreciado,/ el bien que é perdido no lo veré cobrado./ Mesquino peccador, non veo do ribar,/ non trovaré qui quiera por mí a Dios rogar;/ moriré como qui yaze en medio de la mar,/ que non vede terrenno do pueda escapar./ Mesquino ¡aï mí! Nasqui en ora dura,/ matéme con mis manos, matóme mi locura;/ aviéme assentado Dios en buena mesura:/ agora é perdida toda buena ventura./ **Mesquino, porque quiera tornar enna Gloriosa,/ que diz la escriptura que es tan piadosa,/ non me querrá oír ca es de mi sannosa,/ porque la denegué, fiz tan esquiva cosa./ Non ovo mayor culpa Judás el traïdor/ que por poccas dineros vendió a su sennor;/ yo pequé sobre todos, mesquino peccador,/ que por mí non será ninguno rogador./ So perdido con Dios e con Sancta María,/ perdido con los sanctos por mi alebosía;/ corté todas las cimas do los pïedes tenía,/ si nacido non fuesse mucho mejor avría./** El día del judizio, yo, falsso traïdor,/ ¿con cuál cara verré ant el nuestro Sennor?/ De mí hablarán todos, mesquino peccador,/ non verrá a la junta de mí otro peor./ Vidi en ora mala aquella vicaría,/ escuché al diablo, busqué mi negro día;/ matóme el trufán, él de la judería,/ que mató otros muchos con mala maestría./ Yo non avía mengua nin andava mendigo,/ todos me fazién onrra e plaziélis comigo;/ mas fui demandar mejor de pan de trigo,/ yo busqué mi cuchiello: fui mi enemigo./ Avía qué vestir, avía qué calzar,/ avía pora mí, avía pora dar;/ fui pora mercado día negro buscar,/ devriame yo mismo con mis manos matar./ Bien sé que d'esta fiebre non podré terminar,/ non á minge nin físico que me pueda prestar/ si non Sancta María, estrella de la mar,/ mas ¿quí será osado que la vaya rogar?/ Yo mesquino fediondo que fiedo más que can,/ can que yace podrido, non él que come pan,/ non me querrá oír, esto sólo de plan,/ ca fui contra ella torpe e muy villán./ **Que a los sanctos quiera meter por rogadores,/ como del mi mal pleito todos son sabidores,/ sannosos me son mártires, todos los confesores,/ mucho más los apóstolos que son mucho mayores./** Non quiero por los pïedes la cabeza desar,/ a la Madre gloriosa me quiero acostar;/ cadré a los sos pïedes delante so altar,/ atendiendo su gracia, allí quiero finar./ Allí terré ieiunios, faré afflictiones,/ ploraré de los ojos, rezaré oraciones,/ martiriaré las carnes, cevo de vervenzones,/ ca metrá en mí mientes en algunas sazones./ Maguer la denegué como loco sendío,/ que fui engannado por un falso judío,/ firmemiente lo creo, enna su merçet fio,/ que d'Ella nació Christus que fue Salvador mío./ Que vaya al su tiemplo cras de buena mannana,/ venir'm á lo que veno a la egiptiana,/ que priso grand porfazo como mala villana,/ fasta que la Gloriosa li fo entremadiana. Aunque me lo sufrá Dios por su piadat,/ que pueda entrar entro veer la magestat,/ verrá rayo o fuego o otra tempestat,/ fará danno a muchos por la mi malveztat./ Aunque todo esto me quiera Dios sofrir,/ que me dexé en paz mi rencura dezir,/ en cuál razón empieze non puedo comedir,/ nin asmo cómo pueda la mi boca abrir.»/ Desemparó su casa e quanto que avié,/ non disso a ninguno lo que facer querié;/ fue pora la iglesia del logar do seyé,/ plorando de los ojos quanto más se podié./ **Echóseli a pïedes a la Sancta Reina,/ que es de peccadores consejo e madrina:/ «Sennora -disso- valas a la alma mesquina,/ a la tu merced vengo buscarli medicina./ Sennora, só perdudo e só desemparado,/ fiz mal encartamiento e só mal engannado,/ dí non sé por cuál guisa la alma al Peccado,/ agora lo entiendo que fizi mal mercado./ Sennora benedicta, reina coronada,/ que siempre fazes preces por la gent**

desbiada,/ non vaya repoyado yo de la tu posada,/ si non dizrán algunos que ya non puedes nada./ Sennora, tú que eres puerta de paraíso,/ en qui el Rey de Gloria tantas bondades miso,/ torna en mí, Sennora, el to precioso viso,/ ca so sobeja guisa del mercado repiso./ Torna contra mí, Madre, la tu cara preciosa,/ fáceslo con derecho si me eres sannosa;/ non vaya más a mal que es ida la cosa,/ torna sobre Teófilo, Reina gloriosa.*/ Quarenta días sobo en esta contención,/ sufríe días e noches fiera tribulación;/ de ál no li membrava si d'esto sólo non:/ clamar a la Gloriosa de firme corazón./ Plógo'l al Rey del Cielo al quarenteno día,/ contendiendo Teófilo en su tesurería,/ apareció'l de noche Sancta Virgo María,/ díssoli fuertes bierbos com qui con fellonía./ Díssoli: «¿En qué andas, omne de auze dura?/ Sobre yelo escribes, contiendes en locura;/ harta só de tu pleito, dasme grand amargura,/ eres muy porfidioso, enojas sin mesura./ Fazes peticiones locas e sin color,/ a nos ás denegados, busquest otro sennor;/ don renegado malo, de Judas muy peor,/ non sé por ti qui quiera rogar al Criador./ Yo vergüenza avría al mi Fijo rogar,/ non sería osada la razón empezar:/ el que tú deneguesti e busquesti pesar,/ non non querrá oír nin a ti perdonar.*/ «Madre -disso Teófilo- por Dios e caridat,/ non cates al mi mérito, cata a tu bondat;/ de quanto que tú dizes, todo dizes verdat,/ ca só suzio e falso, pleno de malveztat. Repiso só, Sennora, válame penitencia,/ éssa salva las almas, tal es nuestra creencia,/ éssa salvó a Peidro que fizo grand fallencia,/ e lavó a Longino de muy grand violencia./ La sancta Magdalena, de Lázaro ermana,/ peccadriz sin mesura, ca fue muger liviana,/ esso misme te digo de la egipciana,/ éssa sanó a ambas, la que todo mal sana./ Davit a golpe fizo tres peccados mortales,/ todos feos e sucios e todos principales;/ fizo su penitencia con gémitos corales,/ perdonóli el Padre de los penitenciales./ Pueblos de Ninivé que eran condenados/ fizieron penitencia, plorando sus peccados;/ los fallimientes todos fuéronlis perdonados,/ muchos serién destructos que fueron escusados./ Esta razón, Sennora, tuya es de veer,/ faziendo penitencia si me deve valer;/ Madre, si tú quisieses e fuesse tu plaçer,/ en mí esti judizio non devíe perecer.*/ Calló elli con tanto, fabló Sancta María,/ disso: «Traes, Teófilo, rebuelta pleitesía;/ bien lieve la mi fonta, bien la perdonaría,/ mas a lo de mi Fijo bien non me trevería./ Maguer que me neguesti, fezisti sucio fecho,/ quiérote consejar de consejo derecho:/ torna en el mi Fijo, ca te tiene despecho,/ ca se tiene de ti que fue muy maltrecho./ Ruégalo bien de firme con muy grant femencia,/ deniega al diablo, confirma tu creencia;/ mucho es piadoso e de grand conocencia,/ él mata, él vivifica ca es de tal potencia.*/ «Madre -disso Teófilo- siempre seas laudada,/ Pascua fue e grand día quando tú fuisti nada;/ mucho es la mi alma con esto confortada,/ trae la tu palavra melezina provada./ Yo no lo osaría al tu Fijo rogar,/ por mi ventura mala busquéli grand pesar;/ pero fio en Elli como devo fiar,/ e quiero mi creencia a ti la demostrar./ Creo que un Dios es e que es Trinidad,/ Trinidad en personas, una la deïdat;/ non/ á ennas personas nulla diversidat,/ Padre, Fijo e Spíritu, uno son de verdat./ Creo de Jesu Christo enna encarnación,/ que nació de ti, Madre, por nuestra redención;/ predicó el Evangelio, dessent priso pasión,/ en el día tercero fizo resurrección./ Creo bien firmemiente la su ascensión,/ que envió la gracia, la de consolación;/ creo la postremera regeneración/ quando buenos e malos prendan el gualardón./ Madre, todo lo creo, só ende bien certano,/ quanto que Christo manda creer a su christiano;/ mas só en grand vergüenza, en miedo sovejano,/ ca fui, mi Sennora, contra Él muy villano./ A mal omne e suçio e mal testimoniado,/ non me querrá oír, ca non es aguisado;/ Madre, tanto lo temo, iría repoyado,/ fincarié nuestro pleito mucho empeorado./ Si bien á de seer o me quieres prestar,/ tú ás en esti pleito, Madre, a travajar;/ otro procurador non me mandes buscar,/ ca porque lo buscasse no lo podría trovar./ Tú eres pora todo ¡grado al Criador!/ por rogar al tu Fijo, tu Padre, tu Sennor;/ quequiere que tú mandes e ovieres sabor,/ todo lo fará Elli de muy buen amor./ Lo que nunqua fezist en otro peccador,/ non sea en Teófilo, por el Nuestro Sennor;/ tórname en la gracia de la tu sancta flor,/ la Flor

que tú pariste sin tacha, sin dolor./ Sennora benedicta, Reina principal,/ aún en tu osança quiérote dezir ál:/ si non cobro la carta que fici por mi mal,/ contaré que non só quito del mal dogal.» / **Disso Sancta María: «Don suçio, don maliello,/ la carta que fecisti el tu mal cabdiello, e dessent la seelleste de tu proprio seyello,/ en el infierno yaze en chico reconcieello./ Non querrié el mi Fijo por la tu pleitesía/ descender al infierno, prender tal romería,/ ca es logar fediondo, fedionda confradría,/ sólo en sometérgelo serié grand osadía.»** «Sennora benedicta entre todas mugieres,/ bien lo querrá tu Fijo lo que tú bien quisieres;/ todo te lo dará lo que tú bien pidieres,/ a mí verná la carta si tú sabor ovieres./ Doquiere que la tenga el diablo metida,/ sólo que Él lo quiera, luego será rendida;/ Sennora, que de todos eres salut e vida,/ non puedo más rogarte nin sé más qué te pida.»/ Disso'l Sancta María buen confuerto provado:/ «Finca en paz, Teófilo, véote bien lazado;/ iré yo si pudiero recabdar el mandado,/ ¡Dios lo mande que sea aina recabdado!»/ La Madre benedicta, esta razón tractada,/ tollióseli delante, non pudo veer nada;/ pero la voluntat tenía confortada,/ ca es el solaz suyo melezina provada./ Si ante fue Teófilo de grand devoción,/ mucho fue depués ende de mayor compunción;/ tres días e tres noches sovo en oración,/ nin comió nin bebió nin exió de lección./ Semejavan sus ojos dos fuentes perennales,/ ferié con su cabeça en los duros cantales;/ sus punnos en sus pechos davan golpes capdales,/ dizié: «¡Válasme, Madre, como a otros vales!/ Válasme, Madre Sancta, ói los mis clamores,/ que fazes cosas tales e otras más mayores;/ tú sabes la mi cuita, entiendes mis dolores,/ non me oblides, Madre, solaz de peccadores.»/ Mucho lazó Teófilo en esti tridüano,/ yaziendo en la tierra orando muy cutiano;/ nunca en tantos días lazó más nul christiano,/ en cabo su lazerio non li cayó en vano./ **La Reina de Gloria, Madre Sancta Maria,/ visitólo de cabo en el tercero día;/ adússoli saludes, nuevas de alegría,/ quales querrié tod omne que yaz en fermería./ «Sepas -disso-,Teófilo, que las tus oraciones,/ los tus gémitos grandes, las tus afflictiones,/ levadas son al cielo con grandes processiones,/ leváronlas los ángeles cantando dulzes sonas./ Es de la tu fazienda el mi Fijo pagado,/ el tuerto que fizisti áslo bien emendado;/ si bien perseverares como ás empezado,/ tu pleito es bien puesto, e muy bien recabdado./** Yo fablé en tu pleito de toda voluntat,/ finqué los mis enojos ante la magestat;/ áte Dios perdonado, fecha grand caridat,/ conviene tú que seas firme en tu bondat.»/ «Madre -disso Teófilo- de Dios, Nuestro Sennor,/ por ti me viene esto, bien só ent sabidor;/ quitas de mal judizio un alma peccador,/ que yazié en infierno con Judas el traidor./ Pero con todo esto que tú ás recabdado,/ **aún non me seguro nin seo bien pagado,/ hasta vea la carta e cobre el dictado,/ la que fiz quando ovi al tu Fijo negado./** Madre, si yo oviesse la cartiella cobrada,/ e dentro en un fuego la vidiessse quemada,/ siquier luego muriesse yo non daría nada,/ ca mal está mi alma, Sennora, enredada./ Madre, bien sé que eres d'est pleito enojada,/ mas si tú me falleces non me tengo a nada;/ Sennora, tú que esta cosa ás empeçada,/ fázme render la carta, será bien recabdada.»/ «**Non fincará por eso -disso la Gloriosa-/ non finque por tan poco empeçada la cosa.»**/ Tollióseli delante la Reina preciosa,/ fue buscar esta carta de guisa presurosa./ **Alegróse Teófilo que yazié quebrantado,/ non era maravella ca yazié muy lazado;/** tornó en su estudio, el que avié usado,/ nunca fue en est siglo confesor más penado./ Tornó en su estudio, en fer su penitencia,/ en comer, en beber tener grand abstenencia;/ tenié enna Gloriosa toda la su creencia,/ que li darié por Ella Dios la su bienquerencia./ En la noche tercera yazié él adormido,/ ca sufrié grand martirio, avié poco sentido;/ **vínoli la Gloriosa con recabdo complido,/ con su carta en mano, queda e sin roído./** La esposa de Christo, ponçella e parida,/ echógela de suso, dióli una ferida;/ recudió don Teófilo, tornó de muert a vida,/ trovó en su regaço la carta malmetida./ Con esto fue Teófilo alegre e loçano,/ que veyé la cartiella tornada en su mano;/ allí tovo que era de la fiebre bien sano,/ apretó bien la carta, cumplió su tridüano./ El confessor Teófilo ovo grand alegría,/ quando tovo la carta en su podestadía;/

rendió gracias a Christo e a Sancta María,/ ca Ella adovara toda su pleitesía./ Dizié: «Sennora buena, siempre seas laudada,/ siempre seas bendicha, siempre glorificada;/ pora los peccadores eres buena provada,/ qual nunca nació otra tan dulz nin tan uviada./ Siempre seas bendicha, el tu Fructo laudado,/ sancto es el tu nomne, más el suyo medrado;/ tú me saquesti, Madre, del pozo diablado,/ do siempre sine fine yazría enfogado./ Sennora benedicta, Madre Sancta María,/ cuánto te lo gradesco dezir no lo podría;/ Madre, tú me da seso, saber e connocía/ por ond laudarte pueda, ca mucho lo querría./ Reína poderosa de los fechos onrrados,/ que siempre te travajas en salvar los errados,/ tú me gana, Sennora, perdón de los peccados,/ que laude dignamiente los tus bienes granados./ Madre del Rey de Gloria, por la tu pñadat,/ alimpia los mis labros e la mi voluntat,/ que pueda dignamiente laudar la tu bondat,/ ca ás sobre mí fecha sobra grand caridat.» Otro día mannana que cuntió esta cosa,/ que adusso la carta la Madre gloriosa,/ era día domingo, una feria sabrosa,/ en qui la gent christiana toda anda gradosa./ Vino el pueblo todo a la misa oír,/prender pan benicto la agua recibir;/ queriéla el obispo de la villa dezir,/ querié el omne bono so ofizio complir./ El confesor **Teófilo, un lazrado christiano,/ fue pora la iglesia con su carta en mano;/ posóse a los pies del buen missacantano,/ confessó su proceso tardío e temprano./** Fizo su confesión pura e verdadera,/ cómo fizo su vida de la edat primera,/ desend cómo envidia lo sacó de carrera,/ que lo fizo cegar de estranna manera./ **Cómo fue al judío, un trufán renegado,/ cómo li dio consejo suzio e desguisado,/ cómo con el diablo ovo pleito tajado/ e cómo fue por carta el pleito confirmado./ Cómo por la Gloriosa cobró aquel dictado,/ el que con su seyello oviera seellado;/** non dessó de dezir menudo nin granado,/ que no lo disso todo por qué avié pasado./ **Demostróli la carta que en punno tenié,/ en que toda la fuerça del mal pleito yazié;/** sanctigóse el bispo que tal cosa veyé,/ tanto era grand cosa que abés lo creyé./ «Ite missa est» dicha, la missa acabada,/ era toda la gent por irse saborgada,/ fizo signo el bispo con su mano sagrada,/ fincó la gent toda como seyé posada./ «Oíd -dixo- varonesuna fiera azanna,/ nunca en est siglo la oyestes tamanna;/ veredes el diablo que trae mala manna,/ los que non se li guardan, tan mal que los enganna./ Esti nuestro canónigo e nuestro compannero,/ moviólo su locura, un falso consejero,/ fue buscar al diablo sabidor e artero,/ por cobrar un officio que toviera primero./ Sópolo engannar el falso traïdor,/ díssoli que negasse a Christo su Sennor/ e a Sancta María que fue buena seror/ e tornar lo yé luego en toda su onor./ Otorgógelo esti mesquino peccador,/ fizo con él su carta, esto fue lo peor;/ con su seyello mismo robró essa lavor,/ de tal amigo guárdenos Dios Nuestro Sennor./ Dios que siempre desea salut de peccadores,/ que por salvar a nos sufrió grandes dolores,/ non quiso que granassen esas tales labores,/ ca eran barrechadas de malos lavradores./ **Si la Virgo gloriosa no'l oviesse valido,/ era el azedoso fieramiente torcido;/ mas la su sancta gracia á lo ya acorrído,/ á cobrada la carta, si non, fuera perdido./ Yo la tengo en punno, podédesla veer,/ esto non yaze en dubda, devédeslo creer,/** onde debemos todos a Dios gracias render/ e a la Sancta Virgo que li dennó valer.» Rendieron todos gracias, mugieres e varones,/ fizieron grandes laudes e grandes processiones,/ plorando de los ojos, diziendo oraciones/ a la Madre gloriosa, buena todas sazones./ El «Te Deüm laudamus» fue altament cantado,/ «Tibi laus, tibi gloria» fue bien reïterado;/ dizién «Salve Regina», cantávanla de grado/ e otros cantos dulzes de son e de dictado./ Desent mandó el bispo fazer muy grand foguera,/ veyéndolo el pueblo que en la iglesia era;/ echó aquesta carta dentro en la calera,/ ardió, tornó cenisa pargamino e cera./ Desde que el pueblo ovo tenido su clamor,/ la carta fo quemada, ¡gracias al Criador!/ Reçibió Corpus Dómini el sancto confessor,/ veyéndolo el pueblo que seyé derredor./ Adiesso que Teófilo, un cuerpo martiriado,/ reçibió Corpus Dómini e fue bien confessado,/ fue a ojo del pueblo de claridat cercado,/ un resplendor tan fiero que non serié asmado./ Fue el pueblo certero que era omne santo,/ e era de grand mérito por qui fazié Dios tanto,/ e Dios que lo cubrié de tan

precioso manto/ e prendió el diablo en ello grand quebranto./ Reluzié la su cara, tales rayos echava,/ com la de Moisés quando la ley portava,/ o como San Andrés quando en la cruz estava;/ el Criador en esto pocca onrra no'l dava./ Quanto esto veyeron los pueblos e las yentes,/ que ixién de su cara tales rayos luzientes,/ cantaron otras laudes, otros cantos rezientes,/ en laudar la Gloriosa todos eran ardientes./ Aturó bien Teófilo en su contemplación,/ no'l movió vanagloria nin cogió elación;/ tornó a la iglesia do vío la visión,/ nunca fue más devoto en ninguna sazón./ Entendió el bon omne, Dios lo fizo certero,/ que li vinié bien cerca el día postremero;/ partió quanto avié, no li fincó dinero,/ diólo todo a pobres, fizo buen semencero./ Pidió culpa a todos los de la vezindat,/ perdonáronli todos de buena voluntat;/ besó mano al bispo, fizo grand onestat,/ finó al terçer día, fizo'l Dios pñadat./ **Tres días solos visco desde que fue comulgado,/ desde que el cartelario fue cenisa tornado;/ murió enna iglesia do fuera visitado,/ fue en est logar mismo el cuerpo soterrado./ Assín finó Teófilo, el bienaventurado,/ el yerro que fiziera, Dios sea ent laudado,/ bien lo emendó todo, fizo a Dios pagado,** valiéndo'l la Gloriosa, la que aya buen grado./ Sennores, tal miraclo qual avemos oído,/ non debemos por nada echarlo en oblido,/ si non, seremos todos omnes de mal sentido,/ que non avemos seso natural nin cumplido./ Assí lo diz Sant Paulo, el buen predicador,/ que fue leal vasallo de Dios, Nuestro Sennor,/ que todas las leyendas que son del Criador,/ todas salut predigan del omne peccador./ Nos en esto podemos entender e asmar cuánto val penitencia a qui la save guardar;/ si non fuesse por ella, podédeslo jurar,/ que fuera don Teófilo ido a mal logar./ Si la Madre gloriosa, que li dennó valer,/ éssa no'l entendiesse, no lo vernié veer;/ mas qui a mí quisiere escuchar e creer,/ viva en penitencia, puede salvo seer./ Amigos, si quisiédes vuestras almas salvar,/ si vos el mi consejo quisiéredes tomar,/ fech confesión vera non querades tardar,/ e prendet penitencia, pensátla de guardar./ Quiéralo Jesu Christo e la Virgo gloriosa,/ sin la qual non se faze ninguna buena cosa,/ que assí mantengamos esta vida lazrosa,/ que ganemos la otra durable e lumnosa. (Amen.)/ La Madre gloriosa, de los çielos Reína,/ la que fue a Teófilo tan prestable madrina,/ Ella nos sea guarda en esta luz mezquina/ que caer non podamos en la mala rüina. (Amen.)/ Madre del tu Golzalvo sei remembrador/ que de los tos miraclos fue enterpretador;/ tú fes por él, Sennora, prezes al Criador./ ca el tu privilegio vale a peccador,/ tú li gana la gracia de Dios, Nuestro Sennor. (Amen.)¹⁸⁰

De forma resumida, o milagre narra a vida de Teófilo, cónego de uma catedral, cuja dedicação exemplar ao ofício permitiu que, à morte do bispo, ele fosse cogitado para ocupar a dignidade episcopal. Entretanto, a modéstia o obrigou a recusar a oferta, e um novo bispo foi eleito, o qual substituiu Teófilo por outro cónego na administração da catedral. A súbita perda de prestígio afetou Teófilo de tal forma que decidiu não medir esforços para recuperar o antigo posto, recorrendo aos conselhos de um judeu famoso por solucionar problemas. A saída oferecida pelo judeu - na verdade um vassalo do diabo disfarçado - exigia que Teófilo assinasse uma carta, com seu próprio selo, na qual se entregava ao poder diabólico. Uma vez selado o pacto, Teófilo recuperou seu velho prestígio mas, devido à nova condição de vassalagem, suas atitudes eram injustas e

¹⁸⁰ MNS, p. 122. Grifos nossos.

soberbas. Após uma repentina doença, ele caiu em si e, de forma arrependida e insistente, pedia a intercessão da Virgem Maria, para que ela lhe alcançasse a graça de se reconciliar com Cristo e que ele o aceitasse novamente em seu senhorio. Entretanto, a narrativa mostra que, além dos sinais de penitência extrema a que o cônego tem que se submeter, é necessário recuperar e destruir a carta, sinal material do pacto. Somente depois disso, o milagre se opera e Teófilo é perdoado.

O encontro de Teófilo com o diabo constitui uma cena de corte, da qual o diabo é o rei e senhor, rodeado de sua nobreza. Quando chegam à encruzilhada, o judeu e o cônego são recebidos por um cortejo de “gentes importantes, carregando círios ardentes, que rodeavam seu rei; feios e sem luz (...). O enganador traidor levou-o à tenda onde se sentava o senhor; recebeu-o o rei com grande honra, tal como os príncipes sentados ao redor”¹⁸¹. Além da descrição, o judeu dirige-se ao diabo, chamando-o de “senhor, rei coroado”. A hierarquia da corte é apresentada com base no modelo das cortes terrestres, pela qual o senhor supremo, o rei, é servido pelos principais (príncipes) do reino, e estes, pela lógica da corresponsabilidade, são obrigados a acolher e honrar aqueles que o senhor recebe em sua casa. Porém, apesar de carregar círios em procissão, a corte do diabo é composta por membros “feios” e sem “luz”, como reflexo invertido da corte celestial. Enquanto os anjos do Senhor são belos e iluminados, os vassalos de Satã apresentam a característica oposta, reforçando que a jurisdição sobre a qual o diabo é rei e juiz é um caminho oposto ao de Deus.

Portanto, é a um senhor claramente poderoso que Teófilo apresentará seu pleito. O judeu, de forma eficiente, traduz a situação nos termos jurídicos apropriados: “Senhor, rei coroado, este costumava ser vigário da diocese, muito querido de todos, era homem honrado, mas agora tolheram-no e prejudicaram-no. Por isso, veio jogar-se a teus pés, para que o faças recuperar o que tinha; ele te fará todo o serviço que puder, e creio que terá nele

¹⁸¹ “Vío a poca de ora venir muy grandes yentes/ con ciriales en manos e con cirios ardientes,/ con su rei en medio, feos, ca non luzientes:/ ¡Ya querrié don Teófilo seer con sus parientes!/ Prísolo por la mano el trufán traïdor,/ levólo a la tienda do sedié el sennor;/ recibiólo el rei asaz a grand onor,/ sí fizieron los príncipes que'l sedién derredor./ Díssol luego el rei «Don fulán, ¿qué buscades?/ ¿Qué present me traedes? Quiero que lo digades, o ¿qué omne es ésti que vos me presentades?/ Saberlo quiero luego -esto bien lo creades.»/ Díssoli el judío: «Sennor, rey coronado, (...)”

um bom vassalo”¹⁸². Recorre-se à palavra vassalo para configurar precisamente que tipo de vínculo se pretende com a solicitação do benefício, ao qual corresponderá serviço. Mas, em respeito às regras feudais, o diabo entende que “não seria bom direito propiciar tal proveito a um vassalo alheio, mas se [Teófilo] negar Cristo, que lhe provoca despeito, ele garante o retorno dos benefícios”¹⁸³. As relações de vassalagem são pessoais e exigem total fidelidade do vassalo com relação ao senhor, pelo que, juridicamente, o diabo não pode tomar para si vassalo de outrem, e tampouco dar-lhe um benefício, o que configuraria a criação do laço. É absolutamente necessário que Teófilo concretize primeiro a ruptura, negando “ao seu Cristo e a Santa Maria”, registrada em carta apropriada, de acordo com a vontade (*placentería*) do novo senhor. A escolha dos termos da narrativa mostra-se adequada à conceituação da dependência, por meio também da vontade do senhor, a qual, como já referido, no léxico feudal deriva de *placitum*¹⁸⁴. Interessante notar, ainda, que os vínculos de vassalagem de Teófilo com Cristo não são expressados de forma clara na narrativa, mas o diabo constata sua existência pela apresentação que o judeu fez: “este costumava ser vigário da diocese, muito querido de todos, era homem honrado”. Embora se possa deduzir o vínculo do tipo de cargo que Teófilo ocupava na diocese, o fato é que o diabo sabe que os eclesiásticos nem sempre são vassalos fieis de Deus. A chave está nos dois outros aspectos ressaltados pelo judeu: tinha boa fama e era honrado. Duas qualidades essenciais para a relação feudal; duas virtudes poderosas que evidenciam a qual senhor o cristão pertence.

O comportamento do vassalo, portanto, diz muito sobre o senhor. Assim, ao passar para a vassalagem do diabo, Teófilo muda de aparência e de comportamento, não apenas como sinal da mudança de jurisdição, mas como marco identitário do novo senhor. Quando se submete a Satã, aceita suas regras e exigências, sendo necessário abandonar a vida justa, da qual derivava a boa fama. Os cristãos que andam na lei de Deus são bons, caridosos e humildes; Teófilo passa a ser mesquinho, vilão e arrogante. O sucesso material que o diabo

¹⁸² “Díssoli el judío: «Sennor, rey coronado,/ ésti solié seer vicario del bispado,/ queriénlo todos mucho, era omne onrado,/ tolliéronlo agora, ond es menoscavado./ Por esso es venido a tos pies caer,/ que li fagas cobrar lo que solié aver;/ él fágate servicio a todo so poder,/ avrás en él bassallo bueno a mi creer.»

¹⁸³ “Díssoli el diablo: «Non serié buen derecho/ a bassallo ageno yo buscar tal provecho;/ mas deniegue a Christo que nos faz muy despecho,/ facerli é que torne en todo so bienfecho./”

¹⁸⁴ “Deniegue al so Christo e a Sancta María,/ fágame carta firme a mi placentería;/ ponga y su seyello a la postremería,/ tornará en su grado con muy grand mejoría”.

lhe proporciona não se converter em saúde espiritual, devido à origem pecaminosa das riquezas. A mudança nas atitudes de Teófilo mostra sua associação com o restante da corte diabólica, que se manifesta na “falta de luz” dos vassalos.

Teófilo é caracterizado como traidor, pois abandonou seu senhor natural, renegando os sagrados laços de senhorio e vassalagem, que no cristianismo são concretizados pelo batismo. A felonía, ou traição, era o crime mais grave que as partes de uma relação feudovassálica poderiam cometer, porque rompia o aspecto mais importante do laço: a fidelidade. Neste sentido, a narrativa anuncia que Teófilo “feriu Cristo com sua lança”, em clara alusão à estocada que, na história da Paixão, tem o papel de apressar a morte do crucificado. Assim, a atitude do cônego é uma estocada no Cristo, seu senhor. Ainda explorando a simbologia evangélica, a traição transforma Teófilo em Judas e seu ato, como ele mesmo reconhece depois, derrubou “todos os suportes onde tinha os pés”¹⁸⁵. Portanto, acabou enforcado. Dada a dramaticidade das interpretações simbólicas que acompanham a “aleivosia”, restaurar a fidelidade que se rompeu é extremamente difícil. Será necessário recuperar a confiança, o que requer grande esforço de provação do traidor e grande magnanimidade do senhor traído. No caso de Teófilo as motivações que o levaram a abandonar Deus eram de cunho exclusivamente pessoal, portanto egoístas, o que torna a causa praticamente perdida, em vista da ameaça que essas atitudes representam para o modelo corporativo da sociedade cristã.

Deus, justo e bom, não pode anular o pacto que seu vassalo fez com o diabo. Uma súbita doença fará Teófilo recobrar o discernimento e arrepender-se sinceramente dos pecados, mas somente após se efetivar a ruptura do pacto diabólico será possível recuperar a confiança de Deus. Ele percebe que seus pecados são bem conhecidos no céu e que não adianta rogar aos santos, aos mártires, aos confessores ou aos apóstolos, pois todos estão irados com ele¹⁸⁶. Somente a intercessão da Virgem Maria poderá salvá-lo, por ser “conselheira e madrinha dos pecadores”. As orações a que recorre para convencer Maria aludem à tradição de seu papel como advogada dos homens, dos quais se apieda, e Teófilo sabe que esse é o único caminho para reatar o laço com Deus. Para se redimir terá que

¹⁸⁵ “So perdido con Dios e con Sancta María,/ perdido con los sanctos por mi alebosía;/ corté todas las cimas do los pienes tenía,/ si nacido non fuesse mucho mejor avría”.

¹⁸⁶ “Que a los sanctos quiera meter por rogadores,/ como del mi mal pleito todos son sabidores,/ sannosos me son mártires, todos los confesores,/ mucho más los apóstolos que son mucho mayores./”

restabelecer o contato com o divino, pois para o estabelecimento do pacto com o diabo foi necessário renegá-lo, o que provocou o desligamento de toda a jurisdição celestial, inclusive dos santos. A dificuldade encontrada pelo protagonista em se comunicar com o sagrado é resultado do conhecimento jurídico e simbólico do diabo que, para garantir que seu novo vassalo não o trairia, exigiu-lhe cortar todos os laços que o mantinham unido à antiga jurisdição: Teófilo foi obrigado a renegar em voz alta, portanto publicamente, e por escrito. Dessa forma, o diabo garantia a qualidade livre, e de acordo com o costume, daquele laço de senhorio e vassalagem.

Santa Maria, depois de relutar e reforçar a situação grave do cônego, esclarece que a única saída é, antes de tudo, destruir o pacto diabólico. Embora a justiça divina se estenda a todos, a lógica das jurisdições relativas garante que Deus não pode desrespeitar a jurisdição do inimigo. Será necessário renegar o diabo e rezar para que Deus receba Teófilo novamente como vassalo.

Neste milagre, o pacto configura-se como um ato devidamente registrado por escrito e selado, seguindo as regras do tabelionato. Portanto, a evidência material do ato, a carta, ganha especial destaque no enredo. Enquanto ela não fosse destruída, Teófilo continuaria a pertencer ao diabo, pois constituía prova irrefutável do vínculo de direito entre senhor e vassalo. Apesar dos poderes sobrenaturais de Maria, a narrativa não recorre a capacidades mágicas para eliminar a carta. Ao contrário, sua materialidade incontestada é essencial para sublinhar a importância desse instrumento jurídico, e os seres sobrenaturais adequam-se a tais características, traçando raciocínios sobre qual a melhor maneira de se apoderar do documento. Santa Maria sabe que ela está bem guardada no inferno, num “pequeno nicho”, e será preciso ir lá fisicamente pegá-la. De forma irônica, ela repreende Teófilo, por ele imaginar que com suas rezas conseguiria que o próprio Cristo descesse ao inferno para resgatá-la; é um lugar “hediondo, com hedionda confraria, e submeter-lhe isso seria grande ousadia”¹⁸⁷. O lance seguinte narra a forma vitoriosa como Maria exhibe a carta a Teófilo, mas sem explicar se ela própria desceu ao inferno, ou se mandou emissários. Mas interessa ainda ressaltar a forma como a materialidade da carta continua a ser destacada na

¹⁸⁷ “Disso Sancta María: «Don suçio, don maliello,/ la carta que fecisti el tu mal cabdiello, e dessent la seelleste de tu proprio seyello,/ en el infierno yaze en chico reconciiello./ Non querrié el mi Fijo por la tu pleitesía/ descender al infierno, prender tal romería,/ ca es logar fediondo, fedionda confradría,/ sólo en sometérgelo serié grand osadía”.

narrativa: a Virgem Maria aparece com “a sua carta em mãos”, Teófilo “encontrou a carta em seu regaço”, “apertou bem a carta”, “sentiu grande alegria quando teve a carta em seu poder”, “foi para a igreja com a carta em mãos”, e “mostrou-lhes a carta que empunhava, na qual jazia toda a força do mau pleito”¹⁸⁸. Afirma-se sem meias palavras que é na carta que reside o preito que ele prestou ao diabo, classificado negativamente, por inverter o bom ritual de menagem.

Se é necessário selar a carta com sangue a fim de assegurar a palavra escrita, é preciso queimá-la para desfazer o pacto. Na tradição cristã o fogo é entendido como elemento de purificação e, neste caso, ele pode desfazer o contrato. A confissão pública de Teófilo na igreja, diante da comunidade, é um momento importante que marca sua volta à jurisdição divina. Após se arrepender ele vai para a igreja e precisa rezar e provar seu valor, convertendo-se aos poucos no eclesiástico humilde e amável que fora, transformando-se em vassalo de Deus, abandonando as características diabólicas para ser readmitido como membro da cristandade. Antes de queimar a carta e se afastar da influência do diabo, Teófilo precisa se reintegrar na comunidade. A chave é a revelação pública do milagre, como forma de difundir os feitos de Santa Maria e reinserir-se em uma tradição vinculada à confissão os pecados. Ao narrar seus feitos aos fiéis presentes na igreja e ter a carta queimada pelo bispo, Teófilo alcança o perdão da comunidade. Sua morte, após três dias, marca o fim do seu caminho para a absolvição divina, demonstrando que Deus está satisfeito e que ele será admitido em sua morada após pagar por seus pecados¹⁸⁹.

¹⁸⁸ “vínoli la Gloriosa con recabdo complido,/ con su carta en mano, queda e sin roído./ La esposa de Christo, ponçella e parida,/ echógela de suso, dióli una ferida;/ recudió don Teófilo, tornó de muert a vida,/ trovó en su regaço la carta malmetida./ Con esto fue Teófilo alegre e loçano,/ que veyé la cartiella tornada en su mano;/ allí tovo que era de la fiebre bien sano,/ apretó bien la carta, cumplió su tridüano./ El confessor Teófilo ovo grand alegría,/ quando tovo la carta en su podestadia;/ rendió gracias a Christo e a Sancta María,/ ca Ella adovara toda su pleitesía (...)Teófilo, un lazrado christiano,/ fue pora la elesia con su carta en mano;/ posóse a los pieder del buen missacantano,/ confessó su proceso tardío e temprano (...) Cómo fue al judío, un trufán renegado,/ cómo li dio consejo suzio e desguisado,/ cómo con el diablo ovo pleito tajado/ e cómo fue por carta el pleito confirmado./ Cómo por la Gloriosa cobró aquel dictado,/ el que con su seyello oviera seellado (...)/ Demostróli la carta que en punno tenié,/ en que toda la fuerça del mal pleito yazié (...).”

¹⁸⁹ Provavelmente, a tradição do “pacto com o diabo”, amplamente difundida pela hagiografia medieval influenciou a famosa história do Fausto, de Goethe. Alguns estudiosos, entre eles, no Brasil, Haroldo de Campos, insistem nos sinais de modernidade que o pacto individual, estabelecido entre os dois personagens, significaria (CAMPOS, Haroldo de. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 2008). Entretanto, é preciso sublinhar que essas características também

Nas *Cantigas de Santa Maria* há outra história de pacto com o diabo:

U alguen a Jhesu Cristo por seus pecados negar,/ se ben fiar en ssa Madre, fará-ll' ela perdõar./ Dest' avo un miragre en França a un frances,/ que non avia no reino duc nen conde nen marques/ que fosse de mayor guisa, e tal astragueza pres/ que quanto por ben fazia en mal xe ll' ya tornar./ U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar.../ El non era de mal siso nen deserrado en al,/ senon que quanto fazia por ben saya-ll' a mal;/ e passand' assi seu tempo, con esta ventura tal,/ de grand' algo que ouvera non ll' ouv' en ren a ficar./ U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar.../ Poys que sse viu en pobreza, diss' un dia entre ssi:/ «Mesqo desanparado, que será agora de my?/ A riqueza que avia, non sey por que mia perdi;/ mais se a cobrar non posso, yr-m-ei algur esterrar.»/ U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar.../ El estand' assi coydando, un ome ll' apareceu,/ e aquel era o demo, e assi o cometeu:/ «Cuidas tu no que perdische? Ja outr' ome mais perdeu/ ca tu, e fez meu mandado, e fiz-llo todo cobrar./ U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar.../ E se tu assi fezeres, todo cho eu cobrarey.»/ Diss' el: «Di-me que che faça, e logo cho eu farey.»/ **Diss' o demo: «Por vassalo meu t'outorga, e dar-ch-ei/ mui mais ca o que perdische.» E el foy-llo outorgar./** U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar.../ **Pois que lle beijou a mão, diss' o demo: «Un amor/ me farás, pois meu vassalo es: nega Nostro Sennor/ e nega todos seus santos.»** E fillou-xe-lle pavor/ de os negar, e negó-os; tanto ll' ouv' a preegar./ U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar.../ Despos esto disse: «Santa Maria renegarás.»/ Diss' enton o cavaleiro: «**Este poder nono ás/ que me façás que a negue, nen tanto non me darás/ que negue tan bõa dona; ante m' iria matar.**»/ U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar.../ **Diss' o demo: «Pois negaste Deus, non mi á ren que fazer/ de ssa Madre non negares, mais dou-che mui grand' aver;/ demais negasch' os seus santos, mais al mi ás de prometer/ que non entres en eigreja.» E jurou d' i non entrar./** U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar.../ El andando por do demo passou a gran sazon;/ e foy con el Rey de França un dia a un sermon,/ e el Rei ena eigreja entrou, e el con el non/ entrou e ouve vergonna de sse del assi quitar/ U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar.../ A magestade de Santa Maria viu u ficou/ de fora o cavaleiro, e a ssa mão levou/ contra el e sinal fizo que entrass'; e espantou/ s' a gente por neun ome a magestade chamar./ U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar.../ Diss' enton el Rey: «Amigos, algun sant' entre nos á/ e non entrou na eigreja, mais algur de fora 'stá.»/ E fezo catar de fora quaes estavan alá,/ e viron o cavaleiro soo senlleiro estar./ U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar.../ Diss' el Rey: «Sancta Maria muy pagada de vos é,/ ca a sua magestade vos chamou, que aqui sé.»/ Disso el: «Mais é m' irada con dereito, a la fe,/ e fez sinal que ant' ela sol non m' ousasse parar./ U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar.../ **Ca eu fiz tan mao feyto, que nunca viu ome quen/ tan mao feito fezesse por algo, nen tan mal sen;/ ca porque pobre tornara, vassalo torney poren/ do dem', e Deus e os santos neguey por m' enrrequentar./** U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar.../ **Mais des oje mais do demo m' espeço e nego eu/ el e todas suas obras e leixo quanto m' el deu,/ e torno-m' a Jhesu-Cristo e outorgo-me por seu/ e peço-lle que sse queira de mi peccador nenbrar.**»/ U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar.../ Poi-lo viu el Rey queyxar-se e muy ben se repentir,/ preguntou-lle se ja quando traballara en servir/ a Virgen Santa Maria; e el disse: «Consintir/ nunca quix ao diabo que mia fezesse negar.»/ U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar.../ **Diss' enton el Rey: «Amigo, eu fui errado, par Deus,/ de vos averdes pobreza en**

estão presentes nas narrativas de milagres da Idade Média que registram pactos diabólicos. Aqueles que decidem pactar com o diabo são motivados por interesses estritamente pessoais, para auferir vantagens individuais.

meu reyn' e ontr' os meus.»/ E deu-ll' enton por herdade muy mais ca ouveran seus/ avoos, e ficou rico com' ome do seu logar./ U alguen a Jhesu-Cristo por seus pecados negar...¹⁹⁰.

O diabo constata o desespero do cavaleiro desafortunado e se aproveita de seu estado de desamparo, para oferecer-lhe proteção. Ou seja, a narrativa destaca a percepção do cavaleiro-vassalo com relação a seu senhor: por mais que ele se esforçasse, não era reconhecido por Deus, que não o recompensava à altura, desamparando-o. Assim, o diabo apresenta-se como novo senhor capaz de lhe oferecer a proteção que o outro lhe nega. O laço institui-se por meio do ritual em que o vassalo se “outorga” ao novo senhor, beijando-lhe a mão ¹⁹¹. Mas, como no milagre anterior, destaca-se a necessidade de renegar o senhor original, jurando, em seguida, cumprir a vontade do novo senhor. O diabo traduz serviço por “amor”, associando este vocábulo cristão à palavra vassalo: “um amor me farás, pois meu vassalo es”. Explicita-se o entrelaçamento claro entre o léxico feudal e o evangélico, colocando o diabo no papel de arauto da mensagem de São Paulo¹⁹². A primeira demonstração de amor requer que o nobre negue Cristo, os santos e a Virgem Maria. Diante da magnitude do serviço, o vassalo consegue negociar uma redução da carga: negará Cristo e os santos, mas não a Virgem. O diabo, então, aceita os termos, mas ele terá que, finalmente, jurar não entrar jamais numa igreja. O juramento é essencial como desfecho selado do pacto e a proibição de entrar na igreja pode ser interpretada como a precaução do diabo para que seu vassalo, que ainda não tinha cortado completamente os laços anteriores, não fosse apanhado nos domínios da concorrência, o que poderia comprometer os novos vínculos. Esse aspecto ressalta a importância da jurisdição dos domínios físicos, inclusive, no plano sobrenatural. De fato, a preocupação do diabo, ao final, revela-se juridicamente atinada, uma vez que, ao quebrar o juramento e entrar na igreja, o nobre foi imediatamente recuperado pela jurisdição da Virgem Maria. Renegou o diabo e as riquezas que este lhe tinha proporcionado e ofereceu-se de forma penitente ao senhorio de Cristo. A narrativa

¹⁹⁰ CSM, p. 597. Grifos nossos.

¹⁹¹ Em Castela e Portugal, para o período dessas narrativas de milagres, os chamados rituais feudovassálicos têm características fluidas e nem sempre são necessários e/ou registrados. Quando mencionados, resumem-se ao beija-mão e a menções ao juramento, mas, ao contrário do que a historiografia aponta para o norte França, sem a associação clara de objetos, como a Bíblia. Entretanto, para o Professor José Mattoso, a ausência dos rituais não significa que os laços de dependência que efetivamente se estabeleciam entre os homens não estivessem baseados nos conteúdos feudais da fidelidade, da honra, do serviço e do benefício. Ver MATTOSO, *op. cit.*

¹⁹² BÍBLIA DE JERUSALÉM. 1 Coríntios 13: 4-7, p. 2009.

destaca, ainda, um aspecto importante das relações entre senhores e vassalos, relativo à obrigação que o superior tem de zelar pela riqueza adequada de seu dependente. Ao final, o rei da França admite: “Amigo, Deus fez-me reconhecer que erreí ao permitir que vós ficásseis pobre no meu reino e entre os meus”. E devolve-lhe as riquezas antigas, acrescidas, de forma a que ele voltasse a ser reconhecido como “ome de seu logar”. Ao mesmo tempo, portanto, restabelece-se a vassalagem com Cristo e com o rei, uma associação simbólica extremamente importante para a teologia política medieval ¹⁹³.

Outro caso de pacto de vassalagem com o diabo aparece também registrado nas *Cantigas de Santa María*:

O que en Santa Maria de coraçon confiar,/ non se tema que o possa per ren o dem' enganar./ Daquest' ora un miragre fremoso quero dizer/ que eu oý, da dona que fillava gran prazer/ en servir Santa Maria, e eno seu ben fazer/ pōya sua fazenda e todo seu asperar./ O que en Santa Maria de coraçon confiar.../ Ela dun bon cavaleiro muy rico era moller/, **que perdera quant' avia, e era-lle mui mestér/ de o cobrar, e queria cobra-lo ja como quer;/ e polo cobrar vassalo se foi do demo tornar.**/ O que en Santa Maria de coraçon confiar.../ Que lle disse: «**Pois meu sodes, mui grand' algo vos darei;/ e vossa moller tragede a un mont', e falarey/ con ela e poren rico sen mesura vos farey.**»/ O cavaleir' oyu esto e foillo log' outorgar./ O que en Santa Maria de coraçon confiar.../ **O diabo, pois menage do cavaleiro fillou/** que ssa moller ll'adussesse, mui grand' algo ll'amostrou./ Poren como lla levasse o cavaleiro cuidou,/ e disse-ll': «Ai, moller, treides oge mig' a un logar.»/ O que en Santa Maria de coraçon confiar.../ **A ela foi-lle mui grave por de ssa casa sayr,/ ca era dia da Virgen, a que queria servir/ en ha sua eigreja;** mas non llo quis consentir/ per ren o marid', e foy-a per força sigo levar./ O que en Santa Maria de coraçon confiar.../ Ela yndo per carreya, viu eigreja cabo ssey/ estar de Santa Maria e disse: «Quer' eu aly/ folgar ora ha peça, e andaremos des y.»/ E deceu y e deitou-sse a dormir cab' un altar./ O que en Santa Maria de coraçon confiar.../ E sayu Santa Maria de tra-lo altar enton,/ e assi a semellava que diriades que non/ era se non essa dona, e disse: «E ja sazón/ de nos irmos, ai marido?» E diss' el: «Temp' é d'andar.»/ O que en Santa Maria de coraçon confiar.../ Enton foi Santa Maria con el ao logar/ u estava o demo. Quando viu a Madre de Jesu/ Cristo, **o demo lle disse: «Mentira fezische tu/ en trager Santa Maria e a ta moller leixar.»**/ O que en Santa Maria de coraçon confiar.../ Diss' enton Santa Maria: «**Vai, demo cho de mal,/ cuidasch' a meter a dano a mia serventa leal;/ mas de quanto tu cuidaste eu cho tornarei en al,/ ca te tollo que non possas ja mais fazer-lle pesar.**»/ O que en Santa Maria de coraçon confiar.../ E diss' ao cavaleyro: «**Fostes ome de mal sen/ que cuidastes pelo demo aver requeza e ben;/ mais fillad' en pedença e repenide-vos en,/ e o que vos deu leixade, ca vos non pode prestar.**»/ O que en Santa Maria de coraçon confiar.../ O cavaleiro da Virgen muit' alegre s'espiedi/ e foi-ss' u ssa moller era e contou-lle quanto viu,/ e do dem' e de seus dōes, de tod' ali sse partiu;/ e dessa or' adeante Deus grand' algo lles foi dar./ O que en Santa Maria de coraçon confiar...¹⁹⁴.

¹⁹³ Ver NIETO SORIA, José Manuel. *Fundamentos del poder real en Castilla (siglos XIII-XVI)*. Madrid: Univ. Complutense, 1988.

¹⁹⁴ CSM, p. 468. Grifos nossos.

O cavaleiro, tal como no caso anterior, tratará de recuperar as riquezas terrenas perdidas, por meio da vassalagem ao diabo, o qual, em troca do benefício, exige-lhe serviço à altura: que o vassalo leve à sua presença a mulher, que era devota da Virgem Maria. Na narrativa, essa exigência é classificada também como menagem, tornando mais explícito que se trata de um vínculo feudo-vassálico: “o diabo, depois tomou menagem do cavaleiro, que sua mulher lhe levasse”¹⁹⁵. A devoção a Santa Maria é traduzida igualmente pelo léxico feudal e a oração na igreja que a mulher do cavaleiro deve fazer é entendida como serviço. Nas palavras da narrativa, diz-se que “era dia da Virgem, à qual queria servir na sua igreja”¹⁹⁶. O dia do padroeiro é também o dia do senhor sobrenatural a quem o devoto-vassalo pertence, constituindo o momento político supremo em que os dependentes devem se fazer presentes nos domínios senhoriais, de maneira a dar (ou renovar) publicidade a esses laços. Faz parte do serviço ao senhor comparecer nesses momentos-chave para honrá-lo publicamente. A insistência da mulher do cavaleiro em rezar na igreja é compensada pela Virgem que assume sua aparência a fim de, no lugar dela, ir com o marido até o diabo. Este, ao perceber a armadilha, acusa o vassalo: “mentira fizeste, ao trazeres Santa Maria e deixares a tua mulher”¹⁹⁷. A mentira, neste contexto, assume claramente o sentido de traição, considerada o ato mais vil da relação feudal. Mas Santa Maria enxota o diabo, acusando-o também de vilania, uma vez que ele planejava romper os laços legítimos que a mulher do cavaleiro tinha com ela. Ao final da narrativa, ressalta-se o engano e a inversão dessas relações demoníacas de vassalagem, ainda que elas sejam, na aparência dos conteúdos, similares às virtuosas: “fostes homem de mau juízo, ao acreditar que por meio do demo podereis ter riqueza e bem; mais recebeis em penitência e em arrependimento; o que ele vos deu, deixai, pois não pode prestar”¹⁹⁸.

Outro caso de pacto, encontra-se no Ms 01 OBR/BCE/UnB:

Aquisse começa orrecobramento do erro que/ os monges per peendença recobrarom./ Aveo assi que hũũ frade quesse pagaua/ do mundo e das molheres oue de/ uir ahũa Cidade do Egipto. Eel andan/ do daga e dala cantando atoda parte uio hũa filha duũ sacerdote dos gentiis e lo/ go quea uyo amoa muy de coraçõ e disse ao/ padre eaamadre da donzela. Da mi ta filha/ por molher eel disse. Non cha

¹⁹⁵ “O diabo, pois menage do cavaleiro fillou/ que ssa moller ll'adussesse (...)”.

¹⁹⁶ “A ela foi-lle mui grave por de ssa casa sayr,/ ca era dia da Virgen, a que queria servir/ en ha sua eigreja (...)”.

¹⁹⁷ “Mentira fezische tu/ en trager Santa Maria e a ta moller leixar.”

¹⁹⁸ “Fostes ome de mal sen/ que cuidastes pelo demo aver requeza e ben;/ mais fillad' en pedença e repentide-vos en,/ e o que vos deu leixade, ca vos non pode prestar/”.

podria/ dar ameos de preguntar meos deos. E assi co/ mo esto disse foyssse per hũu ydolo que adora/ ua e dusselhi. Senhor huũ monge ueo hora/ amim e pediuni mha filha quelha desse/ por molher mandasmi quelha de. E o enmiigo/ lhi respondeu e dusselhi. Uay e preguntao/ e dilhi que se negar Deus seu senhor eo babtismo/ e oponentimento da mongia quelha daras. Eo / sacerdote doenmiigo ueo logo aele e disse/ lhi. Nega teu Deus eobabtismo eo que prom/ etisti ata orden e darochey mha filha. O/ monge quando esto ouuyo foy muy ledo/ e fez mandado do sacerdote. E tanto que esto/ fou feyto uyo omonge sayr hũa poomba/ da ssa boca que uouu at~e~e oceo. E de pois/ desto foisse osacerdote pera oenmiigo e di/ sselhi. Aque que prometeu que faria es/ tas tre cousas. Eo enmiigo lhi disse. Nõ/ lhi des ta filha por molher ca nõ he quite/ del seu Deus e ainda oajudara.(...) Desu tornoussse assi meesmo/ e disse. Se tã boo senhor he e tã piedoso que/ amim catiuo que tã malamente errey contra el/ e ainda me ajuda ergo porqueme quitarey eu/ del. Epensou muyto ensey coraçõ de como/ faria peendença deste erro. Esayus/ se dali e/ foyssse pera hũu deserto hu moraua hũu ho/ men boo. E pois que hi chegou disselhi todo/ offeyto comolhi auera. Eo homen bõo lhi/ disse. Esta comigo aqui en esta coua tres do/ maas hũa ps outra. E eu rogarey a Deus porti. (...) Amigo ora a Deus ca recebuda he/ ta peendença. Des oy mais sey aguçoso de/ guardar ta uida. (...) ¹⁹⁹.

Embora no caso apresentado não haja claramente um pacto com o demônio, a situação se configura por meio das intenções e dos comportamentos. Ao romper os votos de obediência e de castidade, o monge expõe-se ao senhorio do diabo. Este tenta, de forma indireta, estabelece o vínculo pela concessão de um benefício ao monge, materializado pela mulher que ele deseja. Mas, por algum motivo, que não fica claro na narrativa, o diabo percebe que mesmo que o religioso tenha renegado Deus, o batismo e os votos, o vínculo com a divindade não estava completamente cortado, pelo que o monge ainda não era merecedor do benefício. Uma vez mais, impõe-se a necessidade da ritualização do corte dos laços anteriores e que, neste caso, deve ser muito clara, para não gerar ambiguidades futuras. A narrativa apresenta também a relação que o pai da noiva, sacerdote pagão, tem com a sua divindade – identificada como o próprio diabo - na perspectiva feudovassálica. Os vínculos dele com o ídolo-diabólico estendem-se à filha, cujo casamento não poderá se realizar sem a autorização do senhor. Finalmente, a salvação do monge se opera por meio do seu repentino reconhecimento da situação de perigo que corria e de se submeter à proteção de um eremita (homem bom e santo) que o coloca em vigília e penitência. Interessante observar que o eremita, ao longo do tempo da penitência, roga a Deus que lhe conceda aquela alma, ou seja, que ela passasse para o seu senhorio.

O caso a seguir desenvolve melhor as implicações dos laços vassálicos dos pais, extensíveis aos filhos, registrado nas *Cantigas de Santa María*.

¹⁹⁹ Ms 01 OBR/BCE/UnB, f.5v.; MACHADO FILHO, *op. cit.*, p. 78..

Con seu ben/ sempre ven/ en ajuda/ connoçuda/ de nos Santa Maria./ Con ajuda nos vene/ e con ssa amparança/ contra o que nos tene/ no mund' en gran balança/ por toller-nos o bene/ da mui nobre sperança; / mas vengança / filla a Groriosa/ poderosa/ del, e sempre nos guia./ Con seu ben.../ Desto no tempo d' ante/ achamos que fezera/ a do mui bon talante/ gran maravilla fera/ **da moller andante/ mal que seu fillo dera/ e posera,/ porque fora pecare,/ de o dare/ ao dem' en baylia.** / Con seu ben.../ En terra de Roma ouv' y,/ com' escrit' ey achado,/ un ome, com' aprendi,/ bõo e mui' onrrado,/ e demais, segund' oý,/ riqu' e mui ben casado,/ e amado/ de todo-los da terra,/ ca sen err' a/ sa fazenda fazia./ Con seu ben.../ **Est' ome e ssa moller/ mui gran temp' estiveron/ servindo Deus volonter/ e seus fillos fezeron,/ e quant' ouveron mester/ a cada u deron./ Pois poseron/ de ter castidade/ e verdade/ ontre si noit' e dia.** / Con seu ben.../ Mais o dem', a que pesou/ daquesto que poseran,/ muitas carreiras buscou/ pera o que fezeran/ desfazer, e tant' andou/ que, o que manteveran,/ u jouveran/ cada u en seu leito/ con despeito/ os meteu en folia./ Con seu ben.../ Mui' ouv' o demo prazer/ pois que ouve vençudo/ o om', e fez-lo erger/ de seu leit' encendudo/ por con ssa moller jazer./ E o que prometudo/ e tudo/ mui' era que guardass' e/ non britasse,/ el ende o partia./ Con seu ben.../ **A moller chorand' enton,/ a que muito pesava,/ lle diss' aquesta razon:/ como o dem' andava/ por britar ssa profisson;/ mas que lle consellava/ e rogava/ que o el non fizesse,/ ca soubesse/ que a Deus pesaria.** / Con seu ben.../ «Demais, festa será cras/ dessa Pascoa santa;/ porend' en ti Sathanas/ non aja força tanta/ que o que prometud' ás/ brites, ca quen quebranta/ ou ss' encanta/ a britar sa promessa,/ log' en essa/ ora de Deus desvia.»/ Con seu ben.../ O ome non quis per ren/ leixar seu fol deleito,/ nen catou y mal nen ben;/ mais pois conpriu o preito,/ ela con sanna poren/ diz: «O que será feito,/ eu endeito/ o daqui que seu seja,/ sen peleja,/ do demo todavia.»/ Con seu ben.../ Logo bes dessa vez/ a moller foi encinta/ dun menynno que pois fez/ con pesar, sen enfinta,/ por que o mui mais ca pez/ negro nen que a tinta/ del non quinta,/ mais todo o meno/ fremoso/ depois aver devia./ Con seu ben.../ **Onde depois, sen mentir,/ o demo de mal cho/ aos doz' anos pedir/ aquel menynno vo/ a ssa madre, sen falir,/ e diss': «Ao quinze / en meu so/ o levarei sen falla,/ sen baralla/ d' outre e sen perfia.»** / Con seu ben.../ A madre con gran pesar/ e con mui gran quebranto/ começou log' a chorar/ por seu fill' e fez chanto;/ e pois feze-o chamar/ e disse-ll' enton tanto:/ «Ao santo/ Papa que é en Roma/ vai, e toma/ aver por ena via./ Con seu ben.../ Ca d' atanto soon fis/ que te porrá consello/ en teu mal, par San Denis.»/ E o moç' en trebello/ nono tev' e por Paris/ foi; e pois no concello/ no vermello/ pano connoceu logo/ no meog' o/ Papa da crezeria./ Con seu ben.../ E tan toste que o viu,/ a ele mantene/ foi e ben lle descubriu/ seu feito, que niente/ del non leixou nen mentiu./ Mai-lo Papa Cremente/ certamente/ lle disse: «Essa ora,/ sen demora,/ te vai pera Suria;/ Con seu ben.../ Ca un sant' om' y está/ que end' é Patriarcha/ daquela terra e á/ en pode-la comarca,/ e consello te dará/ bõo, se Deus me parca./ Busca barca/ e vai tost', e non chores/ nen demores,/ e faz ta romaria.»/ Con seu ben.../ Contaria-vos de dur/ as mui grandes tormentas/ que sofreu no mar de Sur/ o moço, ca trezentas/ millas correu sen nenllur/ folgar, ou quatrocentas/ ou quinentas,/ sen ancora deitaren/ nen chegaren/ a terra d'Armenia./ Con seu ben.../ E per com' aprendi eu,/ o moço, mui' aginna/ chegou a el e lle deu/ a carta que tiinna/ e disse-ll': «Ai, sennor meu,/ pola Santa Reynna,/ meeza/ na mia coita pon cedo.»/ E con medo/ seu mal lle descubria./ Con seu ben.../ O Patriarcha sen al / lle disse: «Sei que andas/ con mui gran coita mortal;/ mas desto que demandas,/ un hermitan sei atal/ que vestiduras blandas/ nen viandas/ non usa terraes,/ senon taes/ como llas Deus envia./ Con seu ben.../ E acha-lo-ás, ben sey,/ ena Negra Montanna;/ mais atanto te direi/ que non leves conpanna,/ ca, per com' eu apres' ey,/ nona quer, e sa manna/ é estranna/ d' outr' ome, e sa vida/ mui conprida.»/ Soo, sen conpania,/ Con seu ben.../ O camynn' enton colleu/ o moç', e gran jornada/ pois cada dia prendeu,/ que nunca folgou nada,/ ata que ll' apareceu/ a hermidia sagrada/ u morada/ daquel religioso/

omildoso/ era, que Deus servia./ Con seu ben.../ O moço/ ouve gran sabor/ pois entrou na capela,/ mas do hermitan mayor,/ que viu dentr' en sa cela,/ u ll' enton Nostro Sennor / deu en un' escudela/ grand' e bela/ dous paes ben do ceo,/ so un veo/ que a toda cobria./ Con seu ben.../ E o angeo de Deus/ do ceo da altura/ deceu ontr' os servos seus/ en mui bela figura/ e diss': «Ai, amigos meus,/ porque vossa natura/ non endura/ muito fame nen sede,/ dous tede/ pães.» E logo ss' ya./ Con seu ben.../ Pois comeron daquel pan,/ o moço ssa fazenda/ contou ao hermitan,/ chorando sen contenda./ El diss': «**A do bon talan/ roga que te defenda/ e comprenda/ o demo e o dome,/ que non tome/ a ti com' el querria./ Con seu ben.../ Ela seja teu solaz/ ate ena mannãa/ que direi eu, se lle praz,/ missa pela luz chãa/ e comungar-t-ei en paz,/ e a ta alma sãa/ e certãa/ será de Parayso,/ u á riso / sempre e alegria.**»/ Con seu ben.../ O hermitan ant' a luz/ as oras foi dizendo/ daquel que morreu na cruz/ por nos pas sofrendo./ O meny' enton ll' aduz/ seus livros mui correndo,/ e tremendo/ disse: «Missa dizede,/ e valedé/ me, ca tempo seria.»/ Con seu ben.../ **De Pascoa no mes d' abril/ a missa começaram;/ mai-lo demo mui sutil,/ el e os seus andaron/ tant' a redor do covil,/ que o moço fillaron/ e levaron/ da missa na segreda,/ que mui queda/ o hermitan dizia.**/ Con seu ben.../ Com' a estoria diz,/ u diabres levavan/ o moço/ e como perdiz/ assi o depenavan,/ **viron a Emperadriz/ do Ceo, que dultavan,/ e leixavan/ o moço e fugian,/ ca sabian/ que llo non leixaria.**/ Con seu ben... / Pois que tolleu o donzel/ a Virgen, com' oistes,/ ao dem' e seu tropel/ fezo fugir mui tristes;/ mais o hermitan fiel/ diss': «Ai, Deus, consentistes/ ou dormistes/ u mi o moço prenderon/ e tolleron,/ que ante mi siia?»/ Con seu ben.../ Como ome que sse dol,/ chorand' e non riindo,/ o hermitan come fol/ s' ouv' a tornar pedindo/ o moço; e en ssa prol/ estando comedindo,/ foi oyndo,/ u a Paz acabara,/ que ll' en crara/ voz «amen» respondia./ Con seu ben.../ **O hermitan enton pres/ o moço pela mão,/ que a Reynna cortes/ lle dera livr' e são,/ e disse-ll': «Amigo, ves;/ eu te faço certão/ ben de chão/ que des oy mais es quito/ do maldito/ demo que te seguia.**»/ Con seu ben...²⁰⁰.

Tal como em situações anteriores, o comportamento pecaminoso de um cristão o torna vassalo do diabo, ainda que não se tenha estabelecido um pacto ritualizado. A narrativa detalha as implicações positivas da decisão do casal que, depois de ter servido a Deus como era esperado, ou seja, gerando filhos e criando-os de forma correta, decidiu viver de forma casta. Portanto, tratava-se de um casal vassalo de Deus, por meio da conduta de serviço exemplar ao senhor. O diabo, despeitado, tentou o marido que sucumbiu ao desejo de ter relações carnavais com sua mulher, e, apesar da resistência dela, nasceu um filho. Mais tarde, quando o rapaz contava com 12 anos, o diabo surge para reivindicar seu direito sobre o produto daquele pecado. A mãe tenta adiar em alguns anos a posse do diabo sobre o filho, e envia o rapaz para buscar ajuda ante o papa, o qual o reenvia, ao patriarca da Armênia, que, por fim, lhe esclarece que somente um eremita determinado o poderá livrar do diabo. Neste ponto é importante notar que a jurisdição do demônio se apresenta com grande legitimidade, a ponto de nem mesmo duas autoridades eclesiásticas

²⁰⁰ CSM, p. 266. Grifos nossos.

reconhecidas poderem invalidá-la. Apenas um santo conseguirá interceder junto à Virgem Maria para que ela desfaça essa pretensão de direito. De fato, o direito do diabo parece ter grande eficácia, uma vez que ele arrebatará o rapaz durante a celebração da missa de Páscoa. Ao final, Santa Maria entrega o rapaz ao eremita “livre e são”, declarando que lhe dá “certidão” que ele está “quite do maldito demônio”.

No Ms 01 OBR/BCE/UnB há ainda um caso de senhorio e vassalagem entre o diabo e os cristãos. Trata-se de Paya (Pelaya), uma jogralesa muito rica e pecadora, que ouviu falar um dia das maravilhas dos santos e mandou uma carta a um bispo, que tinha fama de santidade:

(...)Ao Bispo/ Nono discipolo de Jhesu Christo. Eu Paaya pecador discipola do enmiigo pois ouuy aobra de tey Deys que tu oras que mergeu os/ ceos e deceu aas terras nõ polos juntos/ mais polos pecadores fazemrem peendencia e nõ/ qui despreçar os maaos e os pecadores. Eaquele queo/ nõ ousa acatar a direito Cherubin e Sera/ phyn nem os angos nõsse desapagou de mo/rar antros maaos assi como tu. Padre pree/ gastu. Etu senhor se te queres prouar verdadey/ ramente por deciplo deste nõ me despreces/ mais recebeme ca me quero saluar. E o sancto Bispo er enuiulhi outras letras en esta/ guysa; Quem que mãeffesta he de Deus sa/ alma; Pero rogote que nõ tentes mha fraque/ za ca homen pecador sooe se uerdadeyra/ mente te quiseses saluar e sabor has de me/ ueer vayme ueer antros outros Bispos ca/ soo nõ me podras ueer. Etanto que ela esto/ ouuyo leuantousse logo e foyse muyto/ aginha pera nossa pusada e enuyounos/ ante dizer que ueessem ael. E pois foron ajuntados enui/ oulhi dizer que entrasse. E tanto que entrou dai/ tousse no astrago ante seus pees e abraço/ ulhos e dau gimidos e choraua e apa/ nhaua da terra edeytaua sobre sa cabeça/ e regualhi os pees comssas lagrimas desy/ alimphauelhos con seus cabelos dando uozes/ edizendo. Senhor amerceate de mim pecador e se/ guy teu senhor e teu meestre en seus feytos/ e mostra en mim teu boo talã e faz me lo/ go cristaa. Ea eu soo Paaya peego da mal/ dade e ondas de peacados. E soo remoyñ/ ho e laço das almas. Eu auysso de perdiçõ./ Eu soo mortal deleyto das uoontades. E eu/ decebuda decebi muytos e todas estas cou/ sas auorresco ora. E por essp uiim ati que me/ batizes que meus peados mi sejam perdoados e que/ totalas auolezas eas cujas de mha alma se/ jam destroydas ca ben creo que pois dor babti/ zadda seerey liure das mãos do anmiigo. Eos Bispos e os outros clerigos que hi estauamos co/ meçamonos amarauilhar de tã frande esfor/ ço e de tã grande de de molher e de tantas lagrimas/ quantas choraua. Eo Bispo Nono que adur apodia leuantar dante seus pees disselhi. No degredo/ diz que molher segral nõ deue seer baptiza/ da se diador n]o der que desali adeante nõ tor/ ne assas maas obras. E pois que ouuyo tal respo/ sta er deytouxilhi ante os pees e chorou e/ deu uozes e disse. Razõ daras a Deus damha al/ ma e a ti seera refferida maldade de meus/ peados semii perlongares o baptismp ca te/ mo que per esta demorança caya en mãos daquel/ de que quero fogir e de cabo meremia aalma en seus laços. Eu fui maa e trope e que deitey/ muyto ao mundo. Peremte rogo que Deus rece/ ba con seus sanctos que nõ me de longues meu bap/ tismo que aquel brauo que nõ ha par nõ aja espa/ço de uolver meu coração en maaos faytos co/ mo soya. Porente rogo que me faças outra uez/ nacer pela agua do sancto babtismo e desme/ en oferta a Deus. (...) Eo Bispo lhi disse. Como as nome. E ela disse. Des que nasxi ouui nome Paa/ ya mais toda a uila mi chamam Margarida/ polos grandes guysamentos que eu tragia per que o enmii/ go me tragia assas obras e per que fazesse de/ mim sa casa. Eo Bispo lhi disse Paaya has tu nome. (...) Mais nos que siamos comendo

aque uos que nos/ apareceu oenmiigo assi como nuu e tiin/ ha as maaos sobrela cabeça ajuntadas e/ daua uozes en esta guysa e dezia. Ay que/ crueza e que força soffro deste uelho en presen/ te. Nõ te auondauan triinta mil gentiis que/ mi tulhisti e desti ateu Deus per babtismo. Ay/ que trueza e que maaos uelho. Nõ te auondauan a Cidade Deleofila que tempo aauia que fora minha/ ca todolos que hu morauam orauam mim que mi/ tolhisti e offerecisti a teu Deus. Ay que crueza/ e que atreuimento de uelho. Nõ te auondaua/ quantas maneiras de gentis mi tolhisti e/ deles fezustu sacrificio ao teu Deus? E de mais/ hora tolhistimi de todo en todo mha grande/ asperança. Ay crueza. Ay maa uelhice. Ja/ mais nõ sofrerey os que sse ati tornaren. Mal/ diito seja odia enque tu naçisti per seeres meu contrayro. Ca as tas lagrimas mi derri/ baron e mi destroyran mha casa. E mha/ asperança he cofonduda de rrayz. E esto e outras cousas muytas dizendo oenmiigo/ amuy grandes uozes e chorando muyto e/ fazendo gran doo assi que os bispos ouuiron sas uozes e outrossi Romaa a sa afilhada/ Paaya que aquel dia fora babtizada e contr/ aaquela se tornou oenmiigo e disselhi. Mha se/ nhora maa Paaya que he esto que fezisti?/ Tu eras companheyra do meu Judas que auquel/ foy coroado congrande onrra e desi ordiado/ Bispo e desy apostolo e seendo en esta alte/ za traeu seu Deus. E tu outrossi enquanto co/ migo fusti fezisti amim assi. Entõ Romaa sa madrinha disselh; Ffilha signate/ do sinal da cruz de Christo e nega oenmiigo. E tanto que ela fez o sinal da cruz e cha/ mou o nome de nostro senhor Jhesu Christo nunca pois/ hi er pareceu oenmiigo. Mais de pois de dous/ dias ela que jazia dormindo consa madrinha/ Romaa aqueuos oenmiigo que ueo aela eespertoa a disse/ lhi. Mha senhora Margarida que mal ti fiz eu nunca per uentura nõte orrey de muytas ricas doas e de muytas pedras preciosas? Per uentura nõ te onrrey/ douro e de prata e de todolos uiços que poden se/ er? Rogote que me digas enque ti fiz pesar ca/ eu logocho quero enmendar mais tanto fazi/ nõme leyxws nem me desenmpares assi soo nem; seer escarnido dos cristaaos. WUando esto ou/ uio aserva de Deus fez ossinal da cruz sobressi/ e soproulhi e disselhi. E Enmiigo ja te ne/ gey er negote hora. (...) Entõsse foyu aquel seu seruo e quantolhi foy mandado/ todo ofez e trouue aquelas cousas quelhi foron/ mandadas. E ela consa madrinha enuiuou/ aaquelas doas e aquel auer per seu seruo Bispo Nono/ e dizerlhi. Estas cousas entas maãos ca es/ tas son as requezas que oenmiigo mi fazia auer/ per seus enganos per que eu era decebuda. Ca amim/ abastam as requezas do meu esposo e meu sen/ nhor Jhesu Christo. (...) ²⁰¹.

A narrativa recorre a uma clara estrutura feudovassálica para apresentar o caso de Paya. Tanto as relações que ela mantivera com o diabo, como aquelas que pretende assumir, pelo batismo, com Deus são expressadas por meio de palavras próprias do senhorio e da vassalagem. Com o mesmo vocabulário são registradas as reações do diabo, frente àquilo que ele considera traição da antiga vassala, ou o desrespeito do bispo Nono à jurisdição diabólica. Uma vez mais, os planos sobrenatural e terrestre formam um só cenário jurídico.

Há três elementos principais que mostram o vínculo que Paya tinha com seu antigo senhor. Na carta que escreve ao bispo ela afirma que era discípula do inimigo, por levar uma vida luxuriosa e pecaminosa. O diabo era o senhor que guiava suas ações e incentivava

²⁰¹ Ms 01 OBR/BCE/UnB, f. 14v.; MACHADO FILHO, *op. cit.*, p. 64. Este milagre também aparece compilado na *Legenda Aurea*. VARAZZE *op. cit.*, p. 849.

suas libertinagens, e, ao intitular-se “discípula do inimigo” confirma o antigo acordo feito com ele. Um discípulo segue seu senhor e faz suas vontades. A maldade e os pecados são a marca do diabo e seus seguidores apresentarão essas mesmas características. Assim como Teófilo, em milagre já analisado, muda de características quando pacta com o diabo, chegando até mesmo a mudar de fisionomia, Paya, cujo nome também trocara para ficar mais de acordo à situação – chamava-se, então, Margarida - vivia envolta no pecado, pois essa era a marca de seu senhor.

Ao querer ser batizada, Paya entende que se libertará “das mãos do inimigo”. O batismo é o pacto primordial, pelo qual o cristão estabelece o laço com Deus. Portanto, ela reconhece que estava sob o poder do diabo e que lhe pertencia, sendo necessário negá-lo por meio dos preceitos do cristianismo, entregando-se a Deus. Ao batizá-la, o bispo devolve-lhe o nome verdadeiro, Paya, em claro sinal de sua reabilitação. Entretanto, o diabo, nas aparições seguintes, não deixa de chamá-la à razão pelo antigo nome, com o intuito de lembrá-la de seus deveres, em função dos benefícios que lhe concedera.

Na primeira aparição, o diabo maldiz o bispo que a batizou, acusando-o claramente de ter desrespeitado sua jurisdição, não apenas naquele caso, mas em outros, o que tornava o ordinário, aos olhos do diabo, um transgressor contumaz. Havia-lhe tomado os direitos sobre populações inteiras, que, por serem pagãs, pertenciam há longo tempo à jurisdição do inferno. O costume e a antiguidade tornam-se argumentos de peso para o diabo. No caso de Paya, entendia que ela cometera um crime de traição, o que a igualava a Judas, que traiu o seu senhor. Assim, o diabo recorre a outro argumento de peso, evangélico e teológico, mas também político, dada a associação eficaz que se estabelece e que sempre será lembrada nos atos de traição que os vassalos cometem contra seus senhores. Na segunda aparição, o diabo enumera suas virtudes como senhor, lembrando a Paya das riquezas que lhe proporcionou. Entretanto, a narrativa mostra nesse momento a inversão que o diabo opera nas relações senhor-vassalo, pois ele diz que sempre a honrou com dons e pedras preciosas, mas também com vícios. Estes são apresentados pelo diabo como coisa positiva e própria da relação. No final da cena, ele mostra-se desesperado e pede que ela não o desampare, o que certamente não é um termo adequado ao papel de senhor; ele pede que ela o proteja, o que mostra a inadequação dos termos da relação. Paya volta a negar o diabo, ressaltando a importância desse ato para romper o pacto. Ela já se

havia livrado dos vícios, mas deveria ainda desfazer-se dos benefícios materiais, pelo que entrega tudo ao bispo para que ele, com sua sabedoria – por ser santo e virtuoso – lhes desse destino apropriado.

3.2 O senhor de todos os senhores: Deus manda, o diabo obedece

Deus é o arquiteto do mundo e senhor de todas as criaturas, pelo que não existem seres que não estejam submetidos à sua vontade e que possam escapar do seu julgamento. Ainda que o livre-arbítrio seja um aspecto fundamental na relação entre Deus e suas criaturas mais perfeitas, os seres humanos, no limite a divindade conhece de antemão as decisões que elas tomarão de livre vontade. Tais decisões têm consequências, às quais não é possível fugir, quer se trate de recompensa ou de sentença condenatória. As criaturas celestiais estão também submetidas a essa lógica, o que permitiu que o anjo de luz, Lúcifer, decidisse enfretar Deus, gerando graves consequências: a queda, do paraíso para o inferno. Como parte da sentença, o diabo é condenado por Deus a tentar e a desencaminhar os cristãos. Portanto, é sua função cumprir essa vontade do Criador, eternamente.

O diabo desencaminha porque, como esclarecem algumas narrativas de milagres, sente inveja dos homens que ainda podem alcançar o céu. O diabo coleciona almas e vassallos. Lúcifer é senhor em seus domínios e os demais diabos estão submetidos à sua vontade e ao seu julgamento, porém, nem mesmo os domínios infernais escapam, em última instância, à jurisdição divina. Ao exercer seu direito de livre arbítrio e tornar-se um diabo, Lúcifer não se libertou dos laços divinos. Transformou-se em senhor dos pecadores e da maldade, mas sem se desvincular do bem, o qual não pode ignorar ou desafiar. Pode-se mesmo dizer que o mal, em seu *modus operandi*, trabalha para o bem e está comprometido com o objetivo final da cristandade que é a salvação, mesmo que o papel dos diabos seja extrair os impuros e limpar o *cosmos* cristão de todos os infiéis. Satã e sua horda infernal estão submetidos a Deus e reconhecem sua autoridade.

Em alguns casos é possível compreender de que forma se entendia o entrelaçamento das duas dimensões do papel do diabo, a ponto de ele defender os santos contra eventuais detratores, a mando de Deus, ou simplesmente de tentá-los, e de atormentar os corpos e as almas dos pecadores. O vassalo sempre está submetido às vontades de seu senhor.

Em suas tarefas, o diabo mostra-se conhecedor das hierarquias celestes e terrestres, bem como da lógica de interação entre elas, tal como se pode observar a seguir:

Aquise começa a uida de sam Masono bispo da Cidade de Merida (...) uiuiam en/ louuor de Deus e asseu gran prazer e sem medo de anmiigo e de nêhuũ outro homen maaõ que fo/ sse e sen eueja que huũ homen ouuesse (...) E por que oenmiigo do liagem/ da Dam o mal que per sy nõ pode fazer traba/ lhasse deo fazer per outrem per queo melhor e/ mais aginha possa fazaer meteu en coraçom/ a leougildo Rey dos Godos que era da seyta/ de Ryo que se trabalhasse de tornar aa/ seyta osancto bispo dom Masono de que suso falamos/ per muytos prometimentos de muy grandes onrras/ e de muy grandes riquezas. Ou se per esto non/ podesse per muytas ameaças e oer muytos deostos. (...) ²⁰².

A vida de São Mason é uma narrativa longa, repleta de fatos espetaculares e de encontros com emissários do inferno. Muitos homens, a mando do diabo, são enviados para desencaminhá-lo, mas todos falham em suas tentativas, pois a santidade do bispo prevalece frente às ameaças e subornos. Neste caso, destaca-se a estratégia do diabo em mandar agentes para tentar um santo, uma vez que ele próprio não conseguiria, em virtude do altíssimo nível de santidade atribuído a Mason, como dom divino. Aliás, a longa narrativa que descreve com detalhes as ações caritativas e justas do bispo não deixam dúvidas.

O diabo utiliza, então, seu vassalo, rei dos visigodos, para tentar o bispo. Há uma hierarquia criada por Deus que não pode ser desrespeitada pelos espíritos malignos, e os homens que alcançam muita santidade em vida, eventualmente, sobem nessa hierarquia. Portanto, é interessante notar que o diabo lança mão de agentes que, na hierarquia social estariam no nível do bispo, ainda que pecadores.

Os diabos ajudam Deus a cumprir sua função de senhor de toda a criação. Assim como os reis recorrem a emissários e agentes para ajudá-lo a exercer sua autoridade, Deus utiliza a ajuda das hordas infernais.

Aquise/ segue hũũ exemplo per que pode homen/ entender como saem as almas dos boos/ e dos maaos e dos corpos enque andan./ Huũn frade preguntou huũ monge ue/ lho de gran sanctidade e disselhi. Que/ he o que salua ohomen. O nome ou afama/ ou aobra que faz. Eo monge uelho respondeu/ e disse. Aobra que faz. E disse o uelho. De/ mais sey eu huũ homen que cada que estaua/ en oraçõ sempre/ lha Deus compria. E hũa uez/ rogou nostro senhor que lhi mostrasse como sayam/ as almas dos justos e dos pecadores/ dos corpos enque anduan. E querendo Deus conprir a/ ssa oraçõ enuiou huũ lobo ael quando sii/ a ensa cela. Eo lobo tomoo per seu auyto/ e leuoo por fora. Eo frade hyasse en pos/ olobo antel. Eo lobo leuoo ahũa/ Cidade e pois partiusse dele. Eele seendo/ fora da Cidade en hũũ Moesteiro en que mora/ ua huũ monge soo en hũua cela homen de gran uida e de gran sanctidade acaeceu que/ aquel monge enfermou pera morte.

²⁰²Ms 01 OBR/BCE/UnB, f.33r – f.39r.; MACHADO FILHO, *op. cit.*, p. 131-145.

Eos ho/ meens da Cidade fizeram fazer muytas cande/ as e muyta onrra aaquel monge. E tiinham/ que per sas orações guardaua Deus aquela Cidade e que de pos sa morte todos seerian mor/ tos. Ena ora enquelhi a alma sayu da carne/ uio aquel frade uiir hũu spiritu do Inferno/ sobre aquel monge. E tragia huũ gadanho de/ fogo con tres cambitos muy grandes. E/ ouuy hũa uoz que dezia assi. Como esta/ alma nunca mi deu per nẽ hũa ora folgan/ ça assi nen tu nõte amercees dela mais/ tiralha do corpo muy crueuilmente. En/ tũo aquel spiritu infernal meteu ogadanho/ que tragia eno coraçõ daquel monge e atorme/ ntoo per muytas oras. E pois tiroulhi aalma do corpo e leuoo consigo. De pos esto/ entrou aquel frade na Cidade e uio huũ homen estranho jazer na rrua enfermo e/ nõ auia nẽhuũ que curasse dele. Eele fi/ cou con ele huũ dia. E ante huũ pouco que/ ueesse aa ora da morte meteu mentes/ aquel frade e uio os arcangos Michael/ e Gabriel que decian do ceo pera leuar aque/ la alma. (...) E de pos que todo esto foi feito assi como ora foy dito/ sayo aquela do corpo enque andaua con gran prazer. (...) ²⁰³.

Embora as ações dos diabos e dos arcanjos sejam distintas, ambos cumprem a função designada pelo criador. Os seres celestiais buscam a alma de um fiel e evitam que este sinta dor durante a morte; o diabo age de forma contrária provocando a dor no pecador. Os anjos buscam a alma que deverá subir aos céus e o demônio apunhala a alma do pecador. São figuras contrárias, mas com missões semelhantes. Anjos e demônios apoderam-se das almas dos homens e as tratam de acordo com as obras realizadas. O enfermo era um homem que viva na rua, sem auxílio, provavelmente era devoto e humilde, características compreendidas pela sua situação e pela forma como foi tratado pelos arcanjos. O bispo, homem santo, fez a cidade acreditar que pereceria juntamente com ele. Tinha fama e era adorado na cidade, mas a pergunta do frade ao homem santo mostra que, provavelmente, as obras realizadas pelo bispo não eram satisfatórias. Quando o diabo aparece para cobrar a alma do homem condenado ao inferno diz: "Como esta alma nunca me deu nenhuma alegria, assim não te apoderes dela, mas tira-a do corpo de forma muito cruel". Essa fala é interessante, pois o homem merece o inferno e supostamente praticou maldades. Embora tenha feito obras influenciadas pelo diabo, é punido por desobedecer a Deus. A dor que os diabos infligem nos pecadores não é apenas para o prazer diabólico, mas é também a punição para os que desobedeceram ao Criador. O diabo, assim, age como emissário de Deus, pois pune aquele que realizou obras pecadoras e desrespeitou os mandados de seu senhor.

²⁰³ Ms 01 OBR/BCE/UnB, f.52v – f.45; MACHADO FILHO, *op. cit.*, p.175-177.

Há uma lógica de poder que permeia todas as relações entre os corpos celestes. O diabo cumpre as sentenças de Deus e pune aqueles que praticaram suas obras, como no outro caso em que atormenta o homem que desrespeitou as escrituras:

Aqui sse segue ou/ tro exemplo per que podemos entender que nõ/ deue homen aapregoar aesmolan que fezer pera auer/ ende gloria do mundo. Aqueste sacerdote/ Ergido de que suso falamos uiuen/ do na Eigreja se sam Fijz que estaua en cima/ duñ monte muyto esquiuo assi como de suso dicto he uio hũũ clerigo muyto hon/ esto que ueo a el pera morar con ele. El enten/ dendo que era homen entendudo pera procurar/ por el aquela pbreza que el auia recebeo/ assa companha e fezeo seu procurador sobre/ aquelas cousas que el auia. Eteendo este/ procurador enhuuũ seu logar seu pã colhe/ yto e as outras cousas per que deuia uiuer por/ todo o ano. Eu Ergidio sacerdote enui/ ey ael huũ dia huũ meu fradezinho que/ me seruia per que lhi mandey dizer aquelas co/ usas que mester auia. E pois se foy o manda/ deyro nembreyme dalgũas cousas aquelhi/ quisera ainda mandar dizer e braadey enpos/ ele de cima do monte e dixilhi grandes uozes./ Di aaquel meu procurador que de hũũ moyo depã/ aaquel cego que hi mora cabo del e huun/ meyo moyo aoutro pobre que he seu uezinho. E de pos esto jazendo eu aprimeira noyte/ dormindo en mha cama ui sobre mim estar/ dous homens con seus cuytelos tirados e es/ tenderomee fortemente pera me atormentar e/ huũ dũa parte e outro da outra desfaziam/ todo omeu corpo aaçoutes. E de pos quey/ mauam cada hũũ dos meus lados con gran fo/ go. E pois que eu acordey con gran door polo/ mal que mi faziam assi como amim semelhaua/ adormeci outra uegada polo sono queme agra/ uaua e acheyme naqueles tormentos que/ primeiramente soffrera assi como ome amim/ semelhaua. E quando a prostunera uegada me/ espretey figi mha oraçõ anostro senhor e dixilhi. Senhor senhor. Por ta piadade mostrame que he aqesto que soffro ca nõ posso eu enten/ der que nunca eu cousa per que eu deti/ tâ gran sanha merecesse e de pos esto ouuy/ hũa uoz quemi disse. Nõ ouuisti tu oauan/ gelho diz quea esmoln se deue fazer/ asconduda? E tu de cima do monte braa/ dasti e dissisti ao teu frade. Di a meu/ procurador que de tanta esmolna affoam e tan/ ta affoam. E pois prougueme en meu coraç~que me castigasse de mha sandice.(...)²⁰⁴.

O milagre apresenta o caso de um sacerdote devoto que acredita praticar as obras de Deus, mas peca ao dar publicidade à caridade que faz. O grau do pecado não é suficiente para torná-lo imediatamente vassalo do diabo, mas os emissários infernais surgem para atormentá-lo por desrespeitar a Bíblia. O diabo aparece, assim, como emissário de Deus para corrigir o cristão que não seguiu corretamente sua palavra. Ele inflige dor em Ergídio para ensiná-lo e impedi-lo de errar novamente. Nesse sentido, os castigos aplicados não podem ser vistos como mal; ao contrário, eles são necessários para restaurar o bem. São castigos justos, que os agentes infernais aplicam para cumprir a vontade do Criador.

Outro caso similar, mostra o empenho do diabo em conseguir disfarces que deem maior eficácia à missão de restaurar o bem:

Aqui se começa a uida e morte dũũ sancto/ abade que ouue nome Nauto/ Muytos homens que morauan en terra/ de Merida que he a na prouincia de Lu/ zetania

²⁰⁴ Ms 01 OBR/BCE/UnB, f.82r; MACHADO FILHO, *op. cit.*, p. 254-255.

contaron e disseron que eno tem/ po de Leouegildo que foy Rey dos Godos/ ueo da terra da frica naquesta prouincia de Lu? zetania en que he a Cidade de Merida hũũ/ abade muy sancto que auia nome Nauto. Aqueste uiueu naquesta prouincia con os outros monges/ que hi eran muy pobremente. (...) De pos aquesto/ partiusse dali e foyssse con hũũ poucos fra/ des ao hermo e ali fez hũũ morada muy peque/ na en que morou. E morando ali tantar foron as uer/ tudes que en el creceron que affama dele ueo ao prin? cepe Leougilde de que suso falamos. E como quer/ quer este principe fosse da septa dos a Ryaaos e nõ/ fosse cristaaõ dereyto mandou per hũũ seu logar/ que era regueengo lhi dessen comer e uestir pera sy/e pera seus frades quanto mester ouuessen e que todo/ o senhorio fosse seu. E ele nõ querendo receber a mercee que lhi o principe fazia disselhi omandadey/ ro tu debes arreceber o dom eamercee queti faz o/ meu senhor Leouegildo casse tem por teu fi/ lho espirital e atende bem e mercee de Deus por tas/ orações e tensya por despreçado deti seo re/ ceber nõ quisesses. E de pos queo recebeu o ho/ meens daquel logar disseron antressi que querian ir ueer aquel quelhi deron por senhor. E quando ueeron eo uiron uestido de uestiduras muy uiis/ e muy rafeces disseron antressi que muytolhis/ era melhor de morreren ca de eruiren tal se/nhor. A cabo de pouco tempo andando ohomen/ de Deus de susto falamos guardando e apas/ quando hũas poucas ouelhas que auia per/ estes montes aqueles seus uassalos queo despreçaron/ porque o acharon soo ferirono malamente assi/ queo leixaron por mortos e acabo de gran tempo/ de pois queo soube o principe Leouegildo de/ que suso falamos mandouos prender todos e apre/ sentarlos ante sy. E deu por sentença como quer/que erege fosse ca era da seyta dos a Riaa/ os assi como de suso dissemos que se aquele que eles feriron/ era uerdadeiro seruo de Deus/ assi como cirstaos dezian que Deus tomasse deles/ sa uendita ca ele nõ queria nemigalha hy/ fazer e mandouos logo soltar. E de pois que fo/ron soltos ueeron os enmiigos da liagem da dan/ e entraron nos seus corpos e tantoos atroemen/ taron ata que/ lhis tiraron as almas dos corpos.²⁰⁵

A santidade do monge é apresentada por meio de vários aspectos de sua vida virtuosa e de sua permanente negação dos bens materiais. Em algumas passagens, destaca-se ainda seu respeito com relação às hierarquias terrestres, como a obrigação de aceitar a mercê que o rei Leovigildo lhe faz. Da mesma forma, se ressalta o descontentamento dos vassalos dos domínios em que o mosteiro do monge se instala, que se indignam com a qualidade do senhor a que são obrigados a se submeter. Um monge que vive de forma pobre e se apresenta em andrajos não é digno do senhorio e de comandá-los. Entretanto, o assassinato do senhor é um ato pecaminoso, sobre o qual até mesmo um rei “herege” sabe que merece castigo. Deus envia, então, “os inimigos da linhagem de Adão” para se vingar dos maus vassalos, por meio de tormentos que os levam à morte. Tal como no milagre anterior, os diabos são escalados para fazer a justiça divina e prestar serviço a Deus.

Embora a possessão seja um castigo sentenciado por Deus o diabo também aparece para capturar a alma dos infieis. É possível entender a possessão como sentença

²⁰⁵ Ms 01 OBR/BCE/UnB, f.29v -f.30r; MACHADO FILHO, *op. cit.*, p. 122-124.

divina, pois o rei dos godos diz que o destino daqueles vassalos será sentenciado pelo Criador. Cumprindo o papel de vassalo o Diabo faz a vontade de seu senhor.

O que viltar quer a Virgen de que Deus carne fillou,/ se pois del filla vinganç' a maravilla nono dou./ A Sennor que nos adusse salvaçon e lum' e luz,/ e que viu por nos seu Fillo morte prender ena cruz,/ des i ten-nos amparados do demo que nos non nuz;/ en bõo dia foi nado quena serviu e onrrou./ O que viltar quer a Virgen de que Deus carne fillou.../ **E desto vos direy ora a vingança que fez/ Jhesu-Christo en Guimarães dun jograr mao rafez,/ que el e ssa Virgen Madre santa e o seu bon prez,/ per que o mundo foi salvo, ante todos dostou./** O que viltar quer a Virgen de que Deus carne fillou.../ Aqueste jograr jogava os dados, com' aprendi,/ e descreya tan muyto, que quantos seyan y / foron en tan espantados que sse foron os mais d'y;/ mais el de viltar a Virgen e Deus sol non ss'enfadou./ O que viltar quer a Virgen de que Deus carne fillou.../ Non quis catar o maldito como prendeu carne Deus/ na Virgen e pois prendeu por el morte dos judeos,/ mais o coraçõn proposo e todos los sisos seus/ en viltar Santa Maria, de que Deus carne fillou./ O que viltar quer a Virgen de que Deus carne fillou.../ E dezia que non era Deus nada neno seu ben,/ e que o da Virgen fora chuffa, ca non outra ren./ E el est' e mais dizendo, ei-vos un capelan ven/ que levava Corpus Cristi a un que y enfermou/ O que viltar quer a Virgen de que Deus carne fillou.../ Na vila. E os gollo ficaron todos enton/ ant' aquel que da cada nos foi tirar do dragon;/ e o jograr mal-andante cospiu e disse que non/ vira gente tan baveca, e muy mal os dostou./ O que viltar quer a Virgen de que Deus carne fillou.../ O capelan, quand' oyu dizer mal do Salvador/ do mundo, mui gran despeito ouve daquel traedor;/ e pois se tornou du ya, diss' enton: «Ay, pecador/ d'ome, porqué dostavas ora o que te formou,/ O que viltar quer a Virgen de que Deus carne fillou.../ O que te fez de niente e pois á t' a desfazer,/ e eno dia do joyzo estarás a sseu poder,/ cativ'»? E non sabes esto, nen t'ar queres connoscer/ a aquel que do diabo per seu sangui te livrou?/ O que viltar quer a Virgen de que Deus carne fillou.../ E da Virgen groriosa te nenbra, e ben farás,/ e filla ta pedença por aquesto que dit' ás.»/ El respondeu escarnindo: «Crerigo, que torp' estás!/ O ben, de Deus e da Virgen renegu', e aqui me dou/ O que viltar quer a Virgen de que Deus carne fillou.../ Que non ajan en min parte e que xe me fagan mal/ e me metan, sse poderen, dentro no fog' infernal.»/ Quand' est' o crerigo oyu, diss': «Ay, Groriosa, val!/ **Deus fille de ti vingança, assi como sse vingou/** O que viltar quer a Virgen de que Deus carne fillou.../ **Do traedor Simon Magos, encantador que viltar/ foi assi Santa Maria e seu Fillo desdennar.»/ Esto diss' o prest' e foi-ss'; e o demo vo travar/ eno jograr que vos dixe, e assi o apertou/** O que viltar quer a Virgen de que Deus carne fillou.../ **Que o torceo enton todo. E assi vingar-sse quis/ Deus por ssi e por sa Madre, e desto seede fis/ que nunca mais falou nada; e poren, pa-Ssan Dinis,/ atanto o tev' o demo ta que ll' a alma sacou/** O que viltar quer a Virgen de que Deus carne fillou.../ **Do corpo e nõo inferno a foy logo sobolir;/ ca assi yr deveria quen quer que foss' escarnir/ da Virgen e do seu Fillo, que nos vo remir;/ qual sennor ele serviu, assi llo gualardõou./** O que viltar quer a Virgen de que Deus carne fillou...²⁰⁶.

Um dos elementos comuns entre esse milagre e o anterior é a utilização da palavra vingança para tipificar a ação punitiva de Deus e do diabo. Os pecadores nessas histórias, devido a seus feitos, seriam merecedores de condenação, mas a narrativa prefere a vingança. Uma vez mais, o diabo cumpre papel de vassalo obediente, coisa que é explicitada na cantiga, quando se refere ao momento em que ele, depois de se apossar do

²⁰⁶ CSM, p. 510.

corpo do jogral, torcendo-o por longo tempo, lhe arranca a alma e a leva para o inferno: “pois para lá deveriam ir todos os que escarnecessem a Virgem e seu Filho, que nos redimiu; qual senhor ele [o diabo] serviu, galardando-o dessa forma”²⁰⁷. Ao cumprir o serviço de Deus, o diabo lhe dá o galardão de senhor, reconhece sua autoridade.

Os eventos de possessão, por transcorrerem na terra à vista de todos, configuram importantes exemplos didáticos, pelos quais se ensina aos cristãos os males físicos que podem sofrer aqueles que pecam. A vingança divina concretiza-se pela dor no corpo físico, operada pelo diabo, mas sob as regras de Deus. O diabo é o vassalo escolhido para cumprir a sentença, pois sua função é punir. Ele obedece a Deus e, no caso anterior, causa contorções no homem, até que seu corpo não resiste, morre, e a alma sai. Somente depois de cumprir a vontade de seu senhor, o diabo finalmente pode se apossar da alma e levá-la para o inferno, sob sua jurisdição.

Santa Maria não é a única santa de quem o diabo se vinga:

E uiuendo na Cidade da Lexandria escre/ ueu todas aquelas molheres que eran conho/ çudas por maas de seus corpos. E de diia/ fazia sas obras e uendiaas q quandoosse/ queria poer o sol comia hũa dieyrada dan/ temorços e todo oal que gaanhaua gua/ rdauao. E cada hýa acada hũa daquelas/ molheres de que falamos hũa noýte/ ahũa e outra noýte aaoutra e dezia dámi/ tu esta noýte e nõ queyras fazer maldade/ e euti dareý tanto quanto toda anoyte ti/ darian por teu corpo. E ele metiasse na/ casa con ela pera nõ fazer ela maldade con/ outri. E de pois que começaua en noy/ tecer poynhase en canto da casa daquela/ molher e estaua hi ateena manhaa/ con muytas lagrimas e con muytas ora/ ções que fazia. E ante que se ende partisse/ prometialhi aquela molher en cuja estiuera/ de noyte orando queo nõ descobrisse./ Eassi como hũa noyte estaua encasa/ dũa assi as outras noytes estaua enca/ sas das outras. Eassi comolhi hũa prome/ tia queo nõ descobrisse assilho prometiam/ as outras. E ele assi uiuendo huã daquelas/ molheres descobro ensa uida e disse que/ nõ entraua denoyte aelas assas casas/ pera fazer maldade mais tragelas aboo es/ tado. Eel pesoulhi porquo descobrio e fez/ sa oraçõ a Deus contra aquela molher que o desco/ brira. E logo oenmiigo antigo do linhagem/ de a Dã entrou en ela e faziaa torcer muy/ laydamente. E por esto se guardaron as ou/ tras desali adeante que nunca o descobriron/ daquelas orações que lhi viian fazer de noyte/ e daquelas lagrimas que lhi uiian chorar(...).²⁰⁸

Neste milagre, já apresentado no capítulo 2, interessa agora sublinhar o papel que o diabo assume. Embora não se fale claramente em vingança, é importante notar que o monge reza a Deus contra a mulher, e que é o diabo que aparece para executar o castigo. Deus

²⁰⁷ “ (...) atanto o tev' o demo ta que ll' a alma sacou/ O que viltar quer a Virgen de que Deus carne fillou.../ Do corpo e no inferno a foy logo sobolir;/ ca assi yr deveria quen quer que foss' escarnir/ da Virgen e do seu Fillo, que nos vo remir;/ qual sennor ele serviu, assi llo gualardõou”.

²⁰⁸Ms 01 OBR/BCE/UñB, f.61.; MACHADO FILHO, op. cit., p. 205-206.

atende o monge, enviando o diabo. Tal como na narrativa anterior, o tormento consistirá em violentas contorções, provavelmente, cólicas. Deus, geralmente, não aparece para conceder a graça aos fiéis; ele manda vassalos que cumprem a sua vontade.

Caso parecido é o do mouro muçulmano, registrado nas *Cantigas de Santa Maria*:

Muitas vegadas o dem' enganados/ ten os omes, porque lles faz creer/ muitas sandeces; e taes pecados/ desfaz a Virgen por seu gran saber./ E desto contado/ vos será per mi/ miragr' e mostrado/ quant' end' aprendi,/ fremos' aficado,/ e ben ascutado/ será, per meu grado,/ e dev' a seer,/ que o muit' onrrado/ Deus, e acabado/ pola de que nado/ foi, quiso fazer./ Muitas vegadas o dem' enganados.../ En Conssogr' avia/ un bon om' atal/ que Santa Maria/ amava mais d' al,/ e mui gran perfia/ por ela prendia/ sempre cada dia,/ com' oý dizer,/ con un d' Almaria/ mouro, que dizia/ que ren non valia/ o seu gran poder./ Muitas vegadas o dem' enganados.../ Aqueste mour' era/ daquel om' e seu/ cativo, e ferament'/ era encreu;/ e ja o quisera/ de grad' e fezera/ crischão e dera/ lle de seu aver./ Mais non podera/ macar lo dissera,/ con el, ca tevera/ semp'r en descreer/ Muitas vegadas o dem' enganados.../ Ena Groriosa,/ e a razõar/ mal e soberviosament'/ e desdennar/ que era 'nganosa/ muit' e mentirosa/ sa fe e dultoa/ e sen prol ter;/ e tal revoltosa/ cous' e enbargosa/ e d' oir nojosa/ non é de caber./ Muitas vegadas o dem' enganados.../ O om' entendudo/ foi e de bon sen/ e apercebudo/ de guardar mui ben/ o mouro barvudo,/ falss' e descreudo;/ e come sisudo/ o mandou meter/ en logar sabudo/ d' aljub' ascondudo,/ e dentr' estendudo/ o fezo jazer./ Muitas vegadas o dem' enganados.../ **El ali jazendo,/ o demo chegou,/ e logo correndo/ en ele travou;/ mais defendendo/ ss' o mour' e tremendo/ muit' e contendendo,/ ll' o dedo coller/ na boqu' e gemendo/ e fort' estrengendo/ tod' e desfazendo,/ llo fezo perder.** Muitas vegadas o dem' enganados.../ **Daquesta maneira/ duas noites fez;/ mais aa terceira/ a Sennor de prez,/ a mui verdadeira/ e Virgen enteira,/ come luméeyra/ sse lle fez veer,/ e deu-lle carreira/ per que na fogueira/ d' inferno que cheira/ non podess' arder.** Muitas vegadas o dem' enganados.../ E disse: «Pagão,/ sse queres guarir,/ do demo de chão/ t' ás a departir/ e do falsso, vão,/ mui louco, vilão/ Mafomete cão,/ que te non valer/ pode, e crischão/ te faz e irmão/ nosso, e loução/ seie sen temer.»/ Muitas vegadas o dem' enganados.../ Poi-lo castigara,/ el lle respondeo/ que en quant' andara/ todo falleceo,/ e que mal mercara/ de que non fillara/ bautism', e errara/ en seu connocer/ por quanto viltara/ a fii tan cara./ «Mais mannãa crara/ querrei receber/ Muitas vegadas o dem' enganados.../ A fe dos Romãos;/ ca connosco ben,»/ diss' el, «que pagãos/ andan con mal sen/ a guisa de vãos,/ ca non son certãos/ d'a lee dos crischãos/ per ren manter,/ nen come louçãos,/ mais com' antivãos/ contra Mec' as mãos/ punnan de tender.»/ Muitas vegadas o dem' enganados.../ Quando foi mannãa,/ daly o sacou,/ seu dono; e chãamente/ lle contou/ que viu da louçãa/ Virgen, que nos sãa/ e nos da maçãa,/ fez perdon aver:/ «Porend' a crischãa,/ comprida, certãa/ lee, e non vãa,/ quero manter.»/ Muitas vegadas o dem' enganados.../ Sa razon fida,/ fez-lo bautizar/ seu don', e conpridament'/ e muit' onrrar./ E de bõa vida/ foi pois, e servida/ del a que convidanos/ a gran prazer/ de dar sen falida,/ qual non foi oyda,/ d' avermos guarida/ sen nunca morrer./ Muitas vegadas o dem' enganados...²⁰⁹

Neste milagre o diabo aparece para torturar, também por meio de terríveis contorções dolorosas e tremores, um mouro, escravo muçulmano de um cristão. Depois de várias tentativas para convertê-lo e batizá-lo, o senhor decidiu prendê-lo para que ele não

²⁰⁹ CSM, p. 827.

pudesse continuar espalhando suas opiniões blasfemas contra a Virgem Maria e o cristianismo. Assim que é preso na cela, o diabo o tortura, preparando o caminho para a entrada da Virgem em cena, que propõe a conversão, nestes termos: “pagão, se queres curar-te do demônio, tens que deixar o falso, vão, muito louco, vilão Maomé cão, que te não pode valer, e fazeres-te cristão e irmão nosso, e sem temer serás loução”²¹⁰. O mouro aceita rapidamente, concorda com tudo o que lhe propõe a Virgem e admite todos os pecados. Será depois batizado na fé romana.

É importante ressaltar que o mouro pertencia a um cristão, que, de acordo com a norma, não escatima esforços para converter e batizar seu escravo. Ao prendê-lo, como última tentativa, o diabo entra em seu corpo, como uma peça importante no processo de conversão do mouro. Portanto, neste caso, fica evidente que o diabo não pretende desencaminhar o mouro, mas contribui para que ele, sob tortura, reconheça a verdade da fé.²¹¹

A função do diabo como vassalo de Deus manifesta-se também em ocasiões em que ele respeita a hierarquia social e política do plano sobrenatural, pelo reconhecimento da autoridade da virtude dos santos.

Outro Miragre./ Que posso dizer dos senadores Nepo/ciam Eproserua sa molher se nõ que assi como eran juntados per huũ casamento/ e assi como per sas uoontades que deuen auer/ o marido ea molher eran hũũ corpo assi an/ bos auian hũũ enmiigo que en eles entraua. / Eeste enmiigo cuidaua que nẽguũ no auia/ dereyto sobrelos seus corpos se nõ el soo. E/ pois andaron per muytos sanctos que qeran en des/ vayradas terras e assa doença eo seu mal/ deles foy apregoado per aquelas terras muy/ tas e desuayradas per que eles andaron pedin/ do mercee aos sanctos que naquelas terras auia/aa cima trouueronos aqieste glorioso sancto./ Emeliã. Ele pois os uyo mandou ao/ enmiigo nõ podendo es/ tar que nõ fizesse seu mandado partiuse dos corpos en que andaua. E pois se eles/ sentiron liures do mal que auian deron/ graças e louurores ao Rey dos Reys que/ taes marauilhas faz fazer polos seus/ seruos.²¹².

A primeira parte da narrativa mostra que o poder do diabo era grande sobre os corpos do casal, pois embora eles tivessem percorrido muitas terras e consultado muitos

²¹⁰ “Pagão,/ sse queres guarir,/ do demo de chãõ/ t' ás a departir/ e do falsso, vão,/ mui louco, vilão/ Mafomete cão,/ que te non valer/ pode, e crischão/ te faz e irmão/ nosso, e loução/ seie sen temer”.

²¹¹ A tortura, como método para chegar à verdade, era parte importante dos processos judiciais na época medieval e moderna. Ver: FERNANDES, Alécio Nunes. *Dos manuais e regimentos do Santo Ofício Portugêses: a longa duração de uma justiça que criminalizava o pecado* (séculos XIV-XVIII). Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em História (PPGHIS), Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2011, p. 67-68;135.

²¹²Ms 01 OBR/BCE/UnB, f.74v.; MACHADO FILHO, *op. cit.*, p. 239.

santos, não conseguiam exorcizá-lo. Entretanto, na segunda parte compreende-se que o poder está submetido a uma lógica hierárquica de santidade, uma vez que Santo Emiliano consegue isso facilmente, bastando apenas dar voz de comando. De acordo com o milagre, o diabo não podia descumprir o mandado daquele santo que, pelos vistos, era muito mais poderoso que o demônio.

Manter a ordem, portanto, é uma preocupação dos senhores, mas também dos vassallos. Deus é o grande senhor, rei de toda a criação, e suas normas regem todos os aspectos da vida na Idade Média. Todas as criaturas, sobrenaturais e terrestres, estão submetidas às escrituras e devem segui-las, sublinhando a profunda relação da sociedade medieval com o direito ²¹³.

Por fim, apresenta-se mais um exemplo, no qual os diabos estão claramente a serviço de Deus:

Aquise co/ meça en como aqueste bispo passou daqueste/ mundo e foyse ao parayso. A hũu baron/ religioso que auia en costune dir/ semore aa Egreja e ouir sempre todalas ho/ ras assu de duua e come de noyte. foyse peraa Egreja de sancta Maria (...) e ouuyo marauilhoso/ cantares e de muy gran sabor e meteu men/ tess no Coro e uio gran companhia de sanctos que hi/ estauan. E tã grande medo foi oque ouue/ quesse foi asconder enhuũ canto da Egreja (...) E esto foi hũu po/ uco ante que cantassen os Galos. [...] E de pois quehi acabaron os laudes disseron/ antressi. Ja cedo sera hora de tangeren aas ma/ tinhas. Ordienos aquello porque nos aca mand/ daron. E pois que esto disseron apareceron antre/ eles muytos a Cipios negros e muytos es/ pantosos e muy grandes come Gigantes./ E pela catadura que auian tornada e pe/ las vestiduras negras que tragian podia todo/homen ben entender ca eran sargentos do Inferno/ e tragian nas maaos espadas muyto agu/ das. E estes disseron os sanctos. Yde mutos a/ ginha ao adro da Egreja e entrade na/ Cela enque jaz o Bispo sancto don Fiel e dade/ lhi gran ferida en seu corpo en guisa/ que aalma se parta do corpo e uaasse nosco pera nosso senhor Jhesu Christo. E eles fezeron o/ quelhis mandaron. Mais eles oquando/ tornaron disseron queo nõ feririon ca nõ pode/ ron entrar na sa Cela ca el nõ dormia/ mais jazia en oraçõestendudo sobre/ ssa oraçõ nõ nos leixou entrar ael. E os sanctos/ lhis mandaron outra uez. yde e ferideo ca/ omandado de nostro conuen quesse compra. E eles/ foron e nõ poderon entrar e tornaronse outra/ uez e disseron ssa oraçõ nos embarga que/ nõ podemos entrar. E os sancros disseron nõ en/ barga a oraçõ hu Deus alguen chama. Ma/ is yde e conpride o mandado de nostro senhor ca/ de pos que hũa vegada he dicto nõsse po/ de traspassar que se nõ compra. Entõ foron/ aterceira uegada e per uoontade de Deus en/traron. E tã gran ferida hi feron e tã cruq/ uil que deu huuũ gran braado con gran gimi/ do e con gran door assi queo ouuyo o religi/ os de que suso falamos que estaua no canto/ da Egreja sacondudo. E de/ pois que foy ma/ nhaa ueo esse Religioso ao Bispo sancto/ e contoulhi todalas cousas que uio e que/ ouuyo.²¹⁴.

²¹³ GROSSI, *op. cit.*, p. 16.

²¹⁴ Ms 01 OBR/BCE/UnB, f.32.; MACHADO FILHO, *op. cit.*, p. 129-131.

Neste milagre um barão muito fiel presencia uma cena, na igreja, envolvendo santos e diabos. Após orarem na igreja, os santos chamam os agentes infernais para matarem um bispo santo, pois o Criador deseja que sua alma suba ao céu. Os diabos aparecem, mas têm dificuldade para entrar na cela do homem santo, pois ele estava em oração. Após receberem a permissão de Deus, os diabos conseguem superar o poder da oração, e ferir o bispo.

O primeiro elemento a destacar é a colaboração entre santos e demônios para cumprirem uma missão que Deus lhes encarregou. Nessa situação são todos vassalos do Criador. Mas, a forma como os santos se dirigem aos “sargentos do Inferno”, e insistem para que executem o serviço, sugere que os primeiros têm precedência sobre os segundos. A missão permite que seres tipicamente rivais trabalhem em harmonia, sem os atritos e as disputas que caracterizam sua relação. Cumprir a vontade de seu senhor é mais importante. Era necessário que o bispo Fidel morresse e os diabos são naturalmente encarregados do ato. Não compete aos anjos dar fim à vida das criaturas, mas, sim, aos diabos. Há uma diferenciação entre as funções assumidas pelas duas partes.

O segundo aspecto é a compreensão que os diabos demonstram sobre seus limites de atuação. Eles não podem entrar em um espaço sagrado, onde um homem reza com devoção e sinceridade a Deus. Nas duas primeiras tentativas de adentrar o espaço de oração são impedidos e só conseguem penetrá-lo quando recebem autorização do Criador. Há um profundo reconhecimento do seu papel. Embora os anjos representem a vontade de Deus, os diabos precisam da permissão dele para ultrapassar os limites impostos pela oração. Geralmente, diabos não entram em igrejas e não aparecem enquanto os homens adoram a divindade, pois estes locais são jurisdição do bem. Somente no caso em que Deus o determine podem ultrapassar esses limites.

A cada milagre a relação de senhorio e vassalagem entre o diabo e Deus é reforçada, seja nos casos em que o diabo aparece como senhor e inimigo dos homens, seja naqueles em que atua como agente da divindade. Compreendido como uma figura plural e multifacetada o diabo não encontra dificuldade em transitar entre o papel de vassalo e o de senhor, tal como os homens e mulheres das ordens superiores no plano terrestre. Sempre

astuto e conhecedor das normas, ele usa sua habilidade de transfiguração para transitar entre diferentes papéis e assumir diversas funções. Os cristãos são o material sobre o qual o diabo desenvolve sua existência jurídica. Quando assumem o papel de vassallos, geram acordos e pactos, confirmando a autoridade de Satã sobre as suas almas, fortalecendo sua soberania sobre o inferno. Nos casos analisados o diabo pode firmar pactos com os pecadores, acumulando vassallos. Quando um cristão deseja mudar de senhor é necessário renegar Deus e o cristianismo, pois o diabo reconhece a autoridade divina e sabe que não pode aceitar um homem que obedece a outro senhor.

Em sua morada, os diabos são príncipes que obedecem a um senhor que, embora aparentemente cruel, distribui justiça. Quando o homem peca e merece ser punido convoca o diabo como emissário de Deus, que deve cumprir seu serviço, provocando sofrimento, para que se faça justiça. A essência maligna deste personagem não entra em conflito com a vontade do Criador, e a hierarquia de poderes criada na esfera celeste exige que os diabos sejam carrascos e cumpram a vontade de Deus, ou seja, trabalhem pelo bem maior. Em nenhum momento os diabos desrespeitam Deus, e em todas as narrativas eles reconhecem que existe uma autoridade maior, que há um senhor a quem seu rei segue, um ser que comanda toda a criação e que está ciente de todas as ações realizadas. Este é o senhor de todos, quem deu à luz o universo, e não há como desafiá-lo. Deus não é senhor apenas dos anjos e dos homens, ele é senhor dos diabos e está acima de Lúcifer.

CONCLUSÃO

Esta dissertação nasceu de algumas perguntas que guiaram a pesquisa e as reflexões que os documentos e a historiografia foram inspirando. Ao final, espera-se conseguir apresentar algumas respostas que, evidentemente, não pretendem ser definitivas – como convém ao ofício da História – mas que significam um ponto de chegada.

Em um universo de 595 milagres, que compõem a totalidade dos casos narrados nos três *corpora* selecionados para este trabalho, o diabo aparece em 201. Trata-se de um número significativo, o que sublinha a importância que esse personagem tem na vida dos cristãos medievais. Tal conclusão corrobora a ideia amplamente difundida pela historiografia que se dedica ao tema, para a qual os substantivos e adjetivos relativos ao demônio poderiam, em boa medida, explicar o “espírito medieval”.

Dessa presença forte, ressaltada pela historiografia, tinham nascido duas das perguntas: como o diabo é representado pelos medievais nos milagres, que são fruto da ação divina; esse diabo corresponde à ideia que normalmente se difunde sobre o “diabo medieval”?

Nas três fontes analisadas é possível encontrar uma farta lista dos adjetivos e dos substantivos diabólicos que a literatura especializada costuma apresentar. Assim, nomes e características com fortes conotações negativas, relativos ao diabo e seus agentes infernais, são utilizados por aqueles que deixaram os milagres escritos para a posteridade. Tal particularidade desdobra-se, sobretudo, em duas características: burlona/grotesca e aterrorizadora/dominadora. Assim, o diabo tinha asas, chifres, era negro, fedia, assumia a forma de bode, de belas mulheres e belos homens, morava nas encruzilhadas, nos cemitérios e templos pagãos, nas casas de boas e de más pessoas, nos palácios... Entretanto, é pelas ações descritas nas narrativas que se percebe um panorama complexo que dá a essas características e lugares de morada sentidos que vão além da mera dicotomia e da caricatura. A pesquisa mostrou que é preciso colocar em contexto a aparência e o cenário com as funções que os personagens diabólicos assumem em cada caso. Os resultados são muito variados, apontando o exercício de várias funções pelo diabo, algumas delas pouco notadas pela literatura especializada. Ele é tentador e acusador (promotor) dos cristãos, mas

também pode ser defensor da virtude e da santidade, e vassalo de Deus. Aliás, é este último aspecto que permite responder com mais complexidade às perguntas que originaram este trabalho.

A qualidade e as especificidades da relação entre Deus e o Diabo são aspectos importantes da teologia medieval. Todos os Pais da Igreja, em algum momento, se dedicaram a essa questão, escrevendo peças doutrinárias, cuja circulação é visível também nas narrativas de milagres. Nos documentos que analisamos está claro que essa relação é de tipo feudovassálica, ou seja, deus é o senhor e o diabo seu vassalo. Tal como na literatura doutrinária, as nuances são muitas, e identificam-se muitas ambiguidades, difíceis de contornar. Mas é interessante perceber como cada caso vai falando dessa relação e moldando a realidade/história que está sendo contada, de acordo com esses valores. Às vezes percebe-se o esforço contorcionista do narrador para traduzir os acontecimentos fantásticos de acordo com os princípios adequados, outras vezes, o curso corre mais solto, permitindo-nos captar lógicas naturalizadas.

As principais conclusões a que foi possível chegar resultaram do esforço de analisar essas narrativas como “atos de fala²¹⁵”. A própria forma como as situações são apresentadas constitui uma ação, pela qual se moldam fatos acontecidos. Mesmo que se trate de invenções e fantasias, os casos têm aparência de realidade e pretendem evocar fatos corriqueiros da vida dos humanos. Nesse sentido, até mesmo as intervenções sobrenaturais ganham aparência de fato, dada a alta frequência com que ocorrem e a repetição de padrões, o que os torna familiares e reais. São, portanto, fatos históricos contados por meio de um discurso político que fala sobre ações que já aconteceram. Cada vez que o milagre é contado, esse fato torna-se presente e, eventualmente, é modificado e atualizado de acordo com as circunstâncias do momento. Mas, o mais importante, é a conexão que essas narrativas têm com o futuro da comunidade política em que circulam. Elas alimentam os sentidos necessários à identidade e dinamicidade do modelo. A maneira como os personagens percebem e falam sobre os fatos e argumentam a favor ou contra as situações colocadas é a chave para decodificar os fios que formam o tecido social e as lógicas do poder que se manifestam nas tensões e disputas em torno do que é certo e errado.

²¹⁵ ARAÚJO, Cícero. Apresentação. In: POCOOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: EdUSP, 2003. p. 9.

A partir daqui, nasce a resposta à terceira pergunta: qual é a relação que essas narrativas de milagres (e de poder) estabelecem entre o diabo e o modelo ordenador da sociedade? A maneira como as narrativas falam das ações do diabo e os conteúdos desenvolvidos mostram perfeita harmonia com o modelo cristão corporativo, ainda que seja pela inversão dele.

A sociedade era dividida em três ordens, que cooperavam para a saúde do todo, alicerçada na fé e na religiosidade, fundamentais para a sua identidade e coesão. A forma totalizadora como se vivia a religião, reflete-se na maciça presença de princípios cristãos no cotidiano, fundamentais para compreender as lógicas de qualquer manifestação da vida.

Portanto, tal entrelaçamento abrange o nível político e do poder, elaborando uma cultura particular que compreendia os elementos mundanos como reflexo das estruturas celestes. Essa característica criou uma cosmologia complexa e em profunda simbiose arraigada com as lógicas sociais. Ao longo da dissertação, e especialmente nos dois últimos capítulos, foi possível destacar diversos elementos religiosos constituintes nas lógicas de poder seculares. Mas, sobretudo, chama atenção a maneira insistente como o plano sobrenatural adota a linguagem jurídica terrena para argumentar sobre os casos em que se vê envolvido. Isto se aplica ao plano celeste e ao infernal.

Embora o diabo encarnasse o mal, ele não deixava de ser uma criatura de Deus, condenada por ele ao inferno e ao eterno papel de tentador dos cristãos. Ser o contrário de Deus, não significa disputar o poder do universo com ele, como se o bem e o mal tivessem a mesma legitimidade. Nos milagres, diabo tenta o homem e busca desencaminhar sua alma, porém, frequentemente, as narrativas reforçam o laço de obediência e de dependência que ele tem com Deus. De resto, o plano sobrenatural, habitado por anjos, santos e demônios era compreendido como o espelho que refletia também o plano terrestre, o que explica certas questões e querelas que enfrentam esses seres. Dessa forma, a noção de pertencimento a um corpo hierárquico, comandado por uma cabeça política, não era exclusiva da terra; o céu também tinha ordens superiores e inferiores, com suas idiosincrasias. Nesse modelo, o diabo é um vassalo de Deus que pratica o mal, como punição, com o intuito de colecionar as almas que merecem as graças do paraíso. O diabo aplica aos homens uma espécie de vingança, pois sente inveja de seu livre-arbítrio e da possibilidade de recuperar a glória que lhe foi negada quando escolheu se rebelar contra o

senhor. Mas, é importante destacar que o diabo tem direito às almas, o que não deixa de ser um benefício dado por Deus, para que ele exerça sua jurisdição e usufrua de seus domínios.

Deus, acima de tudo, é justo e cria um *cosmos* que se rege pelo direito divino, o qual contempla em derivação de sua natureza, múltiplos direitos particulares (sobrenaturais e terrenos). A convivência entre esses direitos dá origem a intermináveis disputas jurisdicionais que dinamizam a política e os discursos que falam sobre ela. Na terra, no céu e no inferno cumpre ao senhor arbitrar as disputas e dizer justiça. Nos milagres analisados, as disputas desenvolvem-se, principalmente em torno do direito às almas dos cristãos pecadores e os argumentos que os dois lados apresentam constituem uma boa oportunidade para reforçar o modelo político e social que deve chegar aos ouvidos dos fieis. Nesse particular, até mesmo os diabos recorrem às mesmas lógicas e defendem a aplicabilidade incontornável do texto constitucional da comunidade política dos cristãos, as Sagradas Escrituras. Portanto, ainda que a atuação do diabo seja vista como inversão, ela não significa que ele aja de forma contrária ao modelo, mas como alguém que apesar de usar os instrumentos e os argumentos corretos não tem propriedade. Ainda assim, nem sempre isso fica realmente claro nas narrativas, principalmente, quando o diabo é expressamente enviado por Deus para cumprir uma missão.

De acordo com o modelo corporativo, o diabo assume os papéis de senhor de seus domínios e de vassalo dos domínios de Deus. Ele governa seus vassalos e, ao mesmo tempo, é governado por Deus, senhor de toda a criação. Os diversos papéis políticos e personas jurídicas assumidas pelo diabo exigem que, como qualquer membro das ordens superiores, ele responda de diferentes maneiras às especificidades das circunstâncias. As complexidades jurisdicionais que compunham a sociedade medieval criaram um direito vivo, plural, em constante modificação, que requeria juízes capazes de interpretá-lo de acordo com as diversas situações. Um direito vivo pressupunha que os diferentes casos seriam interpretados e resolvidos dentro de suas singularidades, recorrendo aos textos e costumes que melhor se adaptassem às singularidades, aplicando os diferentes costumes e leis de maneira diversificada. É dessa forma que nos milagres se solucionam os debates e as querelas.

Finalmente, destaca-se, a forma detalhada como os milagres aprofundam as consequências dos atos que envolvem os valores da vassalagem: a fé, a honra, o serviço e o

benefício, bem como seus contrários. A traição ocupa lugar de destaque, e o diabo, frequentemente, acusa seus vassallos de vilania e felonía. Assim, com a permissão de Deus, o diabo vai tentando corpos, colecionando almas, como membro da comunidade política dos cristãos.

REFERÊNCIAS

1 Fontes Primárias

ALFONSO X. *Cantigas de Santa María*. Castela, 1221-1284. Disponível em: <<http://csm.mml.ox.ac.uk/>>. Acesso em: 7 ago 2013.

BERCEO, Gonzalo de. *Los Milagros de Nuestra Señora*. Disponível em: <<http://www.bibliotecagonzalodeberceo.com/tesis/milagros.pdf>>. Acesso em: 16 ago 2014.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea*. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VORAGINE, Jacobus. *Legenda Aurea*. 2 vols. Whitefish: Kessinger Publishing, 1846.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Um Flos Sanctorum Trecentista em Português*. Brasília: Editora UnB, 2009.

MANUSCRITO 01, Seção de Obras Raras, Biblioteca Central do Estudante, Universidade de Brasília.

2 Bibliografia

AGUIAR, Clarice Machado. *O Diabo: vítima, ou algoz? A representação do Diabo nas Cantigas de Santa Maria (séc. XIII)*. Monografia de bacharelado apresentada ao Departamento de História. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

ANHEIM, Martine. Le diable en procès. *Médiévales [En ligne]*, n.44, p 5-16, 2005. Disponível em <<http://medievales.revues.org/988>>. Acesso em: 17 ago, 2014.

ANTUNES JR, Guilherme. A Mariologia Medieval: Análise Comparada do Poema Duelo de la Virgen de Gonzalo de Berceo, o Liber Mariae de Gil de Xamora e as Cantigas de Santa Maria de Alfonso X. In: *II JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS*, v.10, 2011. Maringá. *Anais...* Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2011/pdf/comun/03003.pdf>>. Acesso em: 15 out 2016.

BAEYENS DE ARCE, Alberto. El mortal Enemigo: el Diablo en la obra de Gonzalo de Berceo. *Memorabilia: Boletín de Literatura Sapiencial*, València, n. 6, 2002. Disponível em: <<http://parnaseo.uv.es/memorabilia/memorabilia6/mortalenemigo.htm>>. Acesso em: 10 out 2016.

BASCHET, Jérôme. Diabo. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J-C. (coord.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2006, p.319-331.

BASTOS, Mário Jorge da Motta. *Assim na terra como no céu... Paganismo, cristianismo, senhores e camponeses na alta Idade Média Ibérica (séculos IV-VIII)*. São Paulo: EDUSP, 2013.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: PAULUS, 2002.

BOGLIONI, Pietro. Hagiographie et folklore. Quelques coordonnées de leur rapport. *Folorilegium*, Montreal, v. 22, p 1-24, 2005. Disponível em <<http://journals.hil.unb.ca/index.php/flor/article/view/12514>>. Acesso em: 17 ago, 2014.

BOUREAU, Alain. *La légende dorée*. Paris: CERF, 2007.

_____. *Satan the Heretic: A Birth of Demonology in the Medieval West*. Chicago: The University Of Chicago Press, 2006.

_____. *Satã Herético*. O nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330). Campinas: Editora Unicamp, 2016.

BOUSSET, Wilhelm. *The Antichrist Legend*. Atlanta: Scholars Press Atlanta, 1999.

BUENO SÁNCHEZ, María Luisa. De enemigos a demonios: Imágenes al servicio de la guerra en el medievo castellano-leonés VIII-XII. *Sociedad Española de Estudios Medievales*: Madrid, n.16, p 225-254 2006. Disponível em: <<https://digitum.um.es/xmlui/bitstream/10201/35612/1/51001-217631-1-PB.pdf>>. Acesso em 1 ago 2014.

CACHO BLECUA, Juan Manuel. Género y composición de los Milagros de Nuestra Señora de Gonzalo de Berceo. *Príncipe de Viana*, Pamplona, n. 2-3, p. 49-66, 1986

_____. *La ambivalencia de los signos: el “monje borracho” de Gonzalo de Berceo*. Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2006. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/la-ambivalencia-de-los-signos-el-monje-borracho-de-gonzalo-de-berceo---milagro-xx-0/html/01e1323e-82b2-11df-acc7-002185ce6064_8.html>. Acesso em: 15 out 2016.

CAMPOS BUSTOS, Juana Lorena. Los buenos y los malos en "Los Milagros de Nuestra Señora". *XI Jornadas Interdisciplinarias Religión y Cultura*. Disponível em:<<http://www.vallenajerilla.com/berceo/buenosmalos.htm>>. Acesso em: 15 out 2016.

CAMPOS, Haroldo de. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

CARMODY, Francis. Le Diable des bestiaires. *Cahiers de l'Association internationale des études francaises*, Paris, v.3, n.1, p 79-85, 1953. Disponível em: <web/revues/home/prescript/article/caief_0571-5865_1953_num_3_1_2019>. Acesso em: 16 abr 2014

CARNEIRO, Marcelo da Silva. O Mal na Bíblia: A Personificação do Mal nos Escritos do Período Helênico aos Escritos do Cristianismo Primitivo. *Revista Âncora*, v. 8. Disponível

em: <http://www.revistaancora.com.br/revista_8/CARNEIRO%20OK!.pdf>. Acesso em: 21 fev 2017

CARVALHO, Cibele. As Hagiografias Franciscanas. *Revista Diálogos Mediterrâneos*, Curitiba, v. 4, p 142-160, 2013. Disponível em <<http://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/72>>. Acesso em: 15 ago 2014.

CLARK, Stuart. *Pensando com Demônios: A Idéia da Bruxaria no Princípio da Europa Moderna*. São Paulo: Edusp, 2006.

COELHO, Maria Filomena. Serviço e benefício: relações e redes sociais na tradição ibérica. In: MACEDO, José Rivair.. (Org.). *A Idade Média portuguesa e o Brasil: reminiscências, transformações e ressignificações*. Porto Alegre: Vidrúguas, 2011, p. 145-156.

_____. Territorialização de mosteiros nobres: o Cister feminino em Leão (séc. XII-XIII). *Territórios e Fronteiras* (UFMT. Impresso), v. 4, p. 34-56, 2011.

CORTÁZAR, José. De las conquistas fernandinas a la madurez política y cultural del reinado de Alfonso X. *Revista de Estudios Alfonsínes*, Sevilla, v. 3, p 19-54, 2002. Disponível em <http://institucional.us.es/revistas/alcanate/3/art_2.pdf>. Acesso em: 14 abr 2014

COSTA, Pietro. *Iurisdictio*. Semantica del potere politico nella repubblica Medievale (1100-1433). Ristampa. Milano: Giuffrè Ed., 2002.

CUNNINGHAM, Lawewnce S. *A Brief History of Saints*. Malden: Oxford, 2005.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800*. 3. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

DENDLE, Peter: *The Role of The Devil in Old English Narrative Literature*. 1998. 307f. Tese (Doutor em Filosofia). Departamento de Inglês, Universidade de Toronto, Toronto, 1998.

DOMÍNGUEZ, Rodríguez. Astrología y mitología en los manuscritos ilustrados de Alfonso X El Sabio. *En la España Medieval*, Madrid, v. 30, p 27-64, 2007. Disponible en: <<http://revistas.ucm.es/index.php/ELEM/article/view/ELEM0707110027A>>. Acesso em: 10 abr 2014.

DUTTON, Brian. Gonzalo de Berceo: unos datos biográficos. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISPANISTAS, 1., 1962, Oxford. *Atas...* Oxford: The Dolphin Book, 1964. p. 239-248.

FERNANDES, Alécio Nunes. *Dos manuais e regimentos do Santo Ofício Português: a longa duração de uma justiça que criminalizava o pecado (séculos XIV-XVIII)*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em História (PPGHIS), Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2011.

FERNÁNDEZ, Laura. Cantigas de Santa Maria: fortuna de sus manuscritos. *Alcanate Revista de Estudios Alfonsínes*, Sevilla, v. 6, p 323-349, 2008/9. Disponível em <http://institucional.us.es/revistas/alcanate/6/art_17.pdf>. Acesso em: 14 abr 2014.

FERRER, José. Berceo: Milagros de Nuestra Señora (Aspectos de su estlio). *Hispania*, v. 33, n. 1, p.46-50, 1950.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. São Paulo: Forense Universitária, 1995.

FOX, Michael. Feðerhama and hæleðhelm: The Equipment of Devils. *Florilegium*, v.26, p. 131-157, 2009. Disponível em <<http://journals.hil.unb.ca/index.php/flor/article/view/18449/25556>>. Acesso em: 17 ago 2014.

GARCÍA, Juan Francisco. Hacia una nueva clasificación de los Milagros de Berceo. *Kaleidoscopio*, Puerto Ordaz, v. 3, n. 6, p. 126-141, jul.-dez. 2006.

GAROFALO, Hernán. Protagonistas del mal. Una aproximación a la idea del mal y los demonios en la obra de Isidoro de Sevilla (siglo VII). *Fundacion para la Historia de Españã*: Buenos Aires, p 44-50, 2013. Disponível em: <<http://www.fheargentina.com.ar/wp-content/themes/westand/pdfs/FundacionXI.pdf>>. Acesso em: 25 ago 2014.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. São Paulo: Ed. Abril, 1983.

GONÇALVES, Gleice Marques. *A face do mal: A personificação do diabo nas bibliografias de Santo Antão e Santo Pacômio*. 2014. 148p. Dissertação (Mestra em Literatura) - Faculdade de letras, Universidade de Coimbra, Coimbra.

GRÉVIN, Benoît. Les mystères rhétoriques de l'État medieval. In: *HISTOIRE SCIENCES SOCIALES*, 63., 2008. *Anais...* Éditions de l'EHESS, 2008. p.271-300. Disponível em: <www.cairn.info/revue-annales-2008-2-page-271.htm>. Acesso em: 16 abr 2014.

GROSSI, Paolo. *A Ordem Jurídica Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HESPANHA, António Manuel. *As Vésperas do Leviathan*. Instituições e poder político. Portugal, séc. XVIII. Coimbra: Almedina, 1994.

_____. *História das instituições: Épocas medieval e moderna*. Coimbra: Almedina, 1982.

KAPPLER, Clause. Monstres, démons et merveilles à la fin du Moyen Âge. *Cahiers de civilisation médiévale*, Paris, v. 44, n. 173, p 83-85, 2001. Disponível em <http://www.persee.fr/doc/ccmed_0007-9731_2001_num_44_173_2794_t1_0083_0000_3>. Acesso em: 16 abr 2014

KELLY, Henry Ansgard. *Satan a Biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

KLANICZAY, Gábor. Entre visions angéliques et transes chamaniques : le sabbat des sorcières dans le Formicarius de Nider. *Médiévales [En ligne]*, Vincennes, n.44, p.47-72, 2006. Disponível em <<http://medievales.revues.org/710>>. Acesso em: 16 ago 2014

LAUWERS, Michel. Usages de la Bible et institution du sens dans l'Occident médiéval. *Médiévales [En ligne]*, v.44, p. 5-18, 2011. Disponível em <<http://medievales.revues.org/5436>>. Acesso em: 19 ago 2014.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Ed. Estampa, 1983.

LE GOFF J. ; SCHMITT, J.C. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Vol 1. Bauru: EDUSC, 2006.

LINK, Luther. *O Diabo: a máscara sem rosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LUCAS, Maria. *Hagiografia Medieval Portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1984.

MATTOSO, José. O léxico feudal. In: *En torno al feudalismo hispánico*. Avila: Fundación Claudio Sánchez Albornoz, 1989.

MAYO, Thomas. *The Demonology of William of Auvergne*. 2006. 311 f. Tese (Doutor em Filosofia). Instituto de História, Universidade do Arizona, Arizona, 2006.

MINOIS, Georges. *O Diabo: origem e evolução histórica*. Lisboa: Terramar, 2003.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma História do Diabo: séculos XII - XX*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no Imaginário Cristão*. Bauru: EDUSC, 2002.

NÚÑEZ, González Helena. *Las Máscaras de Satán: la representación del mal en la literatura española, del Cid a la Celestina*. 2007. 338p. Tese (Doutora em Filologia) - Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de Alcalá, Alcalá de Henares.

OLIVEIRA, Peterson Macedo. *O Teatro dos Demônios: Poder e Estigmatização na De Civitate Dei, Anais... X Semana de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro, 2014.

OSTORERO, Martine. Alain Boureau, Satan hérétique. Naissance de la démonologie das l'Occident médiéval (1280-1330). *Médiévales [EN ligne]*, Paris, v.48,p 165-168, 2005. Disponível em <<http://medievales.revues.org/1087>>. Acesso em: 17 ago 2014

PAGELS, Elaine. The Social History of Satan, Part II: Satan in the New Testament Gospels. *Journal of the American Academy of Religion*, Oxford, v. 62, n. 1, p. 17-58, 1994

_____. The Social History of Satan, Part Three: John of Patmos and Ignatius of Antioch: Contrasting Visions of “God”s People”. *The Harvard Theological Review*, New York, v.99n. 4, pp. 487–505.

PANATERI, Daniel Alberto. El Milagro de Teófilo de Berceo y El Factum Hereticale: Una Crítica a La Tesis de Alain Boureau. *Revista Signum*, v. 12, n. 1, p 94- 06 ,2012. Disponível em:

<https://www.academia.edu/1404305/El_milagro_de_Te%C3%B3filo_de_Berceo_y_el_factum_hereticale_una_cr%C3%ADtica_a_la_tesis_de_Alain_Boureau>. Acesso em: 20 ago 2016.

_____. *Perfiles Del Diablo a Partir de La Obra de Berceo*, Una Pequeña Introducción. UBA: Buenos Aires. Disponível em: <https://www.academia.edu/1404309/Perfiles_del_Diablo_a_partir_de_la_obra_de_Berceo_una_peque%C3%B1a_introducci%C3%B3n>. Acesso em 16 fev, 2017.

PEREIRA, Ana. *O Relato Hagiográfico como Fonte Histórica*. Revista de Mestrado de História, v.9, n.10, p 161-170, Vassouras, 2007. Disponível em <http://www.uss.br/arquivos/posgraduacao/strictosensu/historiasocial/producaoDocente/revista_mestrado_vol_9-10.pdf>. Acesso em 15 ago, 2014.

POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: EdUSP, 2003.

PRODI, Paolo. *Uma História da Justiça: do pluralismo dos tribunais ao moderno dualismo entre a consciência e o direito*. Lisboa: Editora estampa, 2002.

POOLE, R Kevin. *On the Figure of Voxmea in Gonzalo de Berceo’s Poema de Santa Oria*. The University of Chicago Press, Chicago, v.110, n.3, o 289-312, 2013.

RAISWELL, Richard,; DENDLE, Peter. Demon Possession in Anglo-Saxon and Early Modern England: Continuity and Evolution in Social Context. *Journal of British Studies*, Cambridge, v. 47, n.4, p 738-767, 2008.

ROBERT, Muchembled. *Uma história do diabo: séculos XII-XX: Bom Texto Ediotra e Produtora de Arte Ltda*,2001.

ROCHA, Tereza. *As criaturas do mal na hagiografia dominicana - Uma pedagogia do Século XIII*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

_____. *Ver para Crer - Imagem e persuasão nos manuscritos da Légende dorée* (Jean de Vignay, séculos XIV e XV). Tese (Doutorado em História). Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

ROSA, Maria de Lurdes. *Santos e Demónios no Portugal Medieval*. Porto: Fio da Palavra, 2006

ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010.

RUCQUOI, Adeline. *Le chat (et l'hérétique) dans l'Espagne médiévale*. Edizioni dell'Orso :Alessandria, 2016. Disponível em : <https://www.academia.edu/30083938/_Le_chat_et_l_h%C3%A9r%C3%A9tique_dans_l_Espagne_m%C3%A9di%C3%A9vale_?auto=download>. Acesso em: 16 fev 2017.

RUSSEL, Jeffrey Burton. *Lúcifer: O Diabo na Idade Média*. São Paulo: Madras, 2003.

_____. *The Prince of Darkness: Radical evil and the power of good in history*. Londres: Croneel University Press, 1988.

SALGADO, Samuel de Freitas. O Mal e suas Personificações na Literatura Judaica: Uma Contribuição da Tradição Oficial e Popular na Formação da Bíblia Hebraica. *Revista Âncora*, v. 9, 2014. Disponível em: http://www.revistaancora.com.br/revista_9/Samuel%20de%20Freitas%20Salgado.pdf . Acesso em: 21 fev, 2017

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Santiago na obra de Gonzalo de Berceo. In: *Estudos Galegos*. Niterói: Eduff, 2002. p. 19-32.

_____. *Reflexões sobre a hagiografia ibérica medieval*. Um estudo comparado do Liber Sancti Jacobi e das vidas de santos de Gonzalo de Berceo. Niterói: EdUFF, 2008.

SILVA, Thalles Braga Rezendes Lins. *Versipellis Diabolus: um estudo comparado das representações diabólicas nos Milagros de Nuestra Señora de Gonzalo de Berceo e no Liber Mariae de Juan Gil de Zamoea*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SOBRAL, Cristina. Hagiografia em Portugal: Balanço e Perspectivas. *Revista Medievalista Online*, Lisboa, v.3, 2007. Disponível em <<http://www2.fch.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA3/medievalista-hagiografia.htm>>. Acesso em: 16 ago, 2014

TEIXEIRA, Igor. Antropologia história e antropologia escolástica na obra de Alain Boureau. *BUCEMA [En ligne]*, 2014:. Disponível em: <<http://cem.revues.org/13439>>. Acesso em: 17 de maio, 2015.

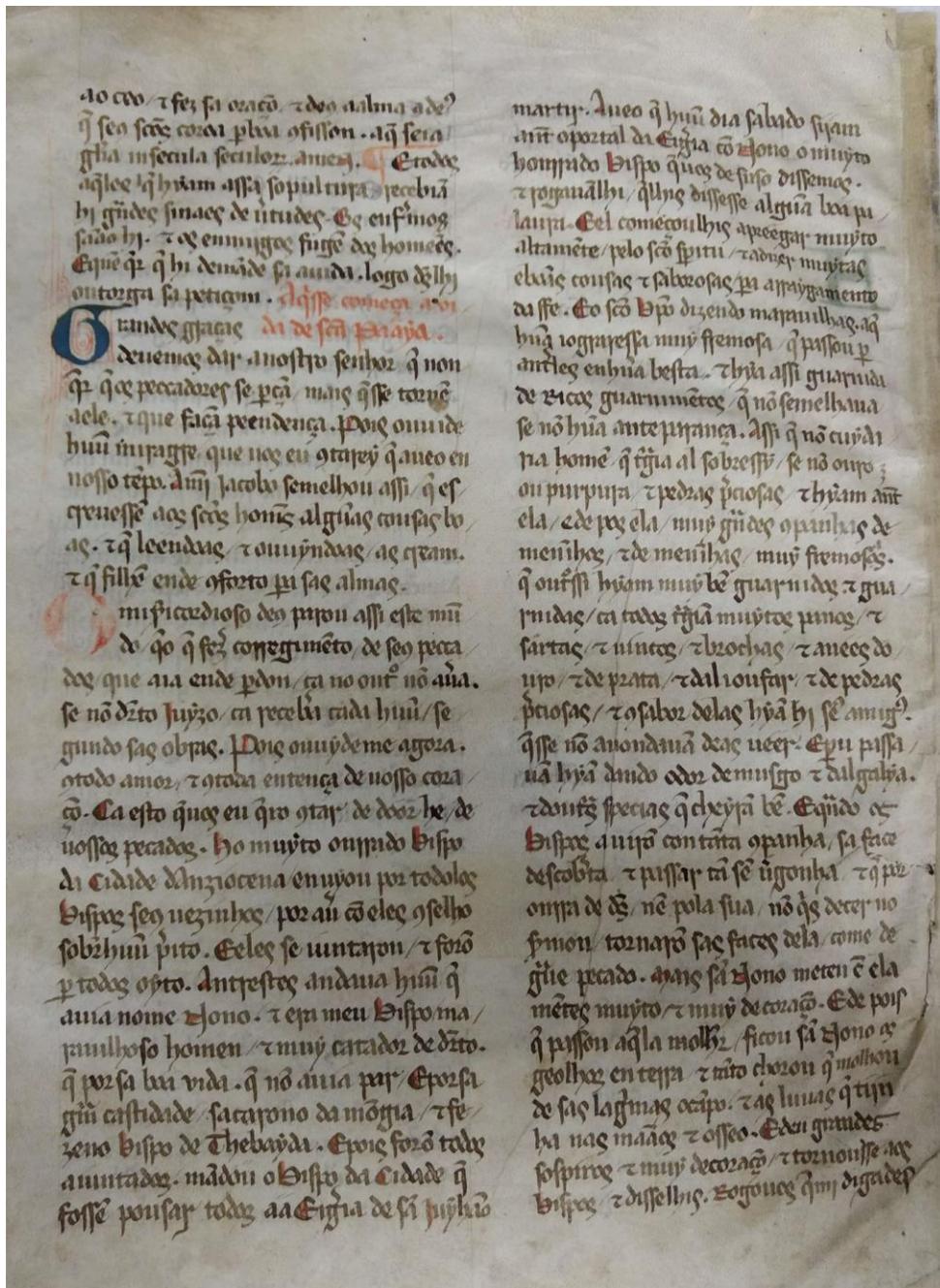
_____. *A Legenda Áurea de Jacopo de Varazze: temas, problemas, perspectivas*. São Leopoldo: Oikos, 2015.

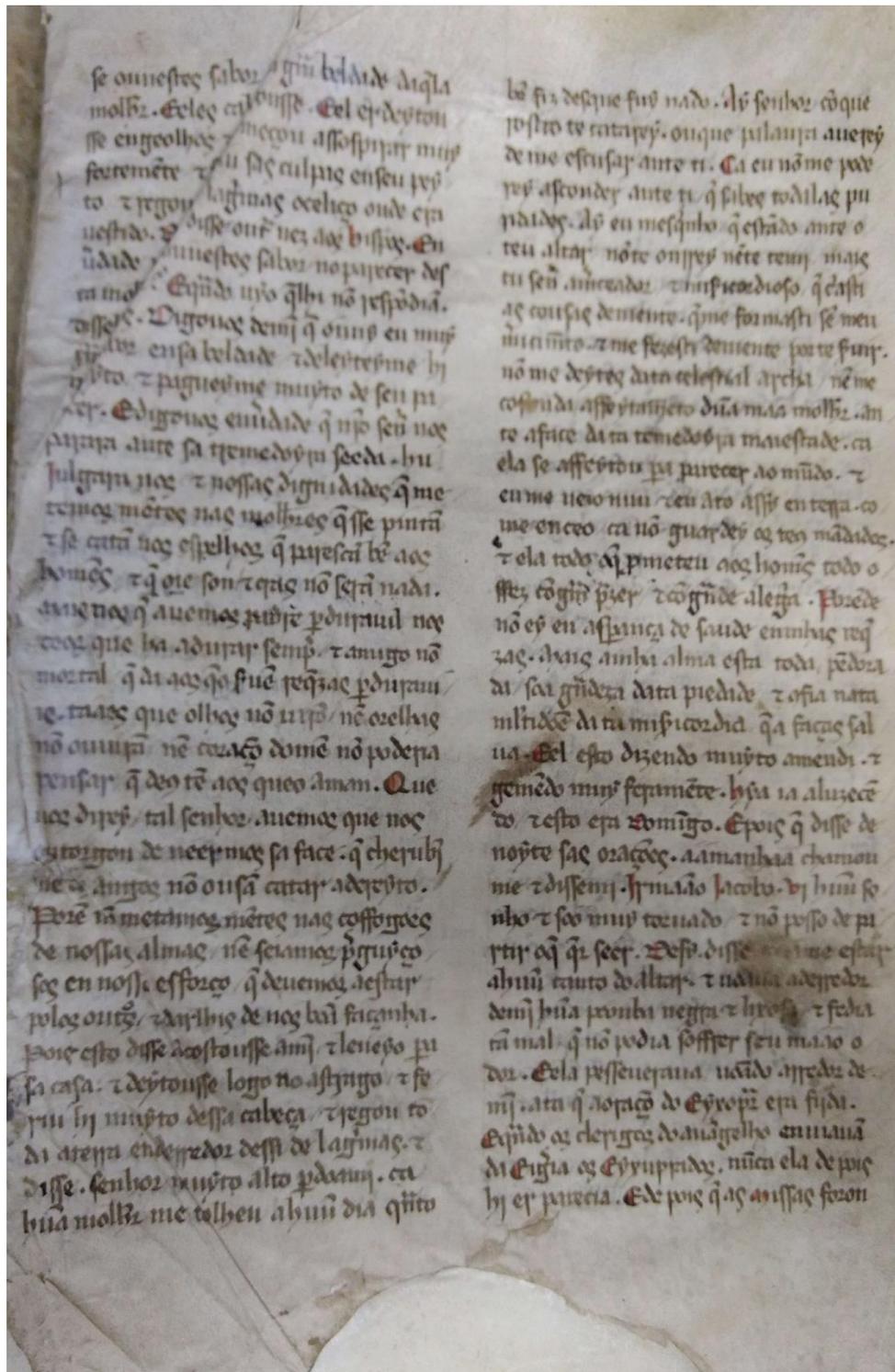
ULI BALLAZ, Alejandro. ¿Es original Berceo en los Milagros de Nuestra Señora? *Berceo, Logroño*, n. 86, p.93-118, 1974

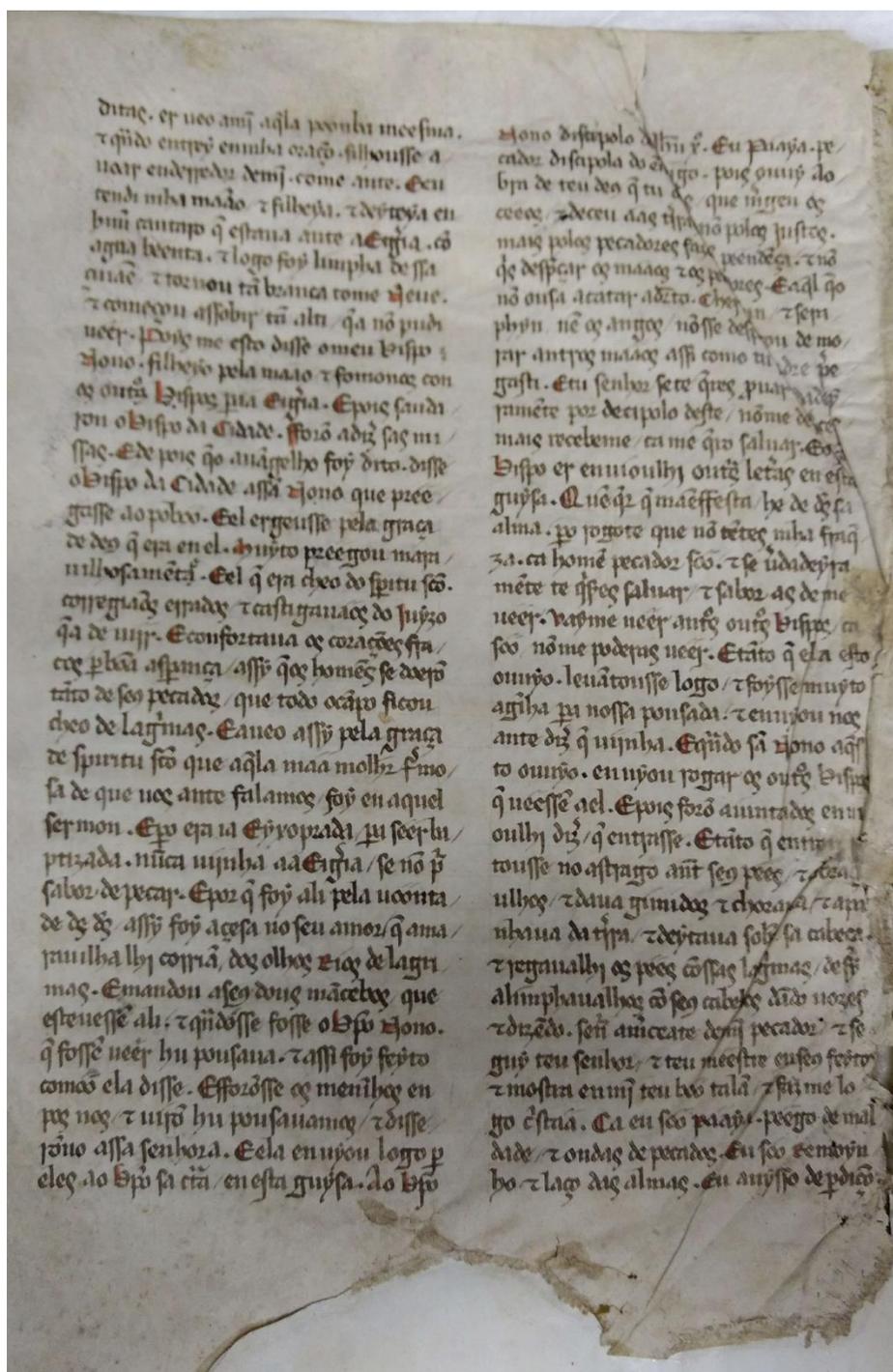
VAUCHEZ, André. Milagre. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J-C. (coord.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2006, p. 197-211.

YOUNG, Wilfred. The Comic Devil in Medieval English Drama. *Hermathena*, Dublin, n.86, p 29-29, 1955

ANEXO I



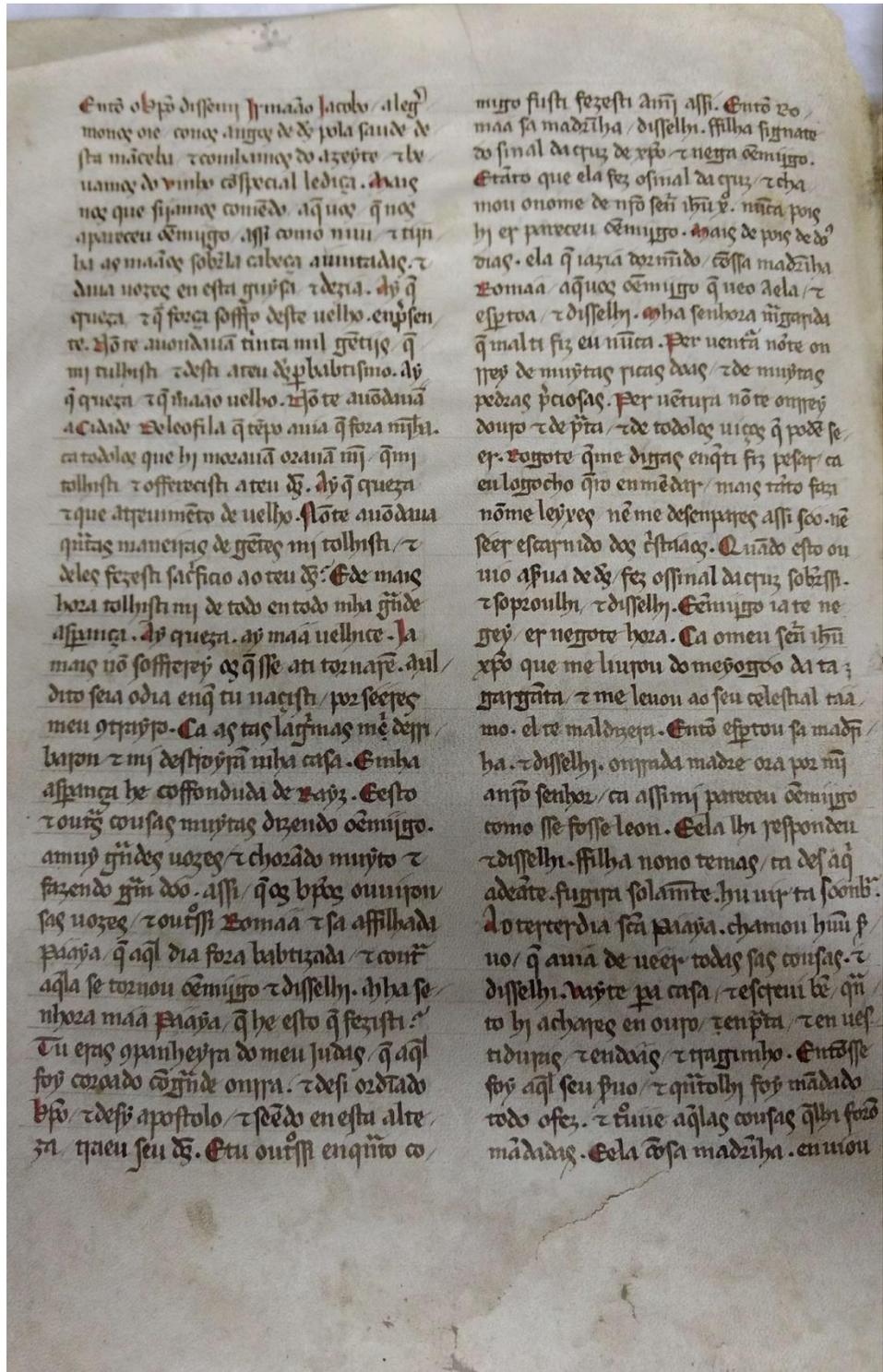




Aqui se começa a vida de sancta Paaya

f. 1

Eu soo mortal delecto das ucontades. E eu
 decebuda deebi murytas e todas estas cou
 sas auoyesco boza. E por esso uym ati qme
 lubrizes qmeo peccady m seia pdaude e q
 todas as auolezas e as qtaes de mba alma se
 um destruydas ca be qeo q por se lubri
 zada secey hure das madas do emnygo. E
 hure e as oues d'igros que hy estauamos co
 megamonag amapaullhar de ta gnde effor
 go e de ta gnde se de molha. e de mtaq lagmas
 qntas chorama. **Co** bpo rono q aduy apoda
 leuatar dante seo pecc. disselhi. No de gredo
 diz que molher se gual no deue seer baptiza
 da se suade no der que desali adate no tor
 ne assas maas obras. E por q ouyso tal respo
 sta er deitourilly aut ex pecc e choron e
 deu nozes e disse. Euzo d'igros ad' d'amba al
 ma e att seera ressendi maldade de meo
 peccady. semj plongarys obaptisimo e ca te
 mo q p esta demozanca e caia emadag d'agl
 de que qro fogyr e de talo metima a alma
 enseo laqy. **Eu** fui maã e torpe e q deitey
 muryto do mudo. **Por**to logo q d' te pecc
 ba confes scas qnomj de longos meu bap
 tismo q aql beauro q no ha par no ana espa
 go de uolu meu coraco enmaag seytey co
 mo soya. **Por**to logo q me sacas out uez
 nacer pela agua do sed baptisimo. e desine
 en offra ad'. **Eq**ndo esto unma eu e qntas
 hy estauamos demag louuoz ad' qndo uy
 mag ta maã molha assy acesa no amor de
 x e de sa saude. **Ess**o rono enuouu min
 q era seu dyago do bpo da cidade qly
 otasse todo esto como aucepa. e q enuias
 se logo huã dos ses dyagos. **Co** bpo q
 ouue ende muy gñ ledica assy fez co
 molho eu corop. **Eq**ndo nos chegamos assi
 rono. disselhi o dyago de parte do bpo.
Senhor nos deu adag esto asis e en uoz uaz
 de gnanhar ad' tal sffuyro. **Ca** sabemq q d'
 disse assi. **Si** fecis mqr glosu er dignu. in
 digno quasi ex min epis. **Que** q' diz. **Se** fezes
 do maao lao e de no. secey tal como amba
 lora. **Conf**ssi enuouilly comigo e maã huã
 sca moga e dyago. **S**abede q na orde das do
 nas an por custume de d'ate abua moga
 o offisio de d'ate auagelho aq matilhas e
 polo auagelho q d'ate chamana dyago. assi
 como chama ao d'ate do auagelho dyago.
Eqndo ueo achou paaya anteq pecc. **Co**
bpo uaz e chorado muy gñemete. **Ess**o rono
 aleuatar ento e disselhi. **ff**illy leuatar. e
 todo mest de baptisimo seera gpo enti. **Ep**
 is se leuataro disselhi o bpo. **ma**ifesta res
 peccady. **E**ela disse. se eu be carar mba con
 entia no acharey ne huã carer de lau ob
 enny. ca ex meo peccady son peccato maq qas
 apas domar e ch' peccady. **mas** eu qro en
 dy q el pela sa misericordia me hupara de todas
 mhas maldades e m' d'ate pdon de todas
 meo peccady. **Co** bpo lly disse como as nome.
Eela disse. **Des**que eu naci ouy nome **Pa**
ya maq toda auila m' chama m' g'apadi.
 poloz gñades g'apamtes q eu t'ra p qo emy
 to me t'ra assas obras. e p q fezesse demj sa
 casa. **Co** bpo lly disse. **Pa**ya ag tu nome. si
 se n' disse ela. **Ent**o obpo **Ev**rupoa e baptizou
 a en esta g'apadi. **In**me p'ng e filij e s'is sa
 amez. **Co**m'ugoa do corop e do sang' de ufo
 senhor ihu e p q ouuesse auida p'dupaul.
mas fezesse sa madae ali no baptisimo e o
 maã aqla e' b'ia huã q uoz de suso disse me

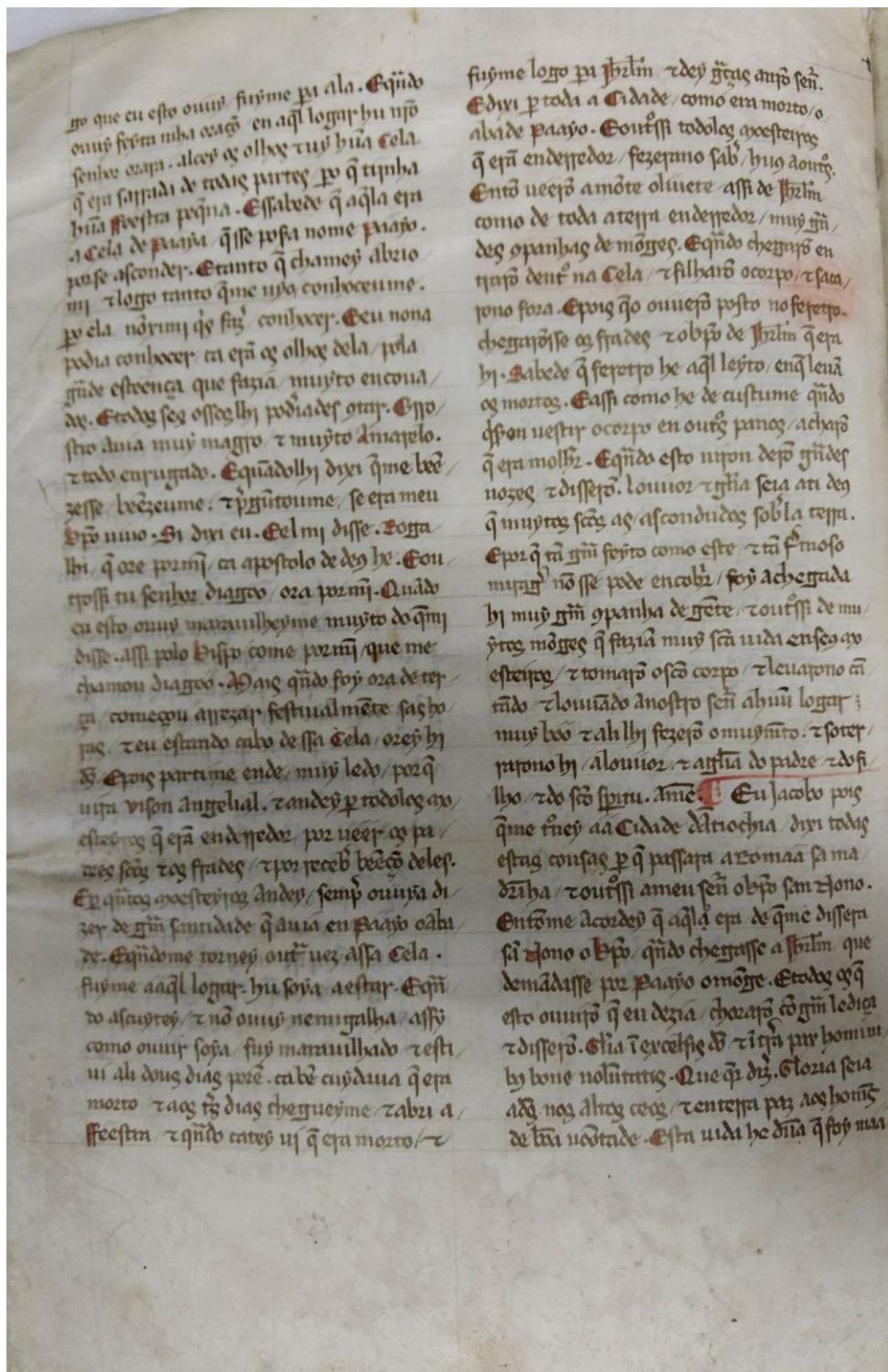


Ento obpo disseu h maado Jacobo / aleg
 monox ore conox / ungo de xola saude de
 sta maceia / e combamox do azeite / e lu
 uamox do vinho / e especial ledica. / Aug
 nox que sijnmox comedo / aq uox q nox
 apureceu oemigo. / assi como nnu / e tyn
 lu aq maado sobela calvea aumtadae. / e
 duia uozes en esta guisa / e deza. / dy q
 queza / e q forza soffo deste uelho. / enpsen
 te. / No te auondua tinta mil gretis / q
 my tollhst / e desti areu de plubrisimo. / dy
 q queza / e q maado uelho. / No te auondua
 a cidade de leofila q te p amia q fora msta.
 ca todolx que hy moraua orana / m / qm
 tollhst / e offeruast ateu d. / dy q queza
 e que atreumeto de uelho. / No te auondua
 quitas mamentas de gretes / my tollhst / e
 delez fezest sacfiao ao teu d. / E de mang
 hora tollhst my de todo / e todo mha gnde
 affanca. / dy queza. / dy maa uelho. / la
 mang no sofferey / e q se ati tornase. / dul
 dito seia odia enq tu nacist / por seeres
 meu otmiso. / Ca as tag lagmas me deji
 luyon / e my destoyra mha casa. / Emha
 affanca he confonduda de paz. / E esto
 e outo coufas muytas / drendo oemigo.
 amuy gndes uozes / e chorado muyto / e
 fazendo gm do. / assi / qox bpx ouuyon
 sas uozes / e outo Roma / e sa affilhada
 paaya / q aql dia fora baptizada / e cont
 aqla se tornou oemigo / e disselh. / nha se
 nhora maa paaya / q he esto q fezist.
 Tu eras qumheya do meu judis / q aql
 soy corado / e gnde onya. / e desi ordado
 bp / e desi apostolo / e se do en esta alte
 za / qaeu seu d. / E tu outo enqnto co

mygo fusti / fezest amj assi. / Ento ro
 maa sa madzha / disselh. / filha signate
 do sinal da cruz de xpo / e negra oemigo.
 E raro que ela fez ofinal da cruz / e cha
 mou onome de nro sei ihu x. / nua pox
 hy er pureceu oemigo. / Mas de pox de do
 diae. / ela q iazta / e mudo / cossa madzha
 Roma / aq uox oemigo q ueo dela / e
 esproa / e disselh. / nha se nhora msta
 q mal ti fiz eu nua. / Per uenta note on
 poy de muytas pias dae / e de muytas
 pedras piasas. / Per uenta note onpoy
 douo / e de pta / e de todolx uox q pod se
 er. / Eogote qme digas enqti fiz / e se / ca
 eu logocho qro emmedit / mang tito / e
 nome leyres / ne me desempayes / assi / so / ne
 seer escayudo dox / e stia. / Quando esto ou
 uio asua de x / fez ofinal da cruz / e se / e
 e sozoullh / e disselh. / E emigo ia te ne
 grey / er negote hora. / Ca omeu sei ihu
 xpo que me luyon do mesogoo da ta / e
 garyata / e me leuou ao seu celestial taa
 mo. / el te maldreca. / Ento esprou sa madz
 ha. / e disselh. / onpuda made ora / e my
 anfo se nhor / ca / assi / my pureceu oemigo
 como se fosse leon. / Eela lhi / e se / e
 e disselh. / filha nono temas / ca / des / aq
 adeate / e fugira / e solante / hu / uir / ta / e
 do / e ter / e dia / e sa / paaya. / chamon / hu / p
 no / q / ama / de / ueer / todas / sas / coufas. / e
 disselh. / No / te / pa / casa / e / se / e / te / e / be / qn
 to / hy / achas / en / ouo / e / ten / pta / e / ten / ues
 tiduras / e / tendas / e / q / q / imbo. / Ento / se
 soy / aql / seu / puo / e / q / tollh / soy / mada / do
 todo / ofez. / e / t / me / aqlas / coufas / q / lhi / e / do
 mada / das. / Eela / e / sa / madzha. / e / mou

aqilas duas e aqil au p seu pno. ao bispo hono.
 r d'lh. estas cousas meto entre maiaes ca es
 tas son as reqz. qo emygo ny fizia auer.
 P seu engano p q eu era de cecubidi. ca amj
 Alustia as reqz. do meu esposo r meu seu
 ihu r. Desi chamou todos seu fruce r todissas
 mancelus. r deu acada huii g'm coufa dau.
 r m'adonlhig qo guardasse l'e. r outrossi
 q'sse guardassen das lacay de emygo q para
 en este mudo de muytas g'nyfias. p q possa
 home deceler. Ento sa hono chamou huii
 ctigo q era thesoureyro da Eufia. r deulhy
 todo aqil au r disselhy. En te coupo p d' que
 tu ne hua coufa destas no despendas ne des
 en ne huii logar ne aa Eufia. ne a h'p'z. ne
 pu n no filhes nem galha. mais do todo
 aas ueuias. r aas orffias. r apobres. que
 estas coufas qa maldade achegou seia pur
 tidas l'e. r assaude de nossas almas. r as re
 q'zas q foro ganhadas p pecados pferite
 apobres. E foy logo ass feyto se de tardica.
 E sca Paaya des aqil dia q foy baptizada
 nua comeu de seu au nem galha. mais
 sa madziba romaã deualhy acorn. Era
 to fez q no guardou ne pu ssi. de qntas cou
 fas malamente ganhara. Cuf dia ma
 nhaa era Domingo. r a aqila hora assi co
 mo he de custume qoz q'sse baptiza. am de
 tolher as aluas. Sabede q as aluas so as
 capelas de pino de linho q poe na cabeça
 nos q baptiza. daqila hora se leuato u pau
 ra. r desnuouisse as p'nos. co q'sse baptri
 zara. r uestiu hua saya r huii Celico mu
 yto asy. E esto foy de guisa qo no soube
 home ne molhy. r foyisse. E des aqila hora
 nua ia mais auyo alhy. mais sa madziba

chozaua muyto ca se temia q puenta
 o emygo aer eganasse out uez. mais o fco
 h'po hono. q fortaua r dezualhy. filla no
 q'ntas chozar. mais alegrate co d' r co seu
 scy ca Paaya assi como q escolheu amelhor
 parte q lhi no podera tolher ne qnu. Quando
 esto foy sabido p toda a cidade d' antiochia
 deo g'nyfias am' seu. que fez saluas aqles
 q en el asyram. mais de puz a pouca dias
 aqil h'po da cidade. fez arados aqles b'p'z
 q lhy foro auuntades q'sse tornasse pu seu lo
 gar. Epuz de r'z anos prometi. eu iacobo.
 dy a h'rlm por faz nhas oracoes en aqil sed
 logar hu nro senhor q's resurgir de morte
 auida. Equido ameu pride r meu seu obis
 po san hono. roguey q'm desse lececa q
 fosse ala. el como era de g'nde piadade. ou
 toz g'rounho logo se out de tardica. r di
 ssem. h'mado iacobo. quido am' senhor
 puguey que tu chegues a h'rlm. r oulloz
 ferias tas oracoes. pelo logar scy p'pe
 gura r de mada muy de coraco por huii mon
 ge q a nome Paayo que p'meramente fez
 vida de m'na. uendo en sejado enfa cela.
 r traballate deo ueces. ca l'e sabias q ser
 uo he de d' r op'dimete he moze p ma
 nhias. r p obras. r esto disse el queo sabra
 pelo sp'itu sco. E el dezia por Paaya q'sse
 fora assi como ia de uisfama q a achapa
 hy. mais nom q's mang dy ende. Equido
 nos chegamos. a aqle scy logar. r ouie
 mos festas nossas oracoes ap'ro do sepul
 cro de nro senhor. r oramos asca q'ny. Cu
 to manha demades pelo sed homen paay.
 r disse om q en more oliueti moraua muy
 to ama. huii moze q asy auia nome. E lo



que eu esto ouuy fuy me pa ala. Equādo
 ouuy foyta nba oragō en aq̄ logar hu nro
 senhor oragō. alcor q̄ ollhoz tuy hūa cela.
 q̄ era foyta de todas partes p̄ q̄ tumba
 hūa foyta poyna. Effabede q̄ aq̄la era
 a cela de paaya q̄ se p̄sa nome paayo.
 p̄ose asconder. Etamto q̄ chamey abrio
 m̄y r logo tanto q̄ me uya conboceume.
 p̄ ela nōrim q̄ fuy conbocey. Ceu nona
 podia conbocey ca era q̄ ollhoz dela sola
 gūde esteença que fuyta muyto enconua
 de. Etadoz se q̄ offeçly podades oray. Oho
 sho dūa muy magro r muyto amarello.
 r todo enrugado. Equādolhy dixy q̄ me bee
 zesse bezeume. r p̄gūtoume se era meu
 h̄p̄o uiuo. Si dixy eu. Eel my disse. Foga
 lhy q̄ ore p̄m̄y ca aposto lo de deo he. Fou
 tpoſſi tu senhor diagoz ora p̄m̄y. Quādo
 eu esto ouuy maravillheyme muyto do q̄m̄y
 disse. Assi polo h̄p̄o come p̄m̄y que me
 chamou diagoz. Adūc q̄ndo foy ora de ter
 ca começou a rezar festiualmete fays ho
 pas r eu estando caly de sta cela orey hy
 q̄ Ep̄o partime ende muy ledo por q̄
 uya vison angelial. r andey p̄ todolos ay
 estrey q̄ era ende p̄edo p̄r ueer q̄ pa
 zes se q̄ rez frades r p̄r receb beçō deley.
 Ep̄ q̄ntoz q̄uestreyz andey semp ouuyā di
 zer de ḡm̄ santidade q̄ dūa en paayo cala
 de. Equādo me torney out̄ uez assa cela.
 fuy me aaq̄ logar hu foyta aestar. Equā
 do asayrez r nō ouuy nem galha. assy
 como ouuy foyta fuy maravillhado r esti
 ui ali dous dias p̄re. ca de ay dūa q̄ era
 morto r aoz r̄s dias chegueyme tabu a
 ffeçtm r q̄ndo cates uy q̄ era morto r

fuy me logo pa h̄zlm r deo ḡtas am̄o sen.
 Edixy p̄ toda a cidade como era morto o
 alvade paayo. Fouſſi todolos q̄uestreyz
 q̄ era ende p̄edo r fezeramo sab h̄uo dōm̄y.
 Entō ueeçō amōte oliuete assy de h̄zlm
 como de toda a terra ende p̄edo r muy ḡm̄
 dez opanhiz de mōges. Equādo chegays en
 t̄p̄o dent̄ na cela r filhar̄ ocorpo r faya
 rono feza. Ep̄o q̄ ouueçō posto no fezerpo
 chegaysse q̄ frades r ob̄p̄o de h̄zlm q̄ era
 hy. Sabede q̄ fezerpo he aq̄ leyto enq̄ leua
 q̄ mortoz. Cassi como he de custume q̄ndo
 q̄son uestry ocorpo en out̄z panoz achayō
 q̄ era molhe. Equādo esto nyon deo ḡndez
 nozes r disse. Louuoz r ḡtia seia ati dez
 q̄ muytoz se q̄ ascondudas sob la terra.
 Ep̄o q̄ tā ḡm̄ feyto como este r tā fmoſo
 muyto nō se pode encob̄r foy achegada
 hy muy ḡm̄ opanha de ḡete r out̄ſſi de mu
 ytoz mōges q̄ fuyta muy s̄a uida en se q̄
 esteçoz r tomayō ofeço corpo r leuayono ai
 t̄ndo r louuado a noſtro sen̄ ab̄m̄ logar r
 muy bo r ah̄ly fezerō omuyto r fozer
 p̄pono hy alouuoz r aḡtia do padre r do fi
 lho r do s̄o sp̄m̄. Amē. **E**u Jacobo p̄o
 que t̄ney aa cidade de trochia dixy todoy
 estas cosas p̄ q̄ passay a roma pa ma
 d̄ha r out̄ſſi amen sen̄ ob̄p̄o san r̄ono.
 Entō me acordey q̄ aq̄la era de que disse
 si r̄ono o h̄p̄o q̄ndo chegasse a h̄zlm que
 demadasse p̄r paayo omōte. Etadoz q̄ q̄
 esto ouuyō q̄ eu dezia chazayō q̄ ḡm̄ ledica
 r disse. Etia r̄exceçly d̄ r̄ t̄p̄a p̄r hom̄m̄
 hy bone uolunt̄iz. Que q̄ dixy. Gloria seia
 ad̄ nos ah̄oz ceoz r en terra p̄r aoz hom̄m̄
 de t̄m̄ uoçtade. Esta uida he d̄m̄ q̄ foy ma

molhe. e desassida de de algum tempo.
 e por q' foy conuirtida p' sa. e foy obpo.
 p' feneion semp' no fince de de assi como
 uos auemos dito. Cona q' nos faza de uis
 aassa misericordia. aq' dia quea alma se
 partir da cne. aq' seia omnia e louuoz
 e odio mischa seloz ame. **Vida de sa. S.**
Dai coufa e sca he **mhon ayonge.**
 De nos acordarmos da uida e da mor
 te do be auentado san. **Symbon.** q' ant' q'
 naceo foy uiso escolheito de de. e de sa
 menimice punhou delhi faz p'zer p' sag
 obrag. Este era filho diu q' aua nome
Esicio. e sa madre chamaua axalana.
 axug este menho **Symbon** q'ndo omie e
 viuente e q' q' a nos foy guardar ag oue
 libag de seu padre. auedo e **Symbon** de **Boy**
Dauid o figo. Aueo q' huil dia pela uenta
 enru na **Egia** a a gissa. e ouuo **pistola**
 de sa **Paulo** apostolo que salua da cotee
 ca da alma e chegousse ahuil uelho que
 uyo estar e disselhy. **Señ** padre q' he isto q'
 heza leeo. **So** homi uelho lhy disse. **Esto** q'
 ouuisti en esta lico. fala da greença da al
 ma e do tementamento deste mundo. **So** me
 niho lhy p'guto e disselhy. **Eogote** q'ny mo
 stes que coufa he coteencia da alma **So**
 homi bo lhy disse. **tem** deo teu señ de to
 do teu coraco e de toda ta alma. **So** be a
 uentado menho lhy disse. **Que** coufa he
 tem deo. **So** seo homi lhy disse. **Tu** q' me
 assi p'gutas p' uetura q' res me tetar. **S.**
Symbon lhy disse. **Señ** padre de todo en
 todo no te tepto. **Daig** de seio muy de co
 raco ouuir q'ny disti. **Ca** señ eu seo
 menho e no sey nemigalla. **Ento** oho

men bo lhy disse. **Se** uidade he como dizez
 q' de seias ouuir esta coufa. **ascosta** **horate**
 q'ri dizez. **Ca**te q' que por medo de de e
 da isa alma faunha. e q' promete ades
 de p'ramito lho rende. **Ca** todolez homees
 he homildoso. e no cobicea ouuo. ne p'ra.
 ne uestiduras p'ciosas ne hadmitag. **Este**
 tal aua o **Reyno** de **ceeg.** **Daig** q' q' seer
 fornicador e cobiceoso. seera metudo nas
 ceenas postmeja. **Al** hu e **choro** e **teste**
 ginto de dentes. **Por** estas litudes boas
 e scas q' de suso ti ey ditag. **com** mustrag
 fnoz de de cona sa a uida pelas **Egias** e
 pelas **goesteyas** fazendolhy muyto fingo.
Quando esto ouuo ote auentado **Symbon.**
Lerousse caer apees do uelho homi. e disse
 lhy. **Señ** padre des oie en mang be conhosco.
 e entedo q' tu es **ayest** de todo be de mosta
 res p' q' homi seia saluo e tu es mostador
 da casteyra do **Reyno** de **ceeg.** **Tu** graanhas
 ti oie esta mba alma mesq'ha. e p'ri q' deo
 pela sa mree guarda da do **Inf** no. **nostro** señ
 ti de boz galar do pola mree q'as feyta enm.
Ca señ segudo oten seo **osello** **Symey** met
 en orde. **Daig** rogote q'ny mosta **ayesta**
 e o costume de como deuo uiu. **So** homi
 bo comeou lhy logo adiz. **Filho** de nos be
 q'bratar ta cne. **fazedo** muytas fuyas no
 ayon. **Quessi** as de soffey muytas fno e
 muyta fame e muytas pesares e muy
 ras deostes q' ouuinas e muytas cobyas
 e muytas tribulacões e deues perseuerar
 muyta esfessante en oracões. **mais** se tu
 estas coufas todus polo amor de de soffeyes
 e teueyas enpueca. **opras** aq'la esctura
 q' diz. **Q' perseuererit usq' i fine salus erit.**

qiro podia ser auq milheres. Epus q ali
 foron. no podero dali moui ocozpo por ne hua
 maneta. Ca en aq logar aua hua moza
 da de cozo uello cauo da castra eua moza
 na hui home q aua ta onze anos q fora
 podo r mudo. Equid esto uio aq homen
 leuouffe caer ant ocozpo de sa Symbho. r
 logo ouuio r falou. r amdo qndez uazes
 louuado amo seu. foy saao. Equid esto ui
 fo deo r dolez oituz gnuas amo seuhoz.

Mas por saber deo diz san **auguete.**
 Idmimo q mal feza este home que
 sa Symbho saapa por uio seu de q assi oio se
 pp. hera asauada r duuolo ey. Diz que
 ante q este home amo seu se chegara. moza
 na q ocozpo podia por hua molhr de seu ma
 pdo. r nua pode au guisado como codela r
 opse sa uoatade. r assi foy q amolhr ouue
 de mozer. Epuz qselho de emigo r polo gu
 de amor qly aua. foy hua nozre tabzo
 lhi affossa hu afforejado. r en tu dent que
 ouue de opr e ela sa uoatade. Epuz tal fco
 como este quoz ey dito foy sepdo de uio seu
 de guisa q nua pode falar ne ouuz. ara
 aq dia qo cozpo do be auetado sa Symbho
 chegou aaq logar hu el mozaua. Epuz
 q aq home foy saao. tomajo ocozpo do sco
 home r fozosse co ele. Eoz da Cidade qn
 doo souberp foyto gya ala. r recelep ocoz
 po de sa Symbho co pedras paozas r co puz
 r co muytuz louuozes q fazi amo seu r co
 muytuz caudeas. r foreyapono na **Cria de**
sa Cassa. Epuz abui qm rto foy dily r
 trasladado douit **Cria** pelo pzer de deu.
 hu uio seu faz polo seu puo muytuz maza
 uilluz r muytuz mupuz. doq seia onpa

r louuoz p fuma scloz scia. amez.
asse comea o recobrimento do erro q
os monges per peendencia recobrarom.
Oveo assi q hui frade q se pigaua
 do mudo. r diz molhr. ouue de
 uuz. abua **Cidade de Egipto.** Eel andi
 do da ca r dala caudo atoda parte. uio
 hua filha diu sacerdote deo yentuz r lo
 go qa uio amoz mus de corazo r disse do
 pudie r amada da dozela. da m r a filha
 por molhr. Eel lly disse. **Doncha** podia
 dy. amoz de puztar meo deoz. r assi co
 mo esto disse. foyse pu hui pdolo q adora
 ua r dissellh. seu hui moze ueo haza
 am. r pedumy mha filha quella desse
 por molhr. madaim qha de. **Co emigo**
 lly responden. r dissellh. bay r puztao
 r dilly q se negar q seu seu. colabrifino
 r opmetimto da mozia qha daqas. **Co**
 sacerdote de emigo ueo logo aele. r disse
 lly. **Mega** teu de r colabrifino. co q pme
 tisti ata oze. r dareho mha filha. **Co**
 moze qnd esto ouuo foy mus ledo.
 r fez madaido do sacerdote. r tanto q esto r
 foy feto. uio omoze say hua pdola
 da ssa bexa q uouu atee oco. **Ede** puz
 desto fuisse ofacore pu **emigo** r di
 ssellh. aque q promereu que fupa es
 tag r coufaz. **Co emigo** lly disse. **Ho**
 lly deo ta filha por molhr. ca no he qre
 del seu de. r andi amudara. **Co** sacdo
 te qnd esto ouuo. ueo do moze. r
 dissellh. **Hoti** dney mha filha por mo
 lher. ca noffe qron q deti. r aitate a
 uadara. **Quado** esto ouuo omoze. di
 se en seu corazo. **Seu** de se tu tanta

pedade as mostada enm. eu catiuo mes
 qulho porq negues ti tolubrismo. eoz pme
 timeto da orde. **Desi** tornouffe assi meefmo.
 e disse. Se ta bo senhez be ta piadoso q
 am catiuo q ta malamente eprey orca el.
 e aida me auida. ergo por q me qtray eu
 del. **Exposou** mudo en seu coraço de como
 fapia peendenci deste erro. **Esparisse** dali e
 foysse pa huu desiro hu morana huu ho
 me lvo. **Expos** q hy chegou. disselhi. todo
 offerto comolhi aueca. **Co** home lvo lhy
 disse. esta comigo ad enesta coua te do
 maas hua por onit. e eu rogarey aq por ti.
Ouelho home se trabillhou mudo de rogay
 aq polo ffade. e dezia en seu coraço. rogore
 senhez qny des aalma deste peccado. e peccy
 sa peendencia. **Expo** sen ouiso sa oraco. **E**
 por q foys opai apmeia domaa. ofco ho
 men ueo aele. e disselhy. visti alguma cousa.
 eo ffade disse. senhez ueio hua pcolu ena
 ma doceo que estaua sobz mba calbeca.
Co home lvo disse esta auida aq e po
 ga deo de todo teu coraço. **Equdo** assigu
 di domaa foys acabada. ouelho homen
 ueo aele e disselhy. visti alguma cousa.
El disse. u apcolu q uoy ant diri. deap
 mudo apco de mba calbeca. **Co** sco hom
 lhy disse. sey soffrido e tepado enteu cora
 co. e pora aq. **Equdo** atreya domaa foys
 passada. ouelho home ueo aele. e pgrito.
 e disselhy. visti ch. alguma cousa. e el disse
 u. apcolu q pousou sobz mba calbeca. e q
 do esto uy. este di amado pola filhar. e la
 leuatoise. e entumy na boca. **Quado** esto
 ouiso ofco home. deu greg ampo sen. e disse.
 lo moço. **Amigo** ora adeo. ca peccada lvo

ta peendeca. **Des** oy maq sey agucoso de
 guapay ta uida. **Co** ffade disse. senhez sabh
 aq q daq adeate semp secey origo ata mba
 morte. **E**ta huu lvo moço q aua muu
 to que entay en orde. e morana en huu
 axon. que chama sco **Emyo** assi como ouis
 moq. amuy lvo moço. **Este** eta home lvo
 e de muu sca uida. assi q pele apueyratam
 muuoy home en obra ten feito. **El** pfeue
 pndo en esta litude. **Amigo** aq pesa muu
 to qndo uee que alguu faz le sa fuzeda. ou
 uelhi en ueia e foys corca el. assi como orca
 aqto por q deo faz litude. **El** foys qly me
 teu enceraço. q todo aq q tal uida secey co
 mo el fazia. no. **Aua** por q fuy. aq ouis.
Expos q aout no aua desuy. **Quado** asuy
 assi meefmo. e disse en seu coraço. **Redey** es
 tay esportelae que fuy. e coparey qny faz
 mest. e tornarme p meu logay. e assi no
 fuyes amegm. **Este** aydar tal lhy fuzia
 amigo. **Por** tal q no secey ne huu le co
 mo ante foya faz. **Expo** queo amigo lha en
 ueia corca today aqlec que se ade chega.
 pmba qnto maq pode. **Deo** an corca sa por
 te. **Co** catiuo de moço por q ouie todo es
 to **Quado** teue q eta le. e sabusse dya. **El**
Este ffade de q noq dezemq eta ta lvo e ta
 maço. e de ta lvo costume en seu axon. q
 today qntos lhy aua passua de bondade.
 e qudo uoy q este erro feza q assi se saua de
 sa orde. **Ma** pmba qnto mudo. e ouie en
 de qnto. **El** vido se assi. **Quado** mudo enha
 molhy q uya. na poca aua. e por esta molhy
 foys assi decebudo e enganado pelo amigo.
 q maq no podia secey. **Qudo** aueo q el vido p
 huu logay desiro. oue de passay huu qto.

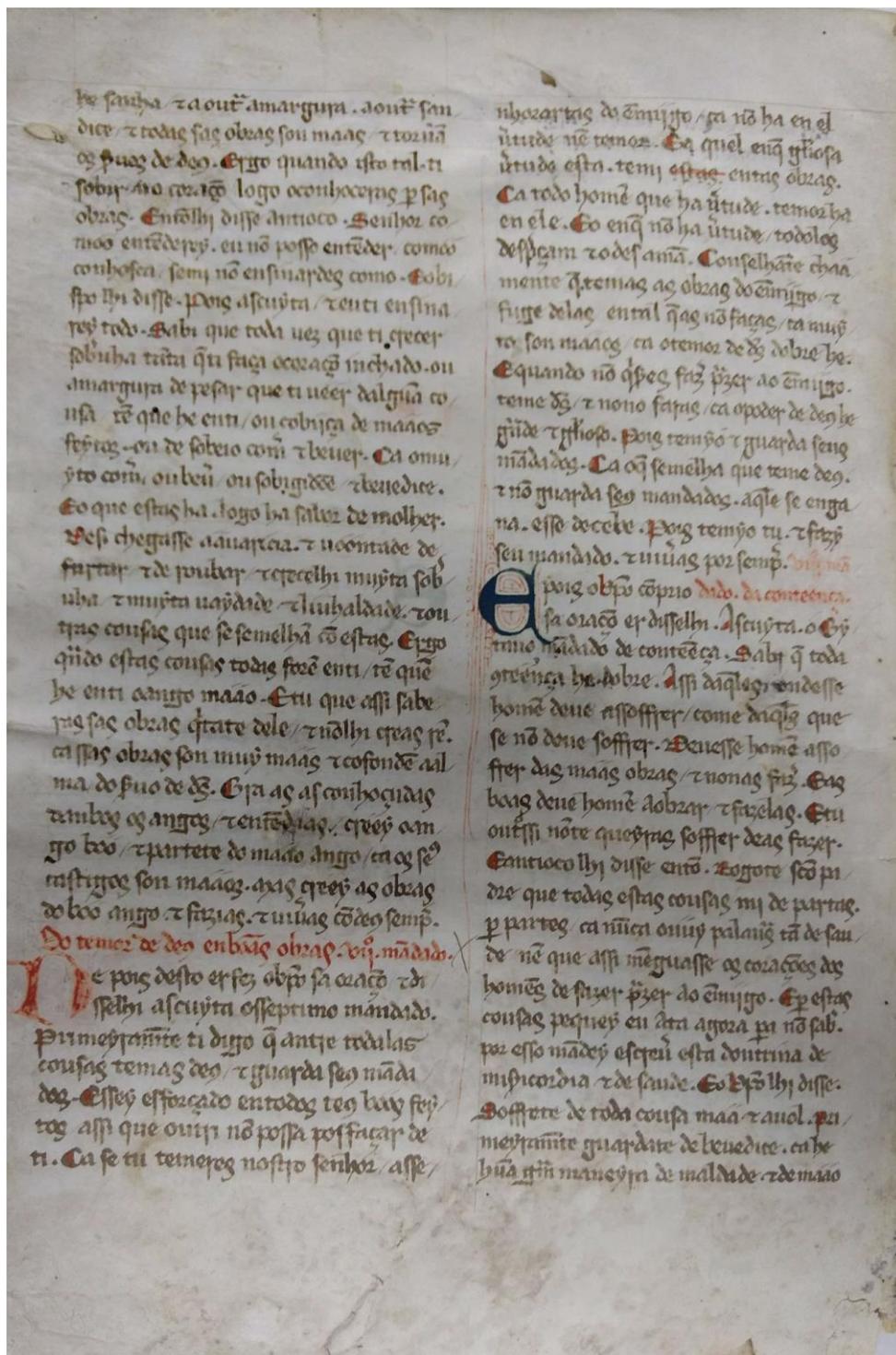
Ento se leuãtou el da oraço. e foy ueer se
 ardia alãpudi q̄ acendi. Equãdo algu a
 arbutuã. achou morto. Quando el esto uia
 leuouisse aier entã e se; sa oraço en esta
 guisa e disse. he sey eu sei q̄ este feito non
 foy por al. se nõ por q̄m es aida sanhudo.
 e por q̄ eu nõ q̄r estar en miã orã. pãti foy
 fruce. mag pũhoy en fãz aq̄lo q̄ entendi.
 q̄ p̄zia aacãne p̄q̄ aalma fosse p̄uida. Esse
 mhor porgoto q̄m p̄deç e nõ cãteç do pe
 sar q̄ti eu caruio fuy. Oitẽm mãifesta
 rey out uegrada. nata grã piedade. ati e
 aq̄ tes scõs angõs e atodolõs outõs tes scõs.
 aloucaça. e oeyo que eu fiz. Ca sei nõ ou
 sey adizer meu peçado antõ e teñteç. ca
 mnytas aua hy que se leuãtã de seu
 lã pensãto. Senhã porgoto q̄me p̄deç
 de guisa q̄ eu possa e outõ castigar. e dar
 lã saãha demõ. e seu auuẽtame. Equãdo
 esta oraço ouue feita tã ueçes foy eprõuã
 to de d̄. Entõ leuãtouisse e foy ueer alãpudi
 e achou que ardia mny tẽ e q̄ daua mny
 grã lume. Equãdo esto uio foy mny ledõ en
 seu caraço e marauilhãdoisse mnyto. disse.
 Graças ati sei que tu pela ta mceç q̄sis
 ti amõ peçador mostar ta grã final come
 este. Ora sey eu sei q̄ tu p̄das atodõs aq̄
 lex q̄sse ati tornã de todo seu coraçõ. El pe
 sseuçãdo enssa ofiçson. foy odia. tẽ çpã.
 e auẽdo el grã ledõça enssã. efaceullõ o
 mnyar reppãl. E mde he amceç de d̄. q̄
 assã deõra eç peçador fora. deç q̄sse ael grã
 tẽ. e lhy fãz fãzer p̄cedençã p̄ q̄ seia sal
 uas. fãz almas. aq̄ns o Olho da lãpudi e
 olume semp̄ durõu arãendo atẽ sa mor
 te. que nõca q̄s q̄mõsse. ca mõ senhã

mostõna en el este final. por dar Exem
 plo atodõs aq̄s que humildo sãnte fãzen
 sa p̄cedençã e q̄ seia aq̄s por sey peçador.
 e olouã. aq̄ns este mõge de q̄ ues salãms.
 razendo aly en seppãdo apouçõç diãç mor
 teu e polo fãzer de mõ sei foy mostrãdo e
 aq̄s mõges que eja morto. *Miragre.*

Dezia huũ velho homẽ q̄ morãua en
 Tãbelãda disse que eja filho diũ sa
 cerdote deç idõlõs. Equãdo eu eja peçõno grã
 rdãua semp̄ oeyo. E uico huũ dia q̄ meũ pi
 dre fora fãz sacrificõ deç idõlõs. E eu entõç ap̄
 el ascondidãnte. Equãdo entõç uõ sãthãnas
 oeyõ deç emnytas cõtõda sa caualãna estãr.
 E eu carãdo esto. uõ que se leuãtou logo huũ
 deç p̄ncepẽ e orõo. E o emnyto lhy disse. onde
 ueçes. e el disselhy. Entãl teja fuy e uoluy
 mnytas batãlhas e mnytas peleias e fãz q̄sse
 matãsse mnytas homõs. e uõm hora dizeho. E
 sãthãnas lhy disse. Enq̄ntõç diãç offezisti.
 E el disse. en tũta diãç. E o emnyto mãdeo
 acõntar. e disselhy. Como entãto tẽpõ fezes
 ti tu. tã pouco como esto. E deçõç este. leuan
 touisse out p̄ncepẽ e orõo. E sãthãnas lhy di
 sse onde ueçes. E o emnyto respõdeu e disse.
 Ho mar fuy e leuãtoy grãdes tornẽtas e a
 ssondeç mnytas auaçõs e mnytas mnytas hã
 mceç. e ora uenhoço d̄. E sãthãnas disse
 lhy. Enq̄ntõç diãç offezisti. e el disse en uõm
 te. Enãdo acõntar e disselhy. Como entã
 toç diãç nõ fezes tu chugõ. E o tẽpõ uõ
 orõo. E o emnyto lhy disse. onde ueçes. E el
 disse en lãta. E adãde fuy. enã fãzia uõdas
 e eu leuãtoy grã peleia e grã uõtra de mane
 ysa que fiz. que se matãsse hy mnytas e de
 mãç q̄ matayõ hy oeyõ. e uenhoço lãua

mest. Col affio fez. Co bpo logo a aqila.
 hora. habncoo r deulln auito de monge
 Co Duc disse ao sdo home. Senhor conujsu
 tam de pax obabrisino. ficay se magra
 ne hna. asus por q aloueuu he munita
 enm. rogo senhor aara fapetidade que
 me mades eu smay r castigar r de masti
 de quacy confas r qes seprey r de qes obg.
 me deno guarar. ou qes deuo fit. Ento
 ofed bpo cheo do sdo spitu. comeceio acasti
 gar de todo madio de saude r dissolui. co
 ue mades aqles q esta pendencia de uidade
 desera mpr que pmednante seia qres r li
 ures de seug pecadog. **Primo mandado.**
 ois pmedyo coue fir memore de reer
 enhuu deo padeso. fazedor do ceo
 r da terra que son uehudo de todos r non
 uehudo. fez todalag confas. Enhuu nro
 senhor ihu xpo filho de deo p q todalag
 confas que son en ceo r en terra fazo sey
 ras. Eno spitu sdo q fae do padre r do
 filho. r auinenta todalag confas que so
 de orar. r gfficiay ao padre r ao filho r
 abnu deo que todalag confas pnde r el
 no pode seer pso de ne gual. r q uide am
 sas pode faz r q no te ennemigalha de su
 zelag. Se tu estag confas qres de todo teu
 coraco r de toda ta alma r de todas tes
 de seug r no temereq. logore eyrou nra
 r te muidara r se esto e seereq anag del au
 da. cotpateu emygo r anag mteora q
 vnyq uentimto r saude. in scla se loz am.
Lentouisse. **Segundo mandado.**
 Ento obpo eozou r depola oraco disse.
 auy simplicidade que q diz se malade.
 assi como mentho q no sabu aza. pmedo

punte: no possaces ne oucas de laame
 te r possaces dor. ca tu no ouuqes no se
 pas en seu culpa. ne se peado. Ca onao
 spitu fia home possaces opofaco de en
 migo r q no q pa / mais eyreco. fang
 parere dole r uul co q que auu r
 reyna in scla se loz am. **Tullu...**
Et fez oraco obpo r disse. Ora habi
 ocoyo mandado. Ama uidade r se
 pre toda uidade faya de ta boca. assi que
 oespitu que enu ho / seu achado por u
 dadeyo / assi que mra faya del menpa.
 Ca q ouis que receber spitu de uidade.
 r nica seer qson menpac. estes no sou
 onu onadado de xpo. Este se seer dmi
 dorez do spitu sdo. Ca se guarar q udi
 de. seug herdeyo na uida p dicitur.
 Epms assi he guarar qnto poderes
 de mmpes no atorto ne adertito. En
 uidade. lora r a / auu idy p dicitur. In
 uilag p sempre. **...**
Et fez oraco obpo r disse. Ouis q
 ro madio. Guarar qnto poderes
 castidade. r no cuidas en puseer. no en
 pmoqita de molhe. ne en out malade
 ne en causag que estag semelhe. Ca se
 estag confas cuidares fang peado. po
 sig guarar de taes peadog r se
 ante mprado. Ca hu moza lmpide r
 castidade. no deue hy malade acenp.
 Esto se coegete p purag r p men
 deyas oraco. Este esto seereq u
 neqis por sempre. **...**
 o bpo er fez sa oraco. E depus er
 dissolui. Sei de largo couco r de
 seudo. r assi se assehorame. r uoqes



he facha e out' amargura . aout' san
 dice e todas sas obras sou maas e tozua
 os fuos de deo. Ergo quando isto tal ti
 soby no coraço logo oconhoceris p' sas
 obras. Ensolhi disse Amoco. Senhor co
 moos entederis. eu no posso enteder. como
 conhocer. semy no ensinardes como. Eobi
 sto m' disse. Pois ascuyta. teuti en sin
 rey todo. Sabi que toda uez que ti q'ecer
 sobyha tanta q' ti fugi ocoraço machado. ou
 amargura de peser que ti ueer dalguia co
 nsa te q' he emi. ou cobrya de maas
 feryas. ou de sobeyo com' e ueer. Ca omu
 yto com' ou beu. ou sobynde e benedice.
 Eo que estas ha. logo ha saloz de molher.
 Desi chegasse a auaricia. e ucontade de
 furtar e de roubar e de celhi muyta sob
 uba e muyta uapidade e uualdade. tou
 tras cousas que se semelha co estas. Ergo
 quido estas cousas todas fere emi. te que
 he emi aanyo maas. Eru que assi sabe
 ras sas obras q' tate dele. e no m' q' tate se.
 ca sas obras son muy maas e cofonde aal
 ma do fuo de deo. Eja as as conhocidas
 e m' e os anjos e entedidas. q' tate o m
 go bo e partete de maas anjo. ca os se
 m' tate son maas. q' tate as obras
 do bo anjo e feryas. e uualas co deo semp.

Do temor de deo en boas obras. vii. mandado.
Pois desto e se ob' sa oraco e di
 selhi ascuyta o septimo mandado.
 Primeiramente ti diggo q' ante todas
 cousas temas deo. e guarda seu manda
 do. Elles efforçado entodas tes l'as sey
 ras assi que ouy no possa possacar de
 ti. Ca se tu temeres nostro senhor. asse

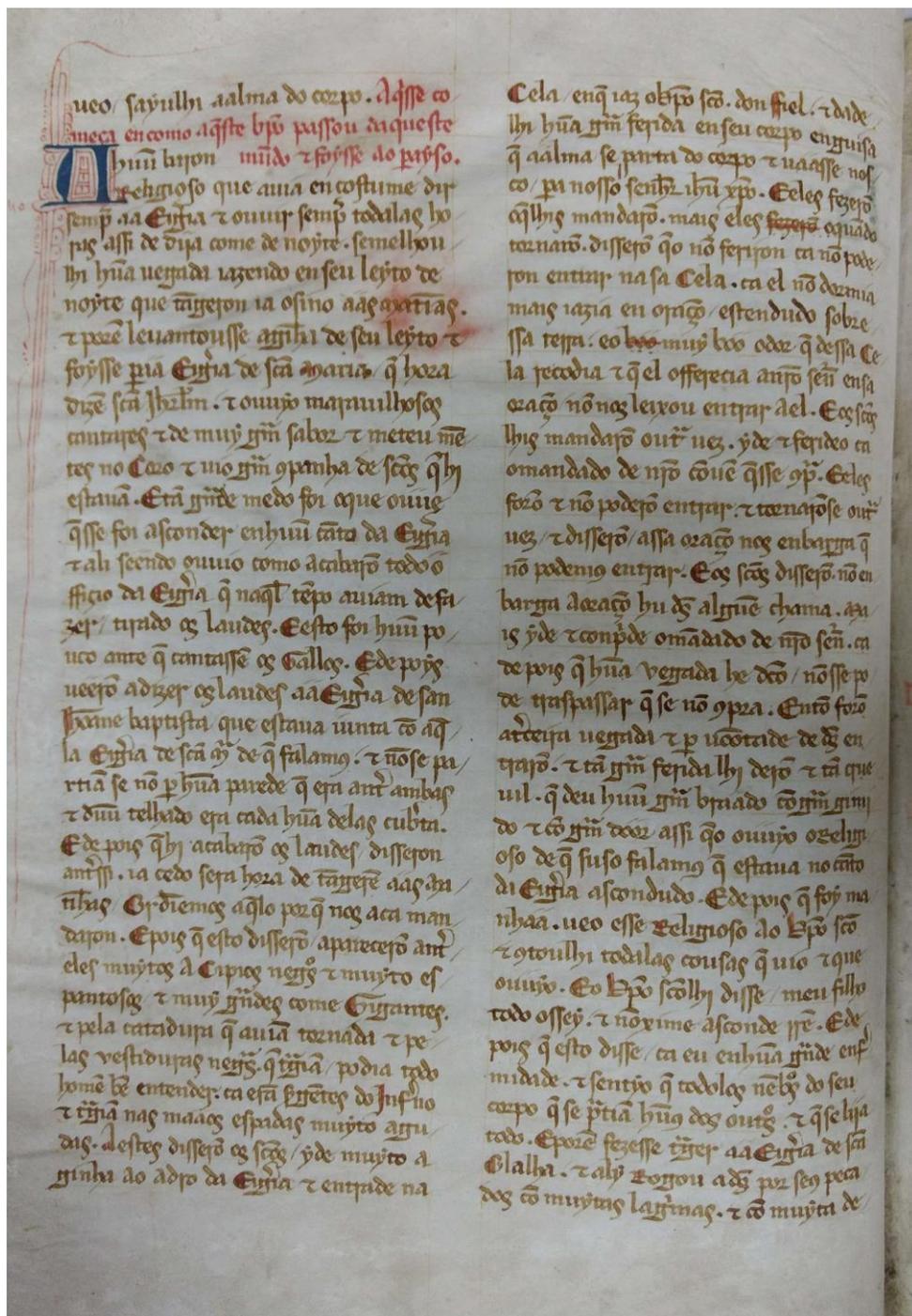
nhozartas do emigo. ca no ha en el
 utude ne tenoz. Ca quel enq' g'iosa
 utude esta. temy estas. euntas obras.
 Ca todo home que ha utude. temoz ha
 en ele. Eo enq' no ha utude. todolog
 dessem e todes ama. Conselhate chaa
 mente q' temas as obras do emigo. e
 fuge delas. ental q' as no facas. ca muy
 to son maas. ca otemoz de deo do bre ha.
 E quando no q' tate faz p'zer ao emigo.
 teme deo. e nono facas. ca o poder de deo he
 g'ida e g'ioso. Pois tempo e guarda seu
 mandado. Ca os semelha que teme deo.
 e no guarda seu mandado. aq' se enga
 na. esso docele. Pois tempo tu. e feryas
 seu mandado. e uualas por semp.

Q pois ob' copio d' do. da contença.
 sa oraco e disselhi. Ascuyta. o
 tmo mandado de contença. Sabi q' toda
 grenga ha do bre. Assi aq' tate
 home deue asfetter. come d' q' que
 se no done soffet. Deue se home asfo
 fter das maas obras. e nonas feryas. Eas
 boas deue home do b' e feryas. Eru
 out' m' no que tate soffet deas feryas.
 Enrioco l'hi disse emi. Eogore sed pi
 dre que todas estas cousas m' de partae.
 p' partes. ca n'ca omuy palauz ta de sau
 de ne que assi meguasse os coraçoos de
 home de feryas p'zer do emigo. E estas
 cousas pequey en ata agora m' no sab.
 por esso mades esferu esta doutrina de
 misericordia e de saude. Eo l'hi disse.
 Soffete de toda cousa maas e anol. e
 meyante guarda de benedice. ca he
 hua q' m' maneyra de maldade. e de maos

Pedro e san Paulo e o b[e] aut[or]izado m[er]ito
 san Lourenço. e o opunha sen coto domes
 uestidas de uestiduras brancas e atede
 me. ca e o e loq me deuo au[er] pi nro senhor.
 E de pois que esto disse partiu se a alma do
 corpo. eo corpo fotez p[er]o assi como he de
 costume. A q[ue]re anq[ue] ou mais de py esto.
 a agua duu e io que deza Enactegen. ta
 to q[ue] fayu de sa madre e a p[er]uinhou as ca
 sas q[ue] estaua de p[er]do e as Celas do mon[ast]rio. q[ue]
 deza Caulmana enq[ue] moztua e monges.
 E os monges q[ue] deo renouar as Celas q[ue] se on
 de p[er]ludis polo Eyo. ameeu que q[ue]ndo uee
 pon aa Cella hu raziã om[en]te de q[ue] hora fa
 lamas fotez p[er]do e faze do h[er]o fundamto abu
 so om[n]im[en]to do deo a p[er]o e e p[er]udio en
 de huu adu de ta q[ue]m p[er]er. q[ue]l hom[e] n[on] p[er]
 deza c[or]p[us]. E como q[ue] q[ue] p[er]uissse ia q[ue]re
 anq[ue] ou mais de pois q[ue] fora fotez p[er]do. achu
 pon o seu corpo todo entegue. e se opunpi
 mento. assi como se en essa l[et]ra fosse fote
 p[er]do. E q[ue] foy q[ue]m marguilha. todas sas
 uestiduras. e todas seos cabelos achay en
 q[ue]zues e seu n[on] huu comp[er]m[en]to q[ue] do m[un]
 do fosse. n[on] entado. n[on] en n[on] huã parte.
Aqui se começa a vida e morte duu s[an]c[t]o
 q[ue]m ouve nome Nauto.
Nauto q[ue]m ouve nome Nauto. q[ue]m
 de ayenda q[ue] he na p[ro]uincia de lu
 zetania. c[or]p[us] e disse q[ue] eno te
 po de Leonegildo que foy Rey de Godoy
 ueo da t[er]ra d[is]t[ri]c[t]a na q[ue]sta p[ro]uincia de lu
 zetania enq[ue] he a cidade de axerda. huu
 abade muy s[an]c[t]o q[ue] auia nome Nauto. aq[ue]
 uueu na q[ue]sta p[ro]uincia e o out[ro] monge
 q[ue] he era muy pob[re] me[re]. E por q[ue] era muy de
 uoto puguelly dir uestitay corpo de
 sca Glalha que raziã fotez p[er]do na Euf
 ia de axerda. E por que assi como disse
 pon os hom[en]es q[ue] ento era esuaua ui
 sta de melhozes. assi como moze dura de
 ta p[er]o. por que esse temia q[ue] p[er]u u
 sta caesse en alguu peccado. e por esso en
 uiuaa semp[er] huu m[en]te q[ue] fosse ant[er]
 e. e out[ro] ap[er]o ele p[er] n[on] poder achay molh
 encayta p[er] q[ue] fosse. Aq[ue] de pois q[ue] neo
 aa Eufia hu raziã corpo de sca Glalha.
 r[er]ou huu plado q[ue] he era muyto om[n]i
 do q[ue] auia nome do Pedro q[ue] q[ue]ndo ele
 ueesse de noyte de sca Cella aa Eufia p[er]
 fiz sa orao que p[er]esse guayde p[er] non
 achay n[on] huã molh[er] na c[er]reya assi na
 yda. come na uirga. E por q[ue] huã huã
 molh[er] uiua q[ue] auia nome Eusebia de
 bo logar e muy s[an]c[t]a. e de seiaua muyto
 auer aq[ue] abade p[er] q[ue]lly disse q[ue]
 era muy s[an]c[t]o. mandou p[er]gar p[er] muytos
 hom[en]es boos q[ue] a uisse. E por q[ue] ele n[on]
 q[ue] ofentay a seu p[ro]p[ri]o de loq. q[ue] a uisse.
 E q[ue]n ela ao plado da Eufia de sca G
 lalha que q[ue]ndo abade de noyte. de p[er]
 sa azas se fosse p[er]u sa Cella q[ue]lly pugues
 se q[ue] ela se uesse en huu logar. ascondid q[ue]
 he auia p[er] q[ue] ele auia de passar e q[ue] se esse
 q[ue]m lume ant[er] ele. enq[ue]sta q[ue] ela op[er]es
 se ueer op[er]am[en]te. e ele n[on] ela. E q[ue]ndo
 esto foy op[er]do seg[un]do como ela p[er]ou.
 el passand[os] p[er] ant[er] ela de noyte e nona uee
 to destrou se entegue e deu q[ue]ndes uozes
 e q[ue]ndes q[ue]ndes assi como seo foy en
 seu corpo. e disse aaq[ue]l plado q[ue] auia nom
 Pedro q[ue] esto ord[em]a p[er]do q[ue]m.

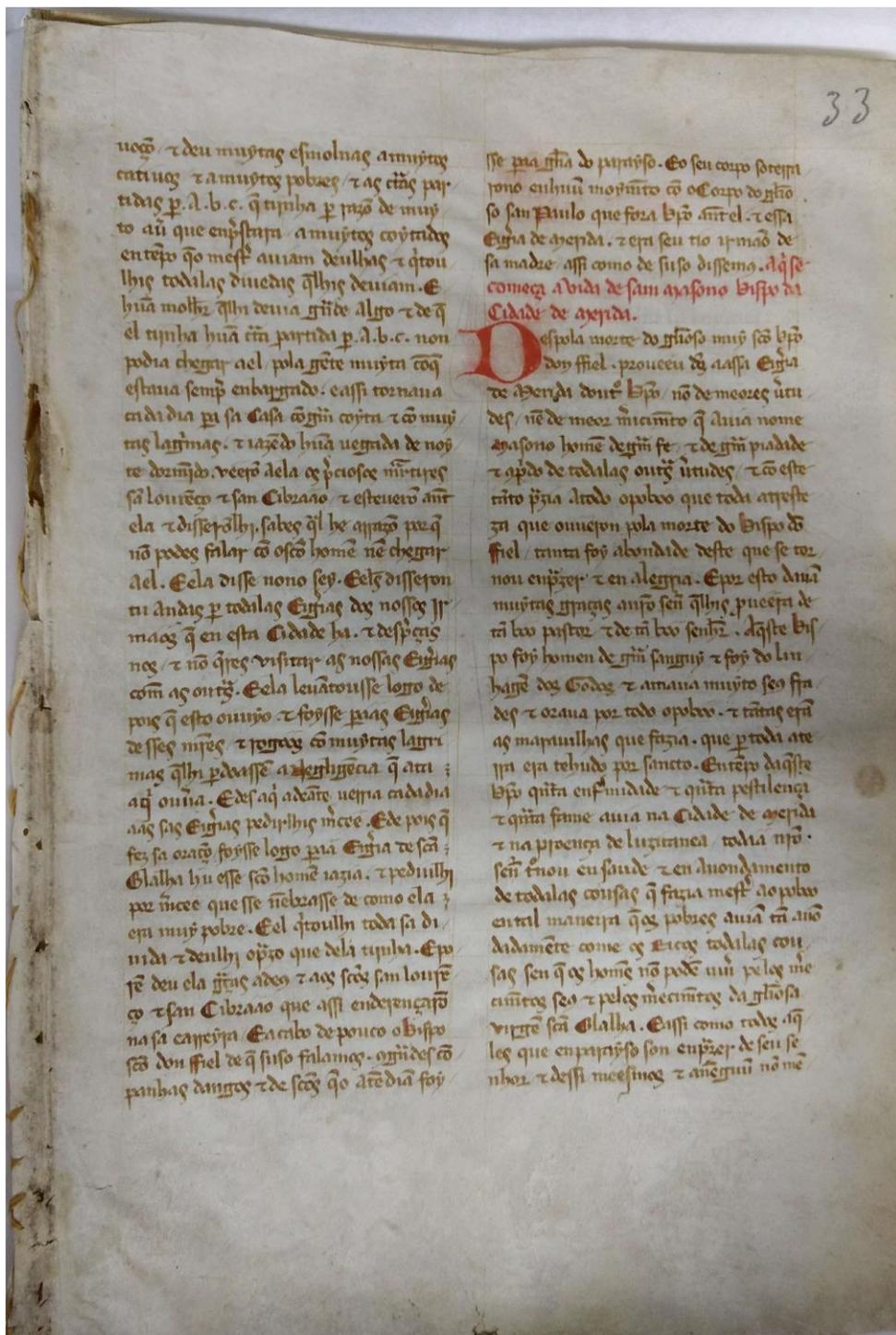
Aqui se começa en como aqueste bispo passou daqueste mundo e foyse ao
parayso

f.32v



Aqui se começa en como aqueste bispo passou daqueste mundo e foyse ao
parayso

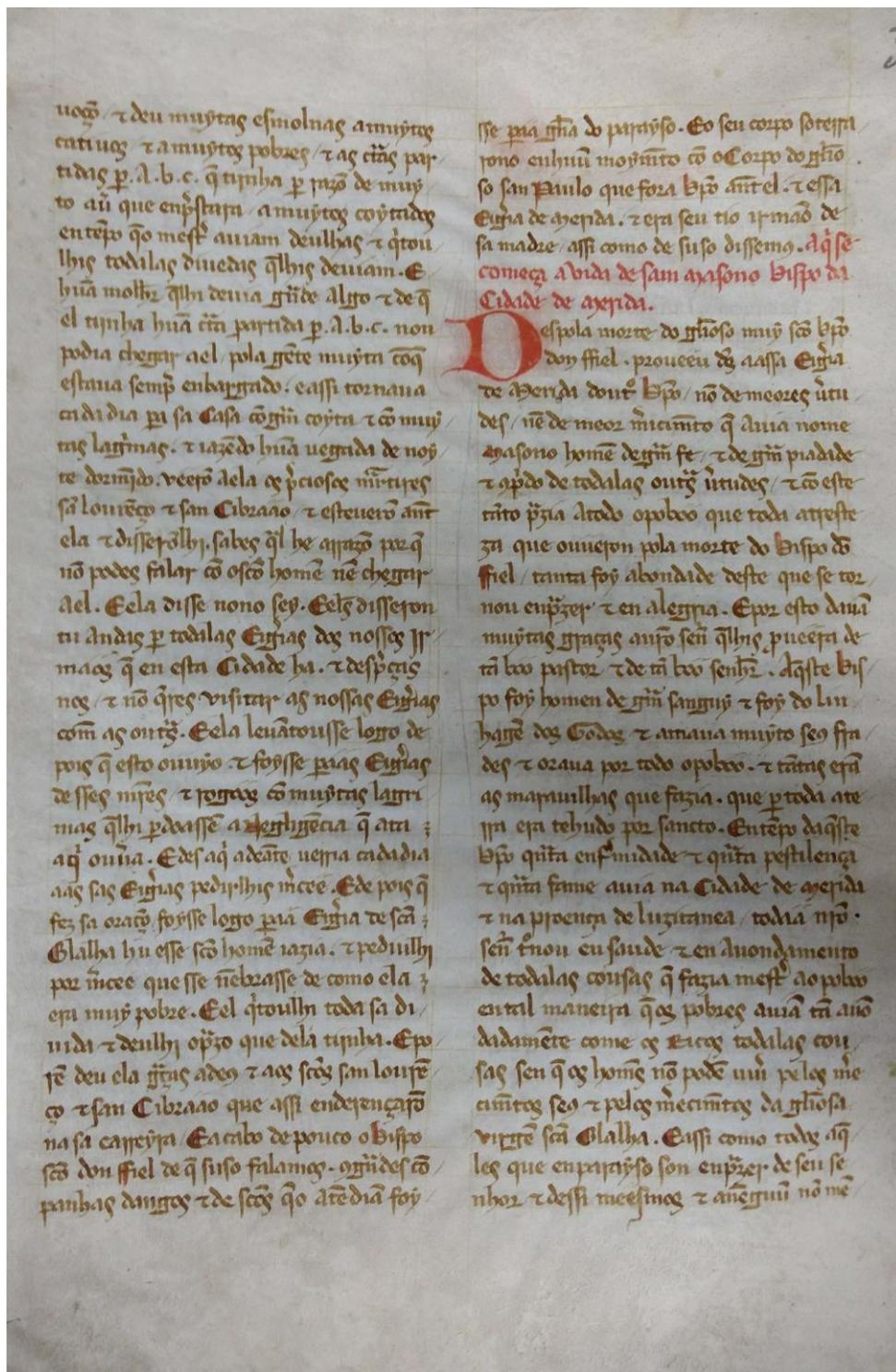
f.33

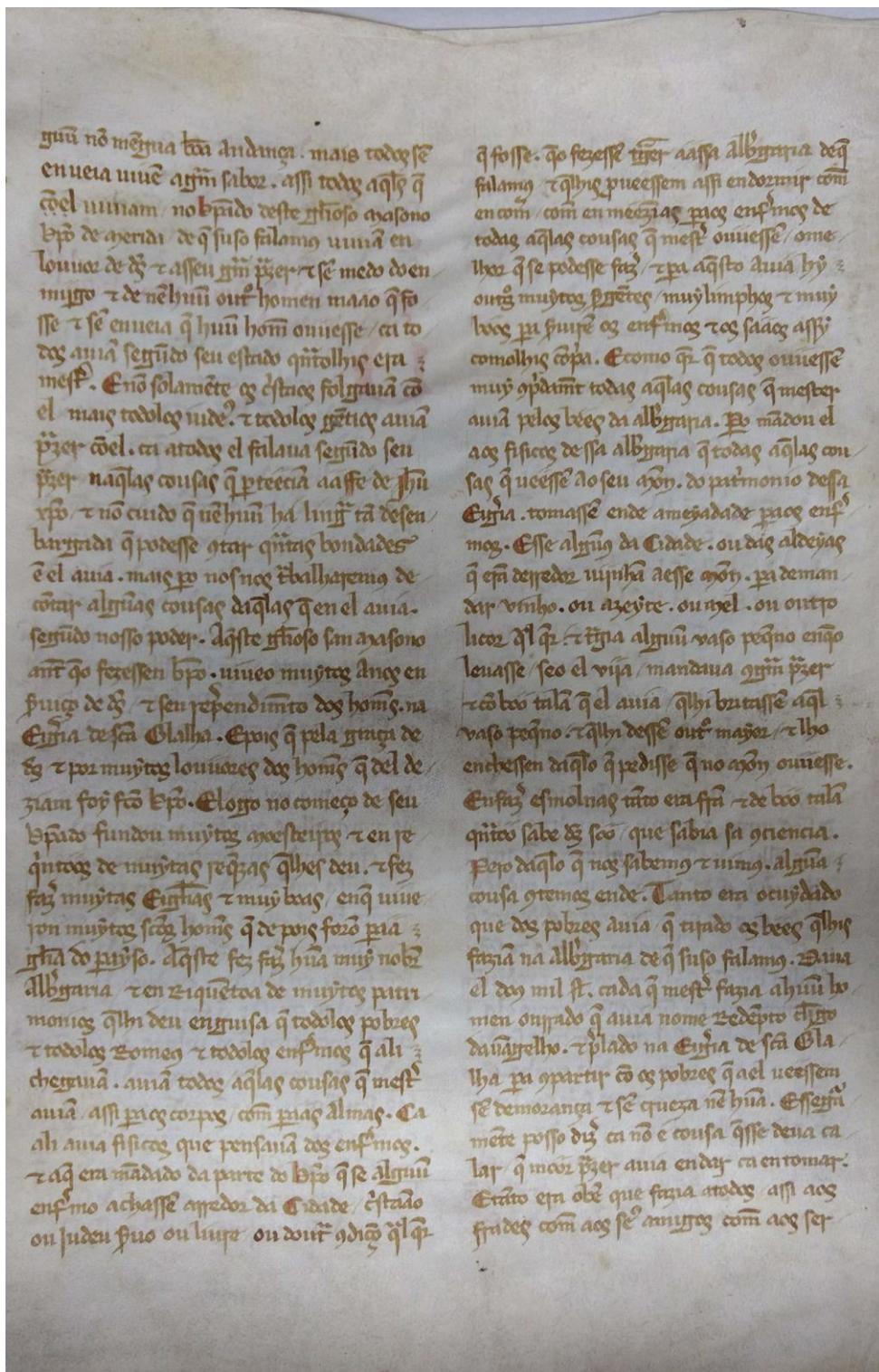


uoço / e deu muitas esmolhas amuitas
cariuas e amuitos pobres e as ctiãs par
tidãs p. a. b. c. q. tynha p. ruzo de muy
to au que enstara amuitos covitades
entepo qo mest auam deullhas e qrou
lhie todalas diuedas q. lhis deuam. E
hua molha q. lhi deuia q. tude algo e de q.
el tynha hua ctiã partida p. a. b. c. non
podia chegar ael pola gerte muira coq
estava semp enbarrado: eassi tornava
cada dia p. sa casa cõgm cõtra e cõ muy
tas lagrimas. e razeo hua uegada de nos
te dormido. recepo dela q. p. cõsece m. ruzes
sa lomeço e san Cibzaao e estenero ant
ela e disse q. lhi. sabes q. l. be apnao p. q.
nõ podes falar cõ osto home ne chegar
ael. Eela disse nono sep. Eel disse non
ti andas p. todalas Enhas de nosse J.
maas q. en esta Cidade hu. e disse q.
nos e nõ q. res visitay as nossas Enhas
cõm as ouras. Eela leuatousse logo de
pois q. esto ouyso. e foyse p. as Enhas
de sses m. res e jogay cõ muitas lagri
mas q. lhi p. d. uisse a. q. l. h. g. e. c. a. q. a. t. i.
aq. ouna. Ede aq. adate ueira cada dia
as sig. Enhas p. d. uisse m. ce. Ede pois q.
fes sa oraco foyse logo p. a. Enha de sa.
Glalha hu esse sã home iapa. e pedulhy
p. m. ce. que se nebrasse de como ela.
epa muy pobre. Eel q. roulln toda sa di
uida e denly opo que dela tynha. Ep
se deu ela p. ruz adeo e ay sã san loure
ço e san Cibzaao que assi endeçncasõ
na sa capella. Eacabo de pouco o bispo
sã don ssel de q. suso falamos. q. m. des cõ
pinhas dangos e de sã q. a. t. e. dia foy

33
sse p. a. g. h. a. d. p. m. r. i. s. o. Eo seu corpo forep
pono culhu moymto cõ o corpo do g. h. o.
fo san Paulo que fora b. p. o. ant el. e essa
Enha de a. p. e. d. a. e epa seu tio y. m. a. d. de
sa madre assi como de suso dissemo. **Aq. se
começa a vida de san axafono bispo da
Cidade de a. p. e. d. a.**

Despola morte do g. h. o. s. o. muy sã b. p. o.
don ssel. p. uoceu dy. a. s. s. i. Enha
de a. p. e. d. a. doue b. p. o. nõ de meores uti
des. ne de meoz m. c. m. t. o. q. a. u. a. nome
axafono home de g. m. fe. e de g. m. p. u. a. d. i. d. e.
e ap. d. o. de todalas ouras unides. e cõ este
m. t. o. p. z. a. a. t. a. d. o. opoboo que toda ateste
za que omieçõn pola morte do bispo d.
ssel. tanta foy abundade de ste que se to
nou enp. r. e. e. en a. l. e. g. e. r. i. a. Ep. e. esto diu
muitas p. r. a. g. i. a. s. anfo seu q. l. h. e. p. u. e. e. s. a. d. e.
ti l. v. o. p. a. s. t. a. e. e. d. e. m. l. v. o. s. e. n. t. e. d. i. s. t. e. b. i. s.
p. o. f. o. y. h. o. m. e. n. d. e. g. m. s. a. n. g. u. i. e. e. f. o. y. d. o. l. u. i.
h. a. n. e. d. e. s. C. o. d. e. s. e. a. m. a. n. a. m. u. i. r. o. s. e. o. s. f. r. a.
d. e. s. e. o. z. a. u. a. p. o. r. t. o. d. o. o. p. o. b. o. o. e. t. a. n. t. a. s. e. p. a.
as mapuillhas que fizra. que p. t. o. d. a. a. n. e.
p. a. e. p. a. t. e. h. u. d. o. p. o. r. s. a. n. c. t. o. E. n. t. e. p. o. d. i. q. s. t. e.
b. p. o. q. u. i. t. a. e. n. f. i. m. i. d. e. e. q. u. i. t. a. p. e. s. t. i. l. e. n. c. i. a.
e q. u. i. t. a. s. i. m. e. a. u. i. a. n. a. C. i. d. a. d. e. d. e. a. p. e. d. a.
e n. a. p. r. o. u. e. n. c. i. a. d. e. l. u. z. i. t. a. n. e. a. t. o. d. a. n. p. o.
s. e. n. t. n. o. u. e. u. s. a. u. d. e. e. e. n. a. u. o. n. d. a. m. e. n. t. o.
d. e. t. o. d. a. l. a. s. c. o. n. s. a. s. q. f. i. z. a. m. e. s. t. e. a. o. p. o. l. l. a. w.
c. i. u. t. i. l. m. a. n. e. i. r. a. q. o. s. p. o. b. r. e. s. a. u. i. a. m. a. n. o.
d. i. d. a. m. e. t. e. c. o. m. e. e. q. r. i. c. o. s. t. o. d. a. l. a. s. c. o. n.
s. a. s. s. e. n. q. e. s. h. o. m. e. n.õ. p. o. d. e. u. i. u. i. p. e. l. e. s. m. e.
c. i. u. t. o. s. s. e. o. e. p. e. l. e. s. m. e. c. i. u. t. o. s. d. a. g. h. o. s. a.
v. i. r. t. e. s. a. Glalha. E. a. s. s. i. c. o. m. o. t. o. d. a. s. a. q.
l. e. s. q. u. e. e. n. p. a. r. a. t. i. s. s. o. s. o. n. e. n. p. i. e. r. d. e. s. e. u. s. e.
n. h. o. r. e. d. e. s. s. i. m. e. s. t. i. n. o. s. e. t. a. n. e. g. r. u. i. n.õ. m. e.



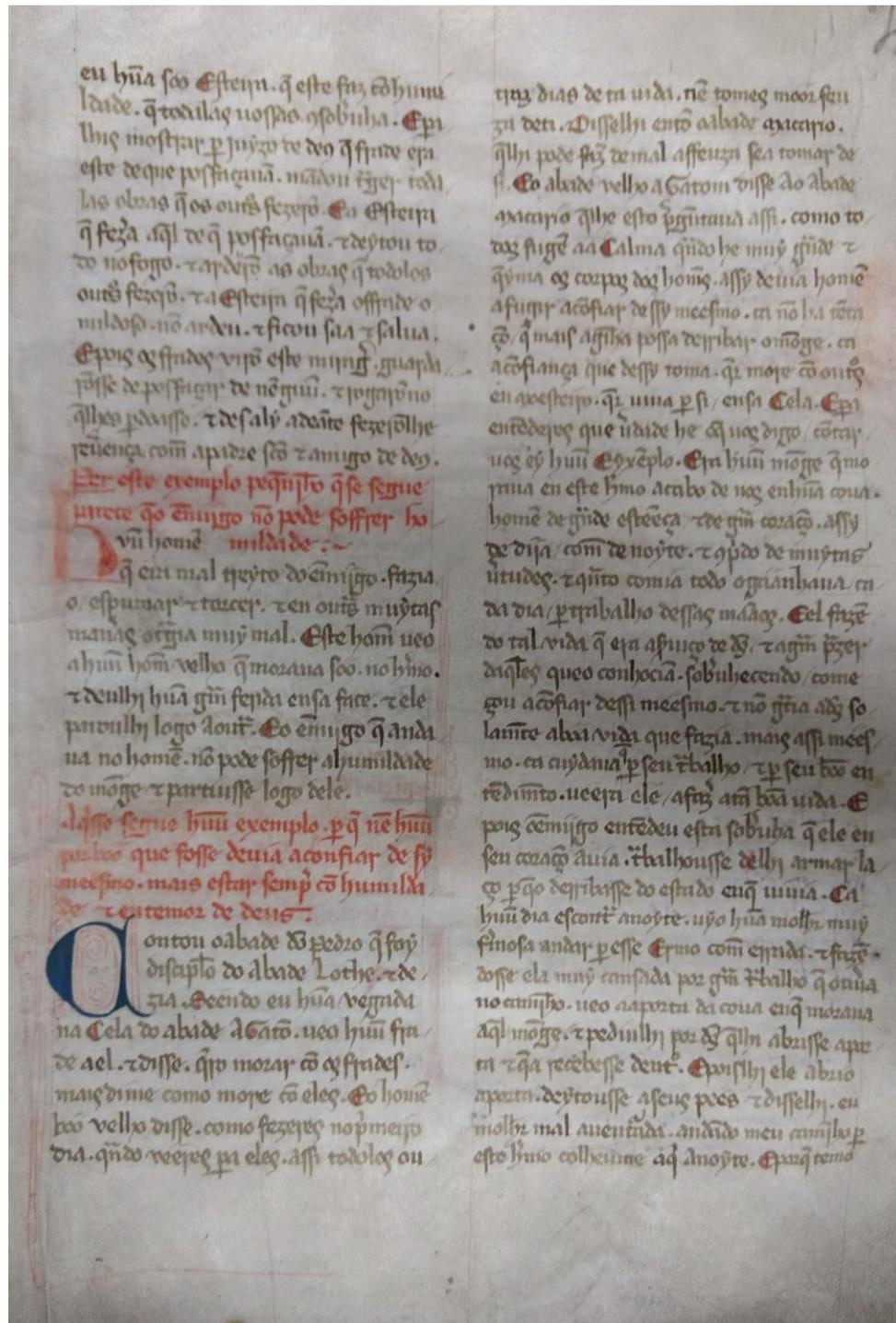


gretes da Igreja sua que todos era piceo p
 el. Era sgentes q antel hiam. assi hiam
 vestides de uestiduras de Cirro. e douras
 panes muy boce q no semellhava hindo
 se no res comam gete e ta lca e ta le ues
 tida que hiam antele. Eyo ofeu oraco a
 si era pprizado no amara de S. e en humi
 lidade que ne hua gha do mundo no aua
 re gto le se p el fuzia e de qntas onpas
 aua. e assi como no sava de seu estado
 pela andanca lca do mundo q aua. assi
 nono qbratava out andanca maã domi
 do qnd qz q ueesse. cu semp ficava ledo
 e humilde e de muy lca talã. e de muy
 lca sembrate. por mal ou por be. cada
 qm corinha. Era q omisso de hage
 da Sam o mal q si no pode fit. e traba
 lhasse deo fit. p oute p qo melho e
 mang agha pssa fit. meteu en coragom
 Aleouegildo Roi dey bodes q era da seita
 da rpo que se trabalhasse de tornar aã
 seita ofeo bpo d axafono. de q supo salam.
 p muytas pmetintas de muy gndes onpas.
 e de muy gndes reqas. Cuse p esto non
 podesse p muytas amearas. e p muytas
 deostes. Eyo qo bpo de tod esto seu e
 mandado receben e respondeu aseo man
 dades q ael tã ugradis ueeso. q a se
 de ihu xpõ que el de sa monice toma
 ra. nuãcia leuana e mandou deostar p
 esse se mandades onestante eã re
 uezena assi como el deua q se pãse da
 seita de aprio enã nuã. a no aua ef
 tado nomudo enãse podesse saluar. se
 no na se de xpõ. mang el deu pouco
 pãsas palauis e trabalhosse de tornar

opuceto de seu estado p pãsas e p amearas
 assi como de fuso dossenã. Eyo mo queo
 a podia mon pã hã magna de ostido qm
 ha. mandou aã Cidade de ayenda pã bpo hui
 bomo aã deã Sumna. tam Eyo. da se
 m de aprio. Este em muy tope e muy lãso
 assi enã capã. am enãsa custumee. come
 a rodalas oute pres de seu corpo. aãse en
 rodalas saã obã todo semellhava cheo de
 apãsas de omisso. e p ele se pãsa enã
 dalas causas q aua de fuz. aãse seendo
 bpo na dã Cidade da parte dãse qã pãha
 a Elesia de aprio deã muytas pãsas
 sandias e cuas corã ofeo bpo d axafono
 q em da pre dey eãsas. aãse tã pouco
 aua ele pãsas palauis. com seã no disse
 se. Eyo mo qo no podia tornar de ne
 se subiectos e trabalhosse de tornar a E
 gia de sã Glalha que em so podio do bpo
 se e metela en seu podio e de se eãsas.
 Era esto mandou el Roi pãsas q em da
 sa seita que pãsas qo mandasse fazer.
 Sele como qã que fosse eãsas deã tal
 senã qã amãsas e bpo. assi eãsas eãsas
 com eãsas eãsas fossen pãsas aã eãsas
 pãsas dãsas. de cada hua pre. e de cada
 hua pre desputasse cada hui deã sobe
 eãsas qã pãsas eãsas melhoes pãsas
 pãsas eãsas eãsas pãsas pãsas eãsas
 aãse ouesse a Elesia de sã Glalha de
 ayenda. E de pãsas q eãsas nouas fãsas dãsas
 ao seã bpo. fãsas pãsas Elesia de sã Gla
 lha eãsas aãsas aãsas seã qã pãsas pãsas
 pãsas ofeu seã corpo. e ioune hã tã dãsas
 eãsas noãsas enãsas aãsas eãsas eãsas
 eãsas eãsas pãsas aãsas ihã de ihu x

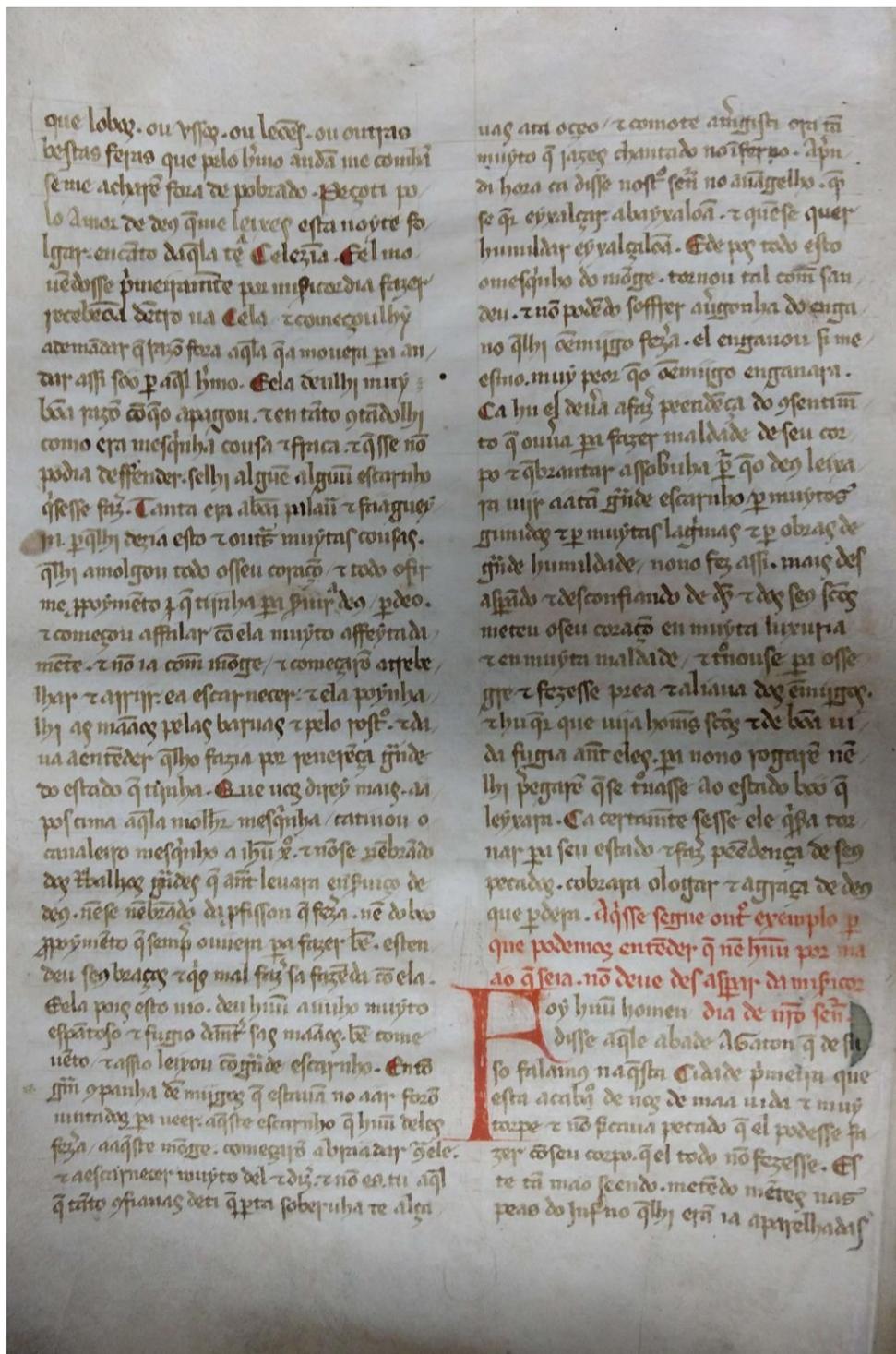
Aqui se segue hum exemplo per que nehuun por boo que fosse devua a confiar se
sy meesmo, mais estar sempre com humildade e en temor en Deus

f. 44



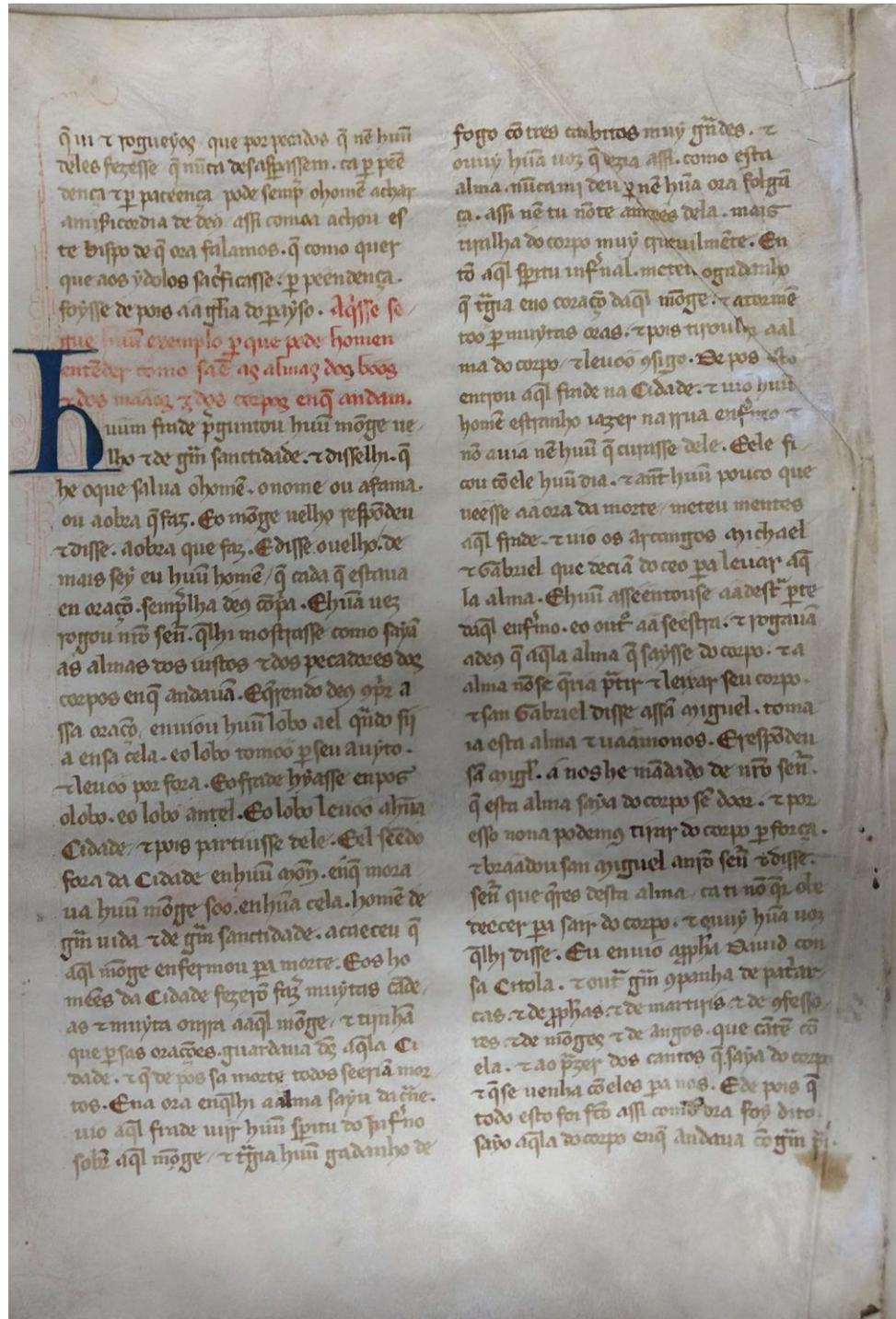
Aqui se segue hum exemplo per que nehuun por boo que fosse devua a confiar se
sy meesmo, mais estar sempre com humildade e en temor en Deus

f. 44v



Aqui se segue huun exemplo per que pode homen entender como saem as almas
dos boos e dos maaos e dos corpos em que andam

f. 52v



Aqui se segue huun exemplo per que pode homem entender como saem as almas
dos boos e dos maaos e dos corpos em que andam

f. 45

tomou seu padre. assegurou pa tallar d'le
nha cõela. e tingela de pois assen filho.
comoa soya atar. **E**l uynho cona lenha
e cona segur pua **C**ela do filho adem
tousse huun õmigo. e disse aaq̃l frade
filho do homẽ bo. ueo ali uẽ huun õmigo
õu semelhança de teu padre. e tije hũa
segur astanduda. e uẽ parte matar ma
is tu leuãtate agũa e saay aele aaca
õmigo e frade. aq̃ el an q̃ria frade. **O**
u de uynho seu padre. cona lenha e cona
segur assi como soya pua **C**ela de seu fi
lho tomou hũa õsillo assegurou mui tra
õmigo e frade cõela e matou. **E**õ frade
maõ õlhesto frade frade. achegouse logo a
el e affigou. **P**er este exemplo que
se segue aparece que uynho apofey
ta a homẽ aas negadas gaanha pa
pua de seu amigo pque se possa gu
ardar de seu mal.

O abade aracapo moçado seu enhuã
õm parte do destro pu nunca ho
me adur andaua. ca na out pre do de
stro q̃ estaua soele mozaã mui tras fra
des. **E**õ moçado ele huã uegada seu o
lhos escoutou acançeta. uõ õmigo
uõ ensegura domẽ e passar pãit a
sa **C**ela e semelhaua q̃ andaua uesti
do dũa camisa uelha de lyntho todo ho
ta p mui tras logares e p todos loga
res q̃a camisa era pta. leuaua seu
vasõ cassados enq̃ leuaua mui tras be
uetes e desuayados. **E**õ abade araca
po õpõitrou e disse hũa hu uasõ ay mes
õmigo. el respondeu uou mozar cõnos
frades q̃ uue en este out hmo. q̃ esta
so este out hmo enq̃ tu mozas. **E**õ abade
aracapo hũa disse. e esses vasõs todos q̃ le
uas pu q̃ son. e ele disse leuo hũa aõc fra
des q̃ beuã. **E**õ velho hũa disse. en cada huun
deleg leuas beu estremo. e ele hũa disse.
en cada huun. ental q̃ se huun beu nõ puguet
aaq̃l queo eu det. dũ hũa out. e selly aq̃
le out nõ puguet. dũ hũa out. e assilly
puaõy today. ata q̃ ache algũ õmigo pza.
Eõ õmigo esto disse. fosse pa cançeta.
Eõ abade metia semp mietes nacançeta
pu ueer q̃ndo tornaria õmigo. **E**õ uado
õmigo uõ disse hũa. aias saude. **E**õ õmigo
responden. ondeõy pode aõm uõ saude. eo
frade disse. e pã q̃ dizeõ esto. eo õmigo respo
den. pã q̃ todos frades aque eu frade. estã ora
en santidade e nõ huun nõme q̃ õsentir. **E**õ
abade hũa disse. ergo nõ aq̃ hũa uõ huun amigo.
Eõ õmigo respondeu. eu es hũa huun frade so
q̃ come e õfente q̃ntolheu digo. e cada q̃me
uee. tornasse pã m̃j come ueto. **E**õ abade
hũa disse. e como ha nome esse frade. e el
responden **T**eotisto. **E**õ pois q̃ esto disse. fosse
seu camõho. **E**õ abade aracapo partio
sse de pois de sa **C**ela. e ueosse pu aq̃le hũa
hu mozaã õs frades. **E**õ pois õs frades õmigo
põ diz q̃ oabade aracapo uynha. saõitrou
apreceloto cõ ramos de palmas. e cada huun
guõfama sa **C**ela mui be. ca nõ sabã aq̃l
reles oabade aracapo q̃ria ficar. **E**õ pois
q̃õ abade fosse ant eles põitrou que era aq̃l
frade q̃ aua nome **T**eotisto. **E**õ pois õõõho
ceu fosse pu sa **C**ela. **E**õ **T**eotisto õfere
beu mui be e cõõm pãer. **E**õ pois q̃ seõõõn
falãdo coufas de grã segredo. disse oabade
de aracapo a **T**eotisto. frade comõõ uõõ

Por este exemplo que vem adiante pode homem entender que per propoymento firme de fazer bem pode homem ser salvo

f. 54

Deuça he saúde de todas as fiças. e madre de todas as virtudes. obedeça abra oze e no dos ceos. alça o home dos peccados teptates. **Per este Exemplo q ue adante pode homem entender que per propoymento firme de fazer he. pode homem ser salvo.**

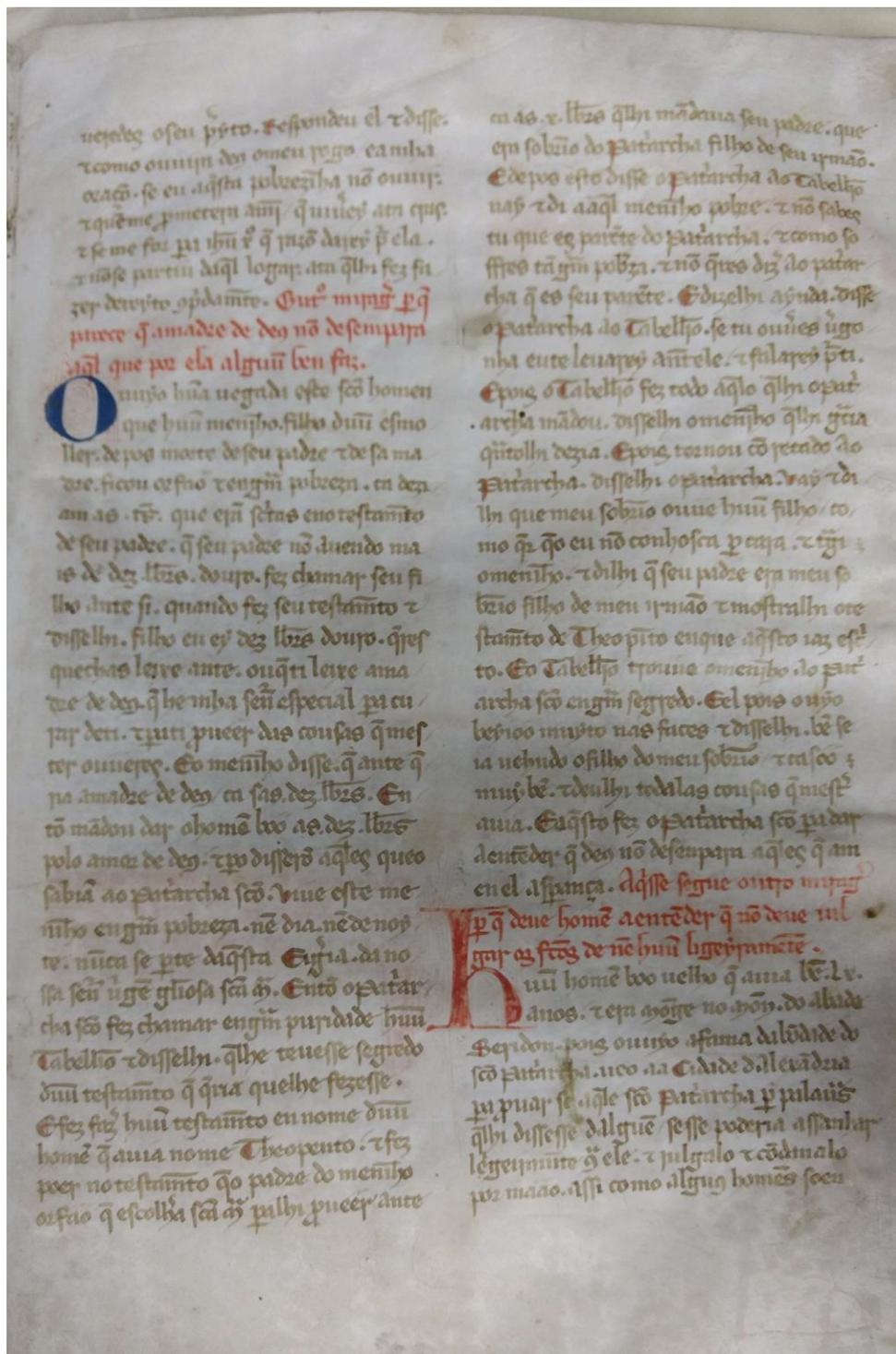
Hos huū aualeço nōbi e muy rico. mais pō era homē de uua glia e muy sobuboso. nō orana deū nē os seos seos. se nō seo aa uge gliosa scā dī e scā angē. e este p segrua aqtes q adō suua e destpō aē Cyrias eos axetos en que raziā os amigos de de. e assi como obco crece de uinde enūdade. assi aqste men guana de bondade uido cada dia. e dūa malade en out. Chūa uegrada aydūdo nos maiores feds q fūra. e q dē qō nō aua muyto de soffier. e stādō se ma puulhando polas obras q seza tā mang etiā e tā muytas. começou assospiar pola glia do pauryso. e seendo huū dia comēdo assa mesa. começou acuydar. q sezeisse huū ayon. enhuā sa possison gūde que aua. e uehōuse q em lo gar muy guysado e muyto apartado pū fūico de de. E de puz q comeu fōy cō huū pūco de aualles ao logar. nō dytēdo anē huū odesio q aua. e cō siffoū todo ologar. e achou q assi era e como aydyā. e ficou en muy ledo. e disse en seu coraçō. se deo qf compr omeu desio. na qste logar fūtes en manuūly ofo ayon. e cōrou en seu coraçō os fūtes que hū uuepā. eo abade q hū a uepa e se uoto adō. q naql logar

entruya el per aronge pū fūir adō. e faz en menda dos seos peccados q aua seos. De puz esto tornouse pū sa casa. e meū logo enhuā en fūidade tā gūde de q moçeu. E os seos pūetes e os seos amigos. e os outz queos conhoçā. des assua de sa saluaçō. por q hū uio sem pre faz maas obras e nūcallū uyon faz enmēda. E pūo a alma se partio do corpo. ueçō os emygos do hage da Dūm. pūly leuare a alma pūo Infno. e ueo de puz o angō sem angē. q el mu ito fūira de ment uua e dyse. nō se m estā alma en uosso poderro. e teleg di seçō. se de he pūy dō. aqsta alma nō sū seçm. pūq cōpūo nōssas obras e moçeu en elas. Eo angō lūo traba lhōuse de enuap. se aua en el alquāly. e nō achou se nō lūo pūoymento e fūe. e lūo desio que ouua pū faz huū ayon. enhuū seu logar. e enuap hū por moçe. e assi acubū seu tēp. e tomou huū Cū gula e pūly o ayalo na calca e dyse. Vos sēs mōos. eo uolo moçe de ihū e. q uos nō sabades. e tomouly a alma con gūm gouuho. e fōy se con ela pū opūy so. **Per aqste exemplo que se segue pode homem entender. q pū nō pūer aquellū fū mal. leuā deo caer en gūm pūoyto de sa alma e dū sa cō.**

Entreya Dūmēte fōy huū etigo de anissa que ouue nome Sapūcio. e huū leygo q ouue nome Chāfōro. estes se amauā muyto e uueçō muy tos ānos en senbra come amigos. Acabō de tēp cōmygo do hage de deo. meteu

Aqui se segue outro miragre per que deve homem a entender que no deve julgar os
feitos de nehui ligeiramente

f. 61



Aqui se segue outro miragre per que deve homem a entender que no deve julgar os
feitos de nehui ligeiramente

f.61v

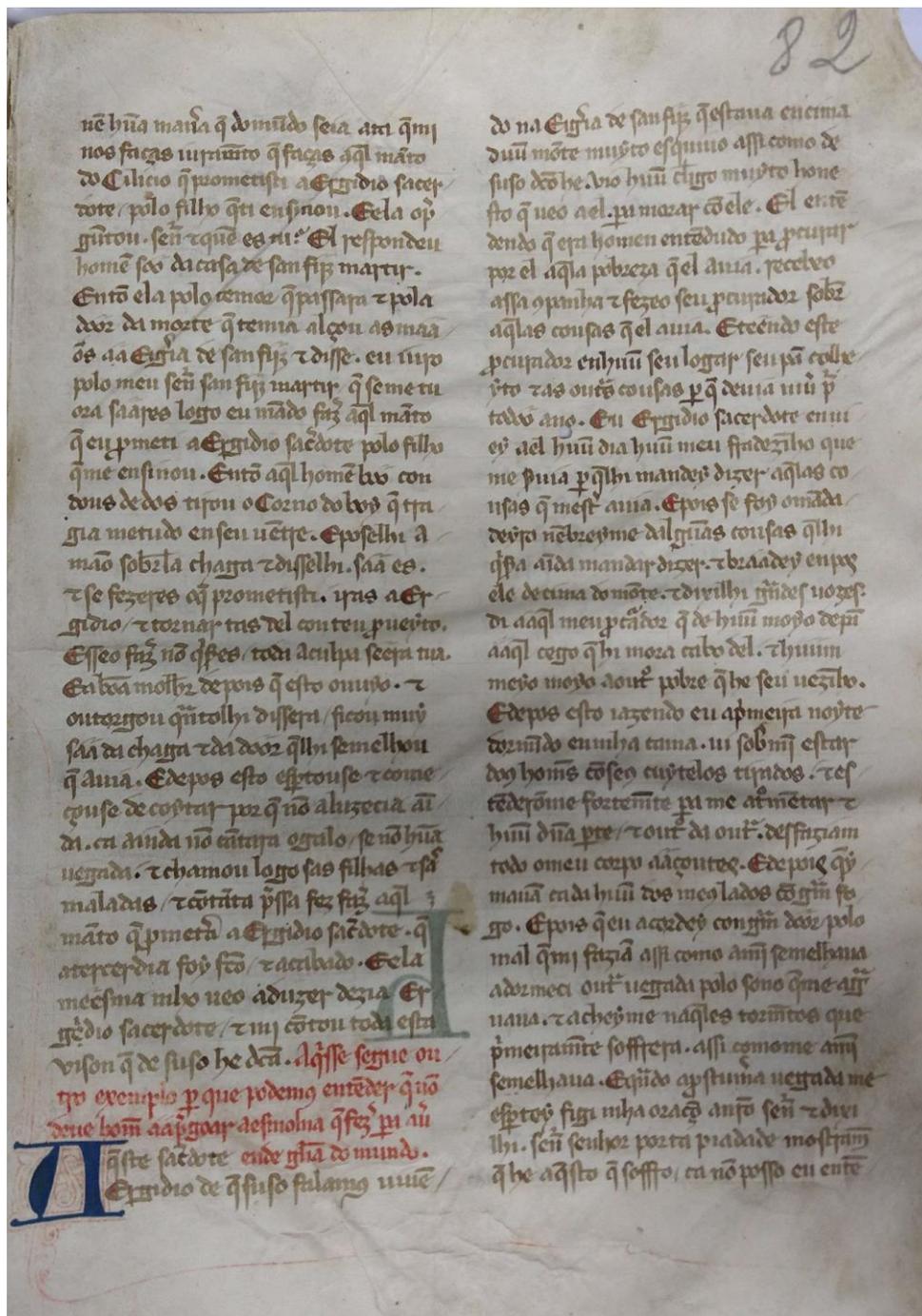
fazer quando ouue algum mal dilgue.
Eu uede na Cidade de Tulerandua. escru-
ueu todas aqilas molhres que qñ conho-
guidis por mais de ses corpos. e de dya
fazia sas obras e uendiaas. e qñdosse
quia per osol comia hua die pñdi di-
re moços. e todo aal q gñalhaua qua-
pñuao. e cada hua acñdi hua diqilas
molhres de que falamos. hua noyte
ahua e out noyte. aaout. e dya dany
tu estu noyte e no queyris fiz maldade.
e euti dany tñto qñto toda a noyte ti-
tupã por teu corp. Cele metiaste na
casa con ela. pa no fiz ela maldade co-
out. E de pñs que começaua en noy
tecer. pñbuisse en cñto di casa diqila
molhr. e estana hi areena manhua
co muytas lagrimas e co muytas ora-
çes que fazia. e ante q se ende partisse.
pmetialhi aqila molhr eu aua estena
de noyte oqando queo no descobrisse.
E assi como hua noyte estana en casa
dñã. assi as out noytes estana en ca-
sas das out. E assi comolhi hua pme-
tia queo no descobrisse. assi ho pmetia
as out. Cele assi uiuendo. hua diqilas
molhres descobrio eusa uida e disse. que
no eutana de noyte a elas assis casas
pa fiz maldade. mais tñgelas aboy es-
tado. E el resoulli por qo descobrio e fiz
si oraçõ adeo cõtra aqila molhr. qo desco-
briu. e logo oemigo antigo. do hagem
de a dñã. euti en ela. e fizaa tocer muy-
laxante. E por esto se guar. dya as ou-
tras desali adente q nũcas descobriu.
diqilas oraçes qñhi uiam fiz de noyte.

e diqilas lagrimas qñhi uiam dya.
Ealguis diqles q era na Cidade de dya
aaqila enq oemigo eutana. por q meñs
ti. escusando este maõ moçe. dizendo
que no uinha assis maldade cada noy-
te co uos out. por tñto eutou euti
oemigo. e aozimute assi como uees.
Eo ses homen aq dya vital. no aua
cuydo di qñha e do louco dos homees.
e pagauisse mais. q p seu bo crepulo
q aua aqilas molhres maõs. salua-
sse as sas almas. E por esto seu ugo
nha dya aqilas qo deostaua e que
estarnera del. E cuydades uos q no he
dey qñdo aoues homẽs se no aos mon-
ges. e no ueedes q assi am eles corpos
come uos. e assi son homẽs come uos.
Eaqles que lhi esto ouuã dya dya.
alude vital. wis te no podes guardar
de peccado. toma hua molhr. e muda
tey pños e no auera os homẽs pñon.
de deosture deo porri. como deostam
e no se escandalizaa euti. assi como
escandaliza polo mal q cuydi q fazes
cada noyte. Cele demonstranalhis co-
me sanhuo como qñ qo no fosse e de-
zia. uidei pñnte no fuzey oqñi dize
des pñt de uos demj. Eõ ey eu ora al-
te fiz. pa uos no escandalizades uos
e auela de marcey. e leuay maõz dias
co ela. que se qñ escandalizay escanda-
lizasse e de cona resta na pñte qñe
qñedes uos. no sedes uos meõ uizes.
Dey soo he oqñe ha de julgar. auede
cuydado de uos e no demj. no auedes uos
reday pñõ adeo porri. hui he oqñe

Hijos deus. e for fiz seu puer. assi como
 ama faga. **Outro Miragre.**
Hum Conde q' ama nome Eugenio.
 ama hum seu puo. epa malperto
 do emygo. gñ de tēp' ama. Cissi entpa
 ua no seu corpo cada q'lh' semelhaua. co
 mo cada hum' homē entpa enfa casa.
 Epou omostapō a scō Emelha. p' uide
 to muy p'oso des nost' seu s'ra x' sicou
 fado e saluo. **Outro Miragre.**
Que posso dizer de senadozes. E po
 riam Ep'osepa sa molhz. se nō q'
 assi como epa uirtude p' hum' casamento
 rassi como p' sas uirtudes que deuē aān
 omepido camolhz epa hum' corpo. assi an
 lex' ama hum' emygo q' en eles entpa.
 Este emygo cuidaua q' uēgū nō ama
 deyrto sobz los seos corp' e se nō el se. E
 poie anday p' muyros fōs q' epa endes
 uayndas reyras. rassa doença eo seu mal
 teles for' ap'gado p' aqlas reyras muy
 ms' de suap'adas. p' q' eles anday p' di
 do mēte aos fōs q' naqlas reyras ama.
 aa cima tūueyōnos aadste g'hofo sed
 Emelha. Eles poie os uyo. mandou ao
 emygo q' enos for' carpes andaua. q' se
 partusse teles. Eo emygo nō podendo es
 tar q' nō fezesse seu mandado. partusse
 tos carpes enq' andaua. Epou se eles
 sentyōn luyes do mal que ama. depn
 g'g'as e louuozes ao Rey dos Reys q'
 rras maynilhas fiz fazer polos seus
 seruos. **Outro Miragre.**
Hua manceva q' ama nome Concha
 filha diu' gñ puado del' Rey. epa
 mal t'p'ra do emygo assi q' qñdo en
 ela entpa. todos nēbros q' no seu co
 po ama. epa t'p'ras do seu estado. e nō po
 dia uoygar nē mandar uē huū teles. Ep
 is atpoueyōn ant' ofuo de deo. pedyōn
 lhi p' mēte q' saasse aql' mal q' ama.
 r ele fez elhi enfa fronte. ofinal da q' ruz
 e for' logo saā. **Outro Miragre.**
Honorio Senadoz ouue hua casa en
 q'lh' fuzia emygo muyto noio. ca
 tā t'p'ras fōs e tā est'nhos fuzia emy
 go cada dia naqla casa. lē come se el fōs
 se moeadoz en ela. Edeyr tamēte assi pa
 recia p' feto. ca no tēp' q' aql' honorio co
 mia. tomaua aql' emygo os ossos das
 animalhas moztas e muytas uegudas
 os seos est'fos e p'p'nhalhos deite. e ouy
 coufas muy t'p'ras e de gñ fedz lhi uyn
 lhi cada dia deite. Equē podera soffrer
 omal q' en aqla casa emygo fuzia cada
 dia. ayuytas uegudas acocceu q' denos
 te qñdo os homēs e as molhzes q' naq'
 la casa darriam e ruziam en seos leytos.
 ou enfas amas sen uestidura nē hua.
 uynha emygo e tomauall' as uesti
 duras dos loyres enq'as tynha. r p'
 arauas do Testro diqla casa p'as non
 podere achay qñdoosse leuāmsen de de
 my rassi ficassem en uyonha. Epou
 e seyadoz honorio uyo q' t'ito mal e tā
 tas de sompas e tātas noios recebia ta
 di dia enfa casa p' este emygo nō soube
 at que fezesse. se nō que enuyōu p' san
 aelha de que ama se op'da q'lh' podera
 entā gñ coita soffrer. Eel mādou lhi
 bestas e carretas enq' ueesse. eo seō ho
 men pois soube offeo todo por q' man

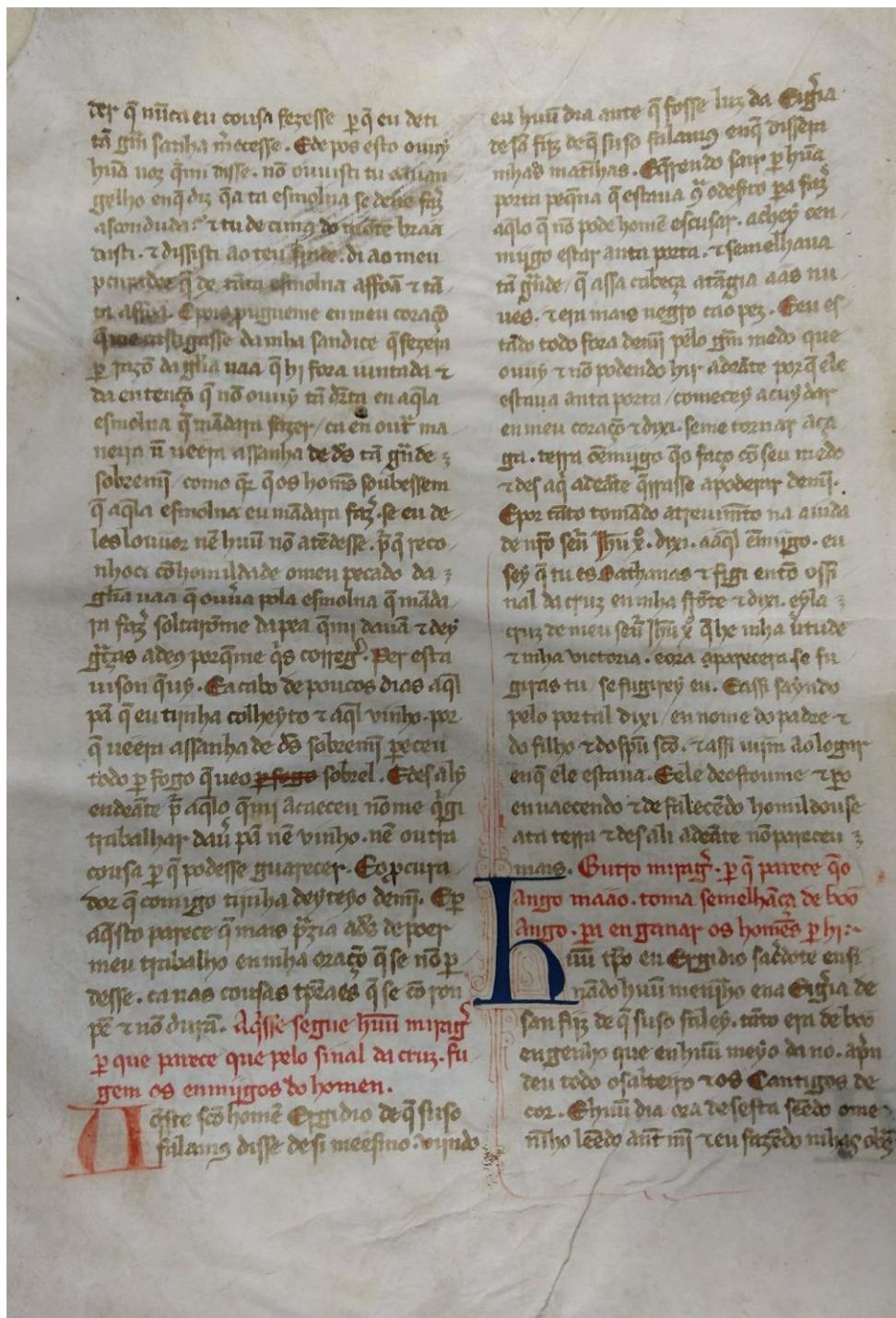
Aqui se segue outro exemplo per que podemos entender que non deve homem a
apregoar a esmolna que fezer para aver ende gloria do mundo

f.82



Aqui se segue outro exemplo per que podemos entender que non deve homem a
apregoar a esmolna que fezer para aver ende gloria do mundo

f.82v



ANEXO II

Tabela I – Ms 01 OBR/BCE/UnB

#Legenda	Página	Resumo	Discipulo do Diabo	Engana	Vitima	Tipo de Erro	Inimigo	Ação do diabo	Elemento Jurídico	Ativo	Esforo	F. Política	F. Coerciva	Enganador	Diabo reconhece seu lugar Político	Observação
Milagre (Vida de São Macário Monge do Egito).	56	Um homem santo tinha sua filha doente, a levam ao santo. Dizem que uns homens maus a transformaram em animal . Macário a observa e diz que não há sinal de besta na menina, mas o que vêem é causado pelo inimigo.	x		Menina		x	x			x			x		
Santa Paaya.	61	Era uma mulher que pecava muito e acaba virando monja, anteriormente se chamava Margarida. Discipla do diabo. Ele reclama que ela mudou de Senhor.	x		Mulher pecadora - > monja	Discipula do dema	x	x	Já te neguei e Nego novamente	x	x	x				
Vida de São Somão Monge.	73	Depois disso, outorgando Deus que o inimigo tentasse, nasceu uma ferida na coxa assim que lhe caíam muitos vermes.												x		
Milagre (São Simão).	77	Homem por conselho do inimigo abre a tumba de sua mulher e cumpre seu desejo. Só volta a falar com a chegada do corpo de São Simão.		Homem	Conselho do inimigo		x			x						

Aqui começa o recobrimento do erro que os monges por pendenza recobram.	78	Um monge queria casar com uma mulher. O Pai da mulher fala com seus deuses que dizem "o monge só poderá casar com sua filha se renegar deus, o batismo e sua ordem". O monge renega, mas sai uma pomba de sua boca e voa até o céu. O diabo diz que não vai aceitá-lo, pois seu deus ainda o ajuda.	x		M on ge	Luxúria	x		Deus ainda o Ajuda	x		x			x		
Aqui Começa o recobrimento do erro que os monges por pendenza recobram.	80	Um monge bom por conselho do diabo passa a achar que não deve seguir ninguém. Sai da ordem e vai para o deserto, o diabo tenta jogá-lo no lago, mas deus o salva. Arrepentido resolve cumprir o desejo do diabo e se mata, Deus misericordioso o salva.	x		M on ge	Conselho do inimigo	x	x		x	x			x			O diabo quer que o homem morra, pois seguiu se conselho e a alma ainda não se redimiu. Dessa forma o monge iria para o inferno
Milagre.	82	História de um menino que o pai tinha um templo pagão. Um dia ele dorme dentro do templo e vê Satã conversado com os diabretes. Os diabretes contam seus feitos, mas todos o diabo acha que fizeram pouco... Homenagem e vassalagem.					Sath anas e inim igos	x		x	x						Tentar os monges é o trabalho mais difícil
Do recobrimento que os monges faziam por pendenza do seu erro.	88	Dois monges foram movidos pelo inimigo a saírem de ordem e romarem mulheres. Depois se arrependem e fazem penitência.	x		M on ge	Conselho do inimigo	x	x						x			

Primeiro mandado.	90	Se crer nessas coisas de todo seu coração e de toda sua alma e de todos seus desejos e não tema, logo te ajudará. E se nisso crer terá ajuda dele contra seu inimigo e haverá vitória, quero dizer, vencimento e saúde <i>insecula seculorum</i> amém.	x									Mandado para crer em Deus
Segundo Mandado.	90	Tenha simplicidade, que quer dizer, sem maldade... O mau espírito faz o homem injuriar o injuriado do inimigo e que não quer paz, mas danação.	x									O que o diabo quer
Quinto mandado.	91	Seja largo de coração que vencerá a maldade. Se não deixar os maus feitos e os maus espíritos não terá lugar limpo a sua vontade. Se o mau espírito entrar no homem, é impossível que não confunda tudo. A grandeza de coração cria a loucura e da loucura a amargura e da amargura a grandeza e a soberba do coração....	maus espíritos		Quando diz que o homem que abre a alma para os maus espíritos não anda mais com Deus e é permeado pela maldade							Aqui há demacração das jurisdições. O homem pode andar com o diabo, ou com Deus.
Sesto Mandado. Da obra de cada huua que suso sô dictas.	92	Ora sobre as obras do anjo mau a primeira é a ira e a outra amargura, a outra loucura e todas suas obras são más e torvam os servos de Deus. Então o homem santo ensina a entender estar sob a influência dos maus espíritos...	Anjos Maus		Explica como são as influências de cada "jurisdição"							

x	102	"Mas os de pequeno coração e duvidosos que agora o inimigo espanta... E não servir o homem e ao mesquinho inimigo.													
Como dois homens moravam no ermo sem celas e sem choças e eram chamados ermitãos e nunca moravam e lugar certo.	107	Disse Valério a Santo Ordoono que era entendido dos sabores do mundo. Temendo o dia do juízo resolveu entrar para serviço de Deus. O inimigo não o deixou entrar no mosteiro.... Várias investidas	x	Resolve entrar para mosteiro	x	x		x	x			x			Grande Esforço
Aqui se começa a vida e a morte de outro monge que houve em um mosteiro que dizem Caulimana que é na província de Lusitânea perto da cidade de Merida.	120	Buscou tentar os monges do mosteiro de Caulimana e não pode, pois estavam sempre em temor de Deus. Antes disso achou um monge em quem meteu tentações. O abade percebendo que não podia corrigi-lo deixou-o livre para errar. Até que se arrependeu e J.C piedoso o aceitou novamente.	x	Monge	Grande bêbado e grande ladrão	O inimigo da linhagem de Adão	x		x	x			x		
Aqui se começa a vida e a morte de um Santo abade que teve o nome Nauto	122	Os homens que mataram o santo foram presos pelo príncipe Godo que era da seita dos arianos e disse: aquele era homem de deus e deus deve ter sua vingança. Assim que foram soltos os inimigos da linhagem de Adão entraram em seus corpo e tanto os atormentaram que as almas saíram.		Homens	matar o santo	Da linhagem de Adão	x		x			x		Aqui ele pune quem matou o homem Santo	Reconhece Deus como autoridade

Aqui se começa em como aquele bispo passou deste mundo e foi-se ao Paraíso.	129	Um barão religioso acordou no meio da noite e foi para a igreja de Santa Maria. Ouviu um grande coro de Santos maravilhosos. Mandam os diabos manterem o bispo e eles tem dificuldade (precisam da permissão de Deus).		Hor da Infernal X	x	Apenas com a permissão o de Deus podem entrar no quarto do Santo	x		x			x	Aqui a função política está presente, pois o diabo cumpre a função de vassalo de Deus. Faz a vontade de seu senhor e só entra no quarto quando obtém sua permissão
Aqui começa a vida de são Mason, bispo da cidade de Merida	133	Porque o inimigo da linhagem de Adão não lhe podia fazer mal mandou que outro o fizesse....	Monge	x	x	Como não pode prejudicar diretamente o santo manda um emissário							Sim, ele sabe que não pode tentar
Aqui se segue um exemplo pelo qual o homem pode entender que poucos são os monges como que tragam as cogulas.	147	"E porque osmeu que quando era tentação que vinha do inimigo lidei por cinco anos com meu coração para não andar devaneando a ermo e deixar minha cela na qual fazia proveito de minha alma.		x			x						O santo conta que foi tentado pelo diabo, mas resistiu
Aqui se segue outro exemplo pelo qual podemos entender que não é segura a moral da mulher e do monge.	149	Jovem e padre pecam por forte tentação do inimigo. Vão até o homem Santo que os ensina a não cair nas artimanhas do inimigo que o homem não vê. Trabalhou com cada um deles para não caírem na tentação da carne.	Jovem e Padre	Luxúria	x	x			x				

<p>Por este exemplo pequenino que se segue parecer que o inimigo não pode sofrer humildade.</p>	<p>158</p>	<p>Um homem era maltratado pelo inimigo que o fazia espumar e torcer. Um dia vendo um velho que morava sozinho no ermo deu-lhe uma bofetada na face e imediatamente o velho lhe mostrou a outra face. O inimigo que andava no homem, não podendo sofrer a humildade do monge, partiu-se logo dele.</p>	<p>x</p>	<p>x</p>		<p>x</p>									<p>mais, ou menos</p>			
<p>Aqui se segue um exemplo por que nenhum ninguém por melhor que seja não deve confiar em si mesmo, mas estar sempre com humildade e temor a Deus.</p>	<p>158</p>	<p>Um monge bom e dedicado, um dia o inimigo tomou conhecimento de sua soberba, trabalhou no coração do monge para que esquecesse a vida que levava anteriormente. Aparece uma moça . Se inflamou de desejo por ela e tentou toma-la nos braços. Ela fugiu e uma horda de inimigos que estavam no ar foram juntos para ver o escárnio que fizeram com o homem e começaram a gritar e escarná-lo. Grande discurso sobre a soberba e vergonha do monge.</p>	<p>De certa forma sim, ele deixa se ser um homem santo</p>	<p>E como engana</p>	<p>Monge</p>	<p>Soberba</p>	<p>x</p>	<p>x</p>	<p>"Se tornou preza e alaiava dos inimigos " "Poderia voltar a graça de Deus que perdera"</p>	<p>x</p>	<p>x</p>	<p>x</p>	<p>x</p>					

<p>Aqui se segue um exemplo pelo qual podemos entender que grande proveito o homem tem em ir a igreja e ouvir com devoção as coisas que lêem, muitos corrigem seus estados por aquilo que ouviram</p>	163	<p>Paulo contou o que um dia viu na porta da igreja: Ele viu um homem negro e envolto por muitos inimigos e quando o viam os anjos choravam. Quando ele saiu da igreja reluzia, era claro e os inimigos saíam tristes e quebrados enquanto os anjos brilhavam.</p>	<p>Aqui percebemos a influência causada pelo diábolos e a influência causada pelos anjos</p>	x			x									
<p>Aqui se segue um milagre no qual podemos entender que muitas vezes Deus faz algumas maravilhas por alguns homens bons porque têm humildade e confiança em si.</p>	169	<p>Um pastor que tinha o filho com a face nas costas por obra do inimigo. Foi até o abade e ele curou seu filho “Salva, senhor, que as obras do inimigo não tenham poderes sobre ela”.</p>		x												
<p>Aqui se segue um milagre, nele podemos entender que os inimigos obedecem os santos</p>	171	<p>Um dia um monge velho foi a Sicília e ficou hospedado em um local que moravam uns frades, sentindo piedade do homem lhe deram um pouco de vinho para beber e percebendo que o velho levava uma vida muito santa levaram um homem até ele. O homem era maltratado pelo inimigo que falava por ele. Vendo o santo o inimigo falou “Foi este bêbado que me trouxeram para me obrigar a sair desse corpo?”. Por humildade o velho bom não queria expulsar o inimigo do corpo do homem, mas os monges o convenceram e ele falou que, pelo nome de Jesus Cristo, antes que terminasse de tomar o vinho o espírito mal sairia do homem...</p>		x	x	<p>Ele reconhece a santidade do homem e sai. O nome de Jesus também é significativo para ele sair do corpo</p>	x					x				

Aqui se segue um exemplo, nele o homem pode entender como saem as almas dos bons e dos maus nos corpos em que andam	175	O frade viu um espírito infernal sobre aquele monge, o espírito segurava um gancho de fogo como 3 garras longas e falou " Como esta alma nunca me deu nenhuma folga, assim nem tu não sintas misericórdia dela, mas tira-lhe do corpo cruelmente".	Monge		espírito infernal	x	Ele justifique porque pode atromentar aquela alma	x		x	x		x		
Está junto ao milagre de cima, mas parecece faltar um pedaço.	177	Um pai foi catar lenha e logo adiantou-se o inimigo falando com o filho do homem. Falou para o menino que o homem que chegaria estava disfarçado com a aparência de seu pai, mas era o inimigo, e que vinha matá-lo, aconselhou que o menino o matasse antes. Seguindo o conselho do inimigo o filho matou o pai. O espírito mau apareceu e o afogou.	Lenhador	Conselho do inimigo	Inimigo e espírito mau	x		x	x			x			
Por esse exemplo que se segue aparece que muito aproveita o homem as vegadas ganhar palavra do seu amigo pelo que se possa guardar de seu mal.	177	No deserto Macário reconheceu que um homem era o inimigo e perguntou onde ele ia. O inimigo respondeu que ia morar com os frades que vivem em um lugar ermo. Ele levava muitos vasos com diferentes bebidas para convencer os frades a beberem...	amigo do inimigo - bebida	Monges	Bebida	x	x		x				x		Santo atrapalha o diabo

Por este exemplo aparece que se o homem cuidasse mais os anjos bons que che dão por aquele que é tentado os inimigo que o tentam não podem vencer se não que lhes quer deixar vencer daria pouco pelas tentações.	180	O abade Moises era muito tentado e foi procurar o abade Osidro que o levou para sua casa e o mandou olhar o ocidente de onde vinha a horda de inimigos para tentar os homens. Depois mandou olhar para o oriente de onde vinham os anjos..	x	Abade	x		Cada um vem com uma função (anjos e diabos)						De que lado os inimigos chegam e eles cumprem sua função assim como os anjos cumpre suas funções.		
Aqui se segue um exemplo por que Deus guarda o coração de seus servos que fazem oração com o coração.	183	O discípulo do monje foi mandado por seu mestre a ir a vila, mas temia que por ação do inimigo cairia em tentação. Então seu mestre diz "Orarei por ti e meu senhor Jesus Cristo te protegerá".			x								Medo do diabo e oração usada como escudo		
Por este exemplo que vem adiante o homem pode entender que se for propriamente firma em fazer o bem pode salvar o homem.	186	Era um Cavaleiro nobre e rico, ele não orava a Deus nem aos seus santos apenas a Santa maria e a S Miguel... Se arrepende e deseja construir uma igreja, mas morre antes de ficar pronta. Disputa pela alma.	De certa forma sim, ele estava no poder do diabo e passa para o poder de Deus	Ca val eir o no bre e ric o que e não o ora va a Deus	Persegui a os servos de Deus	Inimigo da linhagem de adão e espíritos maus	x	"Se Deus é juiz direito". Além dos anjos precisamos procurar se há bondade na vida do homem para ele merecer subir aos céus	x		x				
Por este exemplo que se segue pode o homem entender que se não perdoar quem lhe faz mal Deus deixa sua alma e sua carne cairem em grande perigo.	187	Dois homens que eram muito amigos até o "inimigo da linhagem de Deus" meter discórdia entre eles. Depois segue uma longa história e por fim um dos homens conversa com Deus.		Dois homens	Discórdia	Inimigo da linhagem de Deus									

<p>Aqui se segue outro milagre pelo qual o homem deve entender que não deve julgar os feitos de ninguém ligeiramente.</p>	205	<p>Na cidade de Alexandria viva o homem santo chamado Vital. De dia ele fazia suas obras boas e a noite ele ia até a casa das prostitutas e passava a noite toda chorando e orando por elas...</p>	<p>Desobedeceu o santo</p>	<p>inimigo a linha gem de Adão</p>	x					x		x	<p>Ele obedece Deus mesmo que seja para fazer algo que teoricamente não combina com suas ações: Vingar um Santo.</p>
<p>Aqui se Seguem umas santas palavras que diziam os monges para que o homem possa entender que não deve prolongar de dia em dia sua penitência e que deve cada dia lembrar do mal e do bem que faz.</p>	216	<p>Sempre fazer a vontade de Deus: E assim como ninguém ousa fazer mal a aquele que está sempre ante o imperador, assim o inimigo não pode prejudicar aquele que sempre assim está chegado a Deus.</p>	x		<p>De certa forma. O diabo não pode atuar contra aqueles que trabalham com Deus, pois pertencem a Deus</p>								
<p>Aqui se segue um exemplo pelo qual podemos entender que todo prelado deve ter grande cuidado com a vida que fazem os seus sujeitos...</p>	218	<p>O anjo diz ao Bispo: Os inimigos são muito fortes e arteiros, os homens doentes e fracos, é por isso que os perdoa.</p>											

Aqui se seguem dois milagres que Deus fez por santo Emiliam em sua vida.	236	Um dia o inimigo da linhagem de Adão apareceu no caminho de Emiliam e começou a falar "Se quiser, lutaremos ambos e veremos quem pode mais. Assim achamos no velho testamento que Jacob lutou com o anjo". O inimigo ainda não acabara a palavra quando começou a fazer de tudo para derrubar o santo. Percebendo que não poderia vencê-lo, Emiliam chamou Jesus Cristo para socorrê-lo.	Santo	Inimigo da linhagem de Adão	x	Ele usa o velho testamento (tradição) como justificativa)	x	x								
Aqui se segue outro exemplo.	236	Um monge de nome Armetatio estava doente. Vindo a ele como um físico que lhe dava conselhos (quem? O Santo? O Diabo?) ele logo fez o sinal da cruz e a doença partiu.														
Outro milagre.	238	Um clérigo era maltratado pelo inimigo. O levaram até santo Emiliam e o inimigo tentou falar com ele. O santo mandou o homem se calar e saísse do clérigo e o desobediente obedeceu.		x			x									

Milagre.	238	Um homem bom era maltratado por inimigos, um dia o levaram até o santo Emiliam. O Santo perguntou quantos inimigos o atormentavam e o homem respondeu que eram cinco, eles se chamavam por cinco nomes diferentes. Então, o santo mandou que por virtude de Jesus Cristo eles saíssem do homem e com grande barulho e grande espanto se foram.	x			x							
Outro milagre.	238	Outro homem atormentado pelo inimigo e São Emiliam o espanta.	x			x							
Outro milagre.	239	Assim como a mulher e o homem eram um corpo no casamento dois homens tinham um inimigo que os atormentava. Esse inimigo cuidava que mais ninguém tivesse direito sobre seus corpos. Eles andaram por aquela terra e pediram ajuda de muitos santos, mas seu mal se espalhava como uma doença. Um dia foram até santo Emiliam e ele viu os inimigos e mandou que partissem dos corpos, e eles partiram.	x		"O inimigo se empenha para que mais ninguém tivesse direito sobre aquele corpo"	x							
Outro milagre.	239	O santo tira o inimigo do corpo de uma mulher filha de um nobre.	x			x							

Outro milagre.	240	Honorio, senador, tinha uma casa na qual o inimigo fazia muito nojo. Quando as pessoas dormiam ele colocava suas roupas no teto para que não encontrassem e ficassem muito envergonhadas...	x	x											
Outro milagre.	240	Um dia santo Emilian ficou em uma casa que habitava grande companhia de homens treitos dos inimigos. Quando o santo dormia, os inimigos dentro do corpo daqueles homens, tomaram fochas de fogo e puseram-na no leito do homem, mas quando se aproximavam do santo elas perdiam força...	x	x											
Outro milagre.	243	Teríamos muito a contar se disséssemos quantos cegos voltaram a ver e quantos maltratados pelo inimigo ficaram sãos.	x												
Aqui começa a paixão ou o demonstramento dos 7 santos dormentes que depois que conheceram nosso senhor na cidade de Epheso dormiram 374 anos.	248	"E Deus te guarde de todas as tentações e dos laços e das batalhas do muito mau inimigo.	muito mau inimigo												
Aqui se segue um exemplo de como o inimigo tira os homens que fazem penitência ao estado do mundo e de que maneira volta a fazer penitência.	249	Depois de dois anos que Anthioco tornou-se bispo dois de seus homens, que viviam em seu mosteiro, foram para o mundo. Eles viviam os prazeres da carne assim como lhes ensinou o inimigo. Ele orou e Deus lhe deu uma visão...	x	mo ng es	Luxúria	x		O que é necessário sofrer para voltar à jurisdição divina					O que o diabo quer? Meter o homem no inferno		

Outro milagre pelo qual percebemos que o anjo mau toma a forma do anjo bom para enganar os homens.	256	Incompleto.															
--	-----	-------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Tabela II – Los Milagros de Nuestra Señora

# Milagre	Página	Nome	Resumo	Adjetivo ao Demo	Poder	Lu xúria	Furto	Perda da Fé	Outro	Discurso Jurídico	Ação do Diabo	Rico / nobre/	Ca val eir o	Cl éri go	Co m / u m	Bom / Cari doso	Ma l	Observa ção
2	15	El Sacristan Fornicador	Havia um monge e o diabo acaba tentando-o criando o desejo de fornicção. Ele sai louco do dormitório e acaba se afogando no rio. Os diabos chegam para pegar a alma e chegam os anjos também. Disputa.	*Enemigo mau de Belzebu Vicario *Sutil e Muito Puntero (certo?) *Cativa Bestia		X			Fica enloquecido e se afoga	Fizeram muy grand querella* Propus la Gloriosa * Maria chamada de Alcade derecho* su estu tak decreto por ti fuera falssado *A la sua audiencia	Levar a alma e negociar			x				E devoto
7	31	El Monje Y San Pedro	Monge que era mal ordenado e pecador morre sem corpus domini e sem confissão. Os diabos vem pegar sua alma. Era um monge do mosteiro de São Pedro e o santo vai a JC pedir que os diabos não levem sua alma.	Não					Era de puco sens o	Jc: Esse homem não fazia justiça *Jc: Não seria direito a alma de tal homem entrar em tanta folgura, seria menosprezar toda e escritura pela sua reza farei uma exceção.	Levar a alma			x			x	
8	35	El Romero de Santiago	Um homem antes de ser monge fazia muita festa e pecado. Um dia decidiu partir em romaria a Santiago. Os diabos o enganam - Disputa	Antigo sempre foi traidor e de toda maldade mestre sábio *Fino de mal sosacador (?) *Falsos Traidores *Enganador		X				*El juicio que te cortes los miembros * Tenedla a derecho *A la razon derecha *	Levar a alma, negociar e tentar			x		x	x	
10	44	Los dos Hermanos	Historia de dois irmãos um clérigo e	mortales enemigos *davam como alimento fumo e vinagre, feridas e pelcigos(pelegos?) *traidores *são dos fieis sempre enganadores							Praticamente citado							

			outro juízo. Tenta negociar seu irmão.															
11	50	El Labrador Avaro	Era um lambrador que fazia muitas maldades (tuerto e falsedat), roubava dos monges. Se arrepende. Morre – Disputa por almas	inimigos					avareza	"era vassalo e amigo"	Vem pegar a alma					x		x
12	54	El Prior y El Sacristán	Historia do prior que não vivia uma vida lá muito santa, mas orava com muita devoação a St Maria. O diabo tinha muito desgosto por ele. "Tire-me da maldade do mortal inimigo" Pede para o prior o levar a local sem perigo quando está morrendo	mortal inimigo					não fazia uma vida muito ordenada, dizia coisas vis		Apenas citado				x			x
16	65	El Niño Judío	Aquela história do menino judeu que vê St. Maria, reza com os cristãos e quando conta ao pai ele taca o menino no forno que é protegido por St Maria e acolhido pelos cristãos. Pai fora endiabrado						fúria		Causa fúria no pai							
19	79	Um Parto Maraviloso	"pregarla que nos libre de mortal enemigo								CITADO							
20	84	El Monje Borracho	História de um noviço que era muito devoto e se mantinha longe da folia e da fornicação, mas encontrou um vício. Um dia entrou na taberna e bebeu. De manhã tentou ir a igreja e o diabo aparece primeiro na forma de um touro raivoso...	Tridor Provado *Don falso traiçoeiro *Falso Traidor *Mal senhor					Bebida (vício)		Chega para tentar o homem causando medo							

Tabela III – Cantigas de Santa Maria

# Cantiga	Página	Citação	Resumo	Adjetivo ao Demo	Ganhar Poder	Luxúria	Furto	Perda da Fé/ Sair da ordenação	Outro	Ele é o Mal	Não tema	Eden	Maria/ Jesus proteje do Demo/ do Mau	Homem Rico/ nobre/	Cavaleiro	Clérigo	Homem Comum	Bom/ Justo/ Caridoso/ devoto	Esforço
3	10	Esta é como St.Maria fez cobrar a theophilo a carta que fezera como demo, u tornou su vassalo.	-	Negro de fogo infernal	s	n	n	n	Ideia de um Judeu	n	n	s	n	s	-	-	-	-	*
7	23	non nos faça, nem pecar o demo sen vergonna	-	Sen Vergonna	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
10	31	Se eu per ren poss'aver seu amor, dou ao demo os outros amores	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
11	32	St maria tolleu a alma do monge que ss'afogou no rio ao demo, e feze-o ressocitar "Pecou toda a vida pelo diabo"	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	s	-	-	-
14	38	E tan toste que foi morto/ o demo'a alma fillou	Monje de São Pedro morre sem confissão. Demo pega sua alma e só é devolvida quando St. Maria pede a Deus. São Pedro já havia tentado	-	-	-	-	-	Morreu sen confissão	n	n	n	n	-	-	s	-	s	-
15	39	-	Demo é mencionado por estar presente no coração do homem que queria matar cristãos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
16	44	-	Cavaleiro apaixonado. Sua amada não lhe dava atenção, quando em confissão decide que irá conquistá-la o padre percebe que ele está apaixonado pelo demo	-	s	-	-	-	-	n	n	n	n	-	s	-	-	s	*
17	47	Esta é como St. Maria guardou de morte a onrada dona de Roma a que o demo acusou pela fazer queimar	Mulher perde o marido e fica grávida. Sente pesar pelo seu erro e decide matar o menino. Demo toma foma de um homem sábio e insiste que o emperador a queime	Demo Mayor	-	s	-	-	matar seu filho	-	-	-	Faz ele fugir	s	-	-	-	s	**
19	52	-	Mataram seu inimigo no altar de St. Maria para prazer do demo	Os seus aguilla nos vai tentando "Demo que ssterreces"	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
20	54	-	Agradece Maria por nos salvar do Demo	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-
22	58	"No mereci mal"	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
24	60	"Quand'algar ya mal fez"	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
26	67	"sse matou na carreira por engano do diabo" "se le foi mostrar mais branco que un armo polo tost'enganar"	Romano fez maldade deitou com uma mulher sem ser casado com ela. O demo aparece e o engana mandando se jogar no lago para se redimir. o homem morre	mui festo / demões / inimio	-	s	-	-	engano do demo se mata	n	n	n	n	-	-	-	-	ia a santiago - devoto	*
27	71	-	Passagem rápida sobre a queda de Lúcifer	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
30	79	"E o mal escolhemos"	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
34	86	-	Demo mata homem que denegriu a imagem de Maria e leva sua alma	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
38	98	"Outros dous tafures demoniados "	Tafures demoniados roem o osso de um já morto.	-	-	-	-	-	demonio - roer osso de outro homem	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
41	101	"A Virgem Madre de Nostro Sennor do poder do demo, ca de pavor"	-	enganador	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-

42	101	"Deus é mui justiceiro e por esto ben sabemos que esta alma fez obras por que a aver devemos..." "Assi pedestes/ o ceo por neycidade (toice)"	Cantiga do homem que foi mal a vida toda e se arrepende. Vai para o mosteiro, mas morre antes de se redimir. Disputa pela alma por diabos e anjos	-	-	-	-	-	-	por consello do demo fez muita maldade	n	n	n	n	-	-	s	-	-	-
47	114	"Esta é como Santa Maria guardou o monge, que o demo quis espantar por lo fazer perder" "guarda-nos, se te praz, da gran sabedoria que eno demo jaz"	Diversas investidas para tentar o monje. Vinho, mulheres por fim touro para lhe passar medo	mao/ arteiro/ mas negro ca paz/ gran sabedoria	-	s/n	-	-	-	medo	s	n	n	n	-	-	s	-	s	***
49	117	"como nos guardemos do demo e de mal obrar"		-	-	-	-	-	-	-	n	n	s	s	-	-	-	-	-	-

# Cantiga	Página	Citação	Resumo	Adjetivo ao Demo	Ganhar Poder	Luxúria	Furto	Perda da Fé/ Sair da ordenação	Outro	Ele é o Mal	Não tema	Eden	Maria/ Jesus proteje do Demo/ do Mau	Homem Rico/ nobre/ Cavaleiro	Clérigo	Homem Comum	Bom/ Justo/ Caridoso/ devoto	Esforço	
55	130	"Mais o demo, que sse paga/ pouco de virgidade"	Monja muito devota que acaba deitando com um abade por influência do demo	-	-	s	-	-	-	n	n	n	n	-	-	s/s	-	s	*
58	138	"De muitas guisas nos guarda del mal"	Monja muito boa e o diabo anda tanto ao redor dela apra fazê-la pecar que ela acaba se deitando com um senhor. Quando adormece tem uma visão do inferno em um poço escuro. Chama por St. Maria. Sente um diabo lhe puxando apra dentro do poço e perde perdão novamente para Maria.	-	-	s	-	-	-	n	n	n	s	-	-	s	-	s	**
59	143	"teve sempre por sinal, por que non fizesse mal"		-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
60	144	"Eva nos foi deitar do dem'en sa prion"		-	-	-	-	-	-	n	n	s	n	-	-	-	-	-	-
64	151		Dona que estava enamorada po um cavaleiro promete fica junto a ele quando ele voltar do chamado de seu senhor. Mas o diabo arteiro logo fez um outro cavaleiro se enamorar dela	arteiro	-	s	-	-	-	n	n	n	n	-	s/s	-	-	-	*
65	155	"assi o tragia o dem'enganado"	vilão tinha um clérigo bom e comum sempre lhe aconselhando e punindo, mas o homem se mantinha neganado pelo demo, assim o escomungou. Durou muito na sua maldade até um dia ficar doente	-	-	-	-	-	s	n	n	n	n	-	-	-	s	-	-
67	165	"Como Santa Maria fez connoçer o ome bõo que trazia o demo consigo per servente; e quisera-o matar, senon pola oraçon que dizia	Nobre: poderoso, bom e caridoso. Diabo: toma o corpo de um belo hmem morto em batalha para enganar o senhor, chega a se tornar seu cavaleiro. Um bispo muito santo percebe se tratar do demo.	cho mal / arteiro	-	-	-	-	enganar ganhan a confianç do nobre	s	n	n	n	s	-	-	-	s	***
68	168		Marido de uma mulher a traia com outra mulher. Ela reza a Santa maria que faça mal a outra, maria se recuso e quando encontra a amante na rua diz"eu queria te fazer mal, agora não mais".	chus negro ca pez	-	-	-	-	vinganç	n	n	n	n	-	-	-	s	-	-
72	177	"Como o demo matou a un tofur que deostou a Santa Maria porque perdera"	O meino morre e o pai escuta "morreu porque falou mal de maria" - Castigo de Deus por falar mal de sua mãe	-	-	-	-	s	-	n	n	n	n	-	-	-	-	n	-

74	181	Como Santa maria guareceu o pintor que o demo quisera matar porque o pintava feo"	O Demo vai tirar satisfaço com o pintor por o pintar feio. o pintor diz que o faz, pois o demo é onde "todo mal jaz". Demo tanta matá-lo, mas maria não permite	Sempre mal fazes/ todo mal jaz / mas negro ca pez	-	-	-	-	-	-	s	n	n	n	-	-	-	-	-	-
75	183	e o rico ao demo/ que lle deu morte coitada" "porque sa alma agora/ será do demo levada"	Dois homens um pobre bom e um um usureiro (aquele que empresta com usúria). A mulher pobre e boa quando morre vai apra o céu, o homem rico tem sau casa rodeada de demônios que o vem buscar	espantosos/ feos/ negros mui más ca mora	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	s	-	-	s	s	-
81	198	"que nos guarde do infernal"	-	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-
82	199	"Como Santa Maria guardou un monge dos diabos que o quiseron tentar e se lle mostraron en figuras de porco polo fazer perder" "o poder ela do demo desfáz"	Diabos pequenos a noite vão tentar um monge mostrando imagens de porcos. Como não conseguem o demo mor aaprece e o fura com seus ganchos até Maria, ao ser chamada, aparece e espanta o dem.	mal rey/ negro de cor	-	-	-	-	-	medo	n	s	n	s	-	-	s	-	s	**
83	201	"D'eros e de maos feitos; demais çegos e contreiros sã, e gafos maaltreitos e muitos demoniados"	o que interessa é: homem cativo de mouros reza para Nossa Senhor e o autor fala das pessoas de Sopenran que muitos estão demoniados	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-
91	219	"tolle mal"	-	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-

# Cantiga	Página	Citação	Resumo	Adjetivo ao Demo	Ganhar Poder	Luxúria	Furto	Perda da Fé/ Sair da ordenação	Outro	Ele é o Mal	Não tema	Eden	Maria/ Jesus proteje do Demo/ do Mau	Homem Rico/ nobre/	Cavaleiro	Clérigo	Homem Comum	Bom/ Justo/ Caridoso/ devoto	Esforço
96	231	"mas non quis a Virgen , das outras mellor, que per nulla ren o demo levasse mia alma	Homem que por conselho do demo decide não começar pendenza. Uns ladrões o matam, mas Maria não deixa, pois era muito devoto, o ressucita	enganador	-	-	-	-	sem confissã	n	n	n	n	-	-	-	-	s	*
102	242	"Que vos mal façon ladrões nen outros maos peões"	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
105	247	"Sennor de prez, non cates a meu pecado que mi o demo fazer fez"	Mulher indusida por seu amigo a comunhar, mas não engolir a óstia e sim entrar a ele. Assim que entrega a óstia ela começa a sangrar e se arrepende vira morja	-	-	-	s	-	roubar óstia	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
108	254	"Que o rosto lle tomar fez Deus o deant'atras, como lle fora rogar, o fillo de Sathanas	merlin pede para o rosto de um filho de judeu nascer do lado oposto como punição por ter falado mal de Maria	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
109	256	"Como Santa Maria livrou un ome de cinco diaboos que o querian levar e matar" "Razon an os diabos de fogir ant'a Virgen que a Deus foi parir" Diss'un demo: <Ca meus sodes e punnades de me servir. Por esto non vos fazer mal, ca sodes todos nossos sen al; mai-los que d batismo o sinal tragen, aqueles ymos percodir (Ferir)>	Diabos tentavam infernizar um homem, mas uns frades acabam ajudando-no. Haviam sido invocados por uns judeus.	sempre o pecador destruir	-	-	-	s	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
111	259	"do demo feramen. E pois apoderado de ssa alma, muit'irado foi ao fogo privado pola y par ren."	Um ordenado que cometia pecados de luxúria, mas rezava muito dedicado. Uma dia passeando de barco pelo sena foi afogado e logo o demo vem pegar sua alma. mas Maria não permite e o espanta.	-	-	s	-	-	-	n	n	n	s	-	-	s	-	s	-

115	266	"Esta é como Santa maria tolleu (impediu)ao demo o mino que lle dera sa madre com sanna de seu marido, porque conceber del dia de pascoa"	O demo tentou um homem e mulher muitos e ricos que praticavam castidade a furnicar até terem um filho que prometeram ao demo. O menino então tenta se livrar de sua sina.	de mal cho/ sotil/ maldito	-	s	-	-	-	-	n	n	n	n	s/s	-	-	-	s/s	**
117	277	"O diabo que lle faz camisas" "por consello do diabr' assy foi decebuda"	Mulher prometeu guardar o sábado, mas por conselho do demo não o fez e trabalho ao sábado. Cortou a própria mão como arrependimento	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	s	-	-
119	280	"como Santa Maria tolleu un juiz que aos diabos que o levavam e o tornó-a ssa casa e disse-lle que se mefestasse, ca outro dia avia de morrer" "Ca somos per consello do demo perdudos"	um juiz que andava com demos. Comia sempre muito bom pão e bebia bom vinho,mas prendia poucos bandidos e muuitos mesquos. Um dia chegam diabos e o tacam em um poço negro e profundo. Santa M aparece e o livro dos diabos dizendo que ele só tem mais um dia de vida então deve se redimir de seus perdudos.	us negros outros cornudos	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	s	-	-	-	-	*
121	284	"de muitas maneiras busca a virgen esperital carreyras en como guarda os seus de mort' e de mal"	-	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
123	288	"como Santa maria guardou un frademor dos diaboos na ora que quis morrer, e torcia-se todo con medo deles" "e valer-lle-á contra o demo mayor"	frade muito bom estava quse morrendo e aparece o demo. Logo que percebe um outro frade ascende uma candea em nome de Santa maria, o que era negro fica branco e ele vai embora	demo mayor/ negro/ que mais fea cara podia ter	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	s	-	s	-

# Cantiga	Página	Citação	Resumo	Adjetivo ao Demo	Ganhar Poder	Luxúria	Furto	Perda da Fé/ Sair da ordenação	Outro	Ele é o Mal	Não tema	Eden	Maria/ Jesus proteje do Demo/ do Mau	Homem Rico/ nobre/	Cavaleiro	Clérigo	Homem Comum	Bom/ Justo/ Caridoso/ devoto	Esforço
125	292	"e ao crerigo vo o demo con alegria" 'non perças ta alma, e senon, Deus se vingará de ti por quanto quisische do dema ssa compania" "demo , que sempre sol fazer mal aos que me ama, m'enganou"	Clérigo: rezava suas oras todos os dias. Donzela: muito devota se St. Maria a quem a virgem pediu para não entrar em folia. O clérigo tanta conquistá-la ao não conseguir pede ajudar aos demos, eles não conseguem porque a moça era bem guardada por Maria. Chega o demo maior, deixa ela doente que passava a ver o clérigo como homem muito bonito. Quase se casam. No final ambos se ordenam	de mal cho	-	*	-	-	-	n	n	n	s	-	-	s	-	s	**
126	297	-	arrependimento dos pecados = salvação	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
130	303	"ca ela faz todo ben entender e entendendo nos faz connocer Nostro Senoor e o seu ben ave e que perçamos do demo pavor"	Loor	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-
137	322	"o demo lle pois fazia que non leixasse por mete-lo do inferno dentro na caldeira" : mais se o metess'o demo en cuidados vãos de pecado, que non podesse seer en tal feira"	homem muito devoto de Santa Maria, mas sempre cai no pecado da luxúria. Rezava muito para se livrar desse fardo, mas o demo não deixava até que um dia mara fez-lhe ter castidade	mal cheyra	-	s	-	-	--	n	n	n	s	s	s	-	-	s	-
139	322	"e que seja quito do mui maldito demo que scrito é por malvez"	Mãe entrega seu filho aos cuidados de maria	mui maldito	-	-	-	-	-	s	n	n	n	-	-	-	-	-	-
143	334	"do sepulcr'e o demo destroyr, que ante nos destroya"	Sermão de um frade mor	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-

145	338	"loando a virgen que é noss' escudo contra o diabo e sas tentações"	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
150	347	"e quen cree ben esto, o demo nen sas artes nunca lle terrán dano, e en elo atesa"	Quem crer na óstia	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
151	350	"os sabados ben guradava, porque non podess' o demo leva-lo a sas barreiras"	Monge bom, mas luxurioso. Não poupava casadas, virgens e nem monjas	-	-	s	-	-	-	n	n	n	n	-	s	-	-	s	-
154	355	"porque perdia muito, era contra Deus sannoso, e con ajuda do demo caeu en desasperança"	-	-	-	-	s	-	-	n	n	n	n	-	-	-	s	-	-
160	344	"e perdon nos gāara e ao demo vencerá Santa Maria. E o demo vencerá e nos consifo levará Santa maria"	Loor	-	-	-	-	-	-	-	n	n	s	-	-	-	-	-	-
380	170	"a que tolle mal senpr'e trage ben e por nos rogar, e que nos mantén e nos defende do demo malvaz"	Loor	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-
178	393	"que nos guard'en esto mundo d'ocajon e d'outro mal e que nos de eno outra a vida espirital, q que brite o diabo que sempr'e nosso contralla"	-	nosso contralla	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-
180	397	"e sempre punna de mal nos guardar, e criou Deus, que a criad'avia que foi seu fill'e ouve criar, que por nos foi o inferno britar e o dem'e toda ssa alcavela(bando)"	Loor	-	-	-	-	-	-	n	n	s	s	-	-	-	-	-	-
182	400	-	Homem ladrão que dos mesques roubava comida, ouro e prata. Ele rogava a santa maria. A morte o matou e um bando de demos veio atrás dele. Sua mãe rogou a Maria que livrou seu filho	a rosto de gata	-	-	s	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-

# Cantiga	Página	Citação	Resumo	Adjetivo ao Demo	Ganhar Poder	Luxúria	Furto	Perda da Fé/ Sair da ordenação	Outro	Ele é o Mal	Não tema	Eden	María/ Jesus proteje do Demo/ do Mau	Homem Rico/ nobre/	Cavaleiro	Clérigo	Homem Comum	Bom/ Justo/ Caridoso/ devoto	Esforço
184	404	-	Mulher que não podia ter filho, pois sempre morriam no seu ventre pede que Santa Maria guarde o próximo. O demo invejoso faz com que seu marido ande com outros que os matam.	cho d'enveja	-	-	-	-	inveja que o demo sente	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
190	415	"pouco devemos preçar o demo, se Deus m'ampar pois nos a Virgen guardar " / "Non devemos creer non por ele mal fazer"	Loor	-	-	-	-	-	-	n	s	n	s	-	-	-	-	-	-
192	418	"Muitas vegados (vezes) o dem'enganados ten os omes, porque lle faz crer' "No inferno que cjeira non fosse"	Homem bom que tinha um mouro que não queria virar cristão e falava mal da virgem. Predeu o mouro, o demo logo chegou e o torturou durante 2 noites. Na terceira noite Maria aparece.	-	-	-	-	s	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-

197	434	"como quer que gran poder á o dem'en fazer mal mayor e'á en ben fazer e a Reynna spirital" "porque ressurgiu de morte o que o demo mayor matou, e desfez seu feito como a agua o sal"	Um homem de paz, bom e rico. Tinha um filho que amava muito e o demo o filhou tanto (6 a 7 vezes ao dia) o afogou e ele morreu. Ele reza a Santa maria que ressucita o menino. OBS: segunda estrofe fala que Deus quer matar os homens por seus pecados, mas sua mãe os quer ressucitar.	-	-	-	-	-	-	inveja do demo	n	n	n	s	s	-	-	-	s	-
198	436	"muitas vezes volv' o demo os gentes po seus pecados, que non quer Sta Maria, pois lle son acomendados	Homens que faziam festa, mas o demo colocou neles tanta sanna que para se matarem foram todos correndo armados até Santa maria apareceu e redobrar a sanidade deles.	de mal cho	-	-	-	-	-	sanna	n	n	n	s	-	-	-	-	-	*
199	437	"ca sse Deus soffr'ao demo que pelos noos pecados"/ "ca os que o demo servem an del taes galardões"/ "e que guarde do dem'e de sas maas tentações"	Fla que Deus deu o trabalho ao demo, mas quer que por sua mãe sejam todos perdoados	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-	-
201	441	"Assi o fez gran tempo. Mas o diabr'antigo que de virgindade é sempre emigo"	Mulher que jurou manter castidade. O diabo a tenta com tanto afinco que acaba por ter relações amorosas. Em desespero mata o filho e novamente em desespero, aconselhada pelo demo, e, arrependida se mata.	gran perfia/ antigo	-	s	-	-	-	desespero	n	s	n	n	s	-	-	-	s	***
206	450	"Quen souber Santa maria ben de coraçon amar, pero o tent'o diabo, nunca o fará errar"/ "porque era Padre Santo, o diabo traballou" en que Deus prenderia en ela nossa carne con que pois britaria o inferno antigo"/ "este troux'o mandado, e por que sol non demos pel demo un figo"	O diabo decide tenar o Papa por meio da beleza de mulher e de tanto trabalhar ele o venceu O Papa permite que a mulher bela beijo sua mão e para se redimir decide cortar sua mão beijada fora.	-	-	s	-	-	-	n	n	n	n	s	-	-	s	-	s	***
210	456	"mas a qual parte o demo foi, por ren nono sentiron, nen viron sol per e fora fogind' en sa egua veira"/ "Aquest'é noss'emigo"	De loor. Fala sobre a anunciação e que devemos louvar Gabriel porque ele fez a anunciação	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-	-
213	460	"mas a qual parte o demo foi, por ren nono sentiron, nen viron sol per e fora fogind' en sa egua veira"/ "Aquest'é noss'emigo"	Mulher adúltera é encontrada morta e os parentes acusam o marido. Encontram o demo e ele afirma não ter tentado esse homem. Não acreditando no demo matam o inocente. Quando o homem morre não veem o demo fugindo com o morto e precebem o engano que lhes fez o demo arteiro"	arteiro	-	-	-	-	-	vingança	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-

# Cantiga	Página	Citação	Resumo	Adjetivo ao Demo	Ganhar Poder	Luxúria	Furto	Perda da Fé/ Sair da ordenação	Outro	Ele é o Mal	Não tema	Eden	Maria/ Jesus proteje do Demo/ do Mau	Homem Rico/ nobre/	Cavaleiro	Clérigo	Homem Comum	Bom/ Justo/ Caridoso/ devoto	Esforço
216	468	"Como Santa maria se mostou en semellança da moller do cavaleiro ao demo, e o demo fugiu ant'ela"/ "O qu en Santa Maria de coraçon confiar, non se tema que o possa per ren o dem'enganar"	Mulher muito devota de santa Maria. Homem cavaleiro , bom, rico, mas com dívidas e, por isso, faz pacto com o demo que pede sua mulher em troca de riquezas. O cavaleiro diz a sua mulher que os dois tem que ir a um lugar, pois pretende entrega-la ao demo, antes de ir ela reza a Santa Maria que vai em seu lugar.	cho de mal	-	-	-	-	riquezas	n	n	n	n	s	s	-	-	s	*

219	474	"a omagen do demo tal como pez fez tornar en ha ora mui feo e mui lixoso."	Santa maria faz a imagem do demo que estava esculpida em branco ao lado da sua ficar preta para ele parecer tão mal quanto é. Em branco ele não parecia tão cruel.	astroso (infame/ladrão) / mal / feio	-	-	-	-	-	s	n	n	n	-	-	-	-	-	-
222	478	"contra o diabo ten ela por nos fnteira"/ "o frm ovençudo foi ja por senpre'e conquisto ceo"/ "do diabo bos guard'ela de ssa perffia, que pera o parayso vaamos dereita yda"	O diabo em um mosteiro de monjas entra como uma aranha por um fio no cálice na hora da missa. O capelão reza para maria.	perffia	-	-	-	-	-	n	n	s	s	-	-	s	-	-	*
229	492	"Jheso- Cristo e foi ome e ena cruz nos salvou, per que do poder do demo ficamos livres des i"	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-
237	506	"e os grandes miagres teus, que o dem'an vençudo"	Mulher que praticava luxúria, mas no sabado não o fazia. Passava o dia de jejum, mas um homem entrou em sua fazenda queeendo deitar com ela. Ele a obrigada, ela se conefssa	avorreçudo (repugnante)	-	s	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-
238	510	a quel que do diabi por seu sangue te livrou" / 'atanto o tev'o demo ta que ll'a alma sacou do corpo e no inferno a foy logo sabolir"	Homem que falava mal de Maria e não acreditava em Jesus um clérigo o vê e chama sua atenção ele diz que se puderem que Maria e Jesus o ponham no fogo infernal. O diabo o vem buscar	-	-	-	-	s	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
239	512	"Assi que do demo felon non entremod en sa prion, nen caimos en confojon, mentindo por livialdade"	Grande maldade: jurar fazer algo e não cumprir	-	-	-	-	-	-	mentira	n	n	n	n	-	-	-	-	-
241	517	"Ao demo non progue des', e con grand'enveja revelou a pousada o que maldito seja; el que toda maldade ama semp' e deseja fez o prazer en doo tornar, ca lle prazia"	Um menino que andava com prazer da esposa andando com gradne compania de outras donas bonitas. O moço estava indo para a casa da esposa onde tinha um jantra levando um vaso, o lugar era muito alto e o demo o puxou fazendo morrer. A mãe do menino reza para Santa maria e no final ele e a esposa entram para a ordem	-	-	s	-	-	-	s	n	n	s	-	-	-	-	-	-
248	532	"ca u a nossa natura quer obrar mais mal ca ben"	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-
252	539	"os defendeu de mal do demo, que ben cuidava aver sas almas per guerra"/ "a virgen que aterra o demo"/ "o que demo mete en ferros, ela desferra"	Homens que estavam cavando cai muita terra sobre eles, demo tentava ter as almas. Rezam para Maria.	-	-	-	-	-	-	fazer guerra	n	n	n	s	-	-	-	-	-
253	540	"ssa virgidade legou forte no vencillo o demo que nos quisera todos meter se sa grade"	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-

# Cantiga	Página	Citação	Resumo	Adjetivo ao Demo	Ganhar Poder	Luxúria	Furto	Perda da Fé/ Sair da ordenação	Outro	Ele é o Mal	Não tema	Eden	Maria/ Jesus proteje do Demo/ do Mau	Homem Rico/ nobre/	Cavaleiro	Clérigo	Homem Comum	Bom/ Justo/ Caridoso/ devoto	Esforço
-----------	--------	---------	--------	------------------	--------------	---------	-------	--------------------------------	-------	-------------	----------	------	--------------------------------------	--------------------	-----------	---------	-------------	------------------------------	---------

255	543	"O nome da Virgen santa atan muit é temeroso, que quandá o oe o demo perde seu poder astroso" "en serviço do demo cada un era aguçoso (empenhado)"	Doi monges que saíram do monostério e andavam por ai dizendo palavras loucas. As orações já haviam esquecido. No rio viram um barquinho pequeno com homens e um deles muito enfurecido pergunta "quem são?" eles respondem "mesmo parecendo homens somos diabos e as almas de Hebreus levamos sem problema". Eles pedem proteção de maria e os diabos respondem " porque chamaram a virgem não foram conosco ao lugar temeroso onde todos os que entram sofrem"	poder astroso	-	-	-	-	-	sanna	n	n	n	n	-	-	s	-	-	-
259	553	"Ca pero se sabian muit'amar feze-os o demo assi gresgar"	Dois Jogral que se bem queriam, mas o diabos os fez se separar e começaram a brigar até o momento que a virgem aparece e entrega uma candea com o fogo de San Marçal para a sana ir embora	-	-	-	-	-	-	sanna	n	n	n	n	-	-	-	s	-	*
270	577	"a deu no mundo por avogada dar quis aos peccadores que peccan sen razon" "a sobervia (soberbia) do demo foi britar" / "jaz escrito en libro genesy qye seu fruto britass'o demo brav'e felon (bravo e furioso)"	De loor. Quem não crer em Jesus cai em perdição. Mulher pecadora que e tanto a colocara o demo em perdição que nunca a deixava se confessar até um dia que um dia amou tão forte a virgem que conseguu entrar em sua igreja e se redimir com ela.	bravo/ furioso	-	-	-	-	-	n	n	s	s	-	-	-	-	-	-	-
272	580	"que no-lo demo non faça desesperar" / "en desesperança nos quer o demo mayor meter, ben ali nos mostra ele merce'e amor"	Um frade estava fazendo sua roupa e o diabo aparece para tentar-lhe. O frade sai do mosteiro e saísse da ordem. Quando estava seguindo a dica do demo Maria aparece e o convencer a terminar sua roupa.	-	-	-	-	-	-	n	s	n	s	-	-	-	-	-	-	*
274	584	"o demo en coração o meteu que sse sayssse da orden, ca ben seria" / "estando el en serviço da Virgen, foy-o tentar atan muito o diabo"	Um frade estava fazendo sua roupa e o diabo aparece para tentar-lhe. O frade sai do mosteiro e saísse da ordem. Quando estava seguindo a dica do demo Maria aparece e o convencer a terminar sua roupa.	-	-	-	-	s	-	n	n	n	n	-	-	s	-	-	-	*
280	596	"se desatan os peccados dos que ben baratan, de que o dem' á muy grand'enveja" "e con o demo por nos peleja"	De loor	á muy grand'enveja	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-	-
281	597	"Que aquesto o demo fazia, sen dultar, que lle metia medo polo desesperar, mas sse ele quisesse u vesso rezar da Virgen groriosa, log'o demo felon Se partiria del"	Cavaleiro de alta posição que não era mal, mas tudo que fazia saia errado até que um dia fica pobre. Aparece um homem para ele que era o demo prometendo riquezas. O demo pede que ele se torne seu vassalo e negue nosso senhor e todos os santos, o homem se recusa a negar Santa Maria então o demo o faz prometer nunca mais entrar em uma igreja até o dia que em frente a uma igreja de Santra Maria se arrepende, entra e nega o Demo.	-	-	-	-	-	-	riquezas n	n	n	n	s	s	-	-	-	-	**
284	603	"Que aquesto o demo fazia, sen dultar, que lle metia medo polo desesperar, mas sse ele quisesse u vesso rezar da Virgen groriosa, log'o demo felon Se partiria del"	Frade doente e o diabo fica tentando meter-lhe medo para sua alma cair em desespero. O frade então chama Snata Maria para lhe proteger.	irado	-	-	-	-	-	desespe n	s	n	n	-	-	s	-	-	-	**

285	605	"do dem'a perfia (deslealdade) non toll'outra cousa come Santa Maria"	-	deslealdade	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
-----	-----	---	---	-------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

# Cantiga	Página	Citação	Resumo	Adjetivo ao Demo	Ganhar Poder	Luxúria	Furto	Perda da Fé/ Sair da ordenação	Outro	Ele é o Mal	Não tema	Eden	Maria/ Jesus proteje do Demo/ do Mau	Homem Rico/ nobre/	Cavaleiro	Clérigo	Homem Comum	Bom/ Justo/ Caridoso/ devoto	Esforço
287	610	"o que en Santa Maria todo seu coraçõ ten, qu quer que lle por mal façõn, todo llo torna en ben"	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
293	622	"o dem', a que cria de consello, fez-l'atal remedillo fazer, onde recebeu mui gran lijon"	Jogral que fazia muitas imitações boas. Por conselho do demo faz uma imitação da imagem de santa Maria e Jesus.	-	-	-	-	-	conselh do demo	n	n	n	n	-	-	-	s	-	*
298	631	"non foi dela tomador"	Mulher boa que estava com o diabo nela e este não saia de forma alguma a causando grande dor e pavor. Ganha ajuda da virgem que o impede que sua alma seja dele	tentador/ falss'emganador/ mao/ negro chus ca pez	-	-	-	-	grande pavor	s	s	n	n	-	-	-	-	s	**
300	635	"baralla e contralla o dem', e faze-lo estar que non valla nemigalle nen non possa mal buscar" "per ren nunca puíd'achar, mais maldade e d'alsidade, con que me cuidan matar"	De loor	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-
311	654	"per que o dem'infernal já de ti a alma e, mal peccad', assi é" "ca mi alim'ca perdiçõn fora, se non foss'a Virgen..."	Homem bom que sai em romaria com seu amfo a Monssarraz. Em decorrência do mal tempo o homem morre e seu amigo em desespero diz palavras de má fé até o momento que o morto aparece para reclamar.	-	-	-	s	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	s	-
312	657	"Madre do poderoso Deus e Rei, que poe tirar-nos do inferno tevroso deceu dos ceos"	-	-	-	-	-	-	-	-	-	s	n	-	-	-	-	-	-
320	676	Santa Maria leva o ben que perdeu eva... o ben que perdeu eva du perdeu parayso"	De loor	-	-	-	-	-	-	-	-	s	n	-	-	-	-	-	-
325	685	"ca que nos abr'os braços e o inferno nos serra" / "moura que o demo fillou para sy en sorte"	apenas citado mouro que tinha escravos cristãos e queria que esses deixassem de o ser	-	-	-	-	-	-	n	n	s	n	-	-	-	-	-	-
328	691	"Encorruo del mafomet e deitado en exilo el e o diabr'antigo que o fez seu avogado"	-	antigo	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
336	710	"ben como punna o demo en fazer-nos que erremos outrossi a virgen punna como nos d'errar gurademos ca assi com'ele sempre anda buscando carreiras per mal fazer no mundo, falssas e mui mentreiras" / "este erro per natureza bes des Adan é-xe nosso" / "groriosa que o demo quebranta"	Cavaleiro belo, bom, humilde com um defeito: a luxúria. Não conseguia parar de pecar até que reza para Santa Maria que o faz parar de pecar.	-	-	s	-	-	-	s	n	n	s	s	s	-	-	s	-
338	713	"ao demo quebranta que nos quer ao inferno levar, en que nos afume (tomar escuro)	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-

343	723	"Guaria a manceba demoniada de mononio mudo e fez que falasse"/ "A madre que o demo fez no mundo que falasse fez a outra diabo fazer como se calasse"	Menina que era muda o demo faz com que fale coisas horriveis e malditas. A mãe a leva até um padre que ao jogar água benta, o demo aparece e fica amaldiçoando o padre que fica horrorisado. Mãe reza a Santa Maria que resolve a situação. Cita o evangelio, passagem do homem que o demo fazer ser mudo e Deus curou.	-	-	-	-	-	-	-	demoni	n	s	s	-	-	-	-	-	*
346	731	"as portas do inferno ten po noss'amor sarradas e o dem'avezimao (infeliz/nefasto) emp aviso (abismo) ancora	-	nefasto	-	-	-	-	-	-	-	-	s	-	-	-	-	-	-	-
350	737	"cono diabo barallas"	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-	-
356	752	"nos tolleu das mãos de emigo, o diab'enganador"	-	enganador	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-	-

# Cantiga	Página	Citação	Resumo	Adjetivo ao Demo	Ganhar Poder	Luxúria	Furto	Perda da Fé/ Sair da ordenação	Outro	Ele é o Mal	Não tema	Eden	Maria/ Jesus proteje do Demo/ do Mau	Homem Rico/ nobre/ Cavaleiro	Clérigo	Homem Comum	Bom/ Justo/ Caridoso/ devoto	Esforço	
357	753	"como torç o demo'os nenbros do ome per seus pecados, assi os corre'ja Virgen pois las á ,efestados (confessado)	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-
367	768	"mui mal o demo cho de perfia (disputa)	Deixou o rei Affonso doente quando ia visitar a igreja que construiu	cho de perfia	-	-	-	-	-	n	n	n	n	s	-	-	s	-	-
368	771	"e ao demo mande que no inferno more, e nunca o vejamos	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-
378	792	el muito traballa de nos ser destrovador ca nos trova na saude fazendo-nos enfermas. Creendo o seu consello con que nos faz el pecar. E faz mal aos meninos polo seu poder mostrar... que é de fazer nemiga (mentira/inimizade)	varias ações atribuidas ao demo	dos maus é o pior/ desaracado	-	-	-	-	-	s	s	n	n	-	-	-	-	-	-
379	794	"a que defende do demo as almas dos pecadores"	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-
384	804	"por vencer o emigo diabo que sempre punna de nos meter en erros"	Abade faz monje mater o milagre que lhe aconteceu escrito para destruir as obras do inimigo	inimigo/ maldito	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
390	815	"nos guarde de mal e do fogo do inferno mortal queymador	De Loor	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
390	817	"ca aquel ora que mente jurando pelo seu nome tal ora é juygando que o diabo o tome e que dentro no inferno o tormento e dome ca diabos son monteyros (caçadores) de Deus, segund' escrituras."	O que o diabo faz: tormentar as almas do inferno; ele faz a vontade de Deus.	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
393	819	"enfermidade rraiva de melancoia ven que é negra e forte e dura e de perfia. Tod'aquesto á no demo, e poren Santa Maria que este del contralla, a tolle(afasta) e dá conorte (conforto)	Nele há todo o mal	-	-	-	-	-	-	s	n	n	s	-	-	-	-	-	-

397	827	"muitas vegadas o dem'enganados, ten os omes porque lles faz crer" / "e all jazendo o demo chegou e logo correndo en ele travou"/ "falso, vão, mui louco vilão Mafomet cão"	Mouro cativo de um bom cristão e foi mandado ao aljubo por falar mal de Santa Maria. O demo aparece e o tortura por 2 noites na terceira Maria aparece e diz que para ele se redimir deve abandonar o "falso Mafomete"	-	-	-	-	s	-	n	s	n	s	-	-	-	-	-	-
399	833	"E levaria o demo ta alma en sorte"/ "e en orden entrou muit' aginna e contra o demo froque (capuz) vestiu por loriga (saio de malha)	Mulher tenta matar seu filho, por ele ser muito bonito e despertar-lhe vontade de "fazer loucura". Os pobres e coitados aparecem dizendo que o demo levaria sua alma. Ela se arrepende e reza para Santa maria. Entra em ordem: descirto como algo que é contra o demo	-	-	s	-	-	mata seu filho	n	n	n	s	-	-	-	s	-	-
401	836	"que do diabo arteiro queira el guardar, que punna todavia pera om'enartar per muitas de maneiras, por faze-lo peccar, e que el me de siso que me poss'amparar dele e das sas obras, con que el faz obrar mui mal e queno cree e pois s'en mal achar"	Petição que o Rei fez a Santa Maria. Quer o homem enartar e fazer pecar. Necessário juizo para se livrar dele	arteiro	-	-	-	-	-	n	s	n	n	-	-	-	-	-	-
406	847	"nen que o demo mais negroa ca pez possa ao infemo levar"	-	mas negro ca pez	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-

# Cantiga	Página	Citação	Resumo	Adjetivo ao Demo	Ganhar Poder	Luxúria	Furto	Perda da Fé/ Sair da ordenação	Outro	Ele é o Mal	Não tema	Eden	Maria/ Jesus protege do Demo/ do Mau	Homem Rico/ nobre/	Cavaleiro	Clérigo	Homem Comum	Bom/ Justo/ Caridoso/ devoto	Esforço
407	849	"como o demo cofonder, nos quer acorrer Santa Maria e valer e del defender"/"aquesta pedra o demo a ficcou, aqui por mi que mi meu pee britou; e pois que pode tan muit', a el me dou e non quer' en Deus creer"	Homem que tem o pé preso em uma pedra começa a ficar com grande sanna e se entrega ao demo. Demo quer confundir os homens	-	-	-	-	-	sanna	n	n	n	s	-	-	-	s	-	-
409	852	"de que o dem'enveja á, e por que peleja nosco muit' aficadamente, e non gãa nada"	De loor. Demo tem inveja	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
414	865	"e destruir o dem' e sa maldade e do demo cho de trahycion que nos non enarte (enganar por meio da arte) con alotia (patifaria) que nos enarta, con falsidade	Jesus destruiu o demo ao morrer na cruz. Demo e sua maldade; nos engana com patifaria e falsidade	cho de trahycion	-	-	-	-	-	s	n	n	s	-	-	-	-	-	-
416	867	"e por que sol non demos pelo demo un figo"	-	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
418	870	"o quarto é fortaleza; e aquesta ouv'en sii ten grande per que o demo perdeu seu poder dali u Deus en ela pres came"	Os sete dons que Deus deu a maria. Ele perdeu nela seu poder	-	-	-	-	-	-	n	n	n	s	-	-	-	-	-	-

422	879	"E du inferno leva os que mal obraron, di-l' o que sentiste u sepulcro guardaron."	Describe o dia do juízo final	-	-	-	-	-	-	n	n	n	n	-	-	-	-	-	-
-----	-----	--	-------------------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Declaração de Autenticidade

Eu, Clarice Machado Aguiar, declaro para todos os efeitos que a dissertação intitulada "Com a Permissão de Deus: O papel do diabo nas narrativas de milagres (Península Ibérica, Séculos XIII- XIV)" foi integralmente por mim redigida, e que assinali devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro programa de Pós-Graduação e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 16 de maio de 2017

Clarice Machado Aguiar.
